

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

Antônio Roberto Ferreira Aragão

A ÁRVORE DA VIDA: TERMINOLOGIA DA CERA DE CARNAÚBA NO
PORTUGUÊS DO BRASIL

FORTALEZA

2007

Antônio Roberto Ferreira Aragão

A ÁRVORE DA VIDA: TERMINOLOGIA DA CERA DE CARNAÚBA NO
PORTUGUÊS DO BRASIL

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Linguística da Universidade Federal do Ceará
como requisito parcial para obtenção do título de
doutor em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Emília Maria Peixoto
Farias.

FORTALEZA

2007

Esta Tese foi submetida a exame como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Linguística, outorgado pela Universidade Federal do Ceará (UFC), e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca da referida Universidade.

Antônio Roberto Ferreira Aragão

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Emília Maria Peixoto Farias (UFC)
(Orientadora)

Profa. Dra. Nelly Medeiros de Carvalho (UFPE)
(Primeira Examinadora)

Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes (UECE/UNIFOR)
(Segundo Examinador)

Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão (UFC)
(Terceira Examinadora)

Profa. Dra. Maria Elias Soares (UFC)
(Quarta Examinadora)

Profa. Dra. Ana Célia Clementino Moura (UFC)
(Suplente)

Profa. Dra. Paula Lenz Costa Lima (UECE)
(Suplente)

Tese aprovada pela Comissão Julgadora, em: 28 de novembro de 200

Dedico este trabalho à minha família, minha mãe Maria Ozete, a meu pai José Maria (*in memoriam*), a meus irmãos Adriana e Júnior, meu cunhado e sobrinhos, pelo apoio, incentivo e carinho. Ao meu companheiro Wagner Alves, pelo estímulo e tempo compartilhado na realização deste trabalho. À Emília Farias minha inestimável orientadora, sem a qual esta tese não se realizaria.

AGRADECIMENTOS

Registro, inicialmente, meus agradecimentos a Deus pela força que tem sempre me dado.

Meus sinceros agradecimentos a minha orientadora Profa. Dra. Emília Maria Peixoto Farias (UFC), pessoa com quem tive o privilégio de conviver, pela atenção que me dedicou, ao longo desses três anos, e principalmente por sua valiosa e imprescindível orientação na realização desta pesquisa.

Agradeço imensamente, à Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão (UFC), pelo estímulo, por sua compreensão, por suas inestimáveis sugestões, por sua dedicação exclusiva à pesquisa neste país e sobretudo por seu exemplo de vida.

Quero registrar, também, meus agradecimentos ao Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes (UECE/UNIFOR), por suas preciosas sugestões, sobretudo na fase inicial desta pesquisa.

Sou grato ao Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (CEFET-CE), na pessoa de seu Diretor Geral, o senhor Cláudio Ricardo Gomes de Lima, pelo apoio ao meu afastamento integral, fato que contribuiu bastante, pois possibilitou uma dedicação total a todas as atividades do programa.

Ao amigo e companheiro Francisco Wagner Alves Costa pelo seu dedicado auxílio nas questões referentes à informática.

Agradeço muitíssimo a todos os trabalhadores que desempenham atividades no âmbito da cadeia produtiva da cera de carnaúba, em Caucaia. Agradeço pela atenção e pela colaboração, principalmente, na realização das entrevistas.

Ao Sr. Audízio F. Lima e sua esposa Roberta Fernandes por terem me apresentado aos trabalhadores de Catuana.

Ao Sr. Sebastião e sua esposa Conceição por terem me recebido muito bem em Catuana, autorizando as entrevistas aos trabalhadores.

Ao Sr. Mário por ter me autorizado a realizar as entrevistas e fotos na Cerapeles.

Agradeço à Sra. Laura, funcionária do programa de pós-graduação em lingüística, por sua atenção e, principalmente, por sua gentileza.

RESUMO

O presente trabalho objetiva descrever e analisar o vocabulário especializado da cadeia produtiva da cera de carnaúba em Caucaia, município pertencente à zona metropolitana de Fortaleza. Para tanto, consideram-se dois campos conceituais: o domínio referente à produção artesanal e a área relacionada à produção industrial da cera. Com base nesses dados, elaborou-se um glossário com 321 termos representativos do discurso oral dos 34 informantes relacionados ao referido vocabulário especializado. O trabalho segue uma perspectiva socioterminológica e socioterminográfica, levando-se em consideração aspectos lingüísticos e sociais dos indivíduos envolvidos. A pesquisa justifica-se pela necessidade de sistematização e de organização dos termos provenientes da terminologia especializada em foco, oferecendo à sociedade em geral, informações específicas sobre a área. Contribui, outrossim, para o enriquecimento dos trabalhos em Socioterminologia, com enfoque na modalidade oral da língua, que continua pouco estudada. Nesse sentido, realiza-se a análise da variação terminológica, segundo a qual a escolha dos termos e de suas variantes pelos informantes é determinada pelas condições de produção do discurso desses informantes. A análise é, preferencialmente, qualitativa, deprecando-se aspectos morfossintáticos e léxico-semânticos da referida terminologia.

Palavras-chave: Socioterminologia, socioterminografia, língua especializada.

ABSTRACT

The present paper aims at describing and analyzing the specialized vocabulary employed along the productive chain of *carnaúba* wax in Caucaia, a town in the metropolitan area of Fortaleza. Two conceptual fields were considered: the artisan and the industrial wax production domains. A 321-entry glossary was then compiled, containing the representative terms extracted from the verbal data provided by the 34 subjects who took part in this study. This research works from a socioterminologic and socioterminographic perspective, taking into consideration both linguistic and social aspects of the individuals involved. The importance of such a study is made clear by the widely-felt need for systematization and organization of the terms coming from the field at hand, thus offering our society further information on this specific area. It also contributes for the enrichment of the Socioterminology area by offering this field some insights on the verbal modality of the language, which still remains a rarely visited modality. In this paper, the analysis of the terminologic variation has been accomplished, the choice of terms and its variants by the subjects being determined by their specific speech production conditions. The analysis is essentially qualitative, resulting in the description of the lexical-semantic and morphosyntactic aspects of the terminology at hand.

Keywords: Socioterminology, socioterminography, specialized language.

RÉSUMÉ

Ce travail a comme but décrire et analyser le vocabulaire spécialisé de la chaîne productive de la cire de carnauba à Caucaia, municipe qui appartient à la région métropolitaine de Fortaleza. Pour cela, on a considéré deux champs conceptuels : le domaine concernant à la production artisanale et le domaine lié à la production industrielle de la cire. En ayant comme base ces données, on a élaboré un glossaire avec 321 termes représtantatifs du discours oral des 34 informateurs rapportés à ce vocabulaire spécialisé. Le travail suit une perspective socioterminologique et socioterminographique, étant donné les aspects linguistiques et sociaux des individus engagés. La recherche se justifie par le besoin de systématisation et d'organisation des termes issus de cette terminologie spécialisée focalisée, en offrant à la société en générale, des informations spécifiques sur ce domaine. Contribue, également, par l'enrichissement des travaux en Socioterminologie, avec prédominance de la modalité orale de la langue, qui reste peu étudié. Dans ce sens, on réalise l'analyse de la variation terminologique, selon laquelle le choix des termes et de ses variantes par les informateurs est déterminée par les conditions de production de ces individus. L'analyse est, préférentiellement, qualitative, en décrivant des aspects morphosyntaxiques, lexicaux et sémantiques de la terminologie analysée.

Mots-clés : Socioterminologie, socioterminographie, langue spécialisée.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTOS:

| | |
|--|----|
| Foto 1 – O cortador utilizando a taboca | 67 |
| Foto 2 – Cortador e aparador no carnaubal | 67 |
| Foto 3 – Aparador..... | 68 |
| Foto 4 – Secagem das folhas e palhas da carnaúba | 69 |
| Foto 5 – Máquina de cortar palha | 70 |
| Foto 6 – Ensacamento do pó cerífero | 71 |
| Foto 7 – Cozimento do pó preto | 72 |
| Foto 8 – Cozimento do pó branco | 73 |
| Foto 9 – Prensa de ferro..... | 74 |
| Foto 10 – Formas com a cera branca..... | 75 |
| Foto 11 – Cera preta quebrada..... | 75 |
| Foto 12 – Escamadeiras..... | 78 |
| Foto 13 – Ceras de carnaúba em escamas ensacadas | 79 |
| Foto 14 - Estoque de cera de carnaúba em sacos de 25 quilos..... | 80 |

QUADROS:

| | |
|---|-----|
| Quadro 01 – Modelo de transcrição grafemática..... | 55 |
| Quadro 02 – Modelo de organização do verbete na microestrutura..... | 58 |
| Quadro 03 – Aumentativos..... | 166 |
| Quadro 04 – Hipocorísticos..... | 167 |
| Quadro 05 – Composição sintagmática “N+N” | 167 |
| Quadro 06 – Composição sintagmática “N+ADJ” | 168 |
| Quadro 07 – Composição sintagmática “N+N Especificador+Numeral” | 169 |
| Quadro 08 – Composição sintagmática “N+prep.+N+N Especificador+Numeral” .. | 169 |
| Quadro 09 – Composição sintagmática “N + prep. + N” | 169 |
| Quadro 10 – Composição sintagmática “N+Adj.+prep.+N” | 171 |
| Quadro 11 – Composição sintagmática “N + Adj. + prep. + N + prep + N” | 171 |
| Quadro 12 – Composição sintagmática “N + prep. (Art.)+ N” | 171 |
| Quadro 13 – Composição sintagmática “N + prep. + N + Adj” | 172 |
| Quadro 14 – Composição sintagmática “N + prep. + N + prep. + N” | 172 |
| Quadro 15 – Composição sintagmática “N + prep. + N + prep. (Art.)+ N” | 173 |
| Quadro 16 - Composição sintagmática “N + prep. + V + N” | 173 |
| Quadro 17 – Composição sintagmática “N + prep. (Art) + N +Adj” | 173 |
| Quadro 18 – Composição sintagmática “N + prep. (Art) + N + prep. (Art) + N” ... | 173 |
| Quadro 19 – Sigla..... | 174 |
| Quadro 20 – Derivação imprópria | 174 |
| Quadro 21 – Variantes sócio-profissionais “bagana” | 175 |
| Quadro 22 – Variantes sócio-profissionais “cera branca” | 176 |
| Quadro 23 – Variantes sócio-profissionais “cera preta” | 177 |
| Quadro 24 – Variantes sócio-profissionais “sal azedo e solvente” | 178 |
| Quadro 25 – Variantes sócio-profissionais “balde, caldeira e extrator” | 179 |
| Quadro 26 – Variantes sócio-profis. “cozinador de cera, caldeireiro, operador” | 180 |
| Quadro 27 – Variantes sócio-profissionais “quebrador de cera, escamador” | 181 |
| Quadro 28 – Variantes sócio-profissionais “prensador e filtrador” | 181 |
| Quadro 29 – Variantes sócio-profissionais “prensa, filtro prensa” | 182 |
| Quadro 30 – Variantes co-ocorrentes da PAC..... | 183 |
| Quadro 31 - Variantes co-ocorrentes da PIC..... | 192 |

| | |
|---|-----|
| Quadro 32 – Variação conceitual na PAC..... | 197 |
| Quadro 33 – Variação conceitual na PIC | 198 |
| Quadro 34 – Variação conceitual na junção dos dois domínios PAC e PIC | 200 |
| Quadro 35 – Total de termos registrados referentes à PAC | 203 |
| Quadro 36 – Total de termos registrados referentes à PIC..... | 203 |
| Quadro 37 – Síntese dos principais aspectos lingüísticos da PAC e da PIC..... | 204 |
| Quadro 38 – Síntese das variantes sócio-profissionais da PAC e da PIC | 205 |
| Quadro 39 – Síntese das variantes co-ocorrentes da PAC e da PIC..... | 206 |
| Quadro 40 – Síntese da variação conceitual na PAC e na PIC..... | 208 |
| Quadro 41 – Síntese dos termos comuns aos dois domínios..... | 208 |

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

adj – Adjetivo

Art - Artigo

CA - Catuana

CE - Cerapeles

EMATERCE - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

EPI – Equipamento de proteção individual

f - Feminino

FC – Informante com ensino fundamental completo

FI - Informante com ensino fundamental incompleto

H – Informante do sexo masculino

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

m - Masculino

M – Informante do sexo feminino

MC – Informante com ensino médio completo

MI – Informante com ensino médio incompleto

NA – Informante não alfabetizado

N - Nome

PAC – Produção artesanal da cera

PIC – Produção industrial da cera

prep – Preposição

s - Substantivo

S – Informante com ensino superior

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

sig - Sigla

SINDICARNAÚBA – Sindicato dos Produtores de Cera de Carnaúba

TGT – Teoria Geral da Terminologia

v - Verbo

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

RÉSUMÉ

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

INTRODUÇÃO 14

I DA TEORIA GERAL DA TERMINOLOGIA À SOCIOTERMINOLOGIA:

O REGISTRO SOCIAL DOS TERMOS 19

1.1 A TERMINOLOGIA DE EUGEN WÜSTER 19

1.2 PERCURSO HISTÓRICO DA TERMINOLOGIA 20

1.2.1 A interdisciplinaridade da Terminologia 22

1.2.2 Aplicações terminológicas 22

1.2.3 Línguas especializadas 23

1.3 A TERMINOLOGIA NO BRASIL 26

1.3.1 Terminologia e Sociolingüística 28

1.4 FIXAÇÃO DE UM CAMPO DE ESTUDO: A SOCIOTERMINOLOGIA 29

1.4.1 Socioterminologia: uma atitude descritiva 32

1.4.2 A pesquisa em Socioterminologia 34

1.4.3 A Socioterminologia no Brasil e no mundo 34

1.4.4 A Socioterminologia nasce do discurso de interação 38

1.4.5 A Socioterminologia e suas interfaces 39

1.5 VARIANTES FORMAIS 40

1.5.1 Variantes terminológicas lingüísticas 40

1.5.2 Variantes terminológicas de registro 41

1.6 POR UMA SOCIOTERMINOGRAFIA 43

II PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA 45

2.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA 45

2.2 PESQUISA DOCUMENTAL 45

2.3 METODOLOGIA DA PESQUISA DE CAMPO 46

2.3.1 Constituição do *corpus* 46

| | |
|---|----|
| 2.3.2 O universo da pesquisa | 46 |
| 2.3.3 Critérios para a seleção dos informantes | 47 |
| 2.3.3.1 Quadro informativo | 48 |
| 2.3.4 Perfil dos informantes | 49 |
| 2.3.5 Levantamento dos dados | 49 |
| 2.3.5.1 Ferramentas de pesquisa e armazenamento dos dados | 52 |
| 2.3.5.2 Utilização dos instrumentos de pesquisa | 52 |
| 2.3.5.3 Transcrição das entrevistas..... | 54 |
| 2.3.5.4 Registro dos dados por meio do preenchimento de fichas terminológicas.... | 55 |
| 2.4 METODOLOGIA DE ORGANIZAÇÃO DO REPERTÓRIO | 56 |
| 2.4.1 Procedimentos de organização da nomenclatura | 56 |
| 2.4.2 Critérios para a seleção dos termos do glossário | 57 |
| 2.4.3 Critérios para a organização dos termos na macroestrutura | 58 |
| 2.4.4 Critérios para a organização de termos na microestrutura | 58 |
| 2.4.5 Indicação das variantes coocorrentes ou remissivas | 62 |
| 2.4.6 Notas explicativas | 63 |
| 2.4.7 Critérios para análise e descrição dos termos | 63 |
| | |
| III A CARNAÚBA | 64 |
| 3.1 ÁRVORE SÍMBOLO DO CEARÁ | 64 |
| 3.2 A CADEIA PRODUTIVA DA CERA DE CARNAÚBA EM CAUCAIA..... | 65 |
| 3.2.1 Produção artesanal da cera de carnaúba | 66 |
| 3.2.1.1 Corte das folhas e palhas | 66 |
| 3.2.1.2 Transporte..... | 68 |
| 3.2.1.3 Secagem..... | 69 |
| 3.2.1.4 Serragem..... | 69 |
| 3.2.1.5 Extração do pó cerífero..... | 70 |
| 3.2.1.6 Cozimento do pó..... | 71 |
| 3.2.1.7 Prensagem..... | 73 |
| 3.2.1.8 Fabricação da cera artesanal | 74 |
| 3.2.2 Produção industrial da cera de carnaúba | 76 |
| 3.2.2.1 Lavagem do pó cerífero..... | 76 |
| 3.2.2.2 Constituição da cera..... | 77 |
| 3.2.2.3 Filtração | 77 |

| | |
|---|----|
| 3.2.2.4 Clareamento..... | 77 |
| 3.2.2.5 Fabricação da cera industrializada..... | 78 |
| 3.2.2.6 Exportação da cera de carnaúba | 79 |

IV GLOSSÁRIO DE TERMOS DA CADEIA PRODUTIVA DA CERA DE CARNAÚBA..... 81

| | |
|--|-----|
| 4.1 REPERTÓRIO SOCIOTERMINOGRÁFICO DA PRODUÇÃO ARTESANAL DA CERA DE CARNAÚBA..... | 81 |
| 4.2 REPERTÓRIO SOCIOTERMINOGRÁFICO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL DA CERA DE CARNAÚBA..... | 122 |

V DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS 164

| | |
|--|-----|
| 5.1 ANÁLISE SOCIOTERMINOLÓGICA..... | 164 |
| 5.1.1 Variantes concorrentes e co-ocorrentes | 165 |
| 5.1.1.1 Variantes morfossintáticas..... | 166 |
| 5.1.1.2 Variantes sócio-profissionais | 174 |
| 5.1.2 Variantes co-ocorrentes | 182 |
| 5.1.2.1 Conceitos diferentes para um mesmo termo na PAC | 196 |
| 5.1.2.2 Conceitos diferentes para um mesmo termo na PIC..... | 198 |
| 5.1.2.3 Conceitos diferentes para um mesmo termo na PAC e na PIC | 200 |

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 203

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 210

| | |
|-------------------------------------|-----|
| OBRAS GERAIS | 210 |
| OBRAS RELACIONADAS À CARNAÚBA | 216 |

ANEXOS 218

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, realiza-se um estudo descritivo do vocabulário especializado referente à cadeia produtiva da cera de carnaúba em Caucaia¹, considerando-se os dois processos de produção da cera, quais sejam: a produção artesanal e a produção industrial, com vistas à elaboração de um glossário referente a esse campo do saber.

Trata-se de um trabalho de natureza socioterminológica, por meio do qual investiga-se a terminologia em foco. Descrevem-se e analisam-se as características lingüísticas e sociais dos indivíduos envolvidos na produção da cera de carnaúba em Caucaia, destacando suas atividades profissionais no âmbito da referida cadeia produtiva.

Entre os trabalhos de natureza socioterminológica, reconhecem-se: Ferreira (1997), Vasconcelos (2000), Velasco (2003), Justiniano (2005). Outros, entre os quais: Gambier (1987), Colletta (1993) e Lerat (1993), têm enfatizado a descrição e a análise de fontes provenientes da língua escrita. E outros, ainda, Delavigne (1995), Silva M. (2007), embora, constituídos por *corpora* de língua falada e, também, de língua escrita, privilegiam esta, em detrimento daquela.

Nessa perspectiva, elaborou-se um glossário de termos representativos da cadeia produtiva da cera de carnaúba, em Caucaia. Este estudo socioterminográfico representa uma contribuição para as pesquisas em Terminologia, de uma forma geral, e em particular, para o enriquecimento das pesquisas em Socioterminologia, com enfoque na modalidade oral da língua. Para tanto, apoiamos-nos, sobretudo, nos princípios postulados por Gambier (1987), Boulanger (1991), Gaudin (1993), Delavigne (1995) e Faulstich (1995).

Em sentido mais amplo o referido trabalho, objetivou:

- a) registrar e descrever o vocabulário especializado que caracteriza o processo de produção artesanal da cera de carnaúba, composto pelas seguintes etapas: o corte da folha e da palha, transporte das folhas, secagem, serragem, extração do pó branco e do pó preto, cozimento do pó branco e do pó preto, prensagem e fabricação da cera branca e da cera preta, comercialização do pó e da cera bruta;

¹ Caucaia, município do estado do Ceará, faz parte da zona metropolitana de Fortaleza.

- b) registrar e descrever o léxico especializado correspondente ao processo de produção industrial da cera de carnaúba, constituído pela(o): aquisição do pó e da cera bruta, lavagem do pó, derretimento da cera bruta, filtração, clareamento e fabricação da cera em escama ou em pedaço, exportação;
- c) inventariar e analisar os termos representativos da produção artesanal e da produção industrial da cera de carnaúba, considerando aspectos socioterminológicos e socioterminográficos.

E numa perspectiva mais específica, teve como fim:

- i. registrar e analisar os termos e suas variantes, presentes, sobretudo, na modalidade oral da terminologia da cadeia produtiva da cera de carnaúba, levando em conta aspectos morfossintáticos e léxico-semânticos;
- ii. analisar as variantes terminológicas integrantes da referida terminologia na estratificação vertical da língua;

Para a realização da pesquisa destacaram-se os seguintes questionamentos:

1. como está organizada e sistematizada a terminologia especializada representativa dos termos integrantes da cadeia produtiva da cera de carnaúba?
2. quais fatores determinam a variação e a mudança na modalidade oral, no âmbito da referida terminologia?

O desenvolvimento desta pesquisa realizou-se a partir das seguintes hipóteses básicas:

1. a terminologia da cadeia produtiva da cera de carnaúba não está devidamente organizada, nem sistematizada, de forma a atender, principalmente, mas não exclusivamente, ao público não especialista;
2. na modalidade oral, os termos representativos da terminologia especializada em foco, possuem origem e identidade sócio-profissionais, culturais e discursivas diferentes.

Trata-se de uma investigação inovadora que preenche uma lacuna, pois não há, ainda, trabalhos dessa natureza, apresentando de forma sistemática e organizada, a análise descritiva da terminologia referente aos processos de produção da cera de carnaúba, considerando suas características socioterminográficas.

É dinâmico, também, pois a análise socioterminológica permite registrar “dizeres” do léxico especializado em questão, ainda não estudados, sobretudo, do ponto

de vista de sua forma oral, destacando, principalmente, o plano vertical da língua². Outra contribuição, refere-se à análise descritiva do vocabulário em estudo a partir do reconhecimento de seus aspectos linguísticos e sócio-profissionais³.

Para obtenção do glossário socioterminológico da cadeia produtiva da cera de carnaúba, foram aplicados questionários em forma de entrevistas com 34 informantes, dos quais 18, estão ligados ao domínio da produção artesanal da cera de carnaúba e 16 desempenham atividades na esfera da produção industrial.

Dessa forma, o glossário de natureza socioterminológica, representativo da cadeia produtiva da cera de carnaúba, será útil para a sociedade em geral, visto que, além de oferecer informações específicas, atualizadas, organizadas e sistematizadas no âmbito do referido vocabulário especializado, oferece, também, base terminológica para glossário bilíngüe.

Essas informações técnicas são disponibilizadas, principalmente, a não-especialistas, visando contribuir para a expansão do conhecimento na área. É útil, também, aos especialistas da produção artesanal e industrial da cera, sejam eles cortadores de palha, produtores de pó, produtores de cera, exportadores, importadores, pesquisadores, entre outros, pois contam com uma obra adicional, permitindo o conhecimento e a divulgação do vocabulário especializado em estudo.

Cumprе ressaltar, outrossim, que a pesquisa proporciona a descrição de todas as etapas do processo produtivo da cera de carnaúba, com ênfase na produção artesanal, fato que merece atenção, por estar esse processo em vias de desaparecimento. Atualmente, a cera está sendo fabricada, em maior escala de produção, na refinaria, por meio de processos industriais.

Para descrição e análise dos dados, adotamos, preferencialmente, uma abordagem qualitativa, através da qual apresentamos os resultados obtidos decorrentes do estudo lingüístico dos termos no âmbito da terminologia em foco.

Os termos especializados referentes à cadeia produtiva da carnaúba caracterizam o universo sócio-econômico de um setor produtivo que tanto nos interessa, pois nos afeta diretamente, visto que muitos dos produtos que utilizamos, no dia-a-dia, são fabricados a partir da cera de carnaúba. Devido a sua importância comercial, a carnaúba

² O plano vertical da língua é representado pelas variações sócio-culturais ou diastráticas.

³ São considerados sobretudo os aspectos morfossintáticos, além dos semânticos tais como: a homonímia, hiponímia, hiperonímia e sinonímia. Entre os aspectos sócio-profissionais destacam-se: a idade, o sexo, o nível de instrução e o tipo de atividade desenvolvida pelos indivíduos no âmbito da cadeia produtiva da cera de carnaúba.

é considerada a “Árvore Símbolo do Ceará”⁴, pois dessa palmeira, tudo pode ser aproveitado.

O conjunto de termos caracterizando o domínio conceitual referente à cadeia produtiva da cera de carnaúba reúne uma terminologia ampla, proveniente, grosso modo, das diversas atividades, artesanais e industriais, exercidas por seus participantes. Esses termos não representam, obviamente, uma terminologia nova, ou recentemente criada; é claro que já existem há muitos anos, entretanto, trata-se de um campo do saber que não recebeu, até esse momento, um tratamento socioterminográfico.

No âmbito dos estudos em Socioterminologia, o glossário de termos representativos da cadeia produtiva da cera de carnaúba em Caucaia, no Ceará, será muito relevante. Entre outras contribuições, permite descrever e analisar as características socioterminológicas do seu léxico temático, oferecendo através de *corpus* oral, informações lingüísticas, sociais, culturais e históricas, essenciais para o conhecimento efetivo da referida área.

De acordo com Aníbal Arruda, atual presidente dos produtores de cera de carnaúba do estado do Ceará, a carnaúba é uma planta de elevado valor econômico e social, de baixo custo e potencialmente de grande rentabilidade. No interior do Estado, por exemplo, várias famílias sobrevivem graças à extração do pó cerífero da carnaúba.

Por desenvolver-se numa região tão árida, a carnaúba é, também, conhecida como a “árvore da vida”, pela sua resistência tanto à chuva quanto à seca. Palmeira de tronco único, de 7 a 10 metros de altura, podendo, excepcionalmente, atingir 15 metros, com tronco reto e cilíndrico, possui entre 15 e 25 centímetros de diâmetro e tem vida produtiva de 200 anos. Atinge a sua maturidade com aproximadamente 10 anos, estando pronta para a colheita de suas folhas e palhas para extração do pó e conseqüentemente produção da cera de carnaúba.

O trabalho apresenta-se estruturado, em cinco capítulos, da seguinte forma:

No capítulo I: **Da Teoria Geral da Terminologia à Socioterminologia: o registro social dos termos**, realiza-se um breve panorama sobre a Terminologia clássica, destacando as principais características da teoria geral da Terminologia. Aponta, outrossim, para as primeiras transformações ocorridas no âmbito dos estudos

⁴ Através da Assembléia Legislativa do Ceará e, sobretudo, por iniciativa do decreto nº 27. 413, de 30 de março de 2004, o governador, na época, o senhor Lúcio Alcântara, instituiu a carnaúba, como a “Árvore Símbolo do Ceará”.

relacionados às línguas especializadas com o advento da Socioterminologia. Apontam-se os aspectos teóricos mais relevantes concernentes à Terminologia e à Socioterminologia no Brasil e no mundo.

No capítulo II: **Procedimentos metodológicos da pesquisa**, descrevem-se os aspectos metodológicos do trabalho divididos em quatro etapas: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, metodologia da pesquisa de campo e metodologia de organização do repertório.

No capítulo III: **A carnaúba**, destaca-se o universo institucional da cadeia produtiva da cera de carnaúba em Caucaia, em que se decreve a importância dessa árvore para a economia do Ceará, visto que a cera de carnaúba é um produto de fabricação exclusivamente brasileira, além de focar todas as etapas relacionadas à produção artesanal e à produção industrial da cera de carnaúba.

Apresenta-se, no capítulo IV, o **Glossário de termos da cadeia produtiva da cera de carnaúba** em Caucaia, organizado e sistematizado a partir de dois campos conceituais: a produção artesanal e a produção industrial da cera de carnaúba.

No capítulo V, **descrição e análise dos dados**, descrevem-se e analisam-se os casos mais relevantes provenientes do universo discursivo dos informantes relacionados à cadeia produtiva da cera de carnaúba, considerando-se aspectos morfosintáticos e léxico semânticos. Na sequência, apresentam-se as considerações finais sobre o trabalho.

1 – DA TEORIA GERAL DA TERMINOLOGIA À SOCIOTERMINOLOGIA: O REGISTRO SOCIAL DOS TERMOS

“Cada ciência, cada arte, cada ofício, constituindo sua terminologia marca com sua impressão as palavras da língua comum.”⁵

1.1 A TERMINOLOGIA DE EUGEN WÜSTER

Sabe-se que o emprego de termos técnico-científicos representa uma prática antiga, no entanto, é recente o surgimento de um campo de estudos direcionados à Terminologia. Como disciplina, a Terminologia teve suas bases teóricas estabelecidas, inicialmente, pelo engenheiro austríaco, Eugen Wüster a partir da publicação, em 1931, de seus estudos baseados em sua tese de doutorado intitulada “A Normalização Internacional da Terminologia Técnica”⁶. Pela contribuição de seus trabalhos, Wüster é hoje conhecido como o fundador da Terminologia moderna.

O termo terminologia pode ser entendido de três formas diferentes:

- como disciplina que se ocupa do estudo dos termos especializados;
- como uma prática concebendo o conjunto de métodos utilizados em um trabalho terminológico;
- como o resultado gerado através da prática terminológica, representando um conjunto de termos de uma determinada área ou domínio.

Os termos técnicos ou científicos, inerentes às línguas especializadas, representam o objeto de estudo da Teoria Geral da Terminologia, doravante (TGT), teoria proposta por Wüster, que pretendia padronizar o uso desses termos para alcançar a univocidade comunicacional no plano internacional (cf. Krieger & Finatto 2004).

A TGT apresentava-se como objetivo fundamental à superação dos obstáculos da comunicação profissional, decorrentes da imprecisão, diversificação e polissemia da linguagem comum. Nessa perspectiva, a TGT surgia como um instrumento de trabalho servindo, de forma eficaz, para a desambigüização da comunicação científica e técnica.

⁵ Tradução nossa do original : Chaque science, chaque art, chaque métier, en composant sa terminologie marque de son empreinte les mots de la langue commune. (M. Bréal, Essai de Sémantique, 1897)

⁶ Título original: Internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektrotechnik.

Reconhece-se que, no âmbito das propostas do austríaco Eugen Wüster (1974), a Terminologia define-se como uma disciplina autônoma, que embora, utilize princípios descritivos, estabelece métodos prescritivos.

Entre as características fundamentais, observa-se, por exemplo, que, para a TGT, os termos de uma determinada área de especialidade são reservados, exclusivamente, a esta referida área. O conceito precede a denominação, caracterizando-se numa perspectiva onomasiológica; o objetivo do estudo dos termos é a normatização conceitual e denominativa que permite garantir a precisão e a univocidade da comunicação profissional.

Enfim, a TGT apoia-se na homogeneidade dos termos, na monorreferencialidade, ou seja, cada termo possui apenas uma referência no mundo, e na univocidade, cada termo apresenta apenas um conceito, nessa perspectiva, o termo é monolítico.

Muitas críticas surgiram contra a TGT que defendia a uniformidade do conhecimento especializado, privilegiava a língua escrita, além de desconsiderar, completamente, os aspectos comunicativos e pragmáticos próprios das línguas especializadas⁷.

1.2 PERCURSO HISTÓRICO DA TERMINOLOGIA

Cabré (1993) apresenta um panorama histórico da Terminologia moderna dividido em quatro fases:

- O surgimento – de 1930 a 1960 – período caracterizado pelo estabelecimento das bases do fazer terminológico que tem como representantes legítimos: E. Wüster e Lotte. A obra de destaque é o dicionário *The Machine Tool*, de autoria de Wüster, publicado em 1938;
- A estruturação – de 1960 a 1975 – o crescimento da informática provoca mudanças significativas na vida do homem e imprime novo rumo às pesquisas científicas. Nesse período, surgem os primeiros bancos de dados terminológicos monolíngües, bilíngües e multilíngües;

⁷ As críticas mais recentes à TGT foram elaboradas por Cabré (2002) e por seus colaboradores do IULATERM, Grupo de Léxico, Terminologia e Discurso Especializado do Instituto Universitário de Lingüística Aplicada da Universidade Pompeu Fabra, Barcelona. Podemos constatar outras críticas ao enfoque de Wüster, em Rey (1992); Sager (1990), artigos de Gambier (1991) e Slodzian (1995), Condamines (1997), Gaudin (1991 e 1995), Cabré (1993 e 1998), e Temermann (1997), entre outros.

- O desenvolvimento – de 1975 a 1985 – período marcado pela multiplicação de projetos de planejamento lingüístico que incluem a terminologia como disciplina com papel fundamental no processo de atualização da língua, a informática proporciona aos pesquisadores condições mais adequadas de trabalho no levantamento e tratamento dos dados terminológicos;
- A expansão – de 1985 a 1990 – há um aumento significativo de intercâmbios científicos entre países através de redes de informação, aprimora-se a formação do terminólogo, a Terminologia desenvolve-se, cada vez mais, no plano internacional.

Barros (2004) complementa o referido trajeto, acrescentando uma quinta fase, iniciada a partir de 1990, até os dias atuais. Segundo a autora, neste período, há muitos questionamentos sobre os pressupostos teóricos e metodológicos da Terminologia e sobre seu caráter normalizador. Tais indagações contribuirão para o aparecimento da Socioterminologia.

Atualmente, os estudos em Terminologia enfatizam a variação terminológica, utilizam *corpora* da língua falada e também da língua escrita, situam-se em uma cadeia representada pela ciência, tecnologia e indústria, ou seja, referem-se sempre a uma área ou campo de trabalho artesanal, industrial, técnico ou científico; além de reconhecerem a importância dos movimentos sígnicos⁸.

No que diz respeito aos movimentos sígnicos, ou seja a terminologização, a vulgarização e a metaterminologização, reconhecem-se as seguintes características: ocorre terminologização, quando há transposição de uma unidade lexical da língua comum para a língua de especialidade.

Quando há o processo inverso, ou seja, um termo passa de um domínio especializado para a língua comum, chama-se, tal processo, de banalização, vulgarização e popularização. A metaterminologização, por sua vez, ocorre quando há transposição de um termo de uma determinada área para outra.

⁸ Para Ferreira (1997) as unidades lingüísticas resultam de movimentos sígnicos do uso comum para domínios especializados, de domínios especializados para o uso comum e de um domínio especializado para outro especializado.

1.2.1 A interdisciplinaridade da Terminologia

A Terminologia é uma disciplina de caráter interdisciplinar, pois é formada por fundamentos provenientes das ciências da linguagem, das ciências da cognição e das ciências sociais. Aproxima-se da Lingüística, da Filosofia, da Psicologia e da Sociologia, essa aproximação dá à Terminologia uma natureza descritiva e explicativa.

Segundo Farias (2001, p.32):

A Terminologia enquanto disciplina de investigação estabelece relações próximas com muitas outras disciplinas como a Informática, a Filosofia e a Psicologia, mas é principalmente com a Lingüística que essas relações são mais estreitas. Nesta última, as sub-áreas da Semântica, da Lexicologia e da Lexicografia são fundamentais nas pesquisas terminológicas.

Dessa forma, pode-se dizer que as unidades terminológicas são inerentemente multifacetadas, ou seja, são unidades que integram, ao mesmo tempo, aspectos lingüísticos, cognitivos e sociais. Os termos representam para a Lingüística uma forma de saber, são unidades de significação; para a Filosofia e para a Psicologia, os termos significam uma maneira de conhecer e representar o conhecimento, são unidades de cognição; para as diversas disciplinas científico-técnicas os termos são unidades de denominação.

1.2.2 Aplicações terminológicas

O registro de termos para a confecção de dicionários e glossários é a mais conhecida das aplicações terminológicas, mas não é a única nem a mais representativa no âmbito das atividades reais. A Terminologia interessa-se, também, pelo planejamento lingüístico, pela criação de bancos de dados e dicionários eletrônicos, atua no âmbito da tradução, redação técnica, gestão de informação, entre outras atividades.

Para Cabré (1998) deve-se considerar que toda atividade terminológica se justifica socialmente por sua utilidade em relação à solução de problemas relacionados à informação e à comunicação. Parte-se da convicção de que a importância social da Terminologia está determinada pelas características da sociedade atual, marcada pela extensão do conhecimento especializado e pelo plurilingüísmo necessário.

Segundo Pontes (2000), a Terminologia, há pouco tempo atrás, não levava em consideração aspectos relativos à variação, apresentando-se como uma disciplina não-social, a-histórica, de base essencialmente idealista. Hoje, no entanto, as características variacionistas das línguas especializadas são descritas, apoiando-se, principalmente nas contribuições da Sociolingüística, da Análise da Conversação, da Análise do Discurso.

1.2.3 Línguas especializadas.

O campo de pesquisa próprio da Terminologia é o das chamadas línguas especializadas. Mas, assim como há uma grande diversidade na forma como os pesquisadores fazem uso do termo, para indicar o que elas representam, tais como: línguas especializadas, línguas especiais, linguagens especializadas, línguas de especialidade, línguas técnico-científicas, línguas técnicas, linguagens técnicas, termos técnico-científicos, jargões, entre outros; há também, muitas definições que buscam esclarecer o emprego desses termos.

As línguas especializadas possuem características estruturais e funcionais semelhantes à língua comum, assim constata Andradre (2001, p.193), onde apresenta características comparativas entre a língua comum ou língua geral e a língua especializada:

Na realidade, a língua apresenta uma linguagem geral, comum a todos os falantes, e inúmeras linguagens especializadas, sejam regionais, profissionais, sociais, técnicas ou científicas. Essas linguagens especializadas constituem um conjunto de subcódigos que, evidentemente, mantêm coincidências parciais com o código e subcódigos da língua comum, caracterizando-se por algumas peculiaridades, específicas de cada uma delas.

Sendo assim, em cada domínio do saber, faz-se uso de certos termos particulares que são empregados ou para caracterizar ou identificar uma determinada atividade, ou são utilizados em áreas técnicas ou domínios profissionais específicos. Assim, por exemplo, um técnico em informática, no dia-a-dia, no âmbito do seu trabalho, não se expressa da mesma forma que um advogado em seu gabinete.

Um médico, por sua vez, utiliza, em seu consultório, determinadas expressões que um jogador de futebol não emprega, e ambos apropriam-se de formas lingüísticas diferentes de acordo com a situação discursiva em que estão inseridos. Assim, as

línguas dividem-se em grupos variados, com necessidades e motivações também variadas. Essas diferentes línguas são chamadas de línguas especializadas.

Embora, ainda, não haja um consenso sobre a utilização do termo mais adequado, em Terminologia, o estudo relacionado às línguas especializadas vêm crescendo, são muitas as pesquisas realizadas nesta área.

Há pesquisadores que denominam a língua especializada de jargão ou linguagem de especialidade. Para Aubert, (1996, p.27), por exemplo, a utilização de uma língua especializada está sempre associada a uma determinada atividade que o homem desempenha no âmbito de sua interação social:

Tais jargões, ou linguagens de especialidade são observáveis como parte integrante do comportamento lingüístico do homem no exercício de qualquer atividade, desde a industrial e científica até a artesanal doméstica. Por linguagem de especialidade entende-se, genericamente, o conjunto de marcas lexicais, sintáticas, estilísticas e discursivas que tipificam o uso de um código lingüístico qualquer em ambiente de interação social centrado em uma determinada atividade humana.

Verifica-se, portanto, que há uma profusão de termos empregados para designar esse tipo de linguagem, por isso encontraremos determinados autores que preferem fazer uso do termo língua especializada⁹. Para Lerat, o uso da denominação língua de especialidade representa submissão à língua comum, ou seja, significa que a língua de especialidade pode ser compreendida como se ela fosse, tão somente, um subcampo, uma subárea da língua comum.

A esse respeito, complementa Finatto (2004, p. 342):

Uso o termo linguagem especializada e não “linguagem de especialidade” por entender que não haveria uma “posse” estrita dessa linguagem pelo usuário ou pela área de saber/conhecimento. Entendo que é a linguagem que se faz diferenciada; ela se altera em alguns de seus formatos pela ação dos sujeitos envolvidos e pelas condições pragmático-lingüísticas e situacionais da comunicação entre profissionais.

Garmadi (1983), prefere fazer uso do termo língua especial, que para ela, significa a variedade de que só é empregue por indivíduos ou subgrupos colocados em “condições especiais”. A autora postula que as línguas especiais, definidas desta maneira, não seriam variedades unicamente ligadas às chamadas sociedades simples e

⁹ Lerat (1995) prefere utilizar o termo língua especializada em vez de língua de especialidade.

homogêneas: as realidades lingüísticas e o funcionamento social das línguas especiais não são, por natureza, diferentes das realidades e do funcionamento das variedades atestadas nas sociedades complexas, tais como o calão ou ainda os léxicos técnicos ou científicos.

A referida autora enfatiza a diferença entre um tipo de língua especial mais adequado a uma sociedade homogênea e um outro tipo relacionado, de preferência, a uma sociedade mais complexa. Em relação à homogeneidade lingüística, posicionamos contra, pois compreendemos que nem a língua comum, nem a especializada são homogêneas. Para tanto, Martinet (1962) já afirmava que não é concebível uma completa homogeneidade lingüística.

Ainda para Gamardi (*ibidem*), as línguas técnicas são também variedades lingüísticas marcadas principalmente ao nível de um léxico especializado indispensável a certos grupos profissionais, ou a certos ramos da técnica, da produção, da economia de uma sociedade complexa.

Há outros pesquisadores que discordam de algumas idéias de Gamardi (*op. cit.*), entre esses Krieger&Finatto (2004) para as autoras, a linguagem técnico-científica, naturalmente, não se reduz a um vocabulário mais ou menos marcado, visto que estão envolvidos, em primeiro plano, comunicação, interlocutores, práticas textuais específicas e o conjunto de conhecimento sócio-historicamente constituídos.

No entanto, apesar de a classe dominante impor sua língua padrão como marca de prestígio, não é correto considerar que as línguas especializadas sejam meros sub-códigos, expressando uma idéia de sub-línguas que, provavelmente, estariam subordinadas à língua geral.

Barbosa (1996) faz uso dos termos vocabulários técnico-científicos e especializados, afirmando que se situam no nível de uma forma lingüística e sociocultural. São conjuntos vocabulares representativos de universos do discurso. Situam-se, também, numa perspectiva sincrônica, própria dos tecnoletos, não sendo consideradas pertinentes variações diatópicas e diastráticas, exceto quando essas variações são caracterizadas como fenômenos relacionados à Socioterminologia.

Para Condamines e Rebeyrolle (1977, p.176), as línguas especializadas representam uma atualização da língua comum, ou seja do discurso. A língua geral se atualiza em um discurso especializado, dessa forma, as línguas especializadas deveriam denominar-se discursos especializados:

Considerando que o trabalho de análise de línguas especializadas realiza-se sempre a partir de *corpus*, pode-se pensar que na realidade, esse trabalho depende sempre de uma lingüística do discurso e que é preferível falar de discursos especializados que de línguas especializadas. [Tradução Nossa] ¹⁰.

Em suma, é utópico considerar, por exemplo, que em Caucaia, município que pertence à zona metropolitana de Fortaleza, os indivíduos trabalhadores da produção artesanal da cera de carnaúba, façam uso dos mesmos elementos discursivos empregados pelos juízes, em seus tribunais, em Fortaleza. A língua não é homogênea.

Quanto à homogeneidade da língua, Pontes (2000) é categórico ao reconhecer que a Socioterminologia apóia-se no princípio de que uma língua especializada não é um subconjunto estruturalmente homogêneo, mas que apresenta um conjunto de variedades em função dos usos e situações comunicativas reais.

De forma alguma desejamos, aqui, menosprezar ou desconsiderar uma forma lingüística em relação a outra. Queremos salientar, portanto, que os tipos de variação, tanto diatópica, diafásica, quanto diastrática são fenômenos inerentes à língua comum e à língua especializada.

Para Boulanger (1995) o campo de pesquisa relacionado às línguas especializadas é, certamente, uma das áreas mais voltadas ao reconhecimento dos aspectos sociais, assim como comprovam várias experiências de planejamento lingüístico, já realizadas, sobretudo no Canadá.

1.3 A TERMINOLOGIA NO BRASIL

Conforme Barros (2004), a Terminologia, como disciplina científica, começou a ser implantada no Brasil a partir de 1980. Os professores dos cursos de Lexicologia e Lexicografia da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade Federal de Brasília

¹⁰ Étant donné que le travail d'analyse de langues spécialisées s'effectue toujours à partir de corpus, on peut penser qu'en réalité, ce travail relève toujours d'une linguistique du discours et qu'il voudrait mieux parler de discours spécialisés que de langues spécialisées.

(UNB) e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), foram responsáveis pela implantação do curso de Terminologia nesses estabelecimentos de ensino superior.

Em 1988, durante o III Encontro da ANPOLL, o grupo de Lexicologia e Lexicografia passou a denominar-se Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, consolidando, dessa forma, a expansão da Terminologia. Krieger & Finatto (2004, p.34) apontam novos caminhos para a Terminologia.

Na última década do século XX, a Terminologia inicia um novo percurso em sua trajetória, pautado pelo incremento de investigações terminológicas de bases lingüístico-comunicacional. Os novos fundamentos levam em consideração o comportamento dos léxicos terminológicos no âmbito das comunicações especializadas.

No Brasil, as pesquisas relacionadas à Terminologia estão em processo de desenvolvimento. Há vários grupos de estudos disseminados em muitas universidades brasileiras, para citar algumas: UFPE, UNB, USP, UFRGS. Particularmente, em Fortaleza, contamos com o Grupo de Tradução, Lexicologia e Processamento da Linguagem da Universidade Estadual do Ceará.

No Brasil e em outros países, há diversos trabalhos realizados no âmbito das línguas especializadas que refletem a necessidade de nomear e descrever novas técnicas, áreas, objetos e domínios. Nos parágrafos a seguir, destacam-se algumas dessas pesquisas, observando suas principais características teóricas.

Ainda no contexto nacional, fazendo-se uma breve exposição, observam-se algumas teses, dissertações e artigos, principalmente em Terminologia e Terminografia, que têm como objeto de estudo a língua escrita; entre essas pesquisas citam-se:

Fernandes (1998) estabelece uma sistematização dos termos da farmácia seguindo uma abordagem terminológica. Desenvolve um glossário contendo 1064 verbetes, com campos conceituais relacionados a substâncias, drogas, preparação, medicamentos, fenômenos, princípios, processos, procedimentos, medidas, aparelhos, equipamentos e materiais de uso na prática farmacêutica.

Em sua pesquisa, Farias (2001) descreve os termos participantes do universo discursivo da moda, em língua portuguesa do Brasil, e analisa os neologismos da área, através dos processos de formação, considerando aspectos morfossintáticos e semânticos. A autora privilegia a análise lexicológica dos neologismos na referida área.

Farias (2003) publica um glossário de termos relacionados à moda¹¹. O referido trabalho apresenta macro e microestruturas bem definidas com 629 termos distribuídos em quatro diferentes campos: tecido, padrão, vestuário e estilo, utiliza *corpus* selecionado a partir de textos escritos coletados durante cinco anos.

Silva (2003) estuda as unidades de conhecimento especializado relacionadas à gestão pela qualidade total em serviços, com vistas à elaboração de um dicionário terminológico monolíngüe. A pesquisa prioriza os seguintes aspectos: a estrutura conceitual da área, as unidades de conhecimento especializado oriundas de tradução e suas adaptações à língua portuguesa por meio de seus modos de formação, até chegar à definição.

Em Costa (2004) a autora apresenta um estudo léxico-semântico da moda, especialmente do vestuário da década de oitenta. A pesquisa contém um *corpus* levantado a partir de fontes apenas escritas, composto por 490 termos, distribuídos em quatro sub-campos: cor, estilo, modelo e padronagem.

Nuvens (2006) elabora um glossário semibilíngüe da Terminologia da cana-de-açúcar. A pesquisa descreve os termos que participam desse universo discursivo em língua portuguesa, variante brasileira e em língua espanhola, variante cubana.

Em sua trajetória atual, a Terminologia necessita adaptar-se, cada vez mais, à era da informática, buscando organizar seus bancos de dados terminológicos para possibilitar o desenvolvimento de trabalhos, principalmente, no âmbito da Lingüística de *Corpus*.

1.3.1 Terminologia e Sociolingüística

Segundo Monteiro (2002) a língua falada não tem o poder de influenciar os padrões sociais, ela pode, no entanto, ser afetada por eles.

Como disciplina social, a Terminologia se encarregará da análise e descrição das modificações de sentido dos termos em relação à difusão social deles. Ela levará em conta a dimensão identitária, ou seja, a identidade social dos termos, tão freqüentemente ignorada. A valorização da interação verbal, do contato *in loco* com o universo científico-técnico e especializado, faz com que a Terminologia se beneficie dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolingüística.

¹¹ O glossário de termos da moda é parte integrante de sua tese de doutoramento em Letras intitulada “A linguagem da moda no português contemporâneo”.

Foi a partir desta orientação que se desenvolveu a Socioterminologia, nascida sob a influência da Sociolingüística que prioriza, entre outros aspectos, a interação verbal. Recebeu influência, também, de novas correntes teóricas, tais como a Teoria Comunicativa da Terminologia de Teresa Cabré e a Terminologia Sociocognitiva de Rita Temmermann.

De acordo com Monteiro (2002, p. 16) :

[...]os propósitos de descrever a heterogeneidade lingüística e de encontrar um modelo capaz de dar conta da influência dos fatores sociais que atuam na língua somente passaram a ter êxito com os trabalhos de Labov que logo se tornou o representante mais conhecido da chamada teoria da variação lingüística.

De fato, o desenvolvimento teórico e metodológico da Sociolingüística Variacionista contribuiu bastante para o surgimento da Socioterminologia, disciplina que estabelece novos aspectos no âmbito das línguas especializadas, entre os quais a variação terminológica.

Sendo assim, a Socioterminologia origina-se em reação à Teoria Geral da Terminologia que privilegiava um modelo de padronização das línguas especializadas, baseado na monossemia e na monorreferencialidade dos termos. Os postulados defendidos pela TGT ignoram a variação denominativa e conceitual, desconsiderando, por exemplo, a sinonímia e a homonímia, que são características inerentes a todas as línguas especializadas.

1.4 FIXAÇÃO DE UM CAMPO DE ESTUDOS: A SOCIOTERMINOLOGIA

O desenvolvimento dos estudos comunicativos no âmbito da Terminologia, assim como a grande influência exercida, principalmente, pela Dialetoлогия e pela Sociolingüística, representaram fatores culminantes para o surgimento da Terminologia Variacionista ou Socioterminologia.

Não se sabe, ao certo, se esta nova disciplina é fruto da Terminologia ou da Sociolingüística, ou se, na verdade, ela representa o resultado da união dessas duas disciplinas mencionadas. A Socioterminologia leva em conta, entre outros aspectos, as condições sociais de criação, circulação e uso comunicativo dos termos de uma determinada área ou domínio.

Segundo Gaudin (1993), a primeira aparição do termo Socioterminologia ocorreu em um pequeno artigo de Boulanger, publicado em 1981 no *Terminograme* do comitê de terminologia OLF (*Office de la langue française*), Québec. O referido termo foi utilizado por Lerat (1983) em uma comunicação, por ocasião do XVII Congresso Internacional de Lingüística e de Filologia Romanas.

Entretanto, o termo Socioterminologia somente deixou de ser considerado um hápax, quando foi empregado por Ives Gambier em 1986, em uma conferência intitulada: *La fertilisation terminologique dans les langues romanes* (A fertilização terminológica nas línguas romanas) em sua comunicação, cujo título era: *Problèmes terminologiques des pluies acides: pour une socioterminologie* (Problemas terminológicos das chuvas ácidas: por uma socioterminologia). A partir desse momento, muitos lingüistas começaram a fazer uso do termo em questão para referir-se à variação e ao registro social nas línguas especializadas.

Conforme Boulanger (1995, p.197):

A Socioterminologia começou a consolidar sua existência como disciplina de pesquisa nos trabalhos de doutorado, artigos, comunicações por meio de encontros científicos, os quais vão encontrar um amplo eco nas bibliografias que acompanham os escritos sobre as pesquisas. A primeira intervenção sólida e ponderadamente refletida foi certamente a intervenção de Yves Gambier, por ocasião de uma palestra, ocorrida em Paris em 1986 sobre o tema da fertilização terminológica nas línguas romanas. [Tradução Nossa]¹².

A Socioterminologia, que como vimos, surge por influência da Sociolingüística de Labov (1963) tem como objetivo o estudo das unidades terminológicas de um determinado domínio, levando em conta as condições sociais de criação, circulação e uso comunicativo dessas unidades temáticas. De fato, a Socioterminologia representa para a Terminologia aquilo que a Sociolingüística representa para a Lingüística.

O termo Socioterminologia pode parecer redundante, pois, como pode ser concebida uma Terminologia desvinculada dos fatos sociais? Não podemos considerar uma Terminologia a-histórica, uma vez que os conceitos evoluem, mudam assim como

¹² La Socioterminologie a commencé à affirmer son existence comme discipline de recherche dans des travaux doctoraux, des articles, des communications lors de rencontres scientifiques dont on trouvera un ample écho dans les bibliographies qui accompagnent les écrits sur les recherches. La première intervention solide et mûrement réfléchi fut certainement celle d'Y. Gambier lors d'un colloque qui s'est tenu à Paris en 1986 sur le thème de la fertilisation terminologiques dans les langues romanes.

as realidades e coisas que eles expressam. Não há Terminologia desvinculada das condições sociais de produção e enunciação do discurso.

Enquanto a Sociolinguística estuda as relações entre as estruturas linguísticas e as variações sociais da língua comum, a Socioterminologia por sua vez, reconhece que as variações terminológicas são determinadas por fatores sociais nas línguas especializadas.

Em 1993, Gaudin, ao publicar sua tese de doutorado intitulada “*Pour une socioterminologie: des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*” (Por uma socioterminologia: dos problemas semânticos às práticas institucionais), o referido autor apresenta uma análise descritiva do caráter social da Terminologia. Sua tese é a primeira, na França, consagrada à Terminologia.

No dicionário eletrônico de Mario Barite (2000) verifica-se a seguinte definição para o termo Socioterminologia :

Socioterminologia. Ramo da Terminologia que se ocupa da análise dos termos (origem, formação, consolidação e inter-relações) considerando-os a partir de uma perspectiva linguística na interação social. 2. Disciplina eminentemente prática do trabalho terminológico, que se fundamenta na análise das condições sociais e linguísticas de circulação dos termos. [Tradução Nossa] ¹³.

A consolidação do termo Socioterminologia ocorre depois que Boulanger declara em 1991, no seu artigo “*Une lecture socio-culturelle de la Terminologie*” (Uma leitura sócio-cultural da Terminologia), que a perspectiva socioterminológica vem atenuar os efeitos prescritivos exagerados de algumas posições normativas. Tanto Boulanger, quanto Auger desprezam a forma puramente prescritiva em que a Terminologia clássica se estruturava.

¹³ “ Socioterminología. Rama da Terminología que se ocupa del análisis de los terminos (surgimiento, formación e interrelaciones), considerándolos desde una perspectiva lingüística en la interacción social. // 2. Disciplina eminentemente práctico del trabajo terminológico que se fundamenta en el análisis de las condiciones sociales y lingüísticas de circulación de los terminos.”

Em Socioterminologia, o fator social não pode ser negligenciado, contrariamente às aspirações da Terminologia clássica, uma noção, ou um objeto pode ser designado por mais de um termo, Auger (1999, p.24)¹⁴ já enfatizava o caráter social da Terminologia:

A Socioterminologia, definindo-se como uma prática de base social, consagra ao mesmo tempo sua ruptura tanto com a Terminologia wüsteriana, quanto com uma boa parte do mundo internacional da terminologia que nega completamente, o direito de variação das terminologias. [Tradução Nossa].

A Socioterminologia, enquanto disciplina social, ocupa-se do comportamento coletivo dos locutores, notadamente da circulação social dos termos, da verbalização dos saberes e das representações e dos sistemas de valor que estão ligados a ela.

Para Faulstich (1995) a Socioterminologia, como prática do trabalho terminológico, fundamenta-se na análise das condições de circulação do termo no funcionamento da linguagem; e como disciplina descritiva, estuda o termo sob a perspectiva lingüística na interação social.

A Socioterminologia se constituiu como uma resposta a uma demanda social e aos questionamentos impostos pelo desenvolvimento das ciências e técnicas. Seu objeto de estudo é formado e constituído pela realidade dos discursos especializados onde estão inseridos os termos expostos por meio de interações específicas. Os termos representam elementos constitutivos de atividades sociais variadas.

1.4.1 Socioterminologia: uma atitude descritiva

A Socioterminologia é uma disciplina descritiva, rompe com a tradição prescritiva dos estudos normativos. Não descarta a língua oral, fato raro, pois um grande número de pesquisas, no âmbito da Terminologia, tem privilegiado a língua escrita. Reconhece, também, que os termos devem ser estudados nos domínios discursivos, interativos e sociais dos locutores.

Em 1993, são reunidas três obras dedicadas às orientações sociais da Terminologia que são inspiradas pelo grupo de Rouen¹⁵: *Cahiers de Linguistique*

¹⁴ “ La Socioterminologie, en se définissant comme une praxis à base sociale, consacre en même temps sa rupture avec la Terminologie wüsterienne (et par le fait même avec une bonne partie du monde international de la Terminologie) qui nie tout droit à la variation pour les terminologies.”

¹⁵ Grupo que tem como membro participante o socioterminólogo francês, François Gaudin.

sociale de 1991, cujo tema era *Terminologie et Sociolinguistique* (Terminologia e Sociolingüística); *Le Langage et l'homme* (A língua e o homem), em 1993, tinha como tema a *Socioterminologie* (Socioterminologia); e finalmente o número especial de META de junho de 1995, intitulado *Usages sociaux des termes: Théories et terrains* (Usos sociais dos termos: teorias e campos). Três revistas universitárias importantes e três locais de publicação: Rouen, Bruxelas e Montreal, confirmam o interesse geral pelo desenvolvimento da Socioterminologia, disciplina que abre uma nova etapa no campo da Terminologia.

Conforme Faulstich (op. cit.), a Socioterminologia é uma disciplina que tem como objetivo central a identificação e a categorização das variantes lingüísticas dos termos em diferentes contextos situacionais de uso da língua. A referida autora, sugere algumas observações para que o lingüista, especialista em Terminologia, desenvolva seu trabalho de pesquisa. Para ela é necessário considerar critérios básicos de variação terminológica no meio social, bem como critérios etnográficos, porque as comunicações entre membros da comunidade em estudo, podem gerar termos diferentes para um mesmo conceito ou mais de um conceito para o mesmo termo.

Cabré (2002) estabelece parâmetros fundamentais para compreendermos o tipo de estudo realizado pela Socioterminologia, para ela, a referida disciplina procura analisar a Terminologia, do ponto de vista das práticas lingüísticas sociais concretas, dos homens que a empregam. Opõe-se à análise *in vitro* das terminologias, como faz a Teoria Geral da Terminologia e propõe um estudo *in vivo* no âmbito das línguas especializadas.

Gaudin citado por Krieger&Finatto (2004, p.35) ressalta que há uma inoperância dos instrumentos de referência, glossários e dicionários técnicos que não expressam a realidade dos usos terminológicos, propondo que o artificialismo do ideal normalizador seja suplantado pelo exame do contexto de produção das línguas especializadas. A primeira consequência é o reconhecimento da variação terminológica nas comunicações especializadas.

Conforme Pontes (2000) os glossários orientados pela Socioterminologia são enriquecidos com paradigmas importantes, tais como: marcas de uso ou informações sócio-discursivas, refletindo efetivamente na organização do glossário, tanto no âmbito de sua microestrutura, quanto de sua macroestrutura.

Segundo Faustich (2006) a Socioterminologia é vista como uma abordagem inovadora e satisfatória para análise do termo na comunicação científica e técnica. A

Socioterminologia é, portanto, um ramo da Terminologia que se propõe refinar o conhecimento dos discursos especializados, científicos e técnicos, auxiliando na planificação lingüística e oferecendo recursos sobre as circunstâncias da elaboração desses discursos ao explorar as ligações entre a terminologia e a sociedade.

1.4.2 A pesquisa em Socioterminologia

Para Faulstich (1995) a pesquisa em Socioterminologia requer procedimentos oriundos da etnografia, harmonizados com o meio e com os fenômenos que a definem. Dessa forma, em linha com Faulstich, os seguintes aspectos devem ser observados:

- as características da empresa, da instituição em que a terminologia é gerada: tipo de atividade; divisão do trabalho; rede de comunicação; frequência da interação no plano horizontal e no plano vertical; impacto das novas tecnologias sobre a produção e sobre a linguagem;
- as características do pessoal: postos que ocupam; formação profissional, especialização, qualificação; idade; condições e frequência de atualização;
- a competência e os usos lingüísticos: comunicação mais falada, escrita, lida; domínio de terminologias; emprego de terminologias; consulta a obras de referência, interesse pelas línguas de especialidade; desenvolvimento de pesquisa dentro da empresa; difusão de terminologias por meio de obras específicas;
- o registro da variação lingüística na Terminologia.

1.4.3 A Socioterminologia no Brasil e no mundo

No Brasil, um marco importante para a consolidação da Socioterminologia como disciplina ocorreu em 1995 por intermédio da linha de pesquisa: léxico e terminologia da Universidade Federal de Brasília (UNB), que organizou a subárea socioterminologia, sob duas vertentes:

1) Socioterminologia como prática do trabalho terminológico, fundamenta-se na análise das condições de circulação do termo no funcionamento da linguagem;

2) Socioterminologia como disciplina descritiva, estuda o termo sob a perspectiva lingüística na interação social. Essa vertente possibilitou criar o postulado máximo da Socioterminologia: ter na base da pesquisa a variação lingüística dos termos no meio social e, por conseqüência, entender a mudança terminológica como mecanismo resultante da pragmática discursiva.

No contexto nacional, fazendo-se uma breve exposição, observam-se alguns trabalhos em Socioterminologia que têm como objeto de estudo a língua escrita; entre essas pesquisas citam-se:

Caixeta (1995) registra os termos relacionados ao abate e à preparação de carne, considerando como sub-domínio a padronização de cortes bovinos. O *corpus* foi levantado a partir de fontes escritas e a escolha e coleta dos termos visaram à elaboração de um glossário. A pesquisa é de natureza etnográfica, o autor registra as variantes dos termos, o trabalho objetiva fornecer informação técnica aos industriais, aos grandes e pequenos comerciantes do setor de carnes, aos técnicos e especialistas e ao próprio consumidor.

Ribeiro (1995) elabora um glossário sobre o léxico especializado da coleta e conservação de recursos genéticos, formado por quinze termos levantados a partir de fontes escritas, o número de termos estudados é restrito, mas suficiente para apontar suas marcas variacionistas. A pesquisa se desenvolve numa perspectiva socioterminológica. A autora faz uso do modelo de ficha terminológica proposto por Faulstich (1995).

Pontes (1996) elabora um glossário sobre a cultura e a industrialização do caju, seguindo a metodologia terminográfica e os fundamentos da Terminologia. Seu trabalho consiste em um estudo morfossintático e semântico, concebido a partir de fontes escritas, com o levantamento de 1387 termos específicos, entre simples e compostos.

Alguns trabalhos, em Socioterminologia, no contexto internacional, ainda que enfatizem a língua escrita, destacam-se pela prioridade que dão à descrição e análise da língua associadas a fatores sociais, conforme pode ser observado em:

Gambier (1987) registra 400 termos em francês, referentes à terminologia das chuvas ácidas. Em sua análise, o referido autor postula que os termos não podem ser considerados fora de suas condições de enunciação definidas, assim como não podem ser interpretados apenas em relação a um sistema de adequação. É preciso descrevê-los em seu funcionamento, considerando os fatores sociais envolvidos. Gambier identifica aspectos morfossintáticos do vocabulário temático das chuvas ácidas, caracterizado

principalmente, por formas compostas e por neologismos semânticos, alguns termos são provenientes de outras áreas como a climatologia, a meteorologia e a química.

Colletta (1993) trata da circulação social de um contingente de termos do domínio jurídico. Em sua pesquisa, o autor distingue dois níveis terminológicos: o registro jurídico-administrativo e o registro psico-sócio-educativo. Entre os questionamentos levantados pela pesquisa apontam-se: Quais registros terminológicos causam dificuldades? Quais as reações dos réus face ao emprego desses termos? Quais efeitos extralingüísticos decorrem da recorrência a esta terminologia?

Lerat (1993) trabalha com textos de âmbito administrativo, jurídico e comercial. O autor constata que esses textos canônicos, estereotipados, causadores de muito constrangimento, apresentam problemas relacionados aos planos técnico-lingüísticos. Os instrumentos de decodificação disponíveis, os dicionários e os bancos de termos, privilegiam ora os conteúdos, ora a norma lingüística. Lerat sugere orientações terminográficas mais adequadas para o termo “sujeição”, ato judicial para constranger.

Entre as pesquisas mais significativas consagradas à língua falada, considerando-se os estudos relacionados à Terminologia e à Socioterminologia, destacam-se:

Ferreira (1997) desenvolve uma pesquisa de natureza etnográfica, parte de um *corpus*, da língua falada, composto por 301 termos, selecionados a partir de 38 entrevistas. Os informantes são envolvidos com a fabricação artesanal e industrial da rede de dormir em Jaguaruana, Ceará. Seu trabalho apresenta contornos socioterminológicos, mas prioriza o estudo do tratamento que os dicionários gerais dão aos termos das culturas artesanais e industriais da rede. Além da identificação dos movimentos sígnicos, tais como a terminologização, a vulgarização, constitutivos desta linguagem, o autor enfatiza a função que esses movimentos desempenham no processo de dicionarização dos termos.

Silva (1997) descreve o vocabulário da construção civil na linguagem dos pedreiros, em Limoeiro, cidade do Ceará. Sua pesquisa apóia-se nos pressupostos lexicográficos e desenvolve-se a partir de uma visão sincrônico-diatópica. Apresenta um glossário com 346 verbetes concernentes às atividades sócio-profissionais dos pedreiros.

O trabalho de Vecchi (1999) descreve o léxico especializado da empresa de aviação *Air France*, trata-se de um estudo de natureza etnográfica em que o autor privilegia a língua oral.

O trabalho de Vasconcelos (2000) visa à elaboração de um glossário semi-sistemático da terminologia do caranguejo no município de Bragança, no estado do Pará. A pesquisa apresenta orientações teórico-metodológicas no âmbito da Socioterminologia, tendo como objetivo o registro de variantes terminológicas, levando em consideração os contextos: social, situacional, espacial e lingüístico em que os termos circulam. O glossário é composto por 300 termos que foram distribuídos em quatro domínios: caranguejo, tiração do caranguejo, catação do caranguejo e comercialização do caranguejo.

Velasco (2003) faz um estudo cujo objetivo é a elaboração de um glossário, com 202 termos, sobre o domínio da pesca, seguindo fundamentos teóricos da Terminologia e da Socioterminologia. O *corpus* foi obtido através de entrevistas com quatro pescadores da cidade de Soure, na Ilha de Marajó. Os termos foram distribuídos nos seguintes domínios: instrumentos de navegação, instrumentos de pesca, pescador e fenômenos naturais.

Justiniano (2005) reuniu 310 unidades lexicais, representando uma amostra do repertório lexical do homem ervateiro em Mato Grosso do Sul. A pesquisa enfoca as atividades realizadas pelos trabalhadores no âmbito da produção de erva-mate: cultivo e poda, secagem, trituração e comercialização. O universo da pesquisa foi composto por 12 informantes do sexo masculino moradores de localidades diferentes.

Há, também, alguns trabalhos, no âmbito da Socioterminologia, que apesar de descreverem e analisarem *corpora* da língua oral e da língua escrita, com vistas à elaboração de glossários, privilegiam os dados da língua escrita. Entre essas pesquisas destacam-se:

Delavigne (1995), apresenta o discurso da segurança nuclear, em que relata a questão da difusão e do impacto do vocabulário referente ao nuclear. Seu estudo tem como objetivo: verificar a apropriação desse léxico especializado, pelos locutores não especialistas. A pesquisa privilegia a coleta de dados escritos, em forma de textos publicados e difundidos ao público, em geral. O *corpus* oral foi levantado através de entrevistas.

Silva (2007) faz um levantamento dos termos usados por indivíduos que desenvolvem atividades relacionadas à Indústria do sal e tem como proposta final a elaboração de um glossário dos termos desse domínio. A pesquisa desenvolveu-se nas localidades de Mossoró, Areia Branca e Grossos, municípios que fazem parte da região salineira do Rio Grande do Norte. Compõe-se de fontes orais e escritas, apresenta 325

termos, distribuídos em quatro campos conceituais: fabricação, beneficiamento, comercialização e utilização e consumo.

Face a essas reflexões sobre a Terminologia e a Socioterminologia, constata-se, claramente, a existência de poucos trabalhos dedicados à língua falada, reconhecida como a primeira dimensão da linguagem. Nesta pesquisa, os termos representativos da cadeia produtiva da cera da carnaúba são analisados no âmbito de suas utilizações discursivas, em que se consideram, principalmente, fontes orais, conforme já mencionamos. Os termos possuem uma origem social, portanto devem ser analisados a partir do contexto onde são produzidos.

Nesta investigação, a análise dos dados levantados considera aspectos relacionados à variação terminológica, motivada por fatores lingüísticos, culturais, sociais, profissionais. A pesquisa está inserida nos estudos relacionados à Socioterminologia e à Socioterminografia.

1.4.4 A Socioterminologia nasce do discurso de interação

Ao realizar pesquisas nos domínios das biotecnologias, Guespin (1989) instituiu o conceito de *discours d'interface* (discurso de interação). De acordo com o referido autor, o discurso de interação é distinto dos discursos científicos ou de vulgarização e representativo das novas formas de circulação das informações bem como das relações atuais entre ciência, técnica e produção.

O discurso de interação é representado pelas relações discursivas estabelecidas entre os funcionários de distintas áreas no ambiente de trabalho. No que diz respeito à cadeia produtiva da cera de carnaúba, o discurso de interação está presente nas relações comunicativas, mantidas entre os trabalhadores extrativistas da produção artesanal da cera e, também, entre os operários e produtores de cera na esfera industrial.

Gaudin (1993, p. 299)¹⁶ ressalta a importância do discurso de interação para a Socioterminologia:

Para a socioterminologia, o discurso de interação é o lugar da observação privilegiada onde podem ser verificadas as regras de sentido, as negociações, os problemas de comunicação entre especialistas acostumados à recortes diferentes da realidade, à abordagens teóricas distintas, motivadas por interesses divergentes. Conforme o local onde nos colocamos, no laboratório de pesquisa fundamental ou no contexto de produção industrial, os conceitos variam, os aparelhos mudam, os nomes não se aplicam às mesmas realidades, por mais que eles se refiram aos mesmos processos. [Tradução Nossa].

Não podemos elaborar pesquisas socioterminológicas sem considerarmos o discurso de interação, entretanto, embora ele tenha muita relevância para os trabalhos de natureza socioterminológica, ainda é pouco estudado.

1.4.5 A Socioterminologia e suas interfaces

A Socioterminologia constitui seus fundamentos buscando importantes contribuições em diversas disciplinas, entre elas:

- a Sociolinguística, como já foi observado, através da análise do discurso e da análise conversacional que estudam as estratégias interativas e os processos de construção de sentido;
- a Semântica cognoscitiva, através de seus conceitos sobre o implícito, os sistemas de categorização, os protótipos semânticos por exemplo: toda palavra ou termo reflete uma representação, uma forma de ver;
- a Etnografia da fala, para delimitar a natureza das situações interativas, acentuando a posição dos falantes.
- a Lexicometria, desenvolvida pelo laboratório de Saint-Cloud, sua investigação das ocorrências das palavras, análises estatísticas adaptadas aos fatos sociais;

¹⁶ Pour la socioterminologie, le discours d'interface est l'endroit d'observation privilégiée où peuvent s'apercevoir les réglages de sens, les négociations, les problèmes de communication entre spécialistes habitués à des découpages différants de la réalité, à des approches théoriques distinctes, motivés par des intérêts divergents. Selon que l'on se place dans le cadre du laboratoire de recherche fondamentale ou dans le contexte de production industrielle, les concepts varient, les appareils changent, les noms ne recouvrent pas les mêmes réalités, par plus qu'ils réfèrent aux mêmes procès.

- a Editologia, não como metodologia, mas como elaboração de uma forma particular de ver os textos;
- A glotopolítica, que se ocupa de questões políticas relacionadas ao planejamento lingüístico.

Conforme Barros (2004, p.70):

A Socioterminologia ocupa-se, ainda, de estudos acerca dos processos de banalização da linguagem. As línguas de especialidade, assim como os conjuntos terminológicos a elas pertencentes, devem ser analisados em sua completude, incluindo-se aí todos os aspectos sociais que os envolvem e as variações que delas decorrem.

1.5 VARIANTES FORMAIS

Até que ponto a diversidade dos tipos de discurso e as condições de produção desses discursos condicionam as escolhas lexicais? Para Faulstich (2006) o princípio da pesquisa socioterminológica é o registro de variantes que devem considerar os contextos social, situacional, espacial e lingüístico em que os termos circulam.

As variantes resultam dos diversos usos que a comunidade faz do termo, considerando sua diversidade socio-profissional, discursiva e geográfica. As variantes formais são classificadas em: variantes terminológicas lingüísticas e variantes terminológicas de registro.

Os especialistas em Socioterminologia têm voltado sua atenção para os diferentes discursos especializados, entre os quais se incluem os contextos orais, por entenderem que os termos variam e que as variantes devem ser levadas em conta na elaboração de produtos terminográficos e, sobretudo, socioterminográficos.

1.5.1. Variantes terminológicas lingüísticas

São aquelas cujo fenômeno propriamente lingüístico determina o processo de variação, obedecem aos seguintes princípios:

- a interpretação semântica é a base para a análise do termo;

- as unidades terminológicas complexas são analisadas sob o ponto de vista funcional;
- os subsistemas da língua portuguesa constituem o fundo de análise;
- os usos escrito e oral dos termos são considerados.

1.5.2 Variantes terminológicas de registro

São aquelas cuja variação decorre do ambiente ocorrência, no plano horizontal, no plano vertical e no plano temporal em que se realizam os usos lingüísticos dos termos. Para classificar as variantes terminológicas de registro, os seguintes princípios devem ser considerados:

- os termos são recolhidos no discurso real da língua especializada;
- os termos pertencem à variedade sócio-profissional;
- os termos são recolhidos de textos, de procedência diversificada, que tratam do mesmo assunto;
- os termos são recolhidos de discursos com maior ou menor grau de formalismo, que tratam do mesmo assunto;
- os termos são recolhidos de textos redigidos em épocas diferentes, que tratam do mesmo assunto;
- os usos escrito e oral são levados em conta.

Podem ser representadas da seguinte forma:

- a. variante terminológica geográfica, ocorre no plano horizontal de diferentes regiões em que se fala a mesma língua;
- b. variante terminológica de discurso, decorre da sintonia comunicativa que se estabelece entre elaborador e usuário de textos técnico-científicos;
- c. variante terminológica temporal, ocorre quando duas formas concorrem durante um tempo, até que uma se fixa como preferida;
- d. variante terminológica sócio-profissional, ocorre no plano vertical da língua em que os aspectos sociais dos indivíduos devem ser considerados.

Faulstich (2006) reorganiza a tipologia criada para classificar variantes em Terminologia. Segundo a autora as variantes terminológicas podem ser: concorrentes, coocorrentes e competitivas. As concorrentes são representadas pelas variantes formais,

que se dividem em duas categorias, as variantes formais terminológicas lingüísticas (fonéticas, morfossintáticas, gráficas e lexicais) e as variantes formais terminológicas de registro (geográficas, discursivas, temporais e sócio-profissionais). As variantes co-ocorrentes são representadas pelos sinônimos, e as variantes competitivas são representadas pelos empréstimos e pelos estrangeirismos.

Gadet (1992) sugere uma outra classificação, segundo a qual as variações extralingüísticas que podem manifestar-se no diálogo, são de três tipos:

- geográficas, que envolvem as variações regionais e é preciso separá-las com cuidado, para que as diferenças lingüísticas por elas determinadas não sejam confundidas com aquelas ocorridas por influência sociológica, numa mesma comunidade;
- sociológicas, que compreendem às variações provenientes da idade, sexo, profissão, nível de estudos, classe social, localização dentro da mesma região, raça as quais podem determinar traços originais na linguagem individual;
- contextuais, constam de tudo aquilo que pode determinar diferenças na linguagem do locutor, por influências alheias a ele, como, por exemplo, o assunto, o tipo de ouvinte, o lugar em que o diálogo ocorre e as relações que unem os interlocutores.

A Socioterminologia é primordialmente descritiva e situacional, pois valoriza o contexto efetivo de uso da língua especializada, focalizando a importância de fatores sociais que agem diretamente na língua.

Para Faulstich (2006, p. 29):

Pelas próprias características dos léxicos, as variantes são aparentes, muitas vezes originárias de variações temáticas e nocionais próprias dos setores profissionais. A variabilidade dos diferentes tipos de discursos, fundamentada na necessidade de observar os termos em suas realizações contextuais, está na esteira do fenômeno variacionista.

Para Faulstich (op. cit.) a Terminologia está voltada para a observação do uso do termo em contexto de língua oral e de língua escrita, atitude que implica a possibilidade de identificação de variantes dentro de um mesmo contexto ou em diferentes contextos em que o termo é usado.

1.6 POR UMA SOCIOTERMINOGRAFIA

Deve-se a Ives Gambier (1988) a criação do termo Socioterminografia, utilizado em um importante artigo¹⁷ consagrado à interação verbal. Algumas pesquisas, realizadas na Universidade de Rouen, dirigidas por Louis Guespin contribuíram para a construção do conceito.

A Socioterminografia é uma disciplina que representa a parte prática da Socioterminologia, sendo responsável pela elaboração de glossários, dicionários, repertórios e bancos de dados socioterminológicos. É tarefa da Socioterminografia registrar os termos em seu contexto real de ocorrência.

Ressalta-se que no âmbito da elaboração de glossários socioterminológicos, cabe à Socioterminografia, o trabalho de levantamento e registro dos termos em circulação real, ou seja: quem fala? O que fala? Onde fala? E para que fala? As línguas especializadas são provenientes de esferas profissionais ou científicas muito heterogêneas e utilizadas por diferentes indivíduos no âmbito de suas interações discursivas.

Segundo Faulstich (1995) até pouco tempo, os dicionários e glossários registravam somente o uso da linguagem escrita, todavia, nesse momento em que a linguagem falada adquire importância por meio da mídia, é necessário investigar as formas faladas do léxico.

Conforme Delavigne (1995, p. 309):

A análise terminológica é precedida de um trabalho terminográfico de coleta de dados. O procedimento socioterminográfico obriga a realização de coleta de termos em seus contextos discursivos, oral e escrito. [Tradução Nossa]¹⁸.

Em Socioterminologia, os trabalhos mais recentes são, entre outros: a tese de doutorado de Delavigne (2001) sobre a difusão social dos termos relacionados à segurança nuclear; Perichon (2001) estuda os termos da ecologia; Tran (1999), contribui com uma abordagem socioterminológica sobre os termos da medicina vietnamita. No Brasil, contamos com: Velasco (2003); Vasconcelos (2000); Silva (2007) entre outros.

¹⁷ (cf. Gambier, 1988) « Interaction verbal et production de sens », p. 11-103.

¹⁸ L'analyse terminologique est précédée d'un travail terminographique de recueil des données. La démarche socioterminographique nécessite de collecter les termes dans leur contexte discursif, oral ou écrit. (Delavigne 1995).

Assim, a pesquisa socioterminológica deverá considerar que os termos, no meio lingüístico e social, são entidades passíveis de variação e de mudança. Além disso as comunicações entre membros da sociedade são capazes de gerar conceitos interacionais para um mesmo termo, ou de gerar termos diferentes para um mesmo conceito. Dessa forma, os trabalhos que têm como objetivo a elaboração de produtos socioterminográficos devem considerar todos esses aspectos mencionados.

II - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

“Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano.”(Alkmin, 2001).

2.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Para a pesquisa bibliográfica, foram consultadas fontes documentais, entre elas: livros, artigos, teses, dissertações, textos jornalísticos e manuais sobre a cera da carnaúba. Além de outras fontes que abordam os seguintes temas:

- a. Lexicologia, Sociolinguística, Dialetoлогия, Etnolinguística, Terminologia, Socioterminologia;
- b. Obras gerais sobre a cadeia produtiva da cera de carnaúba;
- c. Textos diversos, folhetos, folders, cartilhas, informativos, anúncios, textos extraídos da internet sobre os processos de extração do pó cerífero, produção, beneficiamento e comercialização da cera;
- d. Manuais sobre geografia, economia, história, sociologia das localidades pesquisadas e sua relação com a cultura da carnaúba.

2.2 PESQUISA DOCUMENTAL.

Com relação à pesquisa documental, consultamos alguns sites da internet sobre aspectos histórico-geográficos, sócio-econômicos e culturais relativos à cadeia produtiva da carnaúba no Ceará, entre os sites pesquisados, destacam-se aqueles relacionados às seguintes instituições:

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE);
- Secretaria de Agricultura do Ceará;
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE);
- Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATERCE);
- Sindicato dos Produtores de Cera de Carnaúba (SINDICARNAÚBA);
- CERAPELES.

2.3 METODOLOGIA DA PESQUISA DE CAMPO

2.3.1 Constituição do *Corpus*

Para esta pesquisa, optamos, preferencialmente, por um *corpus* de língua falada representativo do léxico especializado utilizado pelos trabalhadores da cadeia produtiva da cera de carnaúba, em Caucaia, no Estado do Ceará. A constituição do *corpus* fez-se por meio da aplicação de um questionário que foi lido para cada um dos 34 (trinta e quatro) entrevistados¹⁹. Também, foram aplicados alguns questionários apenas aos informantes alfabetizados.

Tanto no campo, quanto na fábrica, e também na refinaria, em Caucaia, entramos em contato com os profissionais, equipamentos, máquinas, instrumentos, produtos, atividades relacionadas à produção artesanal e à produção industrial da cera de carnaúba.

No âmbito da produção artesanal da cera de carnaúba, foram realizadas 18 (dezoito) entrevistas. No campo, visitamos e coletamos dados nos locais de corte da folha olho e da palha da carnaúba, no local de transporte das palhas, secagem, serragem, extração do pó branco e do pó preto. Realizamos, ainda, entrevistas na fábrica onde ocorre o cozimento do pó, a prensagem e a fabricação da cera artesanal.

No que diz respeito à produção industrial da cera de carnaúba, foram realizadas 16 (dezesesseis) entrevistas. Na refinaria, os informantes entrevistados desenvolvem diversas atividades entre elas: a lavagem do pó, produção da cera bruta, derretimento da cera artesanal, filtração, clareamento e fabricação da cera refinada.

2.3.2 O universo da pesquisa

A pesquisa foi realizada em duas localidades de Caucaia, município do estado do Ceará, no centro de Caucaia e em Catuana. A escolha dessas localidades não ocorreu aleatoriamente, deve-se, principalmente, ao fato de que, em Caucaia, encontramos, de forma bastante definida, os elos da cadeia produtiva da cera de carnaúba. Fato raro, pois entre os produtores de cera, há um consenso de que os elos da referida cadeia produtiva estão quebrados.

¹⁹ Os questionários foram lidos em virtude da falta de domínio da escrita pelos informantes.

Caucaia faz parte da região metropolitana de Fortaleza, está situada a 17 quilômetros da capital cearense e possui, aproximadamente, 313 mil habitantes. Catuana é distrito de Caucaia possui, cerca de 4.500 habitantes e situa-se a 45 quilômetros de Fortaleza. Os informantes são nativos ou moradores de Caucaia, trabalhadores que exercem diretamente alguma atividade no âmbito da referida cadeia produtiva.

Em Catuana, numa pequena fábrica, verificamos a presença de todo o processo artesanal, desde o corte e separação da folha verde, folha de olho, da palha, secagem e retirada do pó cerífero, até o cozimento e prensagem preparação da cera. Infelizmente, na referida localidade, há poucas fábricas que produzem a cera de carnaúba de forma artesanal. Há, aproximadamente, dez anos atrás, havia em Catuana, cinco fábricas de produção artesanal da cera de carnaúba, atualmente, apenas uma realiza esse tipo de atividade.

A Cerapeles, refinaria situada no centro de Caucaia, responsável pela produção de diversos tipos de ceras refinadas. Fábrica de médio porte, emprega mais de 50 pessoas e exporta mais de 2.500 toneladas de cera. A Cerapeles desenvolve três tipos de cera²⁰ diferentes e exporta seus produtos para vários países entre eles: Estados Unidos, Japão, Alemanha, Itália, Bélgica, França, Portugal, Espanha, Holanda, Índia, Egito entre outros. Na Cerapeles registramos os termos que fazem parte dos processos de produção industrial da cera de carnaúba, beneficiamento e comercialização dos produtos.

2.3.3. Critérios para seleção dos informantes

A seleção dos informantes seguiu os seguintes critérios:

- Ser morador da cidade há pelo menos 2 (dois) anos;
- Trabalhar direta ou indiretamente no âmbito da cadeia produtiva da cera de carnaúba há pelo menos 1 (um) ano;
- Faixa etária: os indivíduos deverão ter entre 18 (dezoito) e 75 (setenta e cinco) anos;
- Sexo: masculino e feminino;
- Escolaridade: não-alfabetizado; com nível de escolaridade: fundamental, médio e superior;

²⁰ Cera tipo um filtrada, tipo três filtrada e tipo quatro filtrada sob a forma de escamas ou pedaços, e a embalagem é feita em sacos plásticos de 25Kg cada.

2.3.3.1 Quadro informativo

Realizamos 34 (trinta e quatro) entrevistas em Caucaia (18 em Catuana e 16 no centro de Caucaia), com sujeitos de ambos os sexos, com diferentes níveis de instrução. Nesta etapa, observa-se, de antemão, que o número de informantes do sexo feminino é bastante inferior ao número de informantes do sexo masculino, uma vez que, algumas atividades e funções são, predominantemente, masculinas. Isto ocorre, principalmente, na fase de extração do pó cerífero e na produção artesanal da cera.

- a. Número de informantes: 34
- b. Sexo: masculino: 30 informantes
feminino: 04 informantes
- c. Faixa etária: de 18 a 28 anos: 11 informantes
de 29 a 39 anos: 09 informantes
de 40 a 50 anos: 05 informantes
de 51 a 75 anos: 09 informantes
- d. Grau de instrução: Não alfabetizados: 09
Fundamental incompleto: 16
Fundamental completo: 01
Médio incompleto: 03
Médio completo: 03
Superior: 02
- e. Localidades: Catuana: 18 informantes
Centro de Caucaia: 16 informantes

Para facilitar a identificação e análise do *corpus*, codificamos os dados da produção artesanal da seguinte forma: PAC – SMF – m61NACA

PAC: produção artesanal da cera;

SMF: iniciais do informante;

m: indica que o informante é do sexo masculino;

61: faixa etária do informante;

NA: indica que o informante não é alfabetizado;

CA: indica que o informante é de Catuana.

No âmbito da produção industrial da cera de carnaúba, por sua vez, apresentamos a codificação da seguinte forma: PIC – FDNM – f40MCCE, em que:

PIC: produção industrial da cera;

FDNM: iniciais do informante;

f: indica que o informante é do sexo feminino;

40: faixa etária do informante;

MC: informante tem nível de instrução médio completo;

CE: indica que o informante é da Cerapeles, centro de Caucaia.

Outros elementos codificados devem ser interpretados da seguinte forma: FI (fundamental incompleto); FC (fundamental completo); MI (médio incompleto); S (superior).

2.3.4 Perfil dos Informantes

Os sujeitos que constituíram o universo da pesquisa pertencem a faixa etária, classe social e nível de escolaridade diferentes, entre eles destacam-se :

Os indivíduos que desempenham atividades artesanais, na produção do pó cerífero e na produção da cera de origem:

- O rendeiro, o fornecedor de pó cerífero, o produtor de cera, os trabalhadores do corte das folhas do olho, das palhas, do carregamento, da secagem e extração do pó cerífero, do cozimento e da prensagem da cera de carnaúba: cortador, aparador, amarrador, estendedor, comboieiro, lastreiro, baganeiro, cortador de palha, enfeixador de palha, cozinheiro de pó branco, caldeireiro, borreiro;

Os sujeitos que desenvolvem atividades industriais:

- Os compradores de pó cerífero, operadores de cera, operadores do filtro, operadores de solvente, clareadores, escamadores, quebradores de cera, técnicos, refinadores, exportadores, beneficiadores, fornecedores, vendedores, agrônomos, químicos.

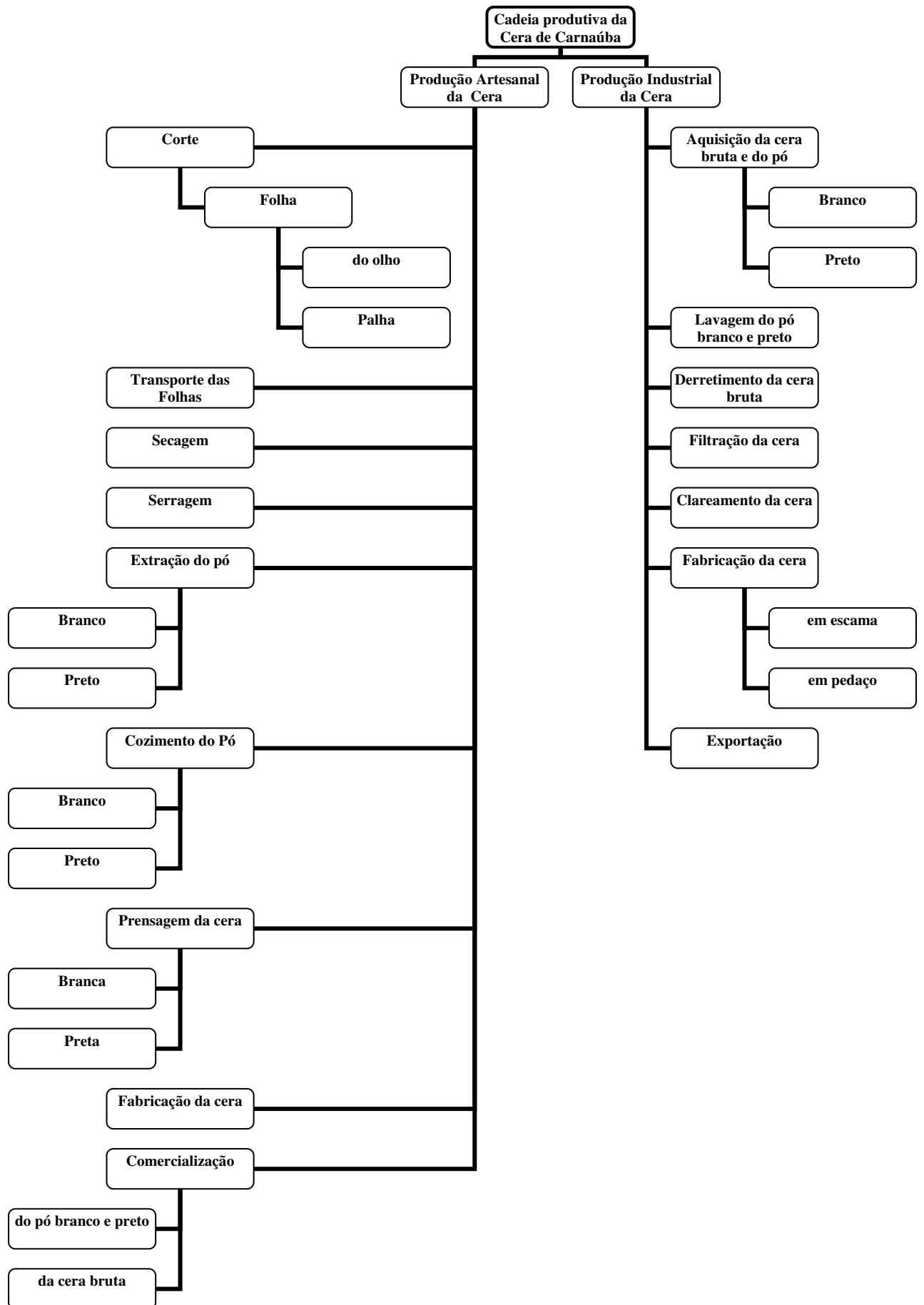
2.3.5 Levantamento dos dados

O levantamento terminológico priorizou aspectos da técnica artesanal de extração do pó e de produção da cera de origem, assim como aspectos da produção industrial da cera de carnaúba. As entrevistas e questionários foram realizados *in loco*, no local de trabalho, aproveitando o tempo disponível de cada informante.

Para melhor compreensão apresentamos, abaixo, uma árvore de domínio dos elos constitutivos da cadeia produtiva da cera de carnaúba. A referida árvore, divide-se em dois domínios: o domínio artesanal e o industrial.

No âmbito do domínio artesanal de produção da cera de carnaúba, destacam-se: o corte da folha do olho e da palha, transporte das folhas, secagem, serragem, extração do pó branco e extração do pó preto, cozimento do pó branco, cozimento do pó preto, prensagem da cera branca, prensagem da cera preta, fabricação da cera de carnaúba, comercialização do pó branco e do pó preto, comercialização da cera bruta.

Na esfera relacionada à produção industrial da cera de carnaúba, identificam-se as seguintes etapas: aquisição do pó branco e do pó preto, aquisição da cera bruta branca e preta, lavagem do pó branco e preto, derretimento da cera bruta, filtração da cera, clareamento da cera, fabricação da cera em escama e em pedaço, exportação.



2.3.5.1 Ferramentas de pesquisa e armazenamento dos dados

Com vistas a facilitar o nosso contato com os informantes no local de trabalho, utilizamos uma carteira de identificação do pesquisador (anexo A), com informações sobre a pesquisa, buscando, dessa forma, refletir o caráter ético e objetivo de nosso trabalho.

Para a gravação das entrevistas, utilizamos um gravador digital da marca sony modelo IC Recorder ICD-P110/P210. A utilização de tal equipamento facilitou bastante a coleta dos dados, sua capacidade de armazenamento é muito boa, permitiu também que as entrevistas fossem automaticamente armazenadas e selecionadas em pequenas pastas para serem transferidas a qualquer momento para o computador.

Após a gravação, transferimos as entrevistas do gravador digital para serem armazenadas em um Laptop, Computador Intel [R] Celeron [R] M, processador 1.50 ghz, 192 mb de ram, da marca Toshiba. O armazenamento dos dados possibilitou-nos uma constante manipulação deles, assim como facilitou o processo de transcrição automática.

Para auxiliar as transcrições automáticas das entrevistas utilizamos uma ferramenta de transcrição para fontes orais, denominada Voice Walker. Na audição das entrevistas, esta ferramenta permite repetir segmentos curtos, avançando para os segmentos seguintes, de modo que o transcritor consiga transcrever todos os enunciados. O voice walker 2.0 é uma ferramenta para transcrições de audio e vídeo, está disponível em formato pdf somente para *windows*.

Fizemos uso do programa de computador *microsoft office word*, versão 2003, por intermédio do referido programa, utilizamos o menu “editar”, em seguida, a ferramenta “localizar”. Essa ferramenta nos auxiliou bastante, principalmente, na identificação dos termos extraídos do *corpus* para a elaboração do glossário de termos da cadeia produtiva da cera de carnaúba, como também, para a realização da análise e descrição dos dados.

2.3.5.2 Utilização dos instrumentos de pesquisa.

Nesta etapa, para a execução da pesquisa, foram utilizados os seguintes instrumentos:

- a. Ficha dos informantes (anexo B): através desta ficha, levantamos os dados pessoais de cada informante entre eles: nome, idade, nível de instrução entre outros;
- d. Ficha terminológica (anexo C): apresenta-se como a identidade do termo e tem a finalidade de levantar informações sobre os termos representativos da cadeia produtiva da cera de carnaúba;
- b. Ficha das fábricas (anexo D): através dessa ficha, coletamos informações gerais sobre as características de infra-estrutura da fábrica, assim como, a quantidade e a distribuição dos funcionários, entre outras informações;
- c. Ficha do município (anexo E): destaca características de cada localidade, aspectos físicos, clima, população, recursos econômicos, informações sócio-culturais entre outros aspectos;
- e. Questionário para operários da produção artesanal da cera de carnaúba (anexo F): através desse questionário foram levantados dados gerais e específicos sobre a produção artesanal da cera.
- f. Questionário para proprietários de fábrica da PAC (anexo G): apresenta-se com o objetivo de coletar informações mais específicas, em relação às atividades desempenhadas pelos trabalhadores da produção artesanal da cera de carnaúba.
- g. Questionário para operários da PIC (anexo H): destaca-se com a finalidade de levantar informações, gerais e específicas, sobre o processo industrial de produção de cera de carnaúba.

Em todos os elos da cadeia produtiva da carnaúba, percebe-se que os trabalhadores são remunerados por produção. Dessa forma, para não prejudicarmos o trabalho nem a produção da cera de carnaúba, tanto no âmbito artesanal quanto industrial, a duração de cada entrevista foi determinada conforme o tempo de intervalo disponível de cada informante.

Ressalta-se que todas as fichas e questionários confeccionados para esta pesquisa, foram baseados nos modelos utilizados pelo ALIB, Atlas Lingüístico do Brasil (2001).

Quanto à aplicação desses questionários, tanto na esfera artesanal como no âmbito industrial, as questões foram lidas pelo entrevistador, tendo em vista a impossibilidade de compreensão, devido a falta de escolaridade desses informantes.

2.3.5.3 Transcrição das entrevistas

Optamos pela transcrição grafemática, fizemos uso do alfabeto convencional e realizamos a transcrição da forma como falam os indivíduos pertencentes à cadeia produtiva da cera de carnaúba. Quanto às normas de transcrição adotamos o modelo proposto por Marcuschi (1986), que apresentamos a seguir, com a exemplificação extraída das entrevistas que compõem o *corpus* da terminologia em foco.

| Ocorrências | Sinais | Exemplificação |
|-------------------------|---------------------------------|--|
| Falas simultâneas | [[| I: A CENTRIFUGADA nãu é FIUTADA, D: Comu é qui é ? [[<p>I: Atuaumentu a genti num tá fazenu nãu,</p> |
| Pausas | (+) | I: Elétricus é:’ sãu us motoris’ a bom:ba (+) u tachu é... |
| Dúvidas e suposições | () | I: Nãu’ u tachu é...eli tem um (incompreensível) químicu qui derreti a cêra’ |
| Trucamentos bruscos | / | I: A arenoza é’ ela é meia clara / D: I a gorda qui chamãu gorda? |
| Ênfase ou acento forte | maiúscula | I: Da paia’ a tipu QUATU i a tipu TRÊIS’ |
| Alongamento da vogal | :: | I: Ela é areno::za u tipu patru qui rem du interiô, |
| Comentários do analista | (()) | I: Iscamandu ((vozes)) é lá ondi a genti fica ((telefone tocando)) lá trabalhanu lá, |
| Sinais de entonação | ” | Corresponde mais ou menos ao ponto de interrogação: D: Que::ru I: Qué” entãu vamu lá’ |
| | , | Indica uma vírgula ou ponto e vírgula: I: É u vapô’ prá aquecê to:da a fábrica é: neli, |
| | , | Representa uma descida leve ou brusca: I: São três caudêra, |
| Repetições | reduplicação de letra ou sílaba | I: ...du processu prá prá cêra passá’ |

| | | |
|---|------------------------|--|
| Hesitação ou sinais de atenção | de reproduções de sons | D: ...comu é u nomi dessa máquina? I: Hum” hum” máquina aí rapaiz’ |
| Indicação de transcrição parcial ou de eliminação | ...ou / ... / | O uso de reticências, no início e no final de uma transcrição, indica que se está transcrevendo apenas um trecho. Reticências, entre duas barras, indicam um corte na produção oral de alguém. I: Us ôtu sãu é é ... é u maquinixta’ |

Marcuschi (1986, p. 9-13). **Quadro 01 – Modelo de transcrição grafemática**

2.3.5.4 Registro dos dados por meio do preenchimento das fichas

Os termos foram registrados em fichas terminológicas, elaboradas através do programa de computador *access*, versão 2003. Ressalta-se que há apenas uma ficha terminológica para cada termo. Utilizamos o modelo de ficha terminológica proposto por Faulstich (1995), com algumas adaptações.

Descrevemos, em seguida, cada campo da ficha terminológica que adotamos:

- a. Número:** cada unidade terminológica apresenta uma ficha que é identificada, previamente, através de um número ou código.
- b. Entrada:** termo-entrada, representado por uma ou mais palavra(s), sigla(s), abreviatura(s), símbolo(s). A apresentação do termo obedeceu a regras definidas, como: iniciou-se com letra maiúscula, em negrito; separada do corpo do enunciado socioterminográfico; o nome e o adjetivo, apresentam-se no masculino ou feminino singular, e o verbo no infinitivo.
- c. Informação gramatical:** apresenta aspectos morfossintáticos da unidade terminológica, da maneira como ela é utilizada no contexto que lhe serve de referência.
- d. Transcrição grafemática (+ fonte)** representando a forma como a unidade terminológica é utilizada pelo informante. Exemplos: “borrêru” (borreiro), “caudêra” (caldeira).
- e. Variante morfossintática (+ fonte):** indicando aquela em que o conceito não se altera por causa da alternância de elementos gramaticais principalmente nos sintagmas terminológicos. Exemplos: borrista ou borreiro; caldeirão, caldeirona ou caldeira; tipo um, cera tipo um ou cera de carnaúba tipo um.
- f. Transcrição grafemática da variante morfossintática (+ fonte):** indicando a forma como a variante morfossintática do termo entrada é utilizada pelo informante. Exemplos: Cortadô di ôiu (cortador de olho), cortadô di paia (cortador de palha).

g. Conceito por informação do sujeito: cada termo possui apenas uma ficha, então necessitamos apenas de um informante por ficha.

h. Identificação do informante: apresentando o nome do informante que, na ficha terminológica, pode ser digitado completo e por extenso.

i. Contexto (+ fonte): representando a realização do termo entrada, pelo informante.

j. Definição final: obtida através das informações contidas na ficha terminológica.

l. Remissiva: indicação das relações de significado entre o termo de entrada e outros termos, tais relações são obtidas através de: **hiperônimos**, termos mais gerais que ocorrem, normalmente, no início de uma definição; **hipônimos**, apresentam termos de significado específico são subordinados aos termos mais gerais; **conceitos conexos**, termos justa-posto em um mesmo plano hierárquico, os termos se encontram em coordenação de significados e seus conteúdos semânticos são de mesmo valor.

m. Nota (de caráter enciclopédico): informações gerais sobre aspectos relacionados à produção artesanal e à produção industrial da cera de carnaúba.

n. Data do primeiro registro: registro da data do preenchimento da ficha.

o. Data da última atualização da ficha: registro da data em que a ficha foi atualizada.

p. Pesquisador: apresenta o nome completo do pesquisador.

2.4. METODOLOGIA DE ORGANIZAÇÃO DO REPERTÓRIO

Nas seções a seguir apresentam-se os procedimentos de organização dos termos que constituiram o glossário referente à cadeia produtiva da cera de carnaúba. Apontam-se, outrossim, os critérios de seleção desses termos no âmbito da macro e microestruturas do referido repertório socioterminográfico.

2.4.1. Procedimentos de organização da nomenclatura.

Em relação à constituição da nomenclatura do glossário de termos da cadeia produtiva da cera de carnaúba, adotamos a proposta definida por Barros (2004), mas realizamos algumas adaptações. A seguir, descrevem-se algumas características da referida obra:

a. Público-alvo: direcionado, sobretudo, ao consulente não-especialista;

b. Classificação tipológica: Trata-se de um glossário de termos representativos da cadeia produtiva da cera da carnaúba, contendo dois domínios: no primeiro domínio,

apresentam-se os termos retirados do discurso oral dos trabalhadores da produção artesanal da cera, já o segundo domínio, é representado pelos termos provenientes dos indivíduos pertencentes à produção industrial da cera de carnaúba;

c. Natureza da obra: apresenta características socioterminológicas;

d. Idioma: trata-se de uma obra monolíngüe, apresentando os termos no português contemporâneo do Brasil;

e. Entradas: organizam-se em ordem alfabética;

f. Quanto à extensão da nomenclatura: o glossário contém 321 termos, entre os quais 155 são provenientes do campo conceitual relativo à produção artesanal da cera de carnaúba em Catuana, e 166 termos relacionados ao campo conceitual oriundos da produção industrial da cera de carnaúba em Caucaia.

O glossário da cadeia produtiva da cera de carnaúba em Caucaia, constitutivo de dois domínios de produção: o artesanal e o industrial, apresenta um número de termos bastante significativo, mas não teve a pretensão de incluir todas as possíveis atualizações do vocabulário em questão.

Salienta-se, também, que os termos, constitutivos do glossário, foram obtidos através de entrevistas, ou seja, o *corpus* é, essencialmente, de língua falada, entretanto, apenas 05 cinco termos foram extraídos da língua escrita, por terem sido identificados nos questionários, quais sejam: **analista químico, balanceteiro, máquina de costura, moedeira e solventeiro**. Esses termos, relevantes na esfera conceitual da produção industrial da cera de carnaúba, foram obtidos através dos questionários aplicados aos trabalhadores.

2.4.2 Critérios para a seleção dos termos do glossário

Constituirão entradas do glossário:

- a. Termos relacionados à produção artesanal da cera de carnaúba que indicam ações e processos, operações, tarefas, atividades, funções e profissões, substâncias e produtos, máquinas e equipamentos, instrumentos e objetos, que dizem respeito às atividades de corte da folha do olho e da palha, transporte das folhas, secagem, serragem, extração do pó branco e do pó preto, cozimento do pó branco e do pó preto, prensagem da cera branca e da cera preta, fabricação da cera, comercialização do pó e da cera bruta;

- b. Termos provenientes da produção industrial da cera de carnaúba que indicam ações e processos, operações, tarefas, atividades funções e profissões, substâncias e produtos, máquinas e equipamentos, vestimenta, instrumentos e objetos, relacionados à aquisição do pó branco e do pó preto, lavagem do pó com solvente, derretimento da cera bruta, filtração da cera, clareamento da cera, fabricação da cera em escama e em pedaço, exportação.

2.4.3 Critérios para a organização dos termos na macroestrutura

- o glossário está dividido em dois domínios, os termos estão organizados em ordem alfabética em cada domínio;
- apresentam entradas independentes os termos polissêmicos, homônimos, sinônimos e antônimos;
- constituem também entradas independentes as siglas, os termos hiperônimos assim como os termos hipônimos;

2.4.4 Critérios para a organização de termos na microestrutura

No que diz respeito à microestrutura do glossário adotamos o modelo a seguir:

TERMO-ENTRADA + CATEGORIA GRAMATICAL + TRANSCRIÇÃO GRAFEMÁTICA ± VARIANTE(S) ± TRANSCRIÇÃO GRAFEMÁTICA DAS VARIANTES MORFOSSINTÁTICAS + DEFINIÇÃO + CONTEXTO (FONTE) ± REMISSIVA(S) ± NOTA(S).

Quadro 02 – Modelo de organização do verbete na microestrutura

Abaixo apresentamos dois exemplos onde todos os campos estão preenchidos. O primeiro termo é proveniente do domínio artesanal da produção da cera de carnaúba, o segundo, por sua vez, pertence ao domínio industrial:

CARRACO s. m.

Transc. graf. **Carracu**.

Var ms. **Carraquinho, carraco branco, carraco preto, cavaco, cavaco branco, cavaco preto.**

Transc. graf. var. ms. **carraquinho, carracu brancu, carracu prêtu, cavacu, cavacu brancu, cavacu prêtu.**

Tipo de cera de carnaúba extraída da borra do pó branco e da borra do pó preto.

U carracu tira eli da bôrra aí fais issu daqui óh'...É um tipu di cêra mais tem qui sê misturadu já cum pó pá pudê a renti passá porkê num podi passá u carracu puru porkê fica a cêra feia' aí tem qui sê misturadu cum pó du mermu jeitu, (PAC – ML – m58FICA).

*É porkê vai a bôrra...quando chega lá:: tu viu né” Roberto”...Feis aquela **carraquinho**' issu ali é u carracu aí fica só aquela pozinhu qui é a bôrra aí é us mininu qui cuzinhãu a bôrra é até meu irmão i meu subrinhu aquelis dois né” (PAC – MCS – f47FICA).*

*Aqui nós apenas' nós fais só u carracu' u **cavacu prêtu** qui lá da du pó prêtu essa bôrra aqui' i du' nós fais daquela bôrra lá branca nós cozinha i far u **carracu brancu**' lastá u carracu aculá naqueli sacu aculá ó' é u carracu brancu aí elis us cauderista leva nós peza aí elis levam lá pá caudêra pá derretê cum pá saí a cêra gorda dessa grossura aqui i u a i u pó elis derreti cum aquela cum aquela cavacu ali aquela **cavacu brancu** ali aí elis derreti aí fais a cêra lá, (PAC – ADRS – m19FICA).*

*U cavacu' eli passa aqui na prensa depois di virá u **cavacu** aí eli rai derreti di novu pa...Cavacu' aí u cavacu eli cozinha di novu pá apurá u cavacu eli aí tira a bôrra qui a bôrra rai vim' u tanqui grandi é tanta coiza qui servi qui intê u ú:timu adubu qui lá é di souventi quando cai aquela puerinha aquela puerinha aí junta prá vendê comu adubu' servi pra tudu, (PAC – JSM – m59FICA).*

CERA DE CARNAÚBA TIPO QUATRO s.f.

Transc. graf. **Cêra di carnaúba tipu quatu.**

Var. ms. **Cera tipo quatro, tipo quatro.**

Transc. graf. var.ms. **Cêra tipu quatu, tipu quatu, tipu quatu.**

Tipo de cera produzida a partir do pó da palha da carnaúba, não é clareada.

*... **tipu Quatu** ... Extraída com souventi' NÃU é clariada i é fiutrada com diatomita também, (PIC – LMM – f29SCCE).*

É a tipu Quatu' cêra tipu Quatru'...Pois é tipu Quatru pedaçu' ela é da palha'...É tipu Quatru' cêra em iscama i tipu Quatru em pedaçu, (PIC – HEF – m25MICE).

É a tipu Quatu' cêra tipu Quatru'...Pois é tipu Quatru pedaçu' ela é da palha'...É tipu Quatru' cêra em iscama i tipu Quatru em pedaçu, (PIC – HEF – m25MICE).

Ver **cera gorda, cera preta**.

Apresentam-se, em seguida, cada campo pertencente aos verbetes:

a. Termo-entrada

Aparece escrito em negrito, com letras maiúsculas, separado do enunciado terminográfico, a grafia obedece à regularidade ortográfica da língua portuguesa do Brasil. Pode ser constituído de sigla ou de um ou mais termos, apresenta-se em forma lematizada, em que o substantivo e o adjetivo podem aparecer no masculino ou no feminino singular, quanto aos verbos eles apresentam-se no infinitivo.

b. Referências gramaticais

Apresentam-se abreviadas em letras minúsculas. A indicação da categoria gramatical dos termos é um elemento obrigatório, sendo representada pelas seguintes abreviaturas:

s.: substantivo

m.: masculino;

f.: feminino;

adj.: adjetivo;

v.: verbo;

sig.: sigla.

c. Transcrição grafemática

Faz-se o registro da forma como o termo entrada é realizado pelo informante. No glossário todos os termos apresentam a transcrição grafemática, exceto os cinco termos extraídos através dos questionários escritos.

d. Indicação das variantes morfossintáticas

O termo entrada pode apresentar mais de uma variante morfossintática. No glossário, as variantes morfossintáticas aparecem em letras minúsculas e em negrito, elas representam a maneira como os informantes utilizam os termos, em suas interações discursivas no local de trabalho.

e. Transcrição grafemática das variantes morfossintáticas

Faz-se o registro da forma como as variantes morfossintáticas são realizadas pelos informantes.

f. Definição

Quanto ao paradigma definicional adota-se, preferencialmente, a definição por compreensão, porque é mais adequada para a identificação e construção dos conceitos terminológicos.

Conforme Alves (1996), a Norma ISO 1087 estabelece apenas dois tipos de definição: a definição por compreensão que abrange a menção do conceito mais próximo, já definido, ou supostamente conhecido e os aspectos distintos que delimitam o conceito a ser definido; e a definição por extensão, baseada na enumeração exaustiva dos objetos aos quais um conceito se refere, ou nos conceitos específicos que lhe são imediatamente subordinados.

Para esta pesquisa, consideram-se os passos estabelecidos por Desmet (2002), em relação aos enunciados definitórios, fornecidos por um dado *corpus* especializado. Portanto, segundo a referida autora, há três possibilidades:

- reproduz-se um contexto definitório, quando não há uma definição formalizada;
- reproduzem-se definições formais, quando são fornecidas pelo *corpus*;
- redigem-se definições, a partir do conjunto das informações definitórias recolhidas.

Algumas definições, realizadas no âmbito do glossário de termos da cadeia produtiva da cera de carnaúba, pertencem ao modelo aristotélico. Isso ocorreu,

principalmente, em todas as definições dos substantivos referentes aos tipos de cera de carnaúba, tanto da produção artesanal, como industrial.

Para a definição dos verbos, considera-se o processo que realizam no âmbito da cadeia produtiva da cera de carnaúba e, normalmente, utiliza-se um outro verbo que mantém com o primeiro uma relação de sinonímia.

A definição dos adjetivos segue o modelo hiperonímico, proposto por Biderman (1993), segundo o qual, a definição ocorre através do estabelecimento de uma relação. Os adjetivos do glossário de termos da cadeia produtiva da cera de carnaúba são definidos por meio da locução prepositiva: referente à.

g. Contexto

O contexto informa sobre as características essenciais do termo. No glossário, esse campo é registrado em itálico, com a transcrição parcial de trechos dos discursos dos informantes, em que o termo entrada realiza-se no contexto. O termo contextualizado apresenta-se em itálico e em negrito.

Para o glossário de termos da cadeia produtiva da cera de carnaúba, considera-se, o contexto, conforme estabelecido por Dubuc (1985) que apresenta três tipos de contextos:

- o contexto definitório que não representa uma definição propriamente dita, mas aponta para a noção subjacente ao termo;
- o contexto explicativo que dá indicações da natureza funcional do termo;
- o contexto associativo que não apresenta descritores do termo, mas situa-o dentro de um campo e mostra as relações com outros termos.

2.4.5 Indicação das variantes co-ocorrentes ou remissivas

Processo que remete uma informação de um ponto para outro, surge no âmbito da microestrutura, mas afeta diretamente a macroestrutura. O emprego de remissiva será utilizado apenas quando for necessário relacionar um termo a outro e será indicado por Ver.

As remissivas indicam a relação de sinonímia entre os termos do glossário, tais relações são, também, consideradas como fator de indicação de variantes co-ocorrentes

ou sinônimos socioterminológicos. Ressalta-se que, no glossário, o termo sem a definição remete, imediatamente, a um outro termo, anteriormente registrado em ordem alfabética.

2.4.6 Notas explicativas

Quanto ao paradigma referente à nota, este será utilizado apenas quando for necessário apresentar nota de caráter enciclopédico e/ou lingüístico. As notas enciclopédicas expressam informações gerais e específicas sobre os processos de produção da cera de carnaúba, em Caucaia. Para este trabalho serão utilizadas, preferencialmente, notas enciclopédicas.

2.4.7 Critérios para a análise e descrição dos termos

Para a análise e descrição lingüísticas dos termos integrantes do vocabulário da cadeia produtiva da cera da carnaúba, mais precisamente, quanto aos aspectos lexicais: morfossintáticos e semânticos, apoiamo-nos em pesquisas já realizadas no âmbito das línguas especializadas, entre elas: Gambier (1987), Delavigne (1995), Pontes (1996), Farias (2001), Silva, M. (2007), entre outras, realizando, obviamente, as devidas adaptações.

III - A CARNAÚBA

3.1 ÁRVORE SÍMBOLO DO CEARÁ

A carnaúba, árvore da família das palmeiras, cujo nome científico é *copernicia prunifera*, é popularmente chamada de carnaubeira, carnaíba, carnaíva, carnaúva, carandaúba. Trata-se de uma planta típica do nordeste brasileiro, predominante nos estados do Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte, é fonte de riqueza econômica para esses estados, sendo, portanto, geradora de renda para muitos de seus habitantes.

Tudo pode ser aproveitado da carnaúba. De suas folhas e palhas é extraído o pó cerífero, que a partir de processos artesanais ou industriais transforma-se em cera, principal matéria-prima da carnaúba. Há produtos obtidos através da cera de carnaúba que fazem parte da indústria farmacêutica, funcionam como revestimentos para alguns medicamentos e anti-inflamatórios. Há outros, fabricados no âmbito da indústria de cosméticos como: batons, esmaltes, sabonetes, sabão entre outros; também na indústria alimentícia, a cera de carnaúba pode transformar-se em doces e chicletes.

Reconhecem-se, ainda, outros produtos desenvolvidos a partir da cera, tais como: fio dental, tintas em geral, tintas para impressoras, velas, lápis de cera, plásticos, cera para polimento de (carros, pisos, móveis, couro), papel carbono, graxas de sapato, vernizes, isolantes, material eletrônico, discos, fósforos, embalagens para alimentos, filmes plásticos, lubrificantes, produtos de limpeza entre outros.

A cera de carnaúba é um produto natural composto basicamente de ésteres e ácidos graxos de alto peso molecular, obtido pelo processamento do pó retirado das folhas e das palhas da carnaúba.

Ressalta-se que o Brasil é o único país do mundo produtor de cera de carnaúba. Há outras palmeiras, primas da carnaúba, da mesma família, na África Equatorial, no Ceilão, no Equador, na Tailândia e na Colômbia, no entanto, suas palhas não produzem pó para fabricação da cera.

Sua safra estende-se de agosto a dezembro, período em que há o corte das folhas e palhas da carnaúba, em seguida, a secagem delas para a obtenção do pó cerífero. Nos meses subsequentes, ocorre o cozimento do pó e conseqüentemente a produção da cera de origem. O período do corte das palhas da carnaúba realiza-se numa época em que a mão-de-obra agrícola encontra-se, em grande parte, ociosa em relação ao plantio de feijão, milho e arroz.

De acordo com o Sindicarnaúba (2005), no Ceará, a safra da palha da carnaúba produz cerca de 16 mil toneladas de cera, empregando pelo menos 100 mil pessoas no período mais seco do ano.

3.2 A CADEIA PRODUTIVA DA CERA DE CARNAÚBA EM CAUCAIA

A cadeia produtiva da cera de carnaúba compreende, por um lado, as atividades realizadas no carnaubal, ou seja: o corte, o transporte, a secagem e a serragem das folhas e palhas, além da extração do pó cerífero, a prensagem, a produção artesanal da cera e a comercialização do pó e da cera de origem; por outro, engloba as atividades realizadas na refinaria o beneficiamento do pó, a produção e exportação da cera de carnaúba industrializada. Tanto a fabricação de cera artesanal, quanto a produção de cera refinada dependem da extração do pó cerífero que é realizada nos carnaubais.

No campo, quanto aos indivíduos participantes da referida cadeia produtiva, destacam-se: o proprietário rural, que nem sempre é produtor de cera; o rendeiro que arrenda as terras para produzir o pó cerífero e a cera de origem; além dos trabalhadores extrativistas, que fazem parte da produção artesanal da cera de carnaúba: o cortador de palha, o aparador, o comboeiro, o lasteiro, entre outros.²¹

Na Catuana, em Caucaia, o rendeiro é financiado pelos refinadores, sendo submetido às condições de preço e pagamento por eles definidos. O rendeiro transporta o produto até a refinaria para fazer a análise do teor de pureza, seu pagamento é realizado com base nesta análise. O rendeiro determina as condições de trabalho e de remuneração dos trabalhadores.

No interior, a fabricação do pó cerífero e da cera de origem dependem das seguintes etapas: o corte da folha olho e da palha da carnaúba, transporte das folhas e das palhas, secagem, serragem, extração do pó branco e do pó preto, cozimento do pó branco e do pó preto, prensagem da cera, constituição ou formação da cera branca e da cera preta. Em relação ao tipo de mão de obra ocupada na realização dessas etapas, observa-se que ela é, quase exclusivamente, masculina.

Na indústria, o processo de fabricação da cera, inicia-se pela aquisição do pó branco e do pó preto, vendidos pelos produtores de pó cerífero; lavagem do pó branco e do pó preto com uso do solvente; constituição da cera fabricada na refinaria;

²¹ Para esclarecimento dos termos referentes à cadeia produtiva da cera de carnaúba empregados aqui, é necessário verificar o glossário de termos no próximo capítulo deste trabalho.

derretimento da cera bruta comprada do interior; filtragem de todos os tipos de cera; clareamento de todas as ceras, com exceção da cera de carnaúba tipo quatro, que não é clareada; fabricação da cera refinada em escama e em pedaço.

Na indústria, há diversos profissionais responsáveis pela produção da cera de carnaúba refinada, entre os trabalhadores, além dos produtores e refinadores destacam-se: o operador de máquina, operador de solvente, filtrador, clareador, quebrador de cera, empacotador, entre outros.

3. 2. 1 Produção artesanal da cera de carnaúba

Para proteção contra a desidratação, durante o longo período sem chuvas e alta temperatura ambiente na região Nordeste do Brasil, especialmente nos estados do Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte, a carnaúba cobre suas folhas com uma fina camada de pó cerífero. As folhas e palhas são colhidas com auxílio de foice, são secadas e batidas ou trituradas para liberação do pó que é, então, industrializado para obtenção da cera em seus diversos tipos.

No campo, as condições físicas de trabalho são muito precárias, as refeições são realizadas no carnaubal, sem condições adequadas de limpeza, os empregados não têm hora certa para almoço. A higiene pessoal também é prejudicada, pois os trabalhadores permanecem sem tomar banho, ao longo de toda uma semana de trabalho duro. O vínculo empregatício é incerto e a renda mensal desses trabalhadores não ultrapassa os dois salários mínimos, o pagamento do serviço pode ser ou por produtividade de milheiro derrubado ou por diárias.

A produção artesanal da cera de carnaúba é uma atividade que possui elevado nível de ocupação no campo, entretanto é realizada sob baixos níveis de produtividade, decorrente, sobretudo, do baixo nível tecnológico. A ausência de novos métodos e novas tecnologias no âmbito das atividades de corte, secagem e trituração das folhas de carnaúba provocam uma grande perda de pó, estimada em cerca de 60%.

3.2.1.1 O corte das folhas e palhas

Nesta primeira etapa, tem-se o corte da folha olho para a fabricação da cera branca e o corte da palha destinada à fabricação da cera preta. O corte de folhas e palhas ocorre durante o período seco do ano, momento em que os mateiros, os cortadores, os

aparadores saem em direção aos carnaubais, utilizando apenas a taboca para realização do corte.



Foto 1 – O cortador utilizando a taboca



Foto 2 - Cortador e aparador no carnaubal

A taboca é uma vara feita de bambu contendo uma foice presa em sua extremidade, seu comprimento varia de 5 a 12 metros dependendo do tamanho das carnaúbas. O trabalho de corte é árduo, pois oferece diversas dificuldades: as hastes pontiagudas das palhas podem cair bruscamente sobre os aparadores, o vento forte, também, pode prejudicar o cortador, aumentando os riscos de acidentes, visto que as folhas perdem a direção e podem cair sobre os cortadores e aparadores.



Foto 3 - Aparador

Embora haja muitos riscos, o cortador obtém elevada produtividade, laça três a cinco palhas de cada vez, conseguindo uma quantidade aproximada de 1.500 a 2.000 palhas por dia. Em geral, são cortadas de 30 a 40 folhas por árvore. A produção é entregue ao dono da terra ou ao reideiro.

3.2.1.2 O transporte

No mesmo local onde folhas e palhas são cortadas, o talo de cada folha é cortado, as folhas mais novas, ainda fechadas, são chamadas de folhas do olho da carnaúba e são responsáveis pela produção do pó branco, destinadas à fabricação da cera branca. As palhas são as folhas mais velhas, completamente abertas, produzem o pó preto, destinado à fabricação da cera preta.

Após a separação e a seleção, as folhas e palhas são amarradas com imbiras em feixes com 20, 25 ou 50 folhas. Os feixes, presos de dois em dois, formam os cambos que servem de base para o pagamento dos trabalhadores, quando estes são remunerados por produtividade.

As folhas e palhas da carnaúba são transportadas até o lastro pelo comboeiro que faz o carregamento delas com auxílio de jumentos ou burros, estes animais percorrem uma longa distância para chegar ao lastro, local onde as folhas e as palhas são estendidas e expostas ao sol.

3.2.1.3 A secagem

No lastro, o estendedor espalha as folhas e as palhas que devem ser secadas ao sol. O processo de secagem é lento, pois elas devem ser submetidas ao sol intenso durante aproximadamente oito a doze dias. Quanto mais sol as folhas e palhas receberem maior é a quantidade de pó liberada.



Foto 4 – Secagem das folhas e palhas da carnaúba

Após esse período de secagem, as folhas e palhas da carnaúba estão prontas para a serragem ou trituração na máquina de cortar palha. Em seguida, há conseqüentemente, a obtenção do pó branco e do pó preto.

3.2.1.4 A serragem

Os palanqueiros ou carregadores de feixe transportam os feixes de folha e de palha para o caminhão, onde está instalada a máquina de cortar palha, a obtenção ou extração do pó ocorre por meio da utilização de navalhas situadas na referida máquina de cortar. Os serradores ou cortadores serram, inicialmente, as folhas do olho para obtenção do pó branco, em seguida, o mesmo procedimento é feito para serrar as palhas para a retirada do pó preto.

A máquina de cortar palha, é montada no caminhão e possui um sistema de navalhas afiadas destinado a serrar as folhas e as palhas, o uso das navalhas ocorre simultaneamente à utilização dos cacetes que servem para bater as palhas com a

finalidade de desprender o pó das folhas. A máquina possui também um exaustor que é utilizado para sugar o pó para cima separando-o da bagana.



Foto 5 – Máquina de cortar palha

Os trabalhadores da máquina de cortar palha, muitas vezes, não utilizam o material de proteção adequado. Alguns materiais deveriam ser obrigatoriamente utilizados tais como: luvas para proteger as mãos dos espinhos de folhas e palhas, botas para a proteção dos pés, além de máscaras, para proteger o nariz e a boca do excesso de pó, suspenso no ar.

3.2.1.5 A extração do pó cerífero

O pó da folha do olho da carnaúba ou pó branco e o pó da palha ou pó preto são armazenados, separadamente, em um balão instalado sobre o caminhão. Em seguida, o pó branco e o pó preto são ensacados, os sacos são costurados pelo enfeixador. O processo de extração do pó cerífero é rudimentar, insalubre e inseguro.



Foto 6 – Ensacamento do pó cerífero

Ressalta-se que a extração do pó não é realizada o ano todo, ela é sazonal, ocorrendo sempre no período de estiagem. Uma parte da produção do pó cerífero é destinada à fabricação da cera de origem, a outra parte é vendida para a refinaria, onde será utilizada para a fabricação da cera de carnaúba refinada.

3.2.1.6 O cozimento do pó

O cozimento do pó preto é realizado na caldeira, o caldeireiro ou calderista acrescenta, aproximadamente, mil litros de água dentro da caldeira e deixa ferver. Em seguida, acrescenta-se o sal azedo e o pó preto, extraído da palha da carnaúba que é colocado em pequenas porções. O sal azedo é utilizado para retirar as impurezas do pó.

O pó deve ser cozido a uma temperatura em torno de 120° C, o que leva em média três horas.



Foto 7 – Cozimento do pó preto

Após o cozimento os empregados são dispensados, no outro dia, a cera preta da caldeira decanta. O caldeireiro deixa a cera escoar para um tanque, o líquido argiloso que resta é chamado de borra. A borra é armazenada em outra caldeira para ser reaproveitada na produção do carraco ou cavaco.

No tanque, a cera preta deve permanecer para resfriar, durante aproximadamente 5 horas, o resfriamento da cera faz com que ela se transforme de estado líquido para estado sólido. Em seguida, a cera preta é quebrada, ensacada e vendida para as refinarias de Fortaleza.

O cozimento do pó branco é realizado em um tambor onde se coloca, inicialmente, a água para ferver, quando ela está fervendo o cozinador de pó branco vai acrescentando o sal azedo e, também em pequenas porções, o pó branco retirado da folha olho da carnaúba. A próxima etapa do processo após o cozimento da cera branca é a prensagem.



Foto 8 – Cozimento do pó branco

3.2.1.7 Prensagem

As prensas são bastante rústicas e a utilização delas requer grande esforço pelo preneiro de pó branco e pelo prensador. Além disso não há equipamentos de segurança apropriados para a execução do referido trabalho. A prensagem da cera branca é realizada na prensa de madeira, a prensagem da cera preta, por sua vez, é feita na prensa de ferro que é mais resistente.



Foto 9 – Prensa de ferro

3.2.1.8 Fabricação da cera artesanal.

Após a prensagem, a cera branca é derramada em formas pequenas no chão, onde é resfriada para, em seguida, ser quebrada e ensacada. Por sua vez, a cera preta é colocada em um pavimento onde depois é quebrada e ensacada.



Foto 10 – Formas com a cera branca

No âmbito comercial, o preço da cera branca é maior que o da cera preta, tanto a cera branca quanto a cera preta são vendidas para as indústrias de Fortaleza, onde são analisadas, selecionadas, derretidas, refinadas e exportadas para o exterior.



Foto 11 -Cera preta quebrada

3.2.2 Produção industrial da cera de carnaúba

Entre as refinarias, em Fortaleza, que fazem a produção industrial da cera de carnaúba, cita-se a Cerapeles que produz cera refinada desde 1967. Nessa época a empresa produzia apenas a cera de carnaúba em pedaços e tinha um volume anual de exportações de aproximadamente 60 toneladas de cera de carnaúba.

A empresa cresceu e hoje está estabelecida em um área de 10.000 metros quadrados localizada no Km 6 da BR-222, em Caucaia, emprega mais de 50 pessoas diretamente e exporta mais de 2.500 toneladas de cera de carnaúba. Nesse local, a empresa implantou sua sede e sua unidade industrial, cuja linha de produção compõe-se das unidades de extração, centrifugação, filtração, clareamento e escamação, com uma capacidade instalada de produção de 350 toneladas por mês.

A Cerapeles produz cera de carnaúba filtrada tipo um, tipo três e tipo quatro; atualmente, não há mais produção de cera centrifugada. Os tipos de cera fabricadas podem ser em escama ou em pedaços e geralmente são embalados em sacos plásticos de 25 quilos.

A Cerapeles possui um laboratório químico com aparelhagem completa que permite efetuar análises e testes de qualidade das matérias primas, produtos auxiliares e produto acabado. O controle de qualidade tem início com a matéria prima, o que permite a produção de lotes de qualidade uniforme. Cada lote produzido tem sua amostra colhida e os testes químicos efetuados, dentro de padrões internacionalmente reconhecidos e recomendados, tais como Amerwax e USP.

Na indústria, as relações trabalhistas são melhores, os empregados possuem vínculo empregatício, com turno diário de oito horas e salário em torno de dois mínimos, incluindo os adicionais de insalubridade e horas extras. As normas de segurança do trabalho são respeitadas assim como a manutenção técnica dos equipamentos.

3.2.2.1 A lavagem do pó cerífero

A Cerapeles compra dos vendedores de pó cerífero do interior, o pó branco retirado da folha do olho da carnaúba e o pó preto adquirido através da palha da carnaúba. O pó é transformado em líquido, colocado no aparelho de solvente para ser lavado com o solvente para a retenção de impurezas e fabricação da cera bruta.

Através de várias lavagens do pó cerífero com o solvente, obtém-se a cera bruta de carnaúba, fabricada na refinaria. Destaca-se que é no aparelho de solvente que a cera, em estado líquido, separa-se do solvente por meio de canos, bombas e motores.

3.2.2.2 A constituição da cera

Nesta etapa, para obtenção da cera de carnaúba industrializada, após a lavagem do pó cerífero, ocorre o derretimento da cera de origem ou cera de carnaúba fabricada artesanalmente, para composição da cera refinada. Em seguida, a cera, ainda em estado líquido, é retirada e colocada em um tacho de ferro onde se prepara para ser filtrada.

A cera de origem ou cera de carnaúba artesanal, vinda do interior, é derretida por meio de vapor que vem da caldeira. Em seguida, a cera derretida é sugada por canos de uma bomba para chegar ao filtro prensa, onde recebe a diatomita para auxiliar no processo de filtragem.

3.2.2.3 A filtração

É através de canos e de bombas motores que a cera chega à seção de filtração. Para a filtragem da cera bruta de carnaúba, utiliza-se o filtro prensa, equipamento composto basicamente de um conjunto moto-bomba, conjunto filtrante com placas, papel e pano filtrante, válvula de segurança e monômetro. O filtro prensa possui uma parte elétrica blindada e à prova de explosão. No filtro, a cera perde todas as suas impurezas.

Para a filtração utiliza-se a diatomita, produto químico que funciona como um auxiliar na realização desse processo. Para a purificação da cera de carnaúba tipo um, por exemplo, utiliza-se o papel filtrante, para a filtragem das ceras tipo três e quatro é utilizado o pano filtrante. Todas as ceras fabricadas na Cerapeles são submetidas à filtração. Também através da utilização de canos e bombas a cera filtrada é conduzida à seção de clareamento.

3.2.2.4 O clareamento

Na seção de clareamento, apenas dois tipos de cera são clareados, a cera de carnaúba tipo um e a cera de carnaúba tipo três que recebem clareamento por exigência

dos importadores. Para o clareamento dessas ceras, é utilizado o peróxido de hidrogênio que contém 40% de amoníaco.

A cera de carnaúba tipo um filtrada e clareada, apresenta-se com uma cor amarela clara e a cera de carnaúba tipo três, filtrada e clareada também, aparece na cor amarela escura. A cera de carnaúba tipo quatro é filtrada, mas não é clareada, e permanece com sua cor verde escura.

3.2.2.5 Fabricação da cera industrializada

Da seção de clareamento, a cera vem para a seção de escamação, onde pode ser fabricada em formato de escama ou em pedaço. Para fabricar a cera em pedaço, os escamadores levam a cera até um recipiente, espera-se secar para que seja, em seguida, quebrada em pedaços, ensacada, pesada e empacotada para exportação.



Foto 12 – Escamadeiras

A cera em formato de escama vem para o tacho para ficar na temperatura estável, o tacho fica alimentando as escamadeiras que permanecem girando e despejando cera da espessura de uma folha de papel. A escamadeira possui um cilindro fechado com um cano furado jogando água para que possa fabricar a cera fina para ser, da mesma forma, quebrada em formato de escama, ensacada, pesada empacotada para ser vendida para o exterior.



Foto 13 - Ceras de carnaúba em escamas ensacadas

3.2.2.6 Exportação da cera de carnaúba

A localização atual da Cerapeles Ihe confere uma confortável posição logística considerando o fácil acesso aos portos de Fortaleza e de Pecém, tornando possível, dessa forma, o crescimento das exportações de cera de carnaúba para diversos países tais como: Estados Unidos, Japão, Alemanha, Itália, Bélgica, França, Portugal, Espanha, Holanda, Índia, Egito entre outros. Em 2006, o Ceará exportou 21 milhões de dólares em cera de carnaúba.



Foto 14 - Estoque de cera de carnaúba em sacos de 25 quilos

IV – GLOSSÁRIO DE TERMOS DA CADEIA PRODUTIVA DA CERA DE CARNAÚBA

Neste capítulo estão registrados os termos referentes ao discurso oral dos indivíduos participantes da cadeia produtiva da cera de carnaúba em Caucaia, considerando-se dois domínios: a produção artesanal e a produção industrial da cera de carnaúba.

O conjunto de termos caracterizando o domínio conceitual referente à cadeia produtiva da cera de carnaúba reúne uma terminologia ampla proveniente, grosso modo, das diversas atividades, artesanais e industriais, exercidas por seus participantes.

O repertório socioterminográfico a seguir, apresenta o registro de 321 termos dos quais, 155 estão relacionados ao campo conceitual ligado à produção artesanal, acrescidos de 166 termos referentes ao universo discursivo da produção industrial da cera de carnaúba.

4.1 REPERTÓRIO SOCIOTERMINOGRÁFICO DA PRODUÇÃO ARTESANAL DA CERA DE CARNAÚBA

a

aa
ADUBO s. m.

Transc. graf. **Adubu**

Material em pó decorrente do processo de cozimento da borra.

*Cavacu' aí u cavacu eli cuzinha di novu pá apurá u cavacu eli aí tira a bôrra qui a bôrra rai vim' u tanqui grandi é tanta coiza qui servi qui inté u ú:timu **adubu** qui lá é di sôventi quandu cai aquela puerinha aquela puerinha aí junta prá vendê comu adubu' servi prá tudu / ...aquele pó é pá fazê adubu, (PAC – JSM – m59FICA).*

Ver: **poeirinha**.

ADUBO s. m.

Transc. graf. **Adubu.**

Material obtido através da trituração das folhas e das palhas da carnaúba.

*Pá ispalhá issu' issu'...Essa bagana servi pá **adubu** né”* (PAC – RBS – m37MCCA).

Ver: **bagajo, bagana.**

AMARRADOR s. m.

Transc. graf. **Amarradó.**

Trabalhador responsável pela separação e amarração das folhas e palhas da carnaúba em feixes.

*Aí quandu ramu dizê inté cum oitu dias si fô muito aí vem u **amarradó** amarra i mói' a máquina roi i corta aí faz u pó aí cozinha pá fazê a cêra,* (PAC – JSM – m59FICA).

Ver: **botador de feixe, feixeiro, imbireiro.**

Nota: O amarrador utiliza a imbira para amarrar os feixes de folhas e palhas da carnaúba.

AMARRAR v.

Transc. graf. **Amarrá.**

Processo que consiste em organizar e reunir as folhas e palhas da carnaúba.

*Aí daí' depois qui tá seca' rá é ôtu mar duas pessoa qué u amarradó rem **amarrá** us fê: xu,* (PAC – PFFA – m22FICA).

Nota: Os talos cheios de espinhos das folhas e das palhas são retirados antes delas serem amarradas em feixes.

AMOLADA adj.

Transc. graf. **Amolada**

Referente à lâmina de corte das folhas e palhas da carnaúba.

*Eu ajudu a trocá a navalha mermu assim'...bota três i fica três guardada'...Qui esteja **amolada**'...tem qui amolá primêru pá pudê botá né”* aí quandu céga a renti fica trocanu, (PAC – AGOJ – m26FICA).

Nota: As navalhas da máquina de cortar palha devem estar sempre amoladas.

AMOLAR v.

Transc. graf. **Amolá.**

Processo que consiste em afiar as navalhas de corte da máquina de cortar.

*Eu ajudu a trocá a navalha mermu assim'...bota três i fica três guardada'...Qui esteja amolada'...tem qui **amolá** primêru pá pudê botá né” aí quandu céga a renti fica trocanu, (PAC – AGOJ – m26FICA).*

APARADOR s. m.

Transc. graf. **Aparadô.**

Trabalhador cuja função é aparar as folhas e palhas da carnaúba.

*Rapai' você sabi qui tem as taboca pa pu varêru derrubá tem us **aparadô** pá juntá i tem u comboêru também qué ôtra pessoa que rem peganu tudu aí bota nu laçu pá secá aí nu períodu di oitu ô deis dia elis amarrãu pá dexá nu pontu da máquina di cortá, (PAC – ADL – m59FICA).*

Nota: Considerando a altura da carnaúba e a trajetória do vento, o aparador deve ser bastante cuidadoso pois corre risco de acidentes.

APURAR v.

Transc. graf. **Apurá.**

Processo que consiste no ressecamento e na solidificação da cera de carnaúba.

*A genti bota á::gua nu::ma caudê::ra' i bota fogu di baxu da caudê::ra' qandu a água tá fervendu começa a colocá u pó' aí quandu u pó dissou::vi aí a genti tira pá ôta caudêra' i bota nu tanqui pá **apurá'** a bôrra fica num can::tu' qui é aquela ali i a cêra nessa aqui, (PAC – SMF – m61NACA).*

Nota: No tanque a cera preta resseca e se solidifica.

ARROBA s. f.

Transc. graf. **Arrôba**

Unidade de peso utilizada pelos produtores de cera de carnaúba.

*Porquê em média vamu dizê há cincü anus atrás u quilu di uma **arrôba** di cêra ela custava centu i noventa certu” é cotadu em dóla porquê tudu é esportadu né”,...Ai agora' tá custanu menus di' caiu mais di cem pu centu' di centu i noventa baxá pá noventa' oitenta' noventa i cincü' a tendência é acabá mermu né” (PAC – RAS – m37FCCA).*

Nota: Uma arroba de cera de carnaúba é equivalente a 15 quilos de cera.

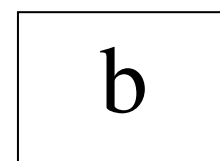
ARROCHADO adj.

Transc. graf. **Arrochadu.**

Referente à cera preta que possui um ponto de cozimento grosso ou denso.

*São três porquê a prêta dá dois tipus' da arenoza i da prêta né" porquê a arenoza podi até cuzinhá ela pá fazê mais **arrochadu** u pontu qui aí ela fica prêta'...U arrochu du pontu qui nem a rapadura' a rapadura si u pontu...ela fica quebranu denti, (PAC – JSM – m59FICA).*

Nota: O ponto de arrocho da cera preta é semelhante ao da rapadura.



bb
BAGACEIRO s. m.

Transc. graf. **Bagacêru.**

Trabalhador cuja função é juntar ou espalhar a bagana.

*Rapai' é u maquinista né" u caba qui bota' é maquinista'...Us ôtu é fexêru é tem u caba qui trabaia na boca da máquina qui é quem tira u bagaçu né" ...É u **bagacêru**'...Us ôtu são é é...é u maquinista' u fexêru i u caba qui trabaia na boca da máquina, (PAC – JMVS – m47NACA).*

Ver: **baganeiro, ciscador de bagana, espalha bagana, espalhador de bagana, ganchêru.**

BAGAÇO s. m.

Transc. graf. **Bagaçu.**

Material resultante do corte das folhas e das palhas que serve de adubo.

*Us ôtu é fexêru é tem u caba qui trabaia na boca da máquina qui é quem tira u **bagaçu** né" (PAC – JMVS – m47NACA).*

Ver: **bagana.**

BAGANA s. f.

Transc. graf. **Bagana.**

*U qui é jogadu fora chama-si a **bagana** pá extrumaçãu pá plantá'...Chama-si a bagana pá negada istrumá u chãu'...é um adubu medõim, (PAC – JSM – m59FICA).*

Ver: **bagajo**

Nota: Na máquina de cortar palha, enquanto a bagana desce em direção ao chão, o pó sobe e armazena-se em um balão situado sobre o caminhão. À noite a bagana serve também de leito para os empregados que dormem sobre ela.

BAGANEIRO s. m.

Transc. graf. **Baganêru.**

*...aí tem u **baganêru** qui espacia a bagana, (PAC – ADRS – m19FICA).*

Ver: **bagaceiro.**

BALAIIO s. m.

Transc. graf. **Balaiu.**

Objeto feito de ferro e coberto com a palha da carnaúba utilizado para filtrar a cera.

*...é u balai qui é aqueli negóciu qui cõa né"... **Balaiu** é aqueli bichu qui servi lá pa' cobertu cum palha' cum coiza dentu'... **Balaiu** é issu aqui todú feitu di ferru' ferru grandi em cima ôta em baxu todú trucidu, (PAC – JSM – m59FICA).*

Nota: O balaio é utilizado com a prensa. A cera branca em estado pastoso é colocada quente, no balaio, para em seguida, ser prensada.

BALÃO s. m.

Transc. graf. **Balãu.**

Objeto situado sobre o caminhão onde o pó branco e o pó preto são armazenados.

*Vai pru sacu'...É fica um em cima i ôtu dentu aí é porquê quandu ienchi muito aqui' aí passa pu cima pa ispirá pa nãu isplodí'...É um **balãu** comu si fossi um balãu u daqui ienchi i passa pu cima pra aliviá a pressãu / (PAC – JSM – m59FICA).*

Ver: **pano da máquina.**

Nota: Tanto o pó branco quanto o pó preto são armazenados no balão, em seguida são ensacados. Uma certa quantidade de pó é vendida para as refinarias para fabricar a cera refinada, outra permanece para a fabricação da cera de origem.

BALDE s. m.

Transc. graf. **Baudi.**

Objeto de ferro onde é feito o cozimento do pó branco de carnaúba para obtenção da cera branca.

*Num dá certu tem qui sê cunzinhadu aqui em **baudi** qui é feito di cimentu...Aí só us **baudi mermu** (+) aí tem qui sê dessi jeitu aí si fô em caudêra num presta viu” aí a cêra fica cheia d’água aí num tem venda pra ela, (PAC – ML – m58FICA).*

Ver: **tambor**.

BATER v.

Transc. graf. **Batê**.

Processo que consiste em triturar as folhas e palhas da carnaúba na máquina de cortar palha.

*Ela tira u pó aí bati u... aí corta u ôlhu brancu nu mermu sacu’ **bateu** aí tira u pó ôlhu qui vai pá cêra branca, (PAC – JSM – m59FICA).*

Ver: **cortar, passar, serrar, triturar**.

BORRA s.f.

Transc. graf. **Bôrra**

Var. ms. **Borra do pó**

Transc. graf. var. ms. **Bôrra du pó**

Material originado do cozimento do pó branco e do pó preto da carnaúba.

*A **bôrra** é u produtu qui sobra da cêra qui ela var sê passada di novu pá construí u cavacu’ du cavacu tirá a cêra di novu, (PAC – FRAA – m27MCCA).*

*É façú só issu aqui óh’ issu aqui óh’ issu aí é a bôrra é a **bôrra du pó**, (PAC – JP – m38FICA).*

Ver: **borra gorda, murrão**.

BORRA BRANCA s.f.

Transc. graf. **Bôrra branca**

Material produzido através do cozimento do pó branco da carnaúba.

*Aqui nós apenas’ nós fais só u carracu’ u cavacu prêtu qui lá da du pó prêtu essa bôrra aqui’ i du’ nós fais daquela **bôrra** lá **branca** nós cuzinha i far u carracu brancu’ lastá u carracu aculá naqueli sacu aculá ó’ é u carracu brancu aí elis us cauderista leva nós peza aí elis levam lá pá caudêra pá derretê cum pá saí a cêra gorda dessa*

grossura aqui i u a i u pó elis derreti cum aqueli cum aqueli cavacu ali aqueli cavacu brancu ali aí elis derreti aí fais a cêra lá, (PAC – ADRS – m19FICA).

Nota: A borra branca é proveniente do cozimento do pó branco e a borra preta é obtida através do cozimento do pó preto. A borra gorda e a borra magra são produzidas também por meio do cozimento do pó preto.

BORRA GORDA s. f.

Transc. graf. **Bôrra gorda**

*Aqui é u seguinti pegu a **bôrra gorda**’ tragu bota na lata i passu ela i apontu u cavacu i daqui u cavacu pra aprontá a cêra gorda né” (PAC – JMVS – m47NACA).*

Nota: A borra gorda corresponde ao material resultante do primeiro cozimento do pó.

Ver: **borra**

BORRA MAGRA s. f.

Transc. graf. **Bôrra magra**

Material resultante do reprocessamento do pó branco e do pó preto da carnaúba.

*Porquê aquela ali’a **bôrra magra**’ essa aqui rá foi passada aquela num foi, (PAC – JP – m38FICA).*

Nota: Quando a borra do pó é cozida novamente ela se transforma em borra magra. Quando a borra é reprocessada ela perde líquido.

BORRA PRETA s.f.

Transc. graf. **Bôrra prêta**

Material produzido através do cozimento do pó preto da carnaúba.

*Porquê aquela ali’essa aqui rá foi passada aquela num foi’... **Bôrra prêta** qui a renti chama né” (PAC – JP – m38FICA).*

BORREIRO s. m.

Transc. graf. **Borrêru.**

Trabalhador responsável pela fabricação da borra.

*A renti passa a bôrra’ aí daí fais a cêra’...Eu façú só issu aqui óh’ issu aqui óh’ issu aí é a bôrra é a bôrra du pó’...Minha profissãu’...Aqui ar negada’ issu aqui chama di **borrêru,** (PAC – JP – m38FICA).*

Ver: **borrista, cozinhador de borra, mexedor.**

CALDEIRA s. f.

Transc. graf. **Caudêra**.

Var. ms. **Caldeirão, caldeirona**.

Transc. graf. var. ms. **caudêrãu, cauderona**.

Objeto onde é feito o cozimento da cera preta de carnaúba.

*Na caudê:ra é u seguinti na **caudêra** a genti coloca água u fogu quandu a caudêra tá fervenu a renti coloca u pó até inché ela quandu inché apaga u fogu cum oitu ora' cum oitu horas depois a genti separa a cêra da bôrra, (PAC – FRAA – m27MCCA).*

*Tem aquela ali é' u **caudêrãu** aqui é a prensa, (PAC – FASP – m19MICA).*

*Nãu sinhó' é só mermu braza du fogu agora essa di prêtu tem a **cauderona** aculá a bicha cuzinha uma ruma di pó aí derrama né'' você já viu, (PAC – JSM – m59FICA).*

Nota: Há duas caldeiras, uma destinada à cera e a outra onde a borra é armazenada.

CALDEIREIRO s. m.

Transc. graf. **Cauderêru**.

Trabalhador responsável pelo cozimento da cera preta.

*É **cauderêru**...A genti tem as caudêra... (PAC – FRAA – m27MCCA).*

Ver: **caldeirista, cozinhador**.

Nota: Para fazer a cera preta o caldeireiro coloca vários litros de água na caldeira, espera ferver, em seguida acrescenta o pó preto e o sal azedo, o caldeireiro deve permanecer misturando até chegar ao ponto adequado.

CALDEIRISTA s. m.

Transc. graf. **Cauderixta**.

*Façu a cêra ali essa daqui na caudêra na caudêra lá'...Cauderista'...Só caudêra mermu'...É' sô **cauderixta**, (PAC – FMD – m20FICA).*

Ver: **caldeireiro**.

CAMBO s. m.

Transc. graf. **Cambu**

Transporte das folhas e palhas da carnaúba que, normalmente, é feito com ajuda de animais.

INF: *Primêru tem u cambu cambôieru lerra a paia pu mastru' si dê u combôieru rai leva aí chega lá u aparadô vai só contanu i ispaianu a paia, (PAC – AGOJ – m26FICA).*

Nota: Utiliza-se, muito freqüentemente o jumento para transportar folhas e palhas para o lastro.

CARNAÚBA s. m.

Transc. graf. **Carnaúba**

Árvore da família das palmeiras cujas folhas produzem pó para fabricação da cera.

U tipu di folha" é só separá u ôlhu da palha' é tem u ôlhu bran::cu' i tem a palha' aí a renti cor::ta' a palha qui tem na carnaúba toda, (PAC – SMF – m61NACA).

Nota: Árvore típica do nordeste do Brasil predominante nos Estados do Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte.

CARNAUBAL s. m.

Transc. graf. **Carnaubau.**

Local onde é feito o corte das palhas e folhas da carnaúba.

i tem uns pessoau qui fica é queimanu us carnaubau queimarum' queimarum a maioria queimarum dois milhãu di paia du B. um prejuízu di deis miu reais lá nu pertu du Pecém nu Cauipi... aí as carnaúba queimãu' aí num presta pa tirá nãu' queima essi anu nu ôtu já tira, (PAC – ADRS – m19FICA).

Ver: **mato.**

CARRACO s. m.

Transc. graf. **Carracu.**

Var ms. **Carraquinho, carraco preto, carraco branco.**

Transc. graf. var. ms. **carraquinho, cavacu prêtu, carracu brancu, cavacu brancu, cavacu.**

Tipo de cera da carnaúba extraída da borra do pó branco e da borra do pó preto.

U carracu tira eli da bôrra aí fais issu daqui óh'...É um tipu di cêra mais tem qui sê misturadu já cum pó pá pudê a renti passá porquê num podi passá u carracu puru porquê fica a cêra feia' aí tem qui sê misturadu cum pó du mermu jeitu, (PAC – ML – m58FICA).

*É porquê vai a bôrra...quando chega lá:: tu viu né” Roberto”...Feis aquela **carracuinhu**’ issu ali é u carracu aí fica só aquela pozinhu qui é a bôrra aí é us mininu qui cuzinhãu a bôrra é até meu irmão i meu subrinhu aquelis dois né” (PAC – MCS – f47FICA).*

*Aqui nós apenas’ nós fais só u carracu’ u **cavacu prêtu** qui lá da du pó prêtu essa bôrra aqui’ i du’ nós fais daquela bôrra lá branca nós cuzinha i far u **carracu brancu**’ lastá u carracu aculá naqueli sacu aculá ó’ é u carracu brancu aí elis us cauderista leva nós peza aí elis levam lá pá caudêra pá derretê cum pá saí a cêra gorda dessa grossura aqui i u a i u pó elis derreti cum aquela cum aquela cavacu ali aquela **cavacu brancu** ali aí elis derreti aí fais a cêra lá, (PAC – ADRS – m19FICA).*

*U cavacu’ eli passa aqui na prensa depois di virá u **cavacu** aí eli rai derreti di novu pa...Cavacu’ aí u cavacu eli cuzinha di novu pá apurá u cavacu eli aí tira a bôrra qui a bôrra rai vim’ u tanqui grandi é tanta coiza qui servi qui inté u ú:timu adubu qui lá é di sôventi quando cai aquela puerinha aquela puerinha aí junta prá vendê comu adubu’ servi pra tudu, (PAC – JSM – m59FICA).*

CARREGADOR DE FEIXE s. m.

Transc. graf. **Carregadô di fêxu.**

Trabalhador responsável pelo carregamento dos feixes de folha e de palha para a máquina de cortar palha.

*Nãu tem’ tem’ us **carregadô di fêxu** né” prá cima da máquina i tem us impurradô também di paia pá pudê ela cortá fica u ôtu rá tira a bagana pá pudê’ aí tem muita genti, (PAC – ADL – m59FICA).*

Ver: **palanqueiro.**

CERA DA CARNAÚBA s. f.

Transc. graf. **Cêra**

Material produzido através do cozimento do pó das folhas e palhas da carnaúba

*Dis qui’ eli mi trôssi um horrô di caxa di detergenti essas coiza toda olha aí pá vocêis sabê u qui é feito da **cêra da carnaúba** qué dizê qui essa cêra qui a renti passa nu chãu tudu é da carnaúba’ elis fabricãu aqui é detergenti tudu tudu elis tãu fazendu né? (PAC – MCS – f47FICA)*

CERA ARENOSA s. f.Transc. graf. **Cêra arenoza.**Var. ms. **Arenosa.**Transc. graf. var. ms. **Arenoza.**

Tipo de cera obtida através do pó preto da carnaúba, entretanto seu cozimento deve ser feito com bastante água.

*Aí é a cêra arenoza'...Ezisti' a diferença é porquê a **cêra arenoza'** ela vai mais fraca um poucu'...Ela vai mais fraca du quê a prêta' a prêta ela vai pura né" (PAC – FRAA – m27MCCA).*

*Aí tem a **arenoza'** tem a::'...Arenoza i a::'...É a prêta i a arenoza' a prêta inda é mais cuzinhada i arenoza tem uma aguazinha'...A arenoza é ela é meia clara / (PAC - JSM – m59FICA).*

Nota: O ponto de arrocho da cera preta é diferente do ponto da cera arenosa, esta é cozida com mais água em menos tempo, por sua vez, para o cozimento da cera preta é necessário mais tempo e uma quantidade menor de água. A cera arenosa é verde acinzentada e contém, em média, 6% de água em sua composição.

CERA BRANCA s. f.Transc. graf. **Cêra branca**Var. ms. **Branca.**

Tipo de cera fabricada através do pó branco da carnaúba.

*A **cêra branca** é fabricada assim comu você tá vendu' aí dus baldi' ela sai dali passa na prensa' apara nesse tachu' tira a água pá pudê colocá pas forma' aí já tá pronta já, (PAC –ADL – m59FICA).*

*A **braca** é feitu du da u pó ôlhu i a palha é da cêra prêta a palha aí corta di 50 i 50 sãu 20 moi pá dá um mieru é tudu contadim leva num jumentu culá aí seca istendi amarra aí fais... aí u reboqui vai i corta tira u pó pá pá (+) fazê a cêra, (PAC – JSM – m59FICA).*

Ver: **cera do olhu, cerinha amarelinha.**

Nota: O cozimento da cera branca é feito em balde onde acrescenta-se água, sal azedo e o pó branco que deve ser colocado aos poucos, além disso o cozinhador deve permanecer mexendo até chegar ao ponto adequado.

CERA DA PALHA s. f.Transc. graf. **Cêra da paia.**

Tipo de cera obtida através do pó preto retirado da palha da carnaúba.

A cêra mar assim é a prêta né” cêra... da paia, (PAC – FASP – m19MICA).Ver: **cera preta.****CERA DO OLHO** s. f.Transc. graf. **Cêra du ôlhu.**Var. ms. **Cera olho.**Transc. graf. var. ms. **Cêra ôlhu.***Num sei’ eu tenhu um amigu qui chama-si A. J.’ eli chama u ôlhu é u filé num sei porquê u ôlhu é u melhô,...É u ôlhu né” é tantu qui a cêra du ôlhu é cem reais a arroba,* (PAC – MCS – f47FICA).*A cêra ôlhu” é a a genti fabrica nuns tambô i bota numa prensa::’é impressadu numa prensa’ nessa aí,* (PAC –SMF – m61NACA).Ver: **cera branca.****CERA PRETA** s. f.Transc. graf. **Cêra prêta***A cêra prêta é qui eu num gostava’ fazia di dois tipu arenoza i a prêta né” a prêta tem qui sê cum pouca água’ si ela apurá’ ela fica pura sem tê água agora aqui essa arenoza num é assim essa daí tem muita água ainda,* (PAC – ADL – m59FICA).Ver: **cera da palha.**

Nota: A cera preta é preparada na caldeira.

CERINHA AMARELINHA s. f.Transc. graf. **Cêrinha amarelinha***A caudêra’ a caudêra ela bota naquela caudêra bem grandi aí bota a lenha lá em baxu’ aí bota miu litru d’água’ pá di’ ou dois miu litru pá depois jogá u pó prêtu i ali nãu u pó brancu é difenti’ bota bem poquinho pó né” bem poquinho água pá depois í joganu us pó joganu us pó até qui fica a cêrinha bem amarelinha né” u mistériu só é essi na ôta é um horrô di miu litru d’á::gua i nessa dali é poquinho’ aí rai ficanu aquela cêrinha amarelinha,* (PAC – MCS – f47FICA).Ver: **cera branca.**

CISCADOR s. m.Transc. graf. **Ciscadô.**

Objeto de ferro utilizado para espalhar a bagana.

*É u u da bagana' é cumé qui dis é u ciscadô é u fica nu **ciscadô'** a profissãu deli mermu é só ficá nu ciscadô, (PAC – FMD – m20FICA).*

Ver: **gancho****CISCADOR** s. m.Transc. graf. **Ciscadô.**

*Us ajudanti tudim tudu em serviçu'...É butadô di fêxu' tiradô di imbirá' **ciscadô di bagana** metedô di paia'...As profissôis mermu sãu essas (+) quando um tá cansadu u ôtu topa ajudá u ôtu, (PAC – ASS – m20FICA).*

Ver: **bagaceiro.****CISCAR** v.Transc. graf. **Ciscá.**

Processo que consiste em juntar ou espalhar a bagana e os feixes de palha.

*Nu cazu u gancho i as mãu pá carregá u fêxu só'...Nãu' gancho pá **ciscá** u fêxu i as mãu pá carregá u fêxu'...Pá ispalhá issu' issu, (PAC – RBS – m37MCCA).*

COMBOIEIRO s. m.Transc. graf. **Comboêru, Camboiêru, comboiêru.**

Trabalhador responsável pelo transporte das folhas e das palhas da carnaúba.

*Rapai' você sabi qui tem as taboca pá pu varêru derrubá tem us aparadô pá juntá i tem u **comboêru** também qui ôtra pessoa que rem peganu tudu aí bota nu laçu pa secá aí nu períodu di oitu ô deis dia elis amarrãu pá dexá nu pontu da máquina di cortá,*

*...i u quê controla u animau é u **camboiêru** qui pega as ruminha pá fazê a ruma lá pu carru u... Pá ispalhá pá ispalhá, (PAC – JSM – m59FICA).*

*A extraçãu u B. leva us cortadô' leva mais di vinte hõmi us hõmi corta' corta cum a taboca' u aparadô apara' aí depois vem u **comboiêru'** u comboiêru leva u caminhãu quando é longi u caminhãu vai lerrá pu terrenu deli... (PAC – ADRS – m19FICA).*

Nota: Quase sempre o transporte das palhas é realizado com auxílio de jumentos ou burros. Os animais sofrem muito, pois são obrigados a carregar muito peso e percorrer longas distâncias.

COMBOIO s. m.Transc. graf. **Comboiu***Aí bota u **comboiu** bota u laxtu i amarra, (PAC – ARG – m31NACA).*Ver: **cambo****CORTADOR** s. m.Transc. graf. **Cortadô.**Var. ms. **Cortador de olho, cortador de palha**Trans. graf. var. ms. **Cortadô di ôiu, cortadô di paia.**

Trabalhador encarregado do corte das folhas e das palhas da carnaúba no carnaubal.

*Corta cuma foici aí vem um i apara'...Um corta um' u ôtu apara'...U **cortadô** i u ôtu é u aparadô, (PAC – FMD – m20FICA).*Ver: **derrubador, mateiro, vareiro****CORTADOR DE OLHO** s. m.Transc. graf. **Cortadô di ôiu**

Trabalhador responsável pelo corte da folha do olho da carnaúba

*Aqui é cortada aí aparada podi í de 50 i 50 paia'... É **cortadô di ôiu** u nomi'... Corta as palha todim aí u ôiu brancu é qui dá a cêra branca justamenti é a cêra branca nessa coiza aí, (PAC – JSM – m59FICA).***CORTADOR DE PALHA** s. m.Transc. graf. **Cortadô di paia**

Trabalhador responsável pelo corte da palhas da carnaúba.

*Lá em cima né"...É us pessoau' us hõmi cortandu né" cum a taboca'...É u **cortadô di paia**, (PAC – MCS – f47FICA).***CORTAR** v.Transc. graf. **Cortá.**

Processo que consiste em realizar o corte das folhas e das palhas da carnaúba no mato.

***Corta** Ver:di' istendi' seca' amarra' i a genti leva a máquina' aí obi::tem u pó, (PAC – SMF – m61NACA).*

Nota: Para o corte o cortador utiliza a taboca. Ele deve ser muito hábil e possuir muita experiência nessa atividade, pois qualquer eventual distração, pode provocar sérios acidentes, tanto para o cortador como também para o aparador.

CORTAR v.

Transc. graf. **Cortá.**

*Corta primêru a prêta' a da paia' aí depois tira u pó da prêta aí rai i **corta** a branca separada num podi cortá juntu nãu'...U pó vai pu panu da máquina lá em cima i a bagana sai'...É tipu um balãu qui fica lá em cima cum pó subinu, (PAC – FMD – m20FICA).*

Ver: **bater.**

COSTUREIRO s. m.

Transc. graf. **Cuxturêru.**

Trabalhador responsável pela costura dos sacos que contêm cera de carnaúba.

*É tem' u caba qui peza u pó i derrama dentu aí tem us' quebra i ensaca aí cuxtura...É **cuxturêru**, (PAC – FASP – m19MICA).*

Ver: **enfeixador.**

COZIMENTO DO PÓ s. m.

Transc. graf. **Cuzimentu du pó.**

Operação pela qual o pó é cozido para a fabricação da cera de carnaúba.

*U **cuzimentu du pó** é qui elis botãu água'...Elis botãu água na caudêra cumu tá fazendu aí bota coloca u pó dentru aí eli derreti u pó quando vê qui tá nu níveu eli rai i apaga u fogu dibaxu da caudêra aí dêxa decantanu quando por ezemplu u dia aí quando é nu ôtu dia sóuta aqui tira a cêra bota na ôta caudêra quando acabá fervi firvida na ôta caudêra quando acabá sóuta di novu nu tanqui aí a cêra tá feita, (PAC – ML – m56FICA).*

COZINHADOR s. m.

Transc. graf. **Cuzinhadô, cunzinhadô.**

*É duas pessoa pá fazê a cêra arenoza'...É é us cauderista é us dois juntu'...É dois cauderista'...Ôlhu' é dois também' dois também'... É u **cuzinhadô** i u prensêru' (PAC – SMF – m61NACA).*

*Issu aí é **cunzinhadô**, (PAC – JSM – m59FICA).*

Ver: **caldeireiro**.

COZINHADOR DE BORRA s. m.

Transc. graf. **Cuzinhadô di bôrra, cunzinhadô di bôrra.**

*Us ôtus é qui cuzinha a bôrra a bôrra'...É **cuzinhadô di bôrra mermu'**...É *elis mezm*u us qui cuzinhãu a bôrra'...lá é u cauderista, (PAC – MCS – f47FICA).*

*É **cunzinhadô di bôrra mermu**, (PAC – MCS – f47FICA).*

Ver: **borreiro**.

COZINHADOR DE CERA s. m.

Transc. graf. **Cuzinhadô di cêra.**

Trabalhador responsável pelo cozimento da cera branca de carnaúba.

*É porquê lá é nu cauderãu grandi i aqui é nus piquinininhu chama-si u **cuzinhadô di cêra'**...Aqui é u cuzinhadô di cêra, (PAC – JSM – m59FICA).*

*É porquê lá é nu caudêrãu grandi i aqui é nus piquinininhu chama-si u **cunzinhadô di cêra**, (PAC – MCS – f47FICA).*

Ver: **cozinhador de pó branco**.

COZINHADOR DE PÓ BRANCO s. m.

Transc. graf. **Cuzinhadô di pó brancu.**

*Nãu ali eu num sei nãu' a genti conheci assim comu **cuzinhadô di pó brancu né'**...I prontu eli fais aquela pozinhu / (PAC – MCS – f47FICA).*

Ver: **cozinhador de cera**.

COZINHAR v.

Transc. graf. **Cozinhá, cunzinhá.**

Processo que consiste no cozimento da cera branca e da cera preta de carnaúba.

*Nãu só façu **cunzinhá'** i levu pá Cerapelis' i lá *elis é quem binificia né'* (PAC – SMF – m61NACA).*

*Mermu jeitu aculá' i eli ienchi d'água até as autura aí eli bota pó dentu i sau azedu dexa **cunzinhá** bastanti passa pu ezemplu eli tanu hoji tira só amanhã di noiti, (PAC – FASP – m19MICA).*

| |
|---|
| d |
|---|

dd

DERRETER v.

Transc. graf. **Derretê**

Processo que consiste em dissolver o pó cerífero em água fervente.

*Aí é us tambozinhu di derretê' tamboris'...É aí pá **derretê** a branca a caudêra é u pozãu prêtu qui derreti bota aquela cerona arenoza aculá, (PAC – JSM – m59FICA).*

Nota: O cozinhador de cera branca no tambor e o caldeireiro devem permanecer mexendo até que o pó cerífero derreta completamente.

DERRUBADOR s. m.

Transc. graf. **Derrubadô.**

*Qui essa daí' u quandu ela seca aí nós vamu cortá pá tirá u pó pá fazê a cêra prêta sabi aí u ôlhu qui é aqueli lá di cima ó,...É u **derrubadô**, (PAC – PPFA – m22FICA).*

Ver: **cortador.**

DERRUBAR v.

Transc. graf. **Derrubá**

*A renti depois **derruba** apara ela' a renti apara ela bota pá secá'... (PAC – ML – m58FICA).*

Ver: **cortar.**

DESMANCHAR v.

Transc. graf. **Dismanchá.**

Processo que consiste no reaproveitamento do carraco para transformá-lo em cera de carnaúba.

*Aí lá elis fais u carracu aí nós trais u carracu' é quazi a merma cêra' qui é u qui elis tãu fazenu lá da bôrra' aí nós bota u carracu aí dentru i **dismancha** im cêra, (PAC – FMD – m20FICA).*

ESPALHADOR DE BAGANA s. m.

Transc. graf. **Ispaiadó di bagana**

É ispaiadó di bagana qui é ganchêru, (PAC – AJS – m26FICA).

Ver: **bagaceiro**.

ESPALHAR v.

Transc. graf. **Ispalhá**.

Processo que consiste em dispersar as folhas e palhas da carnaúba no lastro para secar.

Lastêru é u lastêru’...Pá ispalhá pá ispalhá’... Aí quandu ramu dizê inté cum oitu dia si fô muito’ aí vem u amarradó amarra i mói a máquina rói i corta aí fais u pó... (PAC – JSM – m59FICA).

Ver: **estender**.

ESTENDEDOR s. m.

Transc. graf. **Ixtendedô**.

Trabalhador encarregado de estender as folhas e palhas da carnaúba no lastro para secar.

U processu é’ tem u ixtendedô i u amarradó né” qui istendi i quandu seca amarra né” pá passá na máquina, (PAC – FRAA – m27MCCA).

Ver: **lastreiro**.

ESTENDER v.

Transc. graf. **Ixtendê**.

Escólhi’ escólhi na ora quandu vai ixtendê separa u ôi brancu i paia prum ladu’...Secá ela i estendi nu mei finu aí u sóu vai secanu rragazinhú aí’...Achu qui umas duas semana nu mínimu, (PAC – ASS – m20FICA).

Ver: **espalhar**.

ESTENDIDA adj.

Transc. graf. **Ixtendida**.

Referente às folhas e palhas espalhadas no chão para secar.

Qui é a prêta chama arenoza né”...É istendi ela assim óh’... Istendi ela assim depois qui ela tá ixtendida aí seca quandu acabá amarra i passa na máquina, (PAC – ML – m58FICA).

EXAUSTOR s. m.

Transc. graf. **Ezauxtô.**

Aparelho utilizado para sugar o pó separando-o da bagana.

É sistema di trituragi cum ezauxtô'...U pó é separadu da palha cum ezauxtô suganu u pó'...Vai pá dois ladu né" eli passa numa numa du sacu du sacu passa pum balãu porquê geraumenti u balãu eli suspira, (PAC – RAS – m37FCCA).

EXTRAIDORA DE PÓ s. f.

Transc. graf. **Extraidôra di pó.**

Equipamento destinado à serragem das folhas e das palhas da carnaúba para obtenção do pó cerífero.

*Aqui é uma: istra:tô:ra di di uma **ixtraidôra di pó** di carnaúba istraidora di pó di carnaúba'...A finalidadi dela é istraí u pó du da paia di carnaúba'...É sistema di trituragi cum ezauxtô, (PAC – RAS – m37FCCA).*

Ver: **máquina de cortar palha.**

EXTRAÇÃO s. f.

Transc. graf. **Extração.**

Operação que consiste no corte das folhas e das palhas de carnaúba para a obtenção do pó cerífero.

*A **extração** u B. leva us cortadó' leva mais di vinti hõmi us hõmi corta' corta cum a taboca' u aparadô apara' aí depois vem u comboiêru' u comboiêru leva u caminhãu quandu é longi u caminhãu vai lerrá pu terrenu deli eli leva aí us istendendô istendi quandu tirré bem sequinha mais di quinze dia u B. manda u amarradô amarra as paias depois u amarradô amarra fais a sua obrigaçãu...(PAC – ADRS – m19FICA).*

EXTRAIR O PÓ v.

Transc. graf. **Extraí.**

Processo que consiste em obter o pó retirado das folhas e das palhas da carnaúba.

*A extração da paia você qué dizê tiranu ela pá pudê **extraí u pó** né" (PAC – ADL – m59FICA).*

f

FEIXE s. m.

Transc. graf. **Fêxu di palha.**

Var. ms. **Feixe de palha.**

Transc. graf. var. ms. **Fêxu di palha.**

Molho de palhas da carnaúba selecionadas e amarradas.

Aí fexêru né” dois fexêru’...Carrega u fêxu’...Fêxu é a palha’ cem palha maiz ô menu’ tem essi fêxu aqui’...É maiz ô menu um maçu, (PAC – AJS – m26FICA).

É amarradu separadu u ôlhu i u fêxu da palha (+) u pó prêtu é u da palha i u ôlhu é u: chama-si ôiu brançu é u da cêra branca é u qui é / (PAC – JSM – m59FICA).

Ver: **maço.**

FEIXEIRO s. m.

Transc. graf. **Fexêru.**

Tem uns qué fexêru qui pega us fêxus tem uns qué us maquinista um qui fica só amolandu as navalha.. (PAC – ADRS – m19FICA).

Ver: **amarrador.**

FINO adj.

Transc. graf. **Finu.**

Referente à folha olho da carnaúba cuja espessura é menor que a palha.

U ôlhu é finu’ i a palha é larga’ aí a renti separa pá pudê fazê... (PAC – ML – m58FICA).

FOGUEIRO s. m.

Transc. graf. **Foguêru.**

Trabalhador responsável pela fomalha.

Lá nu fogu si bota us baldi pá cuzinhá quandu tá pruntu bota na prensa’...Lá é u < foguêru é foguêru’ (PAC – JP – m38FICA).

Ver: **foguista, fomalheiro.**

FOGUISTA s. m.

Transc. graf. **Foguixta.**

Lá é u foguixta'...É qui trabalha nu fogu, (PAC – FRAA – m27MCCA).

Ver: **fogueiro.**

FOLHA DE OLHO s. f.

Transc. graf. **Foia di ôiu.**

Parte da da carnaúba que produz o pó branco.

Escolhida a foia di ôiu a renti separa ela aí u ôlhu /...U ôlhu é finu' i a palha é larga' aí a renti separa pá pudê fazê / (PAC – ML – m58FICA).

Ver: **olho branco.**

FORMA s. f.

Transc. graf. **Fôrma**

Objeto feito de azulejo onde é a cera branca é colocada em estado líquido para que se solidifique.

*A cêra branca é fabricada assim comu você tá vendu' aí dus baudi' ela sai dali passa na prensa' apara nesse tachu' tira a água pá pudê colocá pas **forma**' aí já tá pronta já, (PAC – ADL – m59FICA).*

Nota: Há várias formas no chão, elas devem ter aproximadamente um metro e meio de largura por um metro de comprimento. Nelas, a cera é colocada quente para esfriar. A cera esfria e se solidifica, em seguida ela é quebrada.

FORNALHA s. f.

Transc. graf. **Fornaia.**

Objeto feito de tijolo onde ocorre o cozimento da cera de carnaúba.

*U ôlhu elis bota dois baudi d'água' aí bota um baidi' dois baudi di carracu di cavacu brancu' aí bota u tantu du pó aí sapeca' aí bota fogo nas **fornalha**' aí quandu turré pruntu u cara mexi lá quandu turré pruntu eli passa pá prensa i a prensa u cara prensa' aí rai sainu a cêra aí depois eli quandi num turré mar sainu mar nada /, (PAC – ADRS –m19FICA).*

Ver: **forno.**

Nu cazu u ganchu i as mãu pá carregá u fêxu só'...Nãu' ganchu pá ciscá u fêxu'...Pá ispalhá issu' issu, (PAC – RBS – m37MCCA).

Ver: **ciscador**.

GOIVAZINHA s. f.

Transc. graf. **Goivazinha**

Objeto utilizado para cortar as palhas e folhas da carnaúba.

Tamboca' tamboca' cumas goivazinha né'...Uma' tipu uma foicizinha piquena, (PAC – AJS – m26FICA).

h/i

IMBIRA s. f.

Transc. graf. **Imbira**.

Objeto feito da palha da carnaúba utilizado para amarrar os feixes de palha.

Aí daí' depois qui tá seca' rá é ôtu mar duas pessoa qué u amarradô rem amarrá us fê:xu'...É um molhu é qui elis amarra pá num ficá sóutu'...Cum imbira, (PAC – PPFA – m22FICA).

Nota: Espécie de barbante que tem a finalidade de amarrar os feixes de palha.

IMBIREIRO s. m.

Transc. graf. **Imbirêru**.

Na máquina lá' eu metu paia' tiru imbira'...É u imbirêru'...Cada um tem a profissãu, (PAC – PPFA – m22FICA).

Ver: **amarrador**.

INSTRUTOR DE CERA DA CALDEIRA s. m.

Transc. graf. **Instrutô**.

Trabalhador encarregado de fornecer informações sobre o cozimento e a prensagem da cera.

Eu sô' minha profissãu é: é: instrutô i produtó mezmu'...Di cêra da caudêra'...Eu:: dô instruçãu au trabalhu cum u ajudanti' (PAC – FRAA – m27MCCA).

j/l



LARGA adj.

Transc graf. **Larga**

Referente à espessura da palha da carnaúba que é mais larga que folha olho.

U ôlhu é finu' i a palha é larga' aí a renti separa pá pudê fazê... (PAC – ML – m58FICA).

LASTREIRO s. m.

Transc. graf. **Laxtêru.**

A secagi é aí a renti dismancha tem u laxtêru'...É u qui ispalha' leva nu jumentu ou nu carru far a ruma lá aí sai tudinha numa feita as tirinha aí quando seca aí amarra fais ruma a máquina vai i corta aí fais u pó pá fazê a, (PAC – JSM – m59FICA).

Ver: **estendedor.**

LASTRO s. m.

Transc. graf. **Laxtu.**

Local, no campo, onde as folhas e palhas da carnaúba são secadas.

Aí vem u comboieru comboieru é qui anda cuns animais pega u cêxtu bota lerra pu laxtu aí lá tem u lastêru istendi aí vem u amarradô amarra / (PAC – FMD – m20FICA).

m



MAÇO s. m.

Transc. graf. **Maçu.**

Aí fexêru né” dois fexêru’...Carrega u fêxu’...Fêxu é a palha’ cem palha maiz ô menu’ tem essi fêxu aqui’...É maiz ô menu um maçu, (PAC – AJS – m26FICA).

Ver: **feixe**.

MÁQUINA DE CORTAR PALHA s. f.

Transc. graf. **Máquina di cortá palha, máquina di cortá paia.**

Var. ms. **Máquina de triturar palha, máquina.**

Transc. graf. var. ms. **Máquina di triturá paia, máquina.**

É máquina mermu é máquina di cortá paia, (PAC – FMD – m20FICA).

Máquina di cortá palha é uma máquina’...Tinha uma Guarani réia’...Ela tira u pó aí boti u’ aí corta u ôlhu brancu nu mermu sacu’ bateu aí tira u pó ôlhu qui vai pa cêra branca, (PAC – JSM – m59FICA).

... u B. manda u amarradô amarra as paias depois u amarradô amarra fais a sua obrigaçu aí u rem a máquina di triturá as paia aí depois u us hõmi da máquina dexa u pó pelu uma caza pur lá aí manda u fi: deli rim buscá i us mininu far u processu aí cuzinha cuzinha u pó brancu u pó prêtu aí apareci a bõrra pa nós cuzinhá, (PAC ADRS – m19FICA).

Por ezemplu assim’ eu trabaiu na máquina também’...Essa máquina tá lá culá nu ôtu ladu di lá’...Ela corta a paia’ u caba’ a bagana sai pum ladu i u pó pur ôtu, (PAC – FASP – m19MICA).

Ver: **extraidora de pó**.

Nota: De acordo com a capacidade de trituração, existe uma classificação para a máquina em três tipos : Tipo A (tritura 100 milheiros de palhas por dia); Tipo B (tritura 200 milheiros de palhas por dia); Tipo C (tritura 300 milheiros de palhas por dia).

MAQUINISTA s. m.

Transc. graf. **Maquinixta**

Trabalhador responsável pela manutenção da máquina de cortar palha.

É tem na máquina’ tem quatu maquinista’ é tem us quatu qui ajuda’ cê pega u pó nu matu’ tem u maquinixta’ cê pega quatu hõmi rai lerrandu u materiau pá cortá na máquina aí, (PAC – JP – m38FICA).

MARACÁ s. m.

Transc. graf. **Maracá**

Parte da carnaúba que não pode ser cortada.

Elis lá' elis sabi elis né'' tira a paia i coiza dexa só u maracá da bicha da carnaúba qué pá num matá ela, (PAC – FMD – m20FICA).

Nota: O maracá representa a vida da carnaúba, quando o cortador de palha retira-o, ele mata a carnaúba.

MATEIRO s. m.

Transc. graf. **Matêru.**

Quem derruba sãu matêru né'' profissãu né'' (PAC – FRAA – m27MCCA).

Ver: **cortador.**

MATO s. m.

Transc. graf. **Matu.**

Issu di gostá ninguém gosta nãu'...Longi di caza assim' passa a semana nu matu né'' u caba dizê qui gosta' tá mintinu né''...U aumoçu num tem ora, (PAC – AJS – m26FICA).

Ver: **carneubal.**

METER v.

Transc. graf. **Metê.**

Processo que consiste em introduzir folhas e palhas da carnaúba na máquina de cortar palha para obter o pó cerífero.

Na máquina lá' eu metu paia' tiru imbira' botu fê::xu, (PAC – PPFA – m22FICA).

METEDOR DE PALHA s. m.

Transc. graf. **Metedô di paia.**

Ali sãu umas oitu pessoa' tem u metedô di paia i us carregadó di fêxu u metedó i us carregadó di fêxu'...É dois metenu paia' i uns carreganu' aí tem ôtus metedô di paia quando tá cansadu eli vai i troca (PAC – FMD – m20FICA).

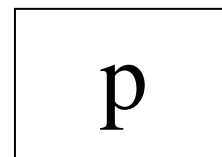
Ver: **botador de palha.**

MEXEDOR s. m.

Transc. graf. **Mexedô**

U ôiu né” as paia né” nãu as paia da du pó prêtu a renti joga nu chãu’ abri u fêxu joga nu chãu istendi di três em três i u ôlhu nãu u oinhu dessa cerinha amarelinha é só u oinhu istiradu nu chãu, (PAC – MCS – f47FICA).

Ver: **folha de olho.**



PALANQUEIRO s. m.

Transc. graf. **Palanquêru.**

...tem um qui é u u palanquêru qui pega us fêxu... (PAC – ADRS – m19FICA).

Ver: **carregador de feixe.**

Nota: Os feixes de palha são transportados até a máquina de cortar palha. O trabalho é árduo, pois é realizado sob sol muito quente, além disso o palanqueiro deve transportar muitos feixes de palha para que a produção de pó seja satisfatória.

PALHA s. f.

Transc. graf. **Paia.**

Parte da carnaúba que produz o pó preto.

Hum (+) eu comecei quando comecei cortanu a paia verdi’ trabaianu na máquina juntu cum reboqui’ tem até um ali aí depois a renti dirritia era pur conta própria mermu da genti papai nós tudim em caza nós trabaiaava pa genti mermu’ vendia a cêra rá feita, (PAC – JSM – m59FICA).

PANO DA MÁQUINA s. m.

Transc. graf. **Panu da máquina.**

Corta primêru a prêta’ a da paia’ aí depois tira u pó da prêta aí rai i corta a branca separada num podi cortá juntu nãu’...U pó vai pu panu da máquina lá em cima i a bagana sai’...É tipu um balãu qui fica lá em cima cum pó subinu, (PAC – FMD – m20FICA).

Ver: **balão.**

PASSAR v.

Transc. graf. **Passá.**

Processo que consiste em utilizar novamente a borra para fabricar a cera.

*Aculá é porquê é um' a bôrra fica lá a bôrra fica moiada porquê tem qui **passá** ôta vês' nóis passa ôta vês aí fica seca iguau aquela aculá ó' aí fica seca essa daqui já é aquela aculá,* (PAC – ADRS – m19FICA).

Nota: A borra é reprocessada novamente para a produção do carraco.

PASSAR v.

Transc. graf. **Passá.**

*Istendi ela assim depois qui ela tá istendida aí seca quandu acabá amarra i **passa** na máquina'...Ela passa na máquina,* (PAC – ML – m58FICA).

Ver: **cortar.**

PENEIRA s. f.

Transc. graf. **Penêra.**

Objeto feito com fios de arame, utilizado para impedir a passagem da bagana na máquina de cortar palha.

*A **penêra**' cum a penêra é u ezaustô qui chupa,* (PAC – RBS – m37MCCA).

Ver: **tela.**

PÓ s. m.

Transc. graf. **Pó.**

Var. ms. **Pozinho.**

Transc. graf. var. ms. **Pozinhu.**

Material extraído das folhas e das palhas da carnaúba para fabricação da cera de origem e da cera refinada.

*Nãu porquê tem' sérra u brancu ou sérra u prêtu' aí tira' aí sérra u ôtu entendeu sãu dois tipu di paia' sérra uma' aí depois sérra ôta' aí tira u **pó**' num sérra us dois pó juntu' entendeu" sai primêru u pó prêtu por ezemplu' essa paia aí sérra ela' aí tira u pó dela depois ramu sérrá u brancu qué aquela ruma qui tá lá na frenti,* (PAC – RBS – m37MCCA).

*Feis aqueli carraqinhu' issu ali é u carracu aí fica só aqueli **pozinhu** qui é a bôrra aí é us mininu qui cuzinhãu a bôrra é até meu irmãu i meu subrinhu aquelis dois né?* (PAC – MCS – f47FICA).

PÓ BRANCO s. m.Transc. graf. **Pó brancu.**Var. ms. **Pozinho branco.**Transc. graf. var. ms. **Pozinhu brancu.**

Tipo de pó obtido através da folha olho da carnaúba para produção artesanal ou industrial da cera branca.

U pó brancu rá é mais brancu' essa cô aqui é' i u brancu é tiradu du ôlhu u ôtu é da folha normau mezmu, (PAC – RBS – m37MCCA).

É cauderista'... Us ôtu é:: cuzinha a bôrra qui é meu cumpadi né"...cuzinhá um pozinhu brancu né"...I prontu eli fais aqueli pozinhu, (PAC – MCS - f47FICA).

Ver: **pó do olho.****PÓ DA PALHA** s. m.Transc. graf. **Pó da paia.**

Tipo de pó obtido através da palha da carnaúba para produção artesanal ou industrial da cera preta.

Essis aí qui passô agora elis cuzinhãu u pó da paia né" na caudêra né"...É cauderista, (PAC – MCS – f47FICA).

Ver: **pó preto.****PÓ DO OLHO** s. m.Transc. graf. **Pó du ôlhu.**Var. ms. **Pó olho.**Transc. graf. var. ms. **Pó ôlhu.**

U pó du ôlhu cê risca né"...Passa na máquina também' só qui é separadu du prêtu'...Aí prontu aí derreti nu fogu aí' i far a cêra, (PAC – JP – m38FICA).

A branca é feito du da u pó ôlhu i a palha é da cêra prêta a palha aí corta aí di 50 i 50 sãu 20 moi pá dá um mieru é tudu contadim leva num jumentu culá aí seca ixtendi... amarra aí fais... aí u reboqui vai i corta tira u pó pa (+) pá fazê a cêra,(PAC – JSM – m59FICA).

Ver: **pó branco.****POEIRINHA** s.f.Transc. graf. **Puerinha.**

*Cavacu' aí u cavacu eli cuzinha di novu pá apurá u cavacu eli aí tira a bôrra qui a bôrra rai vim...u tanqui grandi é tanta coiza qui servi qui inté u ú:timu adubu qui lá é di sôventi quandu cai aquela **puerinha** aquela puerinha aí junta prá vendê comu adubu' servi prá tudu / (PAC – JSM – m59FICA).*

Ver: **adubo**.

PÓ PRETO s. m.

Transc. graf. **Pó prêtu**.

Var. ms. **Pozão preto**.

Transc. graf. var. ms. **Pozãu prêtu**.

*Porquê a palha' a palha da palha mermu a carnaúba constrói u **pó prêtu** qui construía a cêra prêta né" u ôlhu da carnaúba i qui constrói a cêra branca, (PAC – FRAA – m27MCCA).*

Ver: **pó da palha**.

PRENSA DE FERRO s. f.

Transc. graf. **Prensa di ferru**.

Equipamento utilizado para fabricar a cera preta.

*É a bôrra aqui eli cuzinha di novu cum água' cuzinha di novu cum água passa na **prensa di ferru** aculá quandu acabá fais issu aí, (PAC – ML – m58FICA).*

PRENSA DE MADEIRA s. f.

Transc. graf. **Prensa di madêra**.

Equipamento utilizado para fabricar a cera branca.

*Nãu é nãu' a di lá é di ferru essa daí é di madêra é tudu diferenti u ... é di ferru essa daí é toda di madêra né"...É uma **prensa di madêra** i as di lá sãu di ferru né" (PAC – MCS – f47FICA).*

PRENSADOR s. m.

Transc. graf. **Prensadô**

Var. ms. **Preseiro, preseiro de pó branco**.

Transc. graf. var. ms. **Prensêru, prensêru di pó branco**.

Trabalhador encarregado de prensar a cera branca e a cera preta.

*Eli' aí é u **prensadô** eli aí, (PAC – PPFA – m22FICA).*

Ali é foguista u ôtu é u prensêru'...U foguista fais só derretê u pó' bota na lata i u prensêru leva pá butá na prensa'...Acocha lá passa' passa a tachada' acocha aí tira u tachu bota pá decantá i sóuta nu tanqui'...Bota pá decantá uns cincu minutus, (PAC – FMD – m20FICA).

Lá u seu A. é foguista é u foguista i u ôtu é u prensêru di pó brancu'...Fais dessi jeitu assim ó' só prensanu a a / (PAC – ADRS – m18FICA).

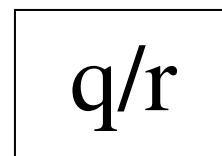
PRODUÇÃO s. f.

Transc. graf. **Produçãu.**

Fabricação artesanal da cera de carnaúba.

Aqui elis trabalhãu na produçãu da cêra mar é differenti' é nus baudi sabi'... A genti tem as caudêra uma coiza' us baudi é ôtus us baudi, (PAC – FRAA – m27MCCA).

Nota: Alguns produtores de cera artesanal são unânimes em afirmar que o processo de produção artesanal da cera de carnaúba encontra-se em vias de desaparecimento. Isso ocorre, principalmente, por falta de apoio financeiro dos governantes. Outro fator diz respeito ao tipo de trabalho, considerado árduo e insalubre.



aa

QUEBRADA adj.

Transc. graf. **Quebrada.**

Referente à cera branca e à preta que são quebradas e ensacadas.

Essa também é quebrada, (PAC – FASP – m19MICA).

QUEBRADOR DE CERA s. m.

Transc. graf. **Quebradô di cêra.**

Trabalhador encarregado de quebrar a cera .

...A prêta' elis cuzinha aí depois di um bom tempu di noiti elis tirãu derrama tudim dexa ressecá elis quebrãu...É é quebradô di cêra' ...é quebra cêra, (PAC – FASP – m19MICA).

*É vóuta u mundu'...Dentru da prensa'...É tem a prensa é,...dizem quem trabaia cum eli vóuta u mundu **sacunalhu** né”* (PAC – JP – m38FICA).

SACODIR v.

Transc. graf. **Sacudí.**

*Rapai' separa a bagana du pó na tela né”...É uma tela qui ela tem uma tela fina cuns bichu us caceti batenu né” aí u pó ela **sacodi** a paia pá fora a bagana i u pó sobi pra cima qué finu né” enta na telazinha pu sacu,* (PAC – JMVS – m47NACA).

Ver: **cortar.**

SAL AZEDO s. m.

Transc. graf. **Sau azêdu.**

Produto químico utilizado para purificar a cera.

*Mermu jeitu aculá' i eli ienchi d'água até as autura aí eli bota pó dentu i **sau azêdu'** dexa cunzinhá bastanti passa pu ezemplu eli tanu hoji tira só amanhã di noiti,* (PAC – FASP – m19MICA).

SAPECAR v.

Transc. graf. **Sapecá.**

Processo que consiste em pôr fogo na fomalha para cozinhar a cera de carnaúba.

*Us baudi é du mermu jeitu issu aí é porquê sãu mais baxu i é mais rápidu das tachada cuzinhá lá é elis tem qui **sapecá** fogu i ficá mexenu diretu,* (PAC – ADRS – m19FICA).

SECAGEM s. f.

Transc. graf. **Secagi.**

Operação através da qual as folhas e palhas da carnaúba são expostas ao sol.

*A **secagi** é aí a renti dismancha tem u lastêru,...Rapai' quandu sóu tá bem quenti é cincü ô seis dia,* (PAC – JSM – m59FICA).

Nota: Quanto mais tempo as folhas e palhas estiverem expostas ao sol maior será a quantidade de pó obtida.

SECAR v.

Transc. graf. **Secá.**

Processo que consiste na secagem das folhas e palhas da carnaúba.

*Pá pudê saí u pó”...Pá passá na máquina” sei’...A renti depois derruba apara ela’ a renti apara ela bota pá **secá**, (PAC – ML – m58FICA).*

SEPARADO adj.

Transc. graf. **Separadu**.

Referente à separação do pó branco e do pó preto que são separados na hora da extração.

*Tem’ tem’ u prêtu é separadu i u brancu rá é dôtu jeitu rá **separadu** também num podi misturá us dois juntu nãu, (PAC – ASS – m20FICA).*

SEPARADOR s. m.

Transc. graf. **Separadô**.

Trabalhador encarregado de separar as folhas das palhas da carnaúba.

*Nãu’ eli trais aqui tem uma turma qui dividi ôtu qui amarra’ é assim sabi várius setoris’... **Separadô** mermu, (PAC – RBS – m37MCCA).*

SEPARAR v.

Transc. graf. **Separá**.

Processo que consiste na separação pó branco e do pó preto da bagana.

*Pá fazê primêru u pó passá na máquina né” qué pá modi a máquina **separá** a bagana du pó né”...Separa a bagana i u pó né” (PAC – PPFA – m22FICA).*

SERRADOR s. m.

Transc. graf. **Serradô**.

Trabalhador responsável pela serragem das folhas e palhas da carnaúba.

*Prontu’ tem u **serradô**’ ...Qui sãu dois né”...Serra a paia’ meti a paia na máquina, (PAC – RAS – m37FCCA).*

SERRAR v.

Transc. graf. **Serrá**.

*Aí já tem us fexêru qui trais us fêxu pu tiradô di imbira sacá a imbira pu serradô **serrá**, (PAC – RAS – m37FCCA).*

Ver: **bater**.

Objeto feito de bambu contendo uma foice na extremidade que serve para cortar as folhas e palhas da carnaúba.

*Tamboca' **tamboca** cumas goivazinha né"* (PAC – AJS – m26FICA).

*Uza a **taboca'**...É uma varazona di bambu grandi' aí tem uma di ispichi chamada ispichi' i meti a foici' aí muda tudu qui derrubá lá di cima' aí tem um aparandu em baxu cum a faca,* (PAC – ASS – m20FICA).

Nota: A taboca mede de seis a dez metros e pesa aproximadamente seis quilos.

TABOQUEIRO s. m.

Transc. graf. **Taboquêru, tamboquêru.**

*Pu ezemplu u caba derrubô cuma taboca'... É u **taboquêru,*** (PAC – FASP – m19MICA).

*Us **tamboquêru** derruba né"* aí tem u aparadô, (PAC – AJS – m26FICA).

Ver: **derrubador.**

TACHADA s. f.

Transc. graf. **Tachada**

Objeto contendo a cera quente de carnaúba.

*Us baudi é du mermu jeitu issu aí é porquê sãu mais baxu i é mais rápidu das **tachada** cuzinhá lá é elis tem qui sapecá fogu i ficá mexendu diretu,* (PAC – ADRS – m19FICA).

TACHO s. m.

Transc. graf. **Tachu**

Objeto de ferro onde é colocada a cera de carnaúba.

*A cêra branca é fabricada assim comu você tá vendu' aí dus baudi' ela sai dali passa na prensa' apara nesse **tachu'** tira a água pá pudê colocá pas forma' aí já tá pronta já,* (PAC – ADL – m59FICA).

TAMBOR s. m.

Transc. graf. **Tambô.**

Var. ms. **Tambozinho.**

Transc. graf. var. ms. **Tambozinhu.**

*A cêra ôlhu” é a a agenti fabrica nuns **tambô** i bota numa prensa::’ é impressadu numa prensa’ nessa aí, (PAC – SMF – m61NACA).*

*Aí é a fornalha’...Aí é us **tambozĩnhu** di derretê’... (PAC – JSM – m59FICA).*

Ver: **balde**.

Nota: O cozimento da cera branca é feito no tambor enquanto o cozimento da cera preta é feito na caldeira.

TANQUE s. f.

Transc. graf. **Tanqui**.

Objeto feito de cimento onde a cera de carnaúba é derramada, secada, quebrada em seguida armazenada em sacos e vendida.

*Tem u **tanqui**’ né” qui recebi a cêra’ u tanqui qui recebi a cêra i::u tanqui qui recebi a bôrra né” (PAC – FRAA – m27MCCA).*

Nota: Há dois tanques grandes, um tanque reservado para a cera preta e outro para a borra.

TELA s. f.

Transc. graf. **Tela**

*Rapai’ separa a bagana du pó na **tela** né”...É uma tela qui ela tem uma tela fina cuns bichu us caceti batenu né” aí u pó ela sacodi a paia pá fora a bagana i u pó sobi pra cima qué finu né” enta na telazinha pu sacu, (PAC – JMVS – m47NACA).*

Ver: **peneira**.

TIRADOR DE IMBIRA s. m.

Transc. graf. **Tiradô di imbira**.

Trabalhador encarregado de retirar as imbiras que amarram os molhos de folhas e de palhas da carnaúba.

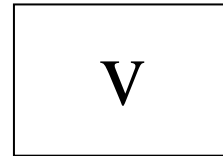
*Aí tem u **tiradô di imbira** aí tem u fexêru’...Tira a imbira u nomi rá tá dizenu tiradô di imbira’ tira a imbira, (PAC – RAS – m37FCCA).*

TRITURAR v.

Transc. graf. **Triturá**.

*Aí rá tu tem qui í pá ôta ária né” porquê a minha ária é só **triturá**’ di derrubá i vendê é ôta ária, (PAC – RAS – m37FCCA).*

Ver: **bater.**



VAREIRO s. m.

Transc. graf. **Varêru.**

*Rapai' você sabi qui tem as taboca pá pu **varêru** derrubá tem us aparadó pá juntá i tem u comboêru também qué ôtra pessoa que rem peganu tudu aí bota nu laçu pá secá aí nu períodu di oitu ô deis dia elis amarrãu pá dexá nu pontu da máquina di cortá, (PAC – ADL – m59FICA).*

Ver: **cortador.**

4.2 REPERTÓRIO SOCIOTERMINOGRÁFICO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL DA CERA DE CARNAÚBA

| |
|---|
| a |
|---|

aa

ABAFADOR s.m.

Transc. graf. **Abafadô**.

Objeto utilizado no ouvido dos funcionários da produção industrial da cera, para a proteção contra ruídos.

Proteçãu” é: máscara’ abafadô ’ luva’ bota i achu qui só issu, (PIC – MA – m26MICE).

ABASTECER v.

Transc. graf. **Abastecê**.

Processo que consiste em suprir a máquina de solvente com o pó cerífero da carnaúba e com o solvente.

Tem u operadô di sôventi né” qui trabalha nu sôventi né”.... Trabalha nu sôventi ali’ pra abastecê, (PIC – FJNX – m26FICE).

Ver: **botar solvente, carregar, encher.**

ADUBO s. m.

Transc. graf. **Adubu**.

Material produzido a partir da lavagem, com solvente, do pó da carnaúba misturado com a palha da carnaúba.

...depoir dele todú lavadu i tiradu toda a cêra’ só fica u u res:tu qui a renti chama di adubu qui servi pra adubá planta’ só a:: sujêra mermu cum palha’ aqui é u adubu, (PIC – M – m40SCCE).

Ver: **bagana, barro, impureza, lavagem.**

AFINAR v.

Transc. graf. **Afiná.**

Processo que consiste na retirada das impurezas.

Uza diatomita tendeu”...É um pó’ qué pá refiná ela’ pá afiná mais pá pudê passá, (PIC – CHBR – m23FICE).

Ver: **refinar.**

AJUDANTE s. m.

Transc. graf. **Ajudanti.**

Profissional que auxilia o caldeireiro, o clareador, o escamador e o filtrador na realização de suas tarefas.

Tem u Cauderêru mermu pra tá olhandu é é a água’ tá olhandu a temperatura elis ficãu orientandu’ i tem u ajudanti qui é jogandu a lenha na Caudêra’ (PIC – M – m40SCCE).

AJUDANTE DO CALDEIREIRO s.m.

Transc. graf. **Ajudanti du Cauderêru.**

Profissional que auxilia o caldeireiro na realização de suas tarefas.

Tem u Cauderêru mermu pra tá olhandu é é a água’ tá olhandu a temperatura elis ficãu orientandu’ i tem u ajudanti qui é jogandu a lenha na Caudêra’ (PIC – M – m40SCCE).

AJUDANTE DO CLAREADOR s. m.

Transc. graf. **Ajudanti du clariadô.**

Profissional que auxilia o clareador no processo de clareamento da cera de carnaúba.

...pra inchê us tachu né” Quando seca aí tem a ... pá inchê’ aí nu clariamentu tem u clareadô’ i u ajudanti du clareadô’ i na iscama também tem u:: sãu dois escamadoris i dois ajudantis, (PIC – M – m40SCCE).

AJUDANTE DO ESCAMADOR s. m.

Transc. graf. **Ajudanti du iscamadô.**

Profissional que auxilia o escamador no processo de escamação da cera.

...i na iscama também tem u:: sãu dois iscamadoris i dois ajudantis, (PIC – M – m40SCCE).

AJUDANTE DO FILTRADOR s. m.

Transc. graf. **Ajudanti du fiutradô.**

Profissional encarregado de auxiliar o filtrador no processo de purificação da cera de carnaúba.

*...nu fiu:tru tem u fiutradô i u **ajudanti deli**, (PIC – M – m40SCCE).*

AMARELA adj.

Transc. graf. **Amarela**

Var. ms. **Amarelinha**

Referente à cor da cera de carnaúba tipo um.

*Tipu um é a cêra mais **amarela**, (PIC – HEF – m25MICE).*

*A tipu um' é **amarelinha** bem da cô di mantêga, (PIC – FJNX – m26FICE).*

AMOSTRA s.f.

Transc. graf. **Amoxtra.**

Pequena porção de cera de carnaúba selecionada e classificada.

*...é feitu' é tiradu uma **amostra**...Pra ela analizá' vê'...Vê impureza' vê cinza' vê umidadi tem qui fazê todú' toda'... Toda análizi é feita di cada cêra qui sai, (PIC – M – m40SCCE).*

ANÁLISE DE RENDIMENTO s. f.

Transc. graf. **Análizi di rendimentu.**

Procedimento utilizado para examinar a qualidade do pó cerífero.

*...utilizu uma bateria di istraçãu pra podê fazê **análizi di rendimentu** di pó' (PIC – LMM – f29SCCE).*

Nota: O pó cerífero adquirido do interior também é selecionado e classificado.

ANALISTA QUÍMICO s.m.

Profissional responsável pelo Controle químico de qualidade de cera de carnaúba.

***Analista químico** – responsável pelo controle químico de qualidade da matéria prima e produto beneficiado. (PIC – LMM – f29SCCE).*

APARELHO s. m.

Transc. graf. **Aparelhu.**

Equipamento para fazer a lavagem do pó da cera de carnaúba.

*é:: recópera a cêra pá bótá pra dentru du **aparelhu**’ ...é’ é essa mezma só recóperaçu LAVA i recópera né” depois qui termina di lavá tem qui recópera pá tirá u sôventi qui tá dentru dus tanquis i a cêra vai pá pá: ôtru aparelhu, (PIC – CHBR – m23FICE).*

AUXILIAR ADMINISTRATIVA s. f.

Transc. graf. **Ausiliá administrativa.**

Profissional responsável pelas atividades exercidas no escritório.

*Eu sô **ausiliá administrativa** na parti aqui du escritóriu, (PIC – FDNM – f40MCCE).*

AUXILIAR DE FILTRAÇÃO s. m.

Transc. graf. **Ausiliá di fiutraçu.**

Finalidade da diatomita que atua no processo de filtração e purificação da cera de carnaúba.

*...i si uza’ é diatomita comu **ausiliá di fiutraçu**, (PIC – LMM – f29SCCE).*

AVERMELHADA adj.

Transc. graf. **Avermelhada**

Var. ms. **Vermelha.**

Referente à cor da cera de carnaúba tipo três.

*Tipu três é mais **avermelhada**, (PIC – HEF - m25MICE).*

*...i a tipu três é maizé **vermelha** tendeu” agora a tipu Quatru qué a maizi escura viu” (PIC – IMN – m57NACE).*

b

bb

BAGANA s. f.

Transc. graf. **Bagana.**

*...é u seguinti’ chega aqui u pó né” aí u pó é:: colocadu em tachus i misturadus com sôventi’ lá é aquecidu essi pó misturadu com sôventi’ du sôventi tira’ extrai a cêra i resta’ aí decanta u qui nãu é cêra’ qui é a impureza’ qui si chama di **bagana**’ (PIC – LLM – f29SCCE).*

Ver: **adubo**.

BALANÇA ANALÍTICA s. f.

Transc. graf. **Balança analítica**

Equipamento eletrônico que mede a massa de um determinado corpo, indicando o peso em gramas.

*Comu eu falei a mufla é elétrica' a estufa' a bateria di istraçãu tem um aquecedô elétricu' i tem a **balança analítica'** i u: a balança di infravermelhu, (PIC – LMM – f29SCCE).*

Nota: Nas balanças eletrônicas o peso é forçado de cima de um prato ou bandeja, geralmente de inox, sobre uma cédula de carga que manda sinais para a placa CPU, esta capta o peso e manda para o display que indica o peso em gramas.

BALANÇA DE INFRAVERMELHO s.f.

Transc. graf. **Balança di infravermelhu.**

Equipamento utilizado para medições de umidade de substâncias orgânicas, minerais e químicas.

*...i utilizu...**balança di infraverMELHU** pra podê fazê teô di umidade' só, (PIC – LMM – f29SCCE).*

Nota: Balança semi analítica com sensibilidade de +/- 0,001g e sistema de aquecimento por infravermelho acoplado.

BALANCEIRO s. m.

Profissional que trabalha na pesagem da cera de carnaúba.

*Sim, também peso cera na balança enpacoto na maquiina, **balanceiro**, empacotador. (PIC – MA – m26MICE).*

Ver: **pesador**

BARRO s. m.

Transc. graf. **Barru.**

*Lá tem i as tornera fiutranu' aí tira um **barru** i fica só a cêra' só ela limpa né" só ela bem limpinha, (PIC – XBR – m23FICE).*

Ver: **adubo**.

BATERIA DE EXTRAÇÃO s. f.

Transc. graf. **Bateria di ixtração.**

Equipamento destinado à análise da quantidade de pó utilizada para a fabricação da cera de carnaúba.

*Utilizu um:a **bateria di ixtração** pra podê fa:zê análizi di rendimentu di pó' (PIC – LMM – f29SCCE).*

BOTAR SOLVENTE v.

Transc. graf. **Botá sôventi**

*Operá: u aparelhu' **botá sorventi** dentru du aparelhu' botu pa isquentá i puxu a lavagi até terminá di lavá, (PIC – CHBR – m23FICE).*

Ver: **abastecer.**

BRANCA adj.

Transc. graf. **Branca**

Var. ms. **Branquinha.**

Transc. graf. var. ms. **Branquinha.**

Referente à cor da cera de carnaúba tipo um.

*É u tipu um' ...Tipu um é **branca**, (PIC – AVP – m57NACE).*

*Quau a diferença" é qui a tipu um é maizi:: **branquinha** né" i ela é mais cara também né" (PIC – IMN – m57NACE).*

Ver: **cera amarelada.**

BURETA s. f.

Transc. graf. **Burêta.**

Instrumento de vidro em forma de tubo utilizado em laboratório para fazer medições.

*Mecâ:nicus assim nãu si uza muito nãu' u quê podi uzá assim vidraria pra fazê tipu latãu si uza uma **burê::ta**, (PIC – LMM – f29SCCE).*

Nota: Colocado na vertical com a ajuda de um suporte, contém uma escala graduada rigorosa e possui na extremidade inferior uma torneira de precisão para dispensa de volumes rigorosamente conhecidos em tarefas como a titulação de soluções.

CAMPO DE SOLVENTE s.m.

Transc. graf. **Campu di sôventi.**

Local na fábrica onde o solvente é depositado para ser refrigerado.

Issu aqui é pra fazê a refrigeraçu' aqui dus campu di sôventi pra elis num aquecê dimais, (PIC – M – m40SCCE).

Nota: O solvente não pode aquecer muito porque é bastante inflamável. Nesse área, há vários chuveiros abertos para fazer a refrigeração do solvente.

CAPATAZIA s. f.

Transc. graf. **Capatazia**

Grupo de funcionários responsáveis pelo carregamento e abastecimento dos caminhões que transportam a cera.

...aqui sã::u é u operadô i us três da capatazia, (PIC – M – m40SCCE).

CAPELA s. f.

Transc. graf. **Capela.**

Local onde os produtos químicos tóxicos podem ser manipulados sem risco.

U:zu sim...uma capela né” (PIC – LMM – f29SCCE).

CARREGAR v.

Transc. graf. **Carregá.**

... aí nós temu u operadô du sôventi'...Viu” nu sôventi é u operadô' i três pra carregá i descarregá us aparelhu três um em cada setô, (PIC – M – m40SCCE).

Ver: **abastecer.**

CENTRÍFUGA s. f.

Transc. graf. **Centrífuga.**

Equipamento elétrico que aplica força rotativa sobre a cera, fazendo-a girar em torno de um eixo, extraindo suas impurezas.

Porquê ela nãu RETÉM' conheci u funcionamentu di uma centrífuga” é a cêra é submetida a uma rotação muito auta i u qui fô mais peza:du decanta' i u qui fô levi'nu cazu aqui a cêra' sobi né” i é retiradu da centrí:fuga' (PIC – LMM – f29SCCE).

Nota: A cera de carnaúba centrífuga não é mais utilizada, sua manutenção é cara e a quantidade de cera produzida é muito pequena.

CENTRIFUGAR v.

Transc. graf. **Centrifugá.**

Processo que consiste na fabricação da cera de carnaúba em que esta é submetida a uma rotação muito forte.

Centrifugá” ...*Ela passa só na centrífuga*’... (PIC – MA – m26MICE).

CERA AMARELADA s. f.

Tipo de cera produzida através do pó da folha do olho da carnaúba.

...u pó du ôlhu a quantidadi deli é na faxa di quinzi pur centu nu mássimu vinti’ u:: a quantidadi deli é bem melhó du pó di ÔLHU eli dá uma cêra amarela:da, (PIC – M – m40SCCE).

Ver: **cera branca, cera de carnaúba tipo um, cera do pó do olho, cera do pó branco.**

Nota: Cera feita do pó branco e clareada artificialmente.

CERA ARENOSA s. f.

Transc. graf. **Cêra arenoza.**

Var. ms. **Arenosa.**

Transc. graf. var. ms. **Arenozza.**

Tipo de cera fabricada com bastante água.

Aí tem a tipu um’ só qui a tipu um é:: já é: a melhó cêra qui tem já é du ÔLHU da carnaubêra’ a tipu três i quatu sãu da PALHA da carnaubêra du PÓ DA PAIA’...tipu três’ é:’ cêra arenoza, (PIC – MA – m26MICE).

A arenoza’ é porquê ela in:da contém água’ ela fica arenoza’ (PIC – M – m40SCCE).

CERA BRANCA s. f.

Transc. graf. **Cêra branca.**

A tipu um é a cêra du:: pó branqu’ é qué a cêra branca, (PIC – IMN- m57NACE).

Ver: **cera amarelada.**

CERA BRUTA s. f.

Transc. graf. **Cêra bruta.**

Tipo de cera não submetida à filtração, não refinada e não clareada, fabricada sem nenhum aditivo químico.

*...porquê ela vem **bruta** du interiô certu” ela vem bruta i aí a genti passa’ coloca ela dentru d’um tachu pra ela derretê’ coloca ela pra derretê’ aí dessi tachu derreti’ ela passa pelu fiutru’ fiutrada pá tirá as impureza né” (PIC – MA – m26MICE).*

CERA CENTRIFUGADA s. f.

Transc. graf. **Cêra centrifugada.**

Tipo de cera produzida através de centrífuga.

*Issu aqui era antigamenti’ issu nóis já tá cuns quinzi anus as centrífugas pra fazê a **cêra centrifugada**, (PIC – M – m40SCCE).*

CERA DE CARNAÚBA s. f.

Transc. graf. **Cêra di carnaúba.**

Tipo de cera produzida do pó da folha olho e do pó da palha da carnaúba.

*Us proDUTUS’ ah sãu várius’ tem remédiu qui uza é:: baTOM’ hidraTANTI’ é:: eu achu qui xam:pu:: várius tipus di cosméticu qui elis uzam a **cêra di carnaúba**, (PIC – FDNM – f40MCCE).*

CERA DE CARNAÚBA TIPO QUATRO s. f.

Transc. graf. **Cêra di carnaúba tipu Quatru.**

Var. ms. **Cera tipo quatro, tipo quatro.**

Transc. graf. var. ms. **Cêra típu Quatu, tipu Quatru, típu Quatu.**

Tipo de cera produzida a partir do pó da palha da carnaúba, não é clareada.

*... **tipu Quatru** ... Extraída com sôventi’ NÃU é clariada i é fiutrada com diatomita também, (PIC – LMM – f29SCCE).*

*É a tipu Quatu’ **cêra tipu Quatru**’...Pois é tipu Quatru pedaçu’ ela é da palha’...É tipu Quatru’ **cêra em iscama** i tipu Quatru em pedaçu, (PIC – HEF – m25MICE).*

*É a **tipu Quatu**’ **cêra tipu Quatru**’...Pois é tipu Quatru pedaçu’ ela é da palha’...É tipu Quatru’ **cêra em iscama** i tipu Quatru em pedaçu, (PIC – HEF – m25MICE).*

Ver: **cera gorda, cera preta.**

CERA DE CARNAÚBA TIPO TRÊS s. f.

Transc. graf. **Cêra di carnaúba tipu três,**

Var. ms. **Cera de tipo três, tipo três.**

Transc. graf. var. ms. **Cêra di tipu três, tipu três.**

Tipo de cera produzida a partir da palha da carnaúba, clareada e filtrada.

...cêra di carnaúba tipu trêis ...é extraí:da com sôventi clariada com peróksdu i fiutrada com u diatomita, (PIC – LMM – f29SCCE).

Aqui” trêis tipu di cêra’...Cêra ô:lhu’ cêra prêta’ i cêra di tipu trêis, (PIC – JMMS – m31FICE).

Tem tipu um’ tipu trêis i tipu Quatu (+) trêis tipu’ aí tem a cêra em pedaçu também’ cêra em pedaçu’...Em peda:çu é a em barra, (PIC- HEF – m25MICE).

CERA DE CARNAÚBA TIPO UM s. f.

Transc. graf. **Cêra di carnaúba tipu um,**

Var. ms. **Cera tipo um, tipo um.**

Transc. graf. var. ms. **Tipu um**

Tipu um’ cêra di carnaúba tipu um’ela é extraí:da com sôven:ti né” (PIC – LMM – f29SCCE).

É porquê a cêra tipu um ela é feita du:: pó du ôlhu da carnaúba i a tipu trêis é feita da: paia da carnaúba, (PIC – JMMS – m31FICE).

A tipu um é a cêra du:: pó brancu’ é qué a cêra branca, (PIC – IMN- m57NACE).

Ver: **cera amarelada**

CERA DO PÓ DO OLHO s.f.

Transc. graf. **Cêra du pó du ôlhu.**

Var. ms. **Cera olho, cera do olho da carnaubeira.**

Transc. graf. var. ms. **Cêra ôlhu, cêra ôi, cêra du ôlhu da carnaubêra, cêra du pó brancu.**

Tipu um é a cêra du pó du ôlhu tendeu” i a tipu trêis é da cêra’ arenoza i: a: tipu Quatu é a cêra gorda (PIC – JMMS – m31FICE).

A cêra ôlhu’ a melhó qui tem aqui du ôlhu’ di pó di ôi, (PIC – CHBR – m23FICE).

Porquê ela é mais fina...É cêra ôi, (PIC – AVP – m57NACE).

Aí tem a tipu um só qui a tipu um é:: já é: a melhó cêra...du ÔLHU da carnaubêra’ a tipu trêis i quatu sãu da PALHA da carnaubêra du PÓ DA PAIA, (PIC – MA – m26MICE).

Ver: **cera amarelada.**

CERA DO PÓ BRANCO s. f.Transc. graf. **Cêra du pó brancu.***A tipu um é a cêra du:: pó brancu' é qué a cêra branca, (PIC – IMN – m57NACE).*Ver: **cera amarelada.****CERA EM BARRA** s.f.Transc. graf.. **Cêra em barra.**Var. ms. **Em barra.**

Tipo de cera quebrada em forma de barra ou pedaço.

*Tem tipu um' tipu três i tipu Quatu (+) três tipu' aí tem a cêra em pedaçu também' cêra em pedaçu'...Em peda:çu é a em barra, (PIC- HEF – m25MICE).**A diferença dela é porquê as ôtra sãu refina:das i ela sãu em barra' (PIC – HEF – m25MICE).*Ver: **cera em pedaço.****CERA EM ESCAMA** s. f.Transc. graf. **Cêra em iscama.**Var. ms. **Em escama, escama.**Transc. graf. var. ms.**Em iscama, iscama.**

Tipo de cera quebrada em formato de pequenas escamas.

*É a tipu Quatru' cêra tipu Quatru'...Pois é tipu Quatru pedaçu' ela é da palha'...É tipu Quatru' cêra em iscama i tipu Quatru em pedaçu, (PIC – HEF – m25MICE).**Somenti cêra di carnaúba tipu um' i tipu três'...Tem do::is tipus' tem a em escama' i tem a em pedaçus, (PIC – VAA – m39FICE).**Isamá é nu rolu' qui tem um rolu' di ferru... ela rodanu a água pur dentru ela joganu i a cêra cainu lá imbxu' é ela rá sai nu pontu di quebrá (+) i aqui ela só iscama si fô com água, (PIC – IMN – m57NACE).*

Nota: A cera de carnaúba fabricada em formato de escama é a mais solicitada pelos clientes importadores.

CERA EM PEDAÇO s. f.Transc. graf. **Cêra em pedaçu.**Var. ms. **Em pedaço.**Transc. graf. var. ms. **Em pedaçu.**

*Tem tipu um' tipu três i tipu Quatu (+) três tipu' aí tem a **cêra em pedaçu** também' cêra em pedaçu'...Em peda:çu é a em barra, (PIC- HEF – m25MICE).*

*Somenti cêra di carnaúba tipu um' i tipu três'...Tem do::is tipus' tem a em escama' i tem a **em pedaçus**, (PIC – VAA – m39FICE).*

Ver: **cera em barra**

CERA FILTRADA s. f.

Transc. graf. **Cêra fiutrada.**

Tipo de cera que passou por processo de filtração em filtro prensa para a retirada das impurezas.

*... i lá u fiutru a...joga pra fiutrá ó:: lá tá fiutrandu já'...Issu aí já é a **cêra fiutrada** já ela lá tá caindu fiutrada, (PIC – M – mH40SCCE).*

Nota: Todas as ceras produzidas industrialmente devem ser filtradas para a retenção das impurezas.

CERA GORDA s. f.

Transc. graf. **Cêra gorda**

Var. ms. **Gorda.**

*...i a gor:da é: feita du pó di: palha' só qui pega a cêra engorda ela' aí fica **cêra gor:da'** cêra prêta, (PIC – M – m40SCCE).*

*Três tipus' arenoza i gorda dá pá vê dois tipu' tipu três i quatu' arenoza i **gorda**, (PIC – MA – m26MICE).*

Ver: **cera de carnaúba tipo quatro.**

CERA IMPURA s. f.

Transc. graf. **Cêra impura.**

*DEPENDI tantu até da cêra qui extrai' tem uns qui extrai só u pó né" elis pegãu a carnaú::ba bota pra secá bati i rem vendê u pó aqui' tem ôtrus qui pega essi pó fazem a fuzãu i a prensagem pra que aquela **cêra impura'** pra cá pra sê refinada aqui' (PIC – LMM – f29SCCE).*

Ver: **cera bruta.**

CERA PRETA s. f.

Transc. graf. **Cêra prêta.**

Var. ms. **Preta.**

*I u pó di palha dá uma **cêra prêta** ...Issu aqui ó' aqui é u pó di palha' vem da palha' e:li é isverdia:du acinsenta:du i u pó di ôlhu eli é BRANCU (+) (PIC – M - m40SCCE).*

*Tipu um i tipu três'...Tipu Quatu é a **prêta**...num bota produtu nenhum vai pura, (PIC – FFB – m74NACE).*

Ver: **cera de carnaúba tipo quatro.**

CHAPA s. f.

Transc. graf. **Chapa.**

*Nãu' u tachu a genti fabrica aqui mezmú' contrata só uns sóudadô i fais aqui mermu' as **chapa**' produis eli aqui mezmú' mais agora bom::ba é pur fora aí, (PIC – MA – m26MICE).*

Ver: **tacho.**

CILINDRO s. m.

Transc. graf. **Cilindru.**

Objeto alongado e roliço, como um tubo ou rolo, por onde passa a cera de carnaúba em formato de folha.

*Só us pedaçus' a genti vai tê pedaçu também' du mermu tipu' é um' três i Quatru' a genti fais u tipu um' três i Quatru' mais só qui us pedaçus nãu passa pelu **cilindru**' (PIC – MA – m26MICE).*

Nota: Depois que a cera passa pelo cilindro, na seção de escamação, ela é quebrada em forma de escama.

CLAREADA adj.

Transc. graf. **Clariada.**

Característica da cera de carnaúba que passa pelo processo de clareamento.

*Ali depois di fiutrada' ela vem pra cá pra fazê u clariamentu (+) ela aqui tá caindu du fiutru' aí nós vamu clariá ela cum peróksidu di hidrogênio taquí aqui essa tá sendu **clariada** (+) aqui você vê qui a cô dela tá mudandu é aquela preta ela tá ficando já bem mais clara ó' (PIC – M – m40SCCE).*

Nota: Há duas ceras clareadas, a cera de carnaúba tipo um e a tipo três.

CLAREADOR s. m.

Transc. graf. **Clareadô, clariadô.**

Profissional responsável pelo clareamento da cera de carnaúba.

*...pra inchê us tachu né” Quandu seca aí tem a ... pá inchê’ aí nu clariamentu tem u **clareadô’** i u ajudanti du clareadô’ i na iscama também tem u:: sãu dois escamadoris i dois ajudantis, (PIC – M – m40SCCE).*

*É u fiutradô’ ali tem u qui’ u operadô di sôventi’ aqui tem u fiutradô ali tem u **clariadô** qué di clariá né” (PIC – M – m40SCCE).*

CLAREAMENTO s. m.

Transc. graf. **Clariamentu.**

Operação que consiste na utilização do peróxido de hidrogênio para clarear a cera.

*ESSI PROCESSU DI **CLARIAMEN: TU** é ‘so pra tipu um’ i tipu três’ tipu Quatru nãu é feitu issu, (PIC – LMM – f29SCCE).*

CLAREAMENTO s. m.

Transc. graf. **Clariamentu.**

Var. ms. **Seção de clareamento, seção de peróxido.**

Transc. graf. var. ms. **Seção di clariamentu, seção di peroca.**

Local onde a cera de carnaúba é clareada com o peróxido de hidrogênio

*É a bomba di jogá a cêra pru fiutru’ aí a cêra fiutrada cai ne::ssi’ (+) ela fiutrada eli cai ne::ssi’ i essa bomba joga lá pra ôtra seção du clariamentu’ vamu lá nu **clariamentu’** aí lá é ondi é feitu u clariamentu da cêra tipu Quatru pra tipu três, (PIC – M – m40SCCE).*

*... a genti qué fazê u processu’ fazê a tipu Quatu’ a genti coloca nu tachu pra derretê ela’ aí ela vem pra **OUTRA seção di clariamentu** só qui ela nãu pedi u **PRODUTU** pra clariá’ aí fim ela chega na: refinaria qui vai caí’ ela vai caí’ sem u processu di clariá’ aí rá vem prê:ta’ a tipu três’ tipu três é a mezma cêra’ só qui **PEGA** u produту’ (PIC – MA – m26MICE).*

*Ela passa pelo fiutru’ ela vai sê cunzinhada’ aí du fiutu ela vai sê fiutada pá tirá tod u suju né” aí ela vem pá ôtra **seção di peroca** qué um produту químico qué pá dá clariamentu da cêra’ aí di lá ela vem pá iscama qué pá escama, (PIC - JCP – m28NACE).*

CONTROLE DE QUALIDADE s.m.

Transc. graf. **Controli di qualidadi.**

Operação desempenhada pelo analista químico da empresa.

*Nãu a importância du meu trabalhu nu laboratóriu é a questãu du **controli di qualidadi**'... controli químicu di qualidadi' i matéria prima i produtu acabadu' di cêra di carnaúba, (PIC – LMM – f29SCCE)*

d

dd

DERRETER v.

Transc. graf. **Derretê.**

Processo que consiste em dissolver a cera, transformá-la em forma líquida.

*Nãu' aí só us tubu cum água né" pá pudê gerá u vapô' aí a renti bota u fogu' qué pra água fer:vê' i água fervida é qui vem **derretê** tudu' (PIC – M – m40SCCE).*

Nota: A cera bruta comprada da fábrica chega na refinaria onde é derretida e beneficiada.

DERRETIDA adj.

Transc. graf. **Derretida.**

Referente à cera bruta que é dissolvida por meio de altas temperaturas.

*A tipu um ela é **derretida**' friutada i aí depois clariada péla ficá na cô certa, (PIC – FJNX – m26FICE).*

Nota: O calor necessário para derreter a cera de carnaúba provém do vapor das caldeiras que trabalham com altas temperaturas.

DESCARREGAR v.

Transc. graf. **Descarregá.**

Processo que consiste em fazer a descarregamento da cera dos aparelhos.

*... aí nós temu u operadô du sôventi'...Viu" nu sôventi é u operadô' i três pra carregá i **descarregá** us aparelhu três um em cada setô, (PIC – M – m40SCCE).*

DESTILADOR s. m.

Transc. graf. **Destiladô, distiladô, estiladô.**

Var. ms. **Estilador.**

Transc. graf. var. ms. **Estiladô.**

Aparelho utilizado para destilar a cera de carnaúba.

*Aqui nu **destiladô::**’ u sôventi retorna pru tanqui’ pru rezervatóriu’i a cêra a renti joga lá pru tachu, (PIC – M – m40SCCE).*

*INF: Nãu aqui’ é só prá separá u’ quandu u sôventi sai du **distiladô**’ antis deli chegá nu tanqui’ aqui tá pá eli isfriá um poucu prá eli num í muito quenti né” pu tanqui’ aí aqui é só tem água’ i u sôventi passa por dentu da água i vai pu tanqui’ aqui eli ta passandu pó tanqui’(+) eli tá saindu du distiladô:: passandu a cêra lá u sôventi passa aqui nu separadô, (PIC – M – m40SCCE).*

*Por ezemplu’ ela é vendida em pó’ aí vai pá seçãu di sôventi’ da seçãu di sôventi aí ela é: LAVADA’ aí depois di lavada ela vai pru **estiladô**’ du estiladô ela vai pu tachu pá cuzinhá já feitu cêra já’ aí du tachu pá cuzinhá é fiutrada... (PIC – JMMS – m31FICE).*

DESTILAR v.

Transc. graf. **Destilá.**

Processo que consiste em separar a cera de carnaúba do solvente.

*...i aqui é u destiladô qui vai **destilá** u pó... u sôventi né” eli vai evaporá, (PIC – M m40SCCE).*

Nota: No aparelho de solvente a cera em estado líquido é separada da nafta.

DIATOMITA s. f.

Transc. graf. **Diatomita**

Var. ms. **Autamida.**

Produto utilizado na filtração da cera de carnaúba.

*...i a **diatomita** qui eu mencionei é pra AUSSILIÁ na fiutraçãu da cêra, (PIC – LMM – f29SCCE).*

*Igisti’ prá fiutá igisti’...U produutu é a:: **autamida** qui tem sabi” pó brancu’ coloca dentru pá pudê fiutá ela sabi? (PIC – IMN – H57NACE).*

Nota: Na Indústria todas as ceras são filtradas com diatomita.

ENCHER v.

Transc. graf. **Inchê.**

*Tem u operadô du sôventi' i em cada' sãu duas seções' em cada seçãu' tem três funcionários pá **inchê** i descarregá, (PIC – M – m40SCCE).*

Ver: **abastecer.**

EPI Sigla

Transc. graf. **EPI**

Equipamento de proteção individual utilizado pelos trabalhadores da produção industrial da cera de carnaúba no desempenho de suas atividades.

*Sãu us **EPI** dus funcionáriu elis uzam é... tem a luva' tem máscara' é a bota, (PIC – FDNM – f40MCCE).*

ESCAMA s.f.

Transc. graf. **Iscama.**

Var. ms. **Seção da escama, escamadeira.**

Transc. graf. var. ms. **Seção da iscama, iscamadêra.**

Local onde é feita a escamação da cera de carnaúba.

*U tipu du fiutu é: bem ah.. a cêra tá cuzinhanu né” Quandu ela tá nu pontu' a genti liga a bomba pá bomba puchá' a cêra qui rein du tachu' pá di lá ela descê pá dentru du fiutu' aí meti pá dentru du fiutu sabi”... di lá ela vai lá pá refinaria' aí da refinaria é qui dá u pontu nela' pá vim aqui pá **iscama**, (PIC – IMN – m57NACE).*

*Por ezemplu' ela é vendida em pó' aí vai pá seçãu di sôventi' da seçãu di sôventi aí ela é LAVA:DA' aí depois di lavada ela vai pru estiladô' du estiladô' du estiladô ela vai pu tachu pa cuzinhá já feito cêra já' aí du tachu pá cuzinhá é fiutrada depois clariada depois vai pá **seçãu da iscama** qué ondi eu trabalhu, (PIC – JMMS – m31FICE).*

*Daqui du sôventi é' agora etapa finau mermu é aquela lá da iscamadêra' porquê daqui ela vai pru fiutru' fiutru clarea' du clariamentu vai pá **iscamadêra'** a iscamadêra é u finau mermu (+) (PIC – M - m40SCCE).*

Nota : No local onde coletamos as entrevistas há, atualmente, seis escamadeiras

ESCAMADA adj.

Transc. graf. **Iscamada.**

Referente à forma como a cera de carnaúba é produzida.

*U único produtu e'essi (+) ó (+) aí depois di clariá ela vem pra iscová ou ela podi sê **iscamada** ou im pedaçu' dependendu du pedidu, (PIC – M – m40SCCE).*

ESCAMADEIRA s. f.

Transc. graf. **Iscamadêra, escamadêra,**

Equipamento mecânico destinado à escamação da cera de carnaúba.

*...aí essa cêra depois di destiladu u sôventi' ela é misturada com u diatomita' aí passa' pra fiutraçãu nu fiutraçau nu fiutru prensa né" qui eu ti falei' depois qui ela é fiutrada ela vai submetida au clariamentu cum peróksidu di hidrogêniu cum peróksidu di hidrogêniu' depois du clariamentu' ela vai pra **iscamadêra'** (PIC – LMM – f29SCCE).*

*...si ela fô prá **escamadêra** forma aquelas iscamas bem pequeninunhas' si fô em pedaçu ela é escoada numa piscina' numa piscina nãu' num pavimen:tu... (PIC – LMM - f29SCCE).*

Ver: **moedeira**.

ESCAMADOR s. m.

Transc. graf. **Iscamadô.**

Profissional que trabalha na seção de escamação da cera de carnaúba.

*Qué ela tá nu pontu' issu depois di clariá vai pá iscamadêra' qué u **iscamadô**, (PIC – M – m40SCCE).*

ESCAMAR v.

Transc. graf. **Iscamá, escamá.**

Processo que consiste em fabricar a cera de carnaúba em formato de escama.

***Iscamá** é nu rolu' qui tem um rolu di ferru.... ela rodanu a água pur dentru ela joganu i a cêra cainu lá imbaxu' é ela rá sai nu pontu di quebrá (+) i aqui ela só iscama si fô com água, (PIC – IMN – m57NACE).*

*...aí ela vai pá ôtra seçãu di peroca qué um produtu químicu qué pá dá clariamentu da cêra' aí di lá ela vem pá iscama qué pá **escamá**, (PIC – JCP – m28NACE).*

ESCURA adj.

Transc. graf. **Escura.**

Referente à tonalidade da cera de carnaúba tipo quatro.

*Porquê a tipu Quatru' é a **escura** é a cêra mais escura qui tem' (PIC – LMM – f29SCCE).*

Nota: Na refinaria a única cera que não é clareada com o peróxido de hidrogênio é a cera de carnaúba tipo quatro.

ESTUFA s. f.

Transc. graf. **Istufa.**

Equipamento utilizado com o objetivo de acumular e conter o calor no seu interior, conservando uma temperatura maior no seu interior que ao seu redor.

*Comu eu falei a mufla é elétrica' a **istufa**' (PIC – LMM – f29SCCE).*

EXAUSTOR s. m.

Transc. graf. **Ezaustô.**

Equipamento que remove maus cheiros de recintos fechados como laboratórios.

*...eu colocu a mão debaixo da tela i ligu u **ezaustô** aí nãu tem perigu di contaminaçãu,*
(PIC – LMM – f29SCCE)

EXTRAÇÃO DA CERA s. f.

Transc. graf. **Ixtraçãu.**

Operação que consiste na obtenção da cera de carnaúba líquida.

*Tem... nu sôventi né" qué pra fazê **ixtraçãu da cêra**, (PIC – M – m40SCCE).*

EXTRAÍDA adj.

Transc. graf. **Ixtraída.**

Referente à cera de carnaúba que é obtida por meio de lavagem com solvente.

*Prontu' a tipu um' ela é **ixtraí:da** com sôven:ti né" depois ela pa:ssa também: pelu clareamentu com u peróksidu' (PIC – LMM – f29SCCE).*

EXTRAIR A CERA v.

Transc. graf. **Extraí a cêra**

Var. ms. **Extractir.**

Transc. graf. var. ms. **Ixtraí.**

Processo que consiste em obter a cera de carnaúba através da lavagem com solvente.

*I aqui' ali extratô qué pá **extraí a cêra** du pó' i aqui é u destiladô qui vai destilá' u pó.. u sôventi né" eli vai evaporá, (PIC – M – m40SCCE).*

*Pra fazê u REFINU' nãu' pur ezemplu u sôventi é pra' só **ixtraí'** (PIC – LMM – f29SCCE).*

EXTRATOR s. m.

Transc. graf. **Extratô.**

Equipamento utilizado para a extração da cera de carnaúba.

*É feito u seguinti' essi pó mistura eli com a palha da carnaúba' qui já foi tiradu u pó' só aquela palha' a genti mistu:ra' aí bota nessi aparelhu aqui qui chama u nomi deli di **extratô** qui vai extraí a cêra' (PIC – M – m40SCCE).*

EVAPORAR v.

Transc. graf. **Evaporá.**

Processo que consiste na transformação do solvente em vapor.

*...aqui nós vamu aquecê: u sôventi' depois eli vai subí u sôventi né" **evaporá** i voutá pu tanqui i fica a cêra nu extratô aqui' (PIC – M – m40SCCE).*

f

FILTRAÇÃO s. f.

Transc. graf. **Fiutração.**

Var. ms. **Filtragem, filramento.**

Transc. graf. var. ms. **Fiutragi, fiutagi, fiutramentu.**

Operação que consiste na purificação da cera.

*...ela é misturada com u diatomita' aí passa' pra **fiutração** nu fiutru prensa né" (PIC – LMM – f29SCCE).*

*...i a cêra' a renti joga pru tachu pra fazê a **fiutra::gi'** a cêra a renti joga pra cá::' (PIC – M – m40SCCE).*

*Fais'...A **fiuta:gi'** refinari:a i vai pá iscama' aí di lá da iscama a genti quebra ela todinha prá pá ensacá... (PIC – IMN – m57NACE).*

*Tem qui cunzinhá' cunzinhá bota nu istratô i tira a cêra' (+) aí da cêra vai pu ôtru tachu pá fiutrá aí pru **fiutramentu** aí vóuta pá iscama' somen, (PIC – FFB – m74NACE).*

FILTRAÇÃO s. f.

Transc. graf. **Fiutração.**

Var. ms. **Seção de filtração.**

Transc. graf. var. ms. **Seção di fiutração.**

Local onde a cera de carnaúba é purificada, por meio de um filtro prensa.

*...passa pelu mermu cantu pela **fiutração**' passa pelu clariamentu' só qui lá clarêa né'' a tipu Quatu nãu' aí vem pá iscama, (PIC – MA – m26MICE).*

*É é **seção di fiutração**'...Nãu' num trabaiu cum a palha' trabaiu FIUTRANU, (PIC – AVP – m57NACE).*

Ver: **filtro.**

FILTRADA adj.

Transc. graf. **Fiutrada, fiutada, friutada.**

Referente à purificação da cera fabricada na refinaria.

*Nãu' tem diferença porquê a **fiutrada** é limpa ela num tem sujera, (PIC – AVP – m57NACE).*

*Ezisti' porquê e:la é **fiutada**' ela fica mais fina' i quandu ela cai nu pontu di insacá pá' pá... (PIC – FES – m67NACE)*

*A tipu um ela é derretida' **friutada** i aí depois clariada pêla ficá na cô certa, (PIC – FJNX – m26FICE).*

Nota: Na refinaria todas as ceras são submetidas ao processo de filtração para retirada de suas impurezas.

FILTRADOR s.m.

Transc. graf. **Fiutradô.**

Var. ms. **Operador do filtro**

Transc. graf. var. ms. **Operadô du fiutru**

Profissional responsável pelo processo de filtração da cera.

*É é **seção di fiutração**...Minha profissãu é di **fiutradô** ...Eu façu é ficá... eu fiutru eu botu diatomita, (PIC – AVP – m57NACE).*

...tem u **operadô du fiutru** qui já é ôtra coiza, (PIC – FJNX – m26FICE).

FILTRAR v.

Transc. graf. **Fiutá, fiutrá, friutá.**

Processo que consiste na retenção das impurezas da cera de carnaúba.

*Pra **FIUTÁ'** ela é cuzida' aí entãu tem u diatomita qué colocadu juntu cum ela pá pudê' saí toda impureza né" aí depois di cuzida i botadu u diatomita' ela vai pru fiutru pra pudê' sê produzida,* (PIC – JMMS – m31FICE).

*Tem qui cunzinhá' cunzinhá bota nu istratô i tira a cêra' (+) aí da cêra vai pu ôtru tachu pá **fiutrá** aí pru fiutramentu aí vóuta pá iscama' somen,* (PIC – FFB – m74NACE).

*Profissãu" operadô'...Fais é: friutanu a cêra pá **friutá** nu fiutru,* (PIC – IMN – m57NACE).

FILTRO s. m.

Transc. graf. **Fiutru**

*Ela passa pelu **fiutru'** ela vai sê cunzinhada' aí du fiutu ela vai sê fiutada pá tirá todú u suju né" aí ela vem pá ôta seqãu di peroca qué um produtu químicu qué pá dá clariamentu da cêra' aí di lá vem pá iscama qué pá iscamá,* (PIC – JCP – m28NACE).

Ver: **filtração.**

FILTRO PRENSA s. m.

Transc. graf. **Fiutru prensa,**

Var. ms. **Filtro.**

Transc. graf. var. ms. **Fiutru, fiutu, friutu.**

Equipamento elétrico destinado à purificação da cera de carnaúba.

*Nãu' ela é pa:ssa:da' **TODAS** as cêras aqui sãu fiutradas né" elas sãu passadas pur um **fiutru PRENSA** i já misturada com a diatomita' aí nu fiutru prensa ela é retida num panu' comu si fossi uma placa di panu né" (PIC – LMM – f29SCCE).*

*U tipu du **fiutu** é: bem ah.. a cêra tá cuzinhanu né" **Quando** ela tá nu pontu' a genti liga a bomba pá bomba puxá' a cêra qui rein du tachu' pá di lá ela descê pá dentru du fiutu' aí meti pá dentru du fiutu sabi"...di lá' ela vai lá pá refinaria' aí da refinaria é qui dá u pontu nela' pá vim aqui pá iscama,* (PIC – IMN – m57NACE).

...também é utilizada' aí batom cosméticu né" é comu **glace:an::ti** i daqueli bombom' tik tak essis bombons mais sólidas" (PIC – LMM – f29SCCE).

Ver: **revestimento**

Nota: O glaceante auxilia na conservação de frutas e bombons, é utilizado também como revestimento de comprimidos e de materiais elétrico-eletrônicos.

i/j

IMPORTADOR s.m.

Transc. graf. **Importadô.**

Profissional responsável pela aquisição de estoques de cera de carnaúba.

*Nãu a importância du meu trabalhu nu laboratóriu é a questãu du controli di qualidadi' porquê e:ssis' us **importadoris** né" elis sãu autamenti ezigentis né" i tem qui a cêra tá dentru dus padrõis internacionais' aí eu façu essi controli' i a cêra só embarca si tivê to:da nus padrõis, (PIC – LMM – f29SCCE).*

IMPUREZA s. f.

Transc. graf. **Impureza**

*...é u seguinti' chega aqui u pó né" aí u pó é:: colocadu em tachus i misturadus com sôventi' lá é aquecidu essi pó misturadu com sôventi' du sôventi tira' extrai a cêra i resta' aí decanta u qui nãu é cêra' qui é a **impureza**' qui si chama di bagana' (PIC – LLM – f29SCCE).*

Ver: **adubo.**

1

LABORATÓRIO s. m.

Transc. graf. **Laboratóriu.**

Local destinado à análise da qualidade da cera de carnaúba fabricada.

*Nãu a importância du meu trabalho nu **laboratóriu** é a questãu du controli di qualidadi' porquê e:sis'us importadoris né" eis sãu autamenti ezigentis né" i tem qui a cêra tá dentru dus padrõis internacionais' (PIC – LMM – f29SCCE).*

LAVADA adj.

Transc. graf. **Lavada**

Referente à cera de carnaúba que é lavada com solvente.

*A cêra ôlhu' a melhó qui tem aqui du ôlhu di pó di ôi'...Ela é um pó né" é **lavada** i si transforma em cêra' (PIC – CHBR – m23FICE).*

LAVAGEM s. f.

Transc. graf. **Lavagi.**

Operação que consiste na limpeza do pó para fabricação da cera.

*I eli fica ezatamente só olhandu é a:: temperatura' abrindu tornêra fechandu' fazendu a **lavagi** du fiutu só táí ó, (PIC – M – m40SCCE).*

LAVAGEM s. f.

Transc. graf. **Lavagi.**

*Operá: u aparelhu' botá sorventi dentru du aparelhu' botu pa isquentá i puxu a **lavagi** até terminá di lavá, (PIC – CHBR – m23FICE).*

Ver: **adubo.**

LAVAR v.

Transc. graf. **Lavá.**

Processo que consiste em realizar a limpeza do pó de canaúba com o solvente.

*Operá: u aparelhu' botá sorventi dentru du aparelhu' botu pa isquentá i puxu a **lavagi** até terminá di **lavá**, (PIC – CHBR – m23FICE).*

LÍQUIDA adj

Transc. graf. **Líquida.**

Referente ao estado da cera de carnaúba quando vai para a seção de clareamento.

*É u fiutru é u principal u primêru né" qui começa é u fiutru né" aí depois us tachu qui é pra clareá' coloca ela dentru dus tachu ela tanu **LÍQUIDA** pra clareá' coloca aquela materiau' ela clarea' aí passa pelu útímu processu'... (PIC – MA – m26MICE).*

colocanu ela já fica tipu três' aí já muda a cô' é a MEZMA CÊRA' mais muda a cô' fica tipu três' intãu tipu Quatru' três i a tipu um qué feita du ôlhu da carnaúba. (PIC – MA – m26MICE).

Aí tem a tipu um só qui a tipu um é:: já é: a melhó cêra qui tem já é du ÔLHU da carnaubêra' a tipu três i Quatu sãu da PALHA da carnaubêra du PÓ DA PAIA, (PIC – MA – m26MICE).

OPERADOR DE CERA s. m.

Transc. graf. **Operadô di cêra.**

Profissional responsável pela fabricação e recuperação da cera lavada com o solvente.

Minha profissãu era operadô mermu' toda vida eu fui operadô di cêra ...Operadô' eli fais to:du produutu' pra fora Quandu sai pruntu' já pá í pá viajá... (PIC – FFB – m74NACE).

OPERADOR DE MÁQUINA s. m.

Transc. graf. **Operadô di máquina.**

Profissional responsável pela utilização das máquinas.

Minha profissãu é operadô di máquina... Eli opera as máquina di...vem a cêra da refinaria intendeu" aí já sai ali a produçãu pá:: isportaçãu, (PIC – JMMS – m31FICE).

OPERADOR DE SOLVENTE s. m.

Transc. graf. **Operadô di sôventi.**

Profissional responsável pela utilização do solvente na fabricação da cera.

...tem u operadô di sôventi né "qui trabalha nu sôventi né » (PIC – FJNX – m26FICE).

Ver: **solventeiro.**

Nota: O operador de solvente responsabiliza-se pela quantidade de solvente administrada na lavagem do pó.

OPERAR O APARELHO v.

Transc. graf. **Operá u aparelhu.**

Processo que consiste na utilização do aparelho de solvente.

Operá u aparelhu' botá sorventi dentru du aparelhu' botu pra isquentá i puxu a lavagi até terminá di lavá, (PIC – CHBR – m23FICE).

PERÓXIDO DE HIDROGÊNIO s. m.

Transc. graf. **Peróksidu di hidrogêniu.**

Var. ms. **Peróxido.**

Transc. graf. var. ms. **Peroça, peroksi, peroksiu.**

Produto químico utilizado para clarear a cera.

*...depois qui ela é fiutrada ela vai submetida au clariamentu cum **peróksidu di hidrogêniu** i depois du clariamentu' ela vai pra escamadeira' (PIC – LMM – f29SCCE).*

*...aí colocanu u materiau qui tem pra clariá qui chama **peroça**' ali tem quarenta purcentu di:: amoníacu né" (PIC – MA – m26MICE).*

*Da paia' a tipu QUATRU i a tipu TRÊIS' todas duas vem da paia' du PÓ DA PAIA' só qui uma pega u produту qui é u **peroksi** né" pra clariá qui vira tipu três i a outra não pega, (PIC – MA – m26MICE).*

*Utiliza' é u **peroksiu**'...É um produту químico qui você bota dentru' pá clariá ela' i refiná ela, (PIC – JMMS – m31FICE).*

PESADOR s. m.

Transc. graf. **Pezadô.**

Profissional responsável pela pesagem da cera de carnaúba.

*é:: **péza** cêra' pézu cêra' eu quebru a cêra né" eu descarregu carga' é assim u qui tem pá fazê a renti fais, (PIC – FJNX – m26FICE).*

Ver: **balanceiro.**

PESAR v.

Transc. graf. **Pezá.**

Processo que consiste em determinar o peso das sacas com cera de carnaúba em escama ou em pedaço.

*U Contêiner tá prontu pra í' só fais **pezá** i prontu (+) essa vai pru Uruguai, (PIC – M – m40SCCE).*

PIPETA s. f.

Transc. graf. **Pipêta**

Instrumento laboratorial em vidro destinado à medição de volumes.

...u quê podi uzá assim vidraria pra fazê tipu latãu si uza uma burê::ta augumas medições com pipêta, (PIC – LMM – f29SCCE).

Nota: A pipeta também é utilizada para transferir pequenos volumes líquidos, entretanto não pode ser aquecida. Existem dois tipos de pipetas: as graduadas que possuem uma escala para a medição de volumes variáveis e as volumétricas utilizadas para medir um volume determinado, estas são mais rigorosas que as anteriores.

PÓ BRANCO s. m.

Transc. graf. **Pó brancu**

Material extraído da folha olho da carnaúba.

A tipu um é a cêra du:: pó brancu' é qué a cêra branca, (PIC – IMN – m57NACE).

Ver: **pó do olho da carnaúba.**

Nota: Do pó branco, fabrica-se a cera olho ou cera de carnaúba tipo um ou cera branca.

PÓ BRUTO s. m.

Transc. graf. **Pó brutu.**

Material extraído da folha olho e da palha da carnaúba sem nenhum refino.

Tipu Quatru (+) é pur cauza qui ela já vem' 'so u pó brutu né" aí a genti fais ela i fiutra' ela só vai fiutrada i fica' ela fica prêta na cô prêta tá intendenu" sem colocá u materiau di clariá (+) (PIC – MA – m26MICE).

POÇO s. m.

Transc. graf. **Poçu.**

Tem' tem' us:: também qui quebra a cêra né" um poçu' (+) porquê já:: vai quebrã::nu' i já: vai ensacã::nu logu' tendeu" já vai empacotã::nu logu' pá í diretamenti para lá pá depois lotiá pá isportá, (PIC – JMMS – m31FICE).

Ver: **pavimento.**

PÓ DA PALHA s. m.

Transc. graf. **Pó da paia,**

Var. ms. **Pó da palha, pó de palha.**

Transc. graf. var. ms. **Pó da paia, pó di palha**

Material extraído da palha da carnaúba.

*Tem mêis qui a renti trabalha com u **pó da palha'** aí tem mêis qui a genti trabalha com u pó di ôlhu,* (PIC – JCP – m28NACE)

*Da paia' a tipu QUATRU i a tipu TRÊIS' todas duas vem da paia' du **PÓ DA PAIA'** só qui uma pega u produtu qui é u peroksi né" pra clariá qui vira tipu três i a outra nãu pega,* (PIC – MA – m26MICE).

*I u **pó di palha** dá uma cêra prêta' si extraindu a a: du pó di palha vai dá cêra areno:za ou cêra gorda.* (PIC – M – m40SCCE).

Nota: Do pó da palha, fabricam-se as ceras de carnaúba tipo três, cera de carnaúba tipo quatro, chamadas de cera amarela ou cera preta.

PÓ DO OLHO DA CARNAÚBA s. m.

Transc. graf. **Pó du ôlhu da carnaúba.**

Var. ms. **Pó do olho, pó de olho.**

Transc. graf. var. ms. **Pó du ôlhu, pó di ôlhu, pô di ôi.**

*É porquê a cêra tipu um ela é feita du:: **pó du ôlhu da carnaúba** i a tipu três é feita da: paia da carnaúba,* (PIC – JMMS – m31FICE).

*Tipu um é a cêra du **pó du ôlhu** tendeu" i a tipu três é da cêra' arenoza i: a: tipu Quatu é a cêra gorda,* (PIC – JMMS – m31FICE).

*Issu aqui ó' aqui é u pó di palha' vem da palha' e:li é isverdia:du acinzenta:du i u **pó di ôlhu** eli é BRANCU,* (PIC – M – H40SCCE).

*A cêra ôlhu' a melhó qui tem aqui du ôlhu di **pó di ôi,*** (PIC – CHBR – m23FICE).

Ver: **pó branco.**

PRETA adj.

Var. ms. **Pretinha.**

Referente à cera de carnaúba tipo quatro.

*...i a tipu Quatru ela é **prê:ta,*** (PIC – FDNM – f40MCCE).

*Tipu Quatru é a bem **pretinha,*** (PIC – HEF – m25MICE).

Ver: **cera de carnaúba tipo quatro.**

PRODUÇÃO s. f.

Transc. graf. **Produção.**

Estoque de cera de carnaúba produzida pela indústria com vistas à exportação.

Transc. graf. var. ms. **Quebradô.**

Profissional encarregado de quebrar a cera de carnaúba em pedaços.

*...quebrã:nu a cêra na máquina né” qué: u:: **quebradô** né” prá insacá ela sabi’ pra ela depois viajá né”* (PIC – IMN – m57NACE).

QUEBRAR A CERA v.

Transc. graf. **Quebrá a cêra.**

Var ms. **Quebrar.**

Transc. graf. var. ms. **Quebrá.**

Processo que consiste em fragmentar a cera em pedaços ou barras.

*Sei’ sei: **quebrá a cêra’ sei** iscamá viu”* (PIC IMN – m57NACE).

*Iscamá é nu rolu’ qui tem um rolu’ di ferru... ela rodanu a água pur dentru ela joganu i a cêra cainu lá imbaxu’ é ela rá sai nu pontu di **quebrá** (+) i aqui ela só iscama si fô com água,* (PIC – IMN – m57NACE).

Ver: **moer.**

r

RECUPERAÇÃO s. m.

Transc. graf. **Recuperaçãu.**

Operação realizada pelo recuperador de cera.

*...é’ é essa mezmá só **recóperaçãu** LAVA i recópera né” depois qui termina di lavá tem qui recópera pá tirá u sôventi qui tá dentru dus tanquis i a cêra vai pá pá: ôtru aparelhu,* (PIC – CHBR – m23FICE).

RECUPERAR A CERA v.

Transc. graf. **Recuperá a cêra.**

Processo que consiste em recuperar a cera de carnaúba separando-a do solvente.

*Operá: u aparelhu’ botá sorventi dentru du aparelhu’ botu pa isquentá i puxu a lavagi até terminá di lavá’ ...é **recópera a cêra** pá botá pra dentru du aparelhu,* (PIC – CHBR – m23FICE).

REDUTOR s. m.

Transc. graf. **Redutô.**

Equipamento hidráulico utilizado para reduzir a pressão das bombas.

*Elétricus é:’ sãu us motoris’ a bom:ba (+) u tachu é mecânicu mais roda também devidu as bombas né” qui tem as bombas us motô’ u quê mais:” tem us **redutô** tudu’ a MAIORIA é elétricu’ issu é a maioria, (PIC – MA – m26MICE).*

REFINADA adj.

Transc. graf. **Refinada**

Referente à cera de carnaúba que é purificada para a retenção de impurezas e clareada.

*...porquê aqui ela vem du interiô certu” ela vem bruta i aí a genti passa’ coloca ela dentru d’um tachu pra ela derretê’ coloca ela pra derretê’ aí dessi tachu derreti’ ela passa pelu fiutru’ fiutrada pá tirá as impurezas né” tira toda a impureza aí passa pra outra seçãu pra clariá’ aí nessa seçãu ela CLAREA’ aí vem pra ou:tra’ pra iscama’ aí já vem **refinada** certu” (PIC – MA – m26MICE).*

REFINAR v.

Transc. graf. **Refiná.**

*...ela vem du fiutru’ aí passa pela / ... Utiliza’ é u peroxiu, ... É um produtu químicu qui você bota dentru’pá clariá ela’ i **refiná** ela, (PIC – JMMS – m31FICE).*

Ver: **afinar.**

REFINARIA s. f.

Transc. graf. **Refinaria**

Local onde a cera é produzida, refinada, selecionada e classificada em três tipos, para em seguida, ser exportada para outros países.

*...a cêra tá cunzinhanu né” Quandu ela tá nu pontu’ a genti limpa a bomba pá bomba puxá’ a cêra qui rein du tachu’ pá di lá ela descê pá dentru du fiutru sabi” (muito barulho)...di lá ela vai lá pá **refinaria**’ aí da refinaria é qui dá u pontu nela’ pá vim pá iscama, (PIC – IMN – m57NACE).*

REFRIGERAÇÃO s. f.

Transc. graf. **Refrigeraçãu.**

Operação que consiste na redução artificial da temperatura do solvente.

SEPARADOR s. m.

Transc. graf. **Separadô.**

Equipamento mecânico utilizado para separar o solvente da cera de carnaúba.

*...eli tá saindu du distiladô:: passandu a cêra lá u sôventi passa aqui nu **separadô**
...Separadô' aí u sôventi vem pra cá cum água' i separa' comu u sôventi é mar levi' u
sôventi fica em cima' i vai passandu aqui' aí imbaxu fica a água' (PIC – M –
m40SCCE).*

SERVIÇO GERAL s. m.

Transc. graf. **Serviçu gerau.**

Função desempenhada pelo caldeireiro, clareador, conferente, escamador, filtrador, operador de cera, operador de máquina, operador de solvente, recuperador.

*Nãu' nãu a genti embala a cêra também' Quando num tem u qui fazê' a genti embala a
cêra' impacota'...É serviçu gerau'...É ezatamente elis fazem tudo é **serviçu gerau**
mermu, (PIC – MA – m26MICE).*

SOLIDIFICAR v.

Transc. graf. **Solidificá.**

Processo que consiste em transformar a cera de carnaúba líquida em estado sólido.

*si fô em pedaçu ela é escoada numa piscina' numa piscina nãu' num pavimentu' i
Quando ela **solidifica** é quebrada cum martelu'... (PIC – LMM – f29SCCE).*

SOLVENTE s. m.

Transc. graf. **Sôventi.**

*Essi aqui a renti bota u pó' cum a palha misturadu' pra renti extraí' joga u sôventi'
Quando u sôventi passa' a renti aqueci' i joga u **sôventi** pra cá aí eli rá vem u sôventi i
a cêra só' a sujêra já vai ficando lá, (PIC – M – m40SCCE).*

Ver: **nafta.**

SOLVENTEIRO s. m.

*...**solventeiro**, filtrador e alciliar de filtrador. (PIC – JMMS – m31FICE).*

Ver: **operador de solvente.**

...é vernis di cêra é batom' servi pra um bocadu di utilidadi.. (PIC – JLV – f40FICE).

VELA s. m.

Transc. graf. **Véla**

Material sólido produzido através da cera de carnaúba.

Ah'sei a cêra di carnaúba si uza na fabricaçãu di vernizis uma das matérias primas né” véla’ (PIC – LMM – f29SCCE).



////////////////////////////////////

ZELADOR s. m.

Transc. graf. **Zeladô, geladô.**

Profissional responsável pela limpeza da indústria.

Trabai::u di gela:dô i trabaiu na máquina quebranu cêra’ quebranu cêra na máquina aí né” TODU serviçu... (PIC – FES – m67NACE).

V – DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

5.1 ANÁLISE SOCIOTERMINOLÓGICA

O principal objetivo da pesquisa em Socioterminologia, é o registro e a análise das variantes terminológicas. Essas variantes correspondem às diversas possibilidades de expressão dos fenômenos investigados, nos diferentes contextos discursivos, e com o mesmo valor de verdade, ou seja, elas ocorrem quando dois ou mais significantes têm um mesmo significado.

Para Faulstich (2006), quando os termos apresentarem as mesmas condições de uso, serão considerados variantes um do outro. Isso acontece, por exemplo, quando os termos têm formas, parcial ou totalmente, diferentes para um mesmo significado referencial e estão disponíveis para o uso corrente.

Nesta pesquisa, o contexto discursivo ou universo discursivo dos participantes da cadeia produtiva da cera de carnaúba em Caucaia, é representado pela forma como os discursos são constituídos, e pelas condições de produção desses discursos, uma vez que esses fatores determinam as escolhas terminológicas desses locutores.

A análise socioterminológica, ocupa-se do estudo da transformação dos termos, no que diz respeito à produção desses termos pelos sujeitos, em suas interações verbais, no meio profissional. Para isso, a análise do *corpus*, considera aspectos morfossintáticos e semânticos inerentes à terminologia em estudo.

Portanto, para a análise socioterminológica, o contexto discursivo é determinante, sendo assim, os seguintes questionamentos são levantados: como, onde e por quem são utilizados os termos? Através da aplicação dos princípios metodológicos da Socioterminologia, por meio da observação e da descrição das práticas discursivas variadas, poderemos compreender como são utilizados os termos.

Considerando-se as características do *corpus*, constituído por entrevistas realizadas no âmbito da terminologia da cadeia produtiva da cera de carnaúba, em Caucaia, apresenta-se, neste capítulo, o estudo e a análise das variantes concorrentes e co-ocorrentes do universo investigado, tanto na produção artesanal quanto na produção industrial. Ressalta-se que, no referido *corpus*, não houve ocorrência de variantes competitivas.

Apresentamos a análise e a descrição dessas variantes considerando-se, inicialmente, os processos lingüísticos aos quais estão relacionadas. Entre esses processos, destacam-se os morfossintáticos e semânticos. Em seguida, por meio de contextos extraídos do *corpus*, descrevemos as variantes terminológicas, seguidas do código de cada informante.

O perfil do informante permite, entre outros aspectos, definir o contexto discursivo ao qual o termo está relacionado. Sendo assim, a análise estará devidamente documentada, possibilitando reconhecer a procedência do termo, caso ele seja pertencente à produção artesanal ou industrial da cera de carnaúba. Além de permitir, ao leitor, uma melhor compreensão dos processos estudados.

5.1.1 Variantes concorrentes e co-ocorrentes

Em linha com Faulstich (2006), a variação terminológica pressupõe a identificação e a análise de formas lingüísticas em variação, essas formas podem apresentar-se em concorrência, ou seja, quando duas ou mais formas concorrem; em co-ocorrência quando dois ou mais termos são usados ao mesmo tempo; e em competição quando os termos competem com outros termos de origem estrangeira.

Ainda segundo Faulstich (2002), as variantes terminológicas são caracterizadas como concorrentes, co-ocorrentes e competitivas. As variantes terminológicas concorrentes são denominadas de variantes formais, elas constituem duas subcategorias, as variantes formais terminológicas lingüísticas e as variantes formais terminológicas de registro.

Em Socioterminologia, as variantes formais terminológicas lingüísticas são consideradas variantes concorrentes, isto é, duas ou mais variantes não ocupam o mesmo espaço no plano discursivo, elas concorrem entre si. A concorrência entre essas variantes, além de proporcionar a variação terminológica pode, também, possibilitar a mudança lingüística.

As variantes terminológicas lingüísticas se subdividem em fonéticas, morfológicas, gráficas, lexicais e sintáticas. As variantes terminológicas de registro classificam-se em geográficas, discursivas e temporais.

5.1.1.1 Variantes morfossintáticas

Para Gaudin (1993), no âmbito da descrição sintática a dimensão própria aos vocabulários profissionais é verdadeiramente constituída pela atenção dada aos co-ocorrentes, às fraselógicas, e, de forma geral, aos vocábulos ou termos complexos característicos de um discurso ligado a um saber.

No âmbito da descrição semântica, por sua vez, os aspectos relacionados são a neologia semântica, a metáfora, a separação em campos conceituais, os homônimos que multiplicam-se nas línguas especializadas.

a. DERIVAÇÃO SUFIXAL

Os processos de derivação sufixal podem ser nominais ou verbais, o primeiro dá origem a substantivos ou adjetivos, o segundo, por sua vez, origina verbos. No âmbito dos sufixos nominais classificam-se os aumentativos e diminutivos.

- **Aumentativos**

Os sufixos aumentativos presentes nas variantes retiradas do *corpus*, possuem as seguintes formações: “ão”, “zão” e “ona”. Para Câmara (1998), o sufixo aumentativo mais comum no português do Brasil é o sufixo “ão”. Nos casos a seguir observa-se que as variantes são utilizadas, exclusivamente, por informantes do sexo masculino, provenientes do domínio referente à produção artesanal da cera de carnaúba.

| Contextos discursivos |
|--|
| INF: Cêra gorda é é'...É' daqueli processu é é'...É' da du caudêrãu : du caudêrãu:, (PAC – SMF – m61NACA). |
| INF: É aí pá derretê a branca a caudêra é u pozãu prêtu qui derreti bota aquela cerona arenoza aculá, (PAC – JSM – m59FICA) |
| INF: É uma varazona di bambu grandi' aí tem um vara di ispichi chamada ispichi' i meti a foici' aí tudu qui derrubá lá di cima' aí tem um aparandu em baxu cum a faca, (PAC – ASS – m20FICA). |
| INF:...a prêta é bem prêtona' pá num tê erru si us mininu fizê a prêta muita prêta u hõmi rá num qué eli rá pedi pu B. lerrá arenoza qui é a essenciau pra elis lá, (PAC – ADRS – m19FICA). |

Quadro 03 – Aumentativos

- **Hipocorísticos**

Entre os sufixos nominais, destacam-se os hipocorísticos, representados pelos sufixos diminutivos. Em nosso *corpus* de estudo, foram encontrados alguns sufixos diminutivos, apresentando as seguintes formações: “*inhu*”, “*im*”, “*inha*”, “*zinhu*” e “*zinha*”. No quadro a seguir, observamos que essas variantes são encontradas de uma forma geral no âmbito da PAC e da PIC.

| Contextos discursivos |
|--|
| <p>INF: A caudêra' a caudêra ela bota naquela caudêra bem grandi aí bota a lenha lá em baxu' aí bota miu litru d'água' pá di' ou dois miu litru pá depois jogá u pó prêtu i ali nãu u pó brancu é differenti' bota bem poquinho pó né" bem poquina água pá depois í joganu us pó joganu us pó até qui fica a cêrinha bem amarelinha né" u mistériu só é essi na ôta é um horrô di miu litru d'á:gua i nessa dali é poquinho' aí rai ficanu aquela cêrinha amarelinha, (PAC – MCS – f47FICA).</p> <p>INF: Porquê quandu um dessis buraquim aí a renti num tá percebenu' a renti arrócha ela bati ligêru i espóca a genti' (PAC – ADRS – m19FICA).</p> <p>INF: Porquê ali é só nus baudi né" i aí bota medida' um tantim di pó' i ali só bota poucu pó, (PAC – FMD – m20FICA).</p> <p>INF: É elis botãu' fais a ruma num ralô di cem paia i amarra' aí bota separadim né" quandu rãu passá passãu separadu, (PAC – JMVS – m47NACA).</p> <p>INF: Aí bota nessi tambô' aí ó' bota ôtu preparu aí' né" pareci qui é um sau azêdu pa pudê formá a cêra' aí dai rai pá prensa aí aí da prensa bota naqueli coiza aculá' aí pontu aí far a cêra aquela aguazinha qui cai imbaxu ali rá fais a cêra rá si transforma na cêra, (PAC – PPFA – m22FICA).</p> <p>INF: Nãu é moto:zinhu mermu di di comum mermu tendeu" moto:zinhu di rodá i: pá pá.. (PIC – IMN – m57NACE).</p> <p>INF: Tem a diferença porquê tipu um e:la é mais (+) ela é melho:zinha di si trabalhá a tipu um, (PIC – AVP – m57NACE).</p> |

Quadro 04 – Hipocorísticos

b. COMPOSIÇÕES SINTAGMÁTICAS

Nos quadros a seguir, identificamos, a partir do *corpus* analisado, as composições sintagmáticas e o tipo de estrutura que possuem.

| ESTRUTURA: N + N | |
|---|-----------|
| Contexto discursivo | |
| INF: A braca é feitu du da u pó ôlhu (PAC – JSM – m59FICA) | |
| Total de variantes: | 01 |

Quadro 05 – Composição sintagmática “N+N”

| ESTRUTURA: N + ADJ | |
|--|-----------|
| Contextos discursivos | |
| INF: Aqui nós apenas' nós fais só u carracu' u cavacu prêtu qui lá da du pó prêtu essa bôrra aqui' i du' nós fais daquela bôrra lá branca nós cuzinha i far u carracu branču' ... (PAC – ADRS – m19FICA). | |
| INF: Aqui é u seguinti pegu a bôrra gorda' tragu bota na lata i passu ela i apontu u cavacu i daqui u cavacu prá aprontá a cêra gorda né" (PAC – JMVS – m47NACA). | |
| INF: Aí é a cêra arenoza' ...Ezisti' a diferença é porquê a cêra arenoza' ela vai mais fraca um poucu'...Ela vai mais fraca du quê a prêta' a prêta ela vai pura né" (PAC – FRAA – m27MCCA). | |
| INF:...u mistériu só é essi na ôta é um horrô di miu litru d'á::gua i nessa dali é poquinho'áí rai ficanu aquela cêrinha amarelinha , (PAC – MCS – f47FICA). | |
| INF:...U sixtema por cauza qui ali nãu é cum muita água é cum coizinha pouca aí fica essa cêrinha bonitinha bem amarelinha' né" na ôta nãu, (PAC – MCS – f47FICA). | |
| INF:U tipu di folha" é só separá u ôlhu da palha' é tem u ôlhu bran::cu i tem a palha' aí a renti cor::ta' a palha qui tem na carnaúba toda, (PAC – SMF – m61NACA). | |
| INF: Porquê a palha' a palha da palha mermu a carnaúba constrói u pó prêtu qui construía a cêra prêta né" u ôlhu da carnaúba i qui constrói a cêra branca , (PAC – FRAA – m27MCCA). | |
| INF: Mermu jeitu aculá' i eli ienchi d'água até as autura aí eli bota pó dentu i sau azêdu' dexa cunzinhá bastanti passa pu ezemplu eli tanu hoji tira só amanhã di noiti, (PAC – FASP – m19MICA). | |
| INF:...u:: a quantidadi deli é bem melhó du pó di ÔLHU eli dá uma cêra amarela:da , (PIC – M – m40SCCE). | |
| INF: Issu aqui era antigamenti' issu nós já tá cuns quinze anus as centrífugas prá fazê a cêra centrifugada , (PIC – M – m40SCCE). | |
| INF:Eu sô ausiliá administrativa na parti aqui du escritóriu, (PIC – FDNM – f40MCCE). | |
| INF: ... i lá u fiutru a...joga pra fiutrá ó:: lá tá fiutrandu já'...Issu aí já é a cêra fiutrada já ela lá tá caindu fiutrada, (PIC – M – m40SCCE). | |
| INF: Tipu Quatru (+) é pur cauza qui ela já vem' 'so u pó brutu né" aí a genti fais ela i fiutra' ela só vai fiutrada i fica' ela fica prêta na cô prêta tá intendenu" sem colocá u materiau di clariá (+) (PIC – MA – m26MICE). | |
| INF: Também nãu' só cum mecânicu sóudadô da fábrica... (PIC – FJNX – m26FICE). | |
| INF: Nãu' nãu a genti embala a cêra também' Quando num tem u qui fazê' a genti embala a cêra' impacota'...É serviçu gerau'...É ezatamenti elis fazem tudo é serviçu gerau mermu, (PIC – MA – m26MICE). | |
| INF:...aí ela vem pá ôtra seçãu di peroca qué um produu químicu qué pá dá clariamentu da cêra' aí di lá ela vem pá iscama qué pá escamá, (PIC - JCP – m28NACE). | |
| Total de variantes: | 22 |

Quadro 06 – Composição sintagmática “N+ADJ”

| |
|--|
| ESTRUTURA: N + Nome Especificador + Numeral |
|--|

| Contextos discursivos | |
|---|-----------|
| INF: É a tipu Quatu' cêra tipu Quatru' ...Pois é tipu Quatru pedaçu' ela é da palha' ...É tipu Quatru' cêra em iscama i tipu Quatru em pedaçu, (PIC – HEF – mH25MICE). | |
| INF: É porquê a cêra tipu um ela é feita du:: pó du ôlhu da carnaúba i a tipu três é feita da: paia da carnaúba, (PIC – JMMS – m31FICE). | |
| Total de variantes | 02 |

Quadro 07 – Composição sintagmática “N+N Especificador+Numeral”

| ESTRUTURA: N + prep. + N + Nome Especificador + Numeral | |
|--|-----------|
| Contextos discursivos | |
| INF: ... cêra di carnaúba tipu três ...é extraí:da com sôventi clariada com peróksdu i fiutrada com u diatomita, (PIC – LMM – f29SCCE). | |
| INF: Tipu um' cêra di carnaúba tipu um'ela é extraí:da com sôven:ti né” (PIC – LMM – f29SCCE). | |
| Total de variantes | 02 |

Quadro 08 – Composição sintagmática “N+prep.+N+N Especificador+Numeral”

| ESTRUTURA: N + prep. + N | |
|---|--|
| Contextos discursivos | |
| INF: Us ajudanti tudim tudu em serviçu'...É butadô di fêxu' tiradô di imbira' ciscadô di bagana' metedô di paia' (PAC – ASS – m20FICA). | |
| INF: ...tem uns qui bota bota paia é u butadó di paia u cara qui bota paia na máquina... (PAC – ADRS – m19FICA). | |
| INF: Não tem' tem' us carregadô di fêxu né” prá cima da máquina i tem us impurradô também di paia pá pudê ela cortá fica u ôtu rá tira a bagana pá pudê' aí tem muita genti, (PAC – ADL – m59FICA). | |
| INF:Aqui é cortada aí aparada podi í de 50 i 50 paia' ... É cortadô di ôiu u nomi' ... Corta as palha todim aí u ôiu brancu é qui dá a cêra branca justamenti é a cêra branca nessa coiza aí, (PAC – JSM – m59FICA). | |
| INF: Lá em cima né”...É us pessoau' us hõmi cortandu né” cum a taboca'...É u cortadô di paia , (PAC – MCS – f47FICA). | |
| INF: É porquê lá é nu cauderãu grandi i aqui é nus piquinininhu chama-si u cuzinhadô di cêra' ...Aqui é u cuzinhadô di cêra, (PAC – JSM – m59FICA). | |
| INF:Escolhida a foia di ôio a renti separa ela aí u ôlhu /...U ôlhu é finu' i a palha é larga' aí a renti separa pá pudê fazê / (PAC – ML – m58FICA). | |
| INF: É a bõrra aqui eli cozinha di novu cum água' cozinha di novu cum água passa na prensa di ferru aculá quando acabá fais issu aí, (PAC – ML – m58FICA). | |
| INF: ...É uma prensa di madêra i as di lá são di ferru né” (PAC – MCS – f47FICA). | |
| INF: A prêta'elis cozinha aí depois di um bom tempu di noiti elis tirãu derrama tudim dexa ressecá elis quebrãu...É é quebradô di cêra' ...é quebra cêra, (PAC – FASP – m19MICA). | |
| INF: Pronto eu primêru eu cortu a palha' aí tiru u pó aí preparu u motô pá cortá u ôlhu' trocu navalha | |

modu u **sistema di navalha** pá cortá u ôlhu'. (PAC – RAS – m37FCCA).

INF:...É **sistema di trituragi** cum ezauxtô'...U pó é separadu da palha cum ezauxtô suganu u pó, (PAC – RAS – m37FCCA).

INF: Aí tem u **tiradô di imbira** aí tem u fexêru'...Tira a imbira u nomi rá tá dizenu tiradô di imbira' tira a imbira, (PAC – RAS – m37FCCA).

INF:...i si uza' é diatomita comu **ausiliá di fiutração**, (PIC – LMM – f29SCCE).

INF:Issu aqui é pra fazê a refrigeração' aqui dus **campu di sôventi** pra elis num aquecê dimais, (PIC – M – m40SCCE).

INF: Us proDUTUS' ah são várius' tem remédu qui uza é:: baTOM' hidraTANTI' é:: eu achu qui xam:pu:: várius tipus di cosméticu qui elis uzam a **cêra di carnaúba**, (PIC – FDNM – f40MCCE).

INF:...É tipu Quatru' **cêra em iscama** i tipu Quatru em pedaçu, (PIC – HEF – m25MICE).

INF: Tem tipu um' tipu três i tipu Quatu (+) três tipu' aí tem a **cêra em pedaçu** também' cêra em pedaçu'...Em pedaçu é a em barra, (PIC- HEF – m25MICE).

INF: ... a genti qué fazê u processu' fazê a tipu Quatu' a genti coloca nu tachu pra derretê ela' aí ela vem pra **OUTRA seçu di clariamentu** (PIC – MA – m26MICE).

INF:...aí ela vem pá ôtra seçu di peroca qué um **produu químicu** qué pá dá clariamentu da cêra' aí di lá ela vem pá iscama qué pá escama, (PIC - JCP – m28NACE)

INF: Nãu a importância du meu trabalho nu laboratóriu é a questãu du **controlu di qualidadi'**...(PIC – LMM – f29SCCE).

INF: É é **seçu di fiutração'**...Nãu' num trabaiu cum a palha' trabaiu FIUTRANU, (PIC – AVP – m57NACE).

INF:...a indús:tria dependi' tantu é qui ninguém tem carnaúba' dependi delis' dus **fornecedoris di pó** daqui di matéria prima" (PIC – LMM – f29SCCE).

INF: Minha profissãu era operadô mermu' toda vida eu fui **operadô di cêra** ...Operadô' eli fais to:du produu' pra fora Quando sai prantu' já pá í pá viajá... (PIC – FFB – m74NACE).

INF:...Quando eu fô trabalhá' aí eu tenhu aquela **tela di vidru** qui mi protegi' eu coloco a mão debaixo da tela i ligu u ezauxtô aí nãu tem **perigu di contaminação**, (PIC – LMM – f29SCCE).

INF: Minha profissãu é **operadô di máquina**... Eli opera as máquina di...vem a cêra da refinaria intendeu" aí já sai ali a produção pá:: isportação, (PIC – JMMS – m31FICE).

INF: ...tem u **operadô di sôventi né**" qui trabalha nu sôventi né" (PIC – FJNX – m26FICE).

INF: ...depois qui ela é fiutrada ela vai submetida au clariamentu cum **peróksidu di hidrogêniu**' i depois du clariamentu' ela vai prá escamadeira' (PIC – LMM – f29SCCE).

INF: I u **pó di palha** dá uma cêra prêta' si extraindu a a: du pó di palha vai dá cêra areno:za ou cêra gorda. (PIC – M – m40SCCE).

INF: Nãu' ela é pa:ssa:da' **TODAS** as cêras aqui são fiutradas né" elas são passadas pur um **fiutru PRENSA** i já misturada com a diatomita' aí nu fiutru prensa ela é retida num panu' comu si fossi uma **placa di panu né**" (PIC – LMM – f29SCCE).

INF: Ah' si precizá' nu cazu assim di ajuda' auguma coiza" aí a genti ajuda né"... **Seçu di sôven::ti** fiutru essas coiza aí a genti ajuda, (PIC – JMMS – m31FICE).

INF: Comu eu falei a mufla é elétrica' a estufa' a **bateria di istração** tem u akecedô elétricu' i tem a

| | |
|--|-----------|
| <p>balança analítica' i u: a balança di infravermelhu, (PIC – LMM – f29SCCE).</p> <p>INF: Por ezemplu' a Jonhson qui utiliza cêra di carnaú:ba e:la e:la tem a própria' unidadi di istraçãu i refinu né" (PIC – LMM – f29SCCE).</p> | |
| Total de variantes | 41 |

Quadro 09 – Composição sintagmática “N + prep. + N”

| | |
|--|-----------|
| ESTRUTURA: N + Adj. + prep. + N | |
| Contexto discursivo | |
| <p>INF: ...controlu químicu di cualidadi' i matéria prima... (PIC – LMM – f29SCCE).</p> | |
| Total de variantes | 01 |

Quadro 10 – Composição sintagmática “N+Adj.+prep.+N”

| | |
|---|-----------|
| ESTRUTURA: N + Adj. + prep. + N + prep + N | |
| Contexto discursivo | |
| <p>INF:...i produutu acabadu' di cêra di carnaúba, (PIC – LMM – f29SCCE).</p> | |
| Total de variantes | 01 |

Quadro 11 – Composição sintagmática “N + Adj. + prep. + N + prep + N”

| | |
|---|--|
| ESTRUTURA: N + prep. (Art.)+ N | |
| Contextos discursivos | |
| <p>INF: É façu só issu aqui óh' issu aqui ó' issu aí é a bôrra é a bôrra du pó, (PAC – JP – m38FICA).</p> <p>INF:...É u ôlhu né" é tantu qui a cêra du ôlhu é cem reais a arroba, (PAC – MCS – f47FICA).</p> <p>INF: U cuzimentu du pó é qui elis botãu água'(PAC – ML – m56FICA).</p> <p>INF: É amarradu separadu u ôlhu i u fêxu da palha (+) u pó prêtu é u da palha i u ôlhu é u: chama-si ôiu brançu é u da cêra branca é u qui é / (PAC – JSM – m59FICA).</p> <p>INF: É amarradu separadu u ôlhu i u fêxu da palha (+) u pó prêtu é u da palha i u ôlhu é u: chama-si ôiu brançu é u da cêra branca é u qui é / (PAC – JSM – m59FICA).</p> <p>INF: U pó vai pu panu da máquina lá em cima i a bagana sai'...É tipu um balãu qui fica lá em cima cum pó subinu, (PAC – FMD – m20FICA).</p> <p>INF: U pó du ôlhu cê risca né"...Passa na máquina também' só qui é separadu du prêtu'...Aí prontu aí derreti nu fogu aí' i far a cêra, (PAC – JP – m38FICA).</p> <p>INF: Essis aí qui passô agora elis cuzinhãu u pó da paia né" na caudêra né"...É cauderista, (PAC – MCS – f47FICA).</p> <p>INF:Aqui elis trabalhãu na produçãu da cêra mar é diferenti' é nus baudi sabi"... A genti tem as caudêra uma coiza' us baudi é ôtus us baudi, (PAC – FRAA – m27MCCA).</p> <p>INF: É porquê dentu du materiau da cêra ela vem num tachu né" aí você tira a rolhazinha du tachu' tira a água todinha aí quandu tá derramanu a cêra cê bota a rolha i trais só a cêra pus tanqui, (PAC – JP – m38FICA).</p> | |

| | |
|---|-----------|
| <p>INF: ...pra inxê us tachu né” Quando seca aí tem a ... pá inxê’ aí nu clariamentu tem u clareadó’i u ajudanti du clareadó’ i na iscama também tem u:: são dois escamadoris i dois ajudantis, (PIC – M – m40SCCE).</p> <p>INF:É u vapô da Caudêra’ pá toda a fábrica.... Dali precisa di vapô pra aquecê u sôventi’ aqui precisa du vapô pá fazê pá derretê a cêra / (PIC – M – m40SCCE).</p> <p>INF:...du estiladó ela vai pu tachu pa cuzinhá já feito cêra já’ aí du tachu pá cuzinhá é fiutada depois clariada depois vai pá seção da iscama qué ondi eu trabalho, (PIC – JMMS – mH31FICE).</p> <p>INF: ...colocanu ela já fica tipu três’ aí já muda a cô’ é a MEZMA CÊRA’ mais muda a cô’ fica tipu três’ intáu tipu Quatru’ três i a tipu um qué feita du ôlhu da carnaúba. (PIC – MA – m26MICE).</p> <p>INF: Tem mêis qui a renti trabalha com u pó da palha’ aí tem mêis qui a genti trabalha com u pó di ôlhu,(PIC – JCP – m28NACE).</p> <p>INF:...aí ela vem pá ôtra seção di peroca qué um produto químico qué pá dá clariamentu da cêra’ aí di lá ela vem pá iscama qué pá escama, (PIC - JCP – m28NACE)</p> | |
| Total de variantes | 16 |

Quadro 12 – Composição sintagmática “N + prep. (Art.)+ N”

| | |
|--|-----------|
| ESTRUTURA: N + prep. + N + Adj | |
| Contextos discursivos | |
| <p>INF: Nãu ali eu num sei nãu’ a genti conheci assim comu cuzinhadô di pó branqu né”...I prontu eli fais aquele pozinhu / (PAC – MCS – f47FICA).</p> <p>INF: Lá u seu A. é foguista é u foguista i u ôtu é u prensêru di pó branqu’...Fais dessi jeitu assim ó’ só prensanu a a / (PAC – ADRS – f18FICA).</p> | |
| Total de variantes | 02 |

Quadro 13 – Composição sintagmática “N + prep. + N + Adj”

| | |
|---|-----------|
| ESTRUTURA :N + prep. + N + prep. + N | |
| Contextos discursivos | |
| <p>INF: Aqui é uma: istra:tô:ra di di uma ixtraidôra di pó di carnaúba ixtraidora di pó di carnaúba’(PAC – RAS – m37FCCA).</p> <p>INF: ...utilizu uma bateria di istração prá podê fazê análizi di rendimentu di pó’ (PIC – LMM – f29SCCE).</p> | |
| Total de variantes | 02 |

Quadro 14 – Composição sintagmática “N + prep. + N + prep. + N”

| | |
|--|-----------|
| ESTRUTURA: N + prep. + N + prep. (Art.)+ N | |
| Contexto discursivo | |
| <p>INF: Eu sô’ minha profissäu é: é: instrutô’...Di cêra da caudêra’...Eu:: dô instrução au trabalho cum u ajudanti’ (PAC – FRAA – m27MCCA).</p> | |
| Total de variantes | 01 |

Quadro 15 – Composição sintagmática “N + prep. + N + prep. (Art.)+ N”

| | |
|---|-----------|
| ESTRUTURA: N + prep. + V + N | |
| Contextos discursivos | |
| INF: É máquina mermu é máquina di cortá paia , (PAC – FMD – m20FICA). | |
| INF: Elétricu tem nãu é só nu vapô né”.... achu qui só bomba di puxá sôventi , (PIC – XBR – m23FICE). | |
| INF:...Tem várius’ tem a máquina di quebrá cêra ’ tem máquina di só:da’ várius tipus di equipamentus, (PIC – HEF – m25MICE). | |
| Total de variantes | 02 |

Quadro 16 – Composição sintagmática “N + prep. + V + N”

| | |
|--|-----------|
| ESTRUTURA: N + prep. (Art) + N +Adj | |
| Contexto discursivo | |
| INF: Nãu’ nãu’ é separadu é u sacu du pó brancu ..., (PAC – JSM – m59FICA). | |
| Total de variantes | 01 |

Quadro 17 – Composição sintagmática “N + prep. (Art) + N +Adj”

| | |
|--|-----------|
| ESTRUTURA: N + prep. (Art) + N + prep. (Art) + N | |
| Contextos discursivos | |
| INF: Nãu’ nãu’ é separadu é u sacu du pó brancu i u sacu du pó da paia , (PAC – JSM – m59FICA). | |
| INF: É porquê a cêra tipu um ela é feita du: pó du ôlhu da carnaúba i a tipu três é feita da: paia da carnaúba, (PIC – JMMS – m31FICE). | |
| Total de variantes | 02 |

Quadro 18 – Composição sintagmática “N + prep. (Art) + N + prep. (Art) + N”

c. SIGLA

Em todo o *corpus* analisado, encontramos apenas um caso de siglação. Para Câmara (1998) a sigla é o nome que se atribui à abreviatura. No quadro a seguir, a sigla EPI, significa equipamento de proteção individual e foi utilizada no *corpus*, apenas uma vez, por um único informante. De acordo com Xavier & Mateus (s/d), a sigla ou acrônimo, representa a letra inicial ou grupo de letras iniciais que constituem a abreviatura de certas palavras que designam organismos, partidos políticos e associações.

As siglas podem representar, também, produtos, objetos, instrumentos mecânicos, elétricos, máquinas, produtos alimentícios ou coisas de uma forma geral.

Observando o contexto discursivo abaixo, percebe-se que o informante é do sexo feminino, possui o ensino médio completo e pertence ao domínio conceitual referente à PIC.

| Contexto discursivo |
|--|
| INF: É us EPI dus funcionáriu elis uzam é tem a luva' tem máscara' é a bóta, (PIC – FDNM – f40MCCE). |

Quadro 19 – Sigla

d. DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA

No exemplo a seguir, o termo “ispaia”, utilizado por um informante do campo conceitual relacionado à PAC, é empregado para identificar a pessoa que espalha a bagana, quando ela sai da máquina de cortar palha. Conforme Xavier & Mateus (*op. cit.*), a derivação imprópria consiste no processo pelo qual um vocábulo adquire uma nova categoria gramatical sem que sua forma sofra qualquer modificação.

Na derivação imprópria, os termos mudam de classe gramatical sem sofrer modificação na forma. No caso abaixo, o informante prefere fazer uso de um verbo “**ispaia**”, na terceira pessoa do singular, em função de nome.

| Contexto discursivo |
|---|
| INF:É u ispaia bagana qui a bagana vai caindu i u ôtu vai ispaianu, (PAC – FMD – m20FICA). |

Quadro 20 – Derivação imprópria

5.1.1.2 Variantes sócio-profissionais

São também conhecidas como variantes formais terminológicas de registro e correspondem aos termos provenientes de esferas profissionais ou científicas muito diferentes. São variantes provenientes da análise dos registros de língua dos informantes, em Caucaia, que exercem alguma atividade no âmbito da produção artesanal (PAC) e da produção industrial (PIC) da cera de carnaúba.

Para Dubuc (1985), os sinônimos profissionais são ligados ao exercício de profissões diferentes. No âmbito da cadeia produtiva da cera de carnaúba pode ocorrer, por exemplo, que a analista química apresente uma denominação do tipo de cera de

carnaúba diferente daquela utilizada pelo operador de solvente. Isso demonstra que para a Socioterminologia não há exclusividade denominativa nem conceitual.

A análise das variantes sócio-profissionais no *corpus* pesquisado leva em conta a identificação das ações, processos, características, operações, funções, profissões, substâncias, produtos, máquinas, equipamentos, instrumentos, objetos e utensílios que pertencem aos dois campos conceituais estudados aqui.

- **Produtos ou substâncias**

Dessa forma, o termo “bagana”, referindo-se a produto ou substância, está presente tanto no domínio relacionado à PAC como à PIC. Percebe-se que no primeiro campo conceitual, o referido termo significa “**adubo**”, no segundo, por sua vez, é descrito como “**impureza**”.

Além da diferença entre os domínios conceituais, em foco, e à forma como os termos são reconhecidos em cada domínio, há, também, outros fatores que devem ser observados. O informante oriundo da PAC, é do sexo masculino, possui cinquenta e nove anos, e tem baixa escolaridade. No âmbito da PIC, o informante é do sexo feminino, possui vinte e nove anos de idade e tem nível superior completo.

| PAC | PIC |
|--|--|
| <p>Bagana = adubo INF: Chama-si a bagana pá negada istrumá u chãu’... é um adubu medõim, (PAC – JSM – m59FICA).</p> | <p>Bagana = impureza INF: ...colocadu em tachus i misturadus com sôventi’ lá é aquecidu essi pó misturadu com sôventi’ du sôventi tira’ extrai’ a cêra i resta’ aí decanta u qui nãu é cêra’ qui é a impureza’ qui si chama di bagana’ (PIC – LMM – f29SCCE).</p> |

Quadro 21 – Variantes sócio-profissionais “bagana”

No segundo quadro a seguir, os termos utilizados para nomear “**cera branca**”, no domínio referente à PAC, são bastante diferentes daqueles utilizados pelos informantes provenientes da PIC. No primeiro domínio, os contextos discursivos reconhecem a presença de dois informantes, um do sexo masculino, com o ensino fundamental incompleto, que prefere fazer uso do termo “**cêra branca**”; e o outro

informante, do sexo feminino que destaca-se, nos demais contextos discursivos, pelo uso de formas hipocorísticas.

Quanto ao domínio da PIC, o informante não alfabetizado, prefere utilizar as formas “**cêra branca**” e “**cêra du pó brancu**”, o informante que possui nível superior, por sua vez, é do sexo feminino e prefere fazer uso da forma “**cêra di carnaúba tipu um**”. Esses termos apresentam, sobretudo, variação denominativa, segundo a qual há várias denominações para um mesmo significante, conforme podemos constatar em seguida:

| PAC | PIC |
|---|---|
| <p>Cera branca = cera do olhu, cerinha amarelinha, cerinha bonitinha</p> <p>INF:A cêra branca é fabricada assim comu você tá vendu’ aí dus baudi’ ela sai dali passa na prensa’ apara nesse tachu’ tira a água pá pudê colocá pas forma’ aí já tá pronta já, (PAC –ADL – m59FICA).</p> <p>INF:Num sei’ eu tenhu um amigu qui chama-si A. J.’ eli chama u ôlhu é u filé num sei porquê u ôlhu é u melhô,...É u ôlhu né” é tantu qui a cêra du ôlhu é cem reais a arroba, (PAC – MCS – f47FICA).</p> <p>INF:u mistériu só é essi na ôta é um horrô di miu litru d’á::gua i nessa dali é poquinha’áí rai ficanu aquela cêrinha amarelinha, (PAC – MCS – f47FICA).</p> <p>INF:...U sistema por cauza qui ali nãu é cum muita água é cum coizinha pouca aí fica essa cêrinha bonitinha bem amarelinha’ né” na ôta nãu, (PAC – MCS – f47FICA).</p> | <p>Cera branca = cera de carnaúba tipu um, cera do pó do olho, cera do pó branco</p> <p>INF:A tipu um é a cêra du:: pó brancu’ é qué a cêra branca, (PIC – IMN- m57NACE).</p> <p>INF:Tipu um’ cêra di carnaúba tipu um’ela é extraí:da com sôven:ti né” (PIC – LMM – f29SCCE).</p> <p>INF:Tipu um é a cêra du pó du ôlhu tendeu” i a tipu três é da cêra’ arenoza i: a: tipu Quatu é a cêra gorda (PIC – JMMS – m31FICE).</p> <p>INF:A tipu um é a cêra du:: pó brancu’ é qué a cêra branca, (PIC – IMN – m57NACE).</p> |

Quadro 22 – Variantes sócioprofissionais “cera branca”

A cera de carnaúba produzida a partir do pó preto, extraído das palhas da carnaúba, é nomeada “**cêra prêta**” ou “**cêra da palha**” pelos informantes provenientes do domínio relacionado à PAC. Em relação aos informantes da PIC, o mesmo tipo de cera, produzido por meio do mesmo tipo de pó, apresenta denominações diferentes “**cêra di carnaúba tipu três**” e “**cêra tipu quatu**”.

Na âmbito da fabricação industrial da cera, a distinção entre a cera de carnaúba tipo três, amarela escura, e a cera de carnaúba tipo quatro, preta, consiste apenas na mudança de cor.

No quadro a seguir, fazendo-se um leve recorte das características sociais dos informantes, percebe-se que o informante mais jovem é oriundo da PAC e utiliza, eventualmente, a forma “**cêra da paia**”. O único informante do sexo feminino, provém da PIC e prefere fazer uso do termo “cêra di carnaúba tipu três”.

| PAC | PIC |
|--|---|
| <p>Cera preta = cera da palha</p> <p>INF:A cêra prêta é qui eu num gostava’ fazia di dois tipu arenoza i a prêta né” a prêta tem qui sê cum pouca água’ si ela apurá’ ela fica pura sem tê água agora aqui essa arenoza num é assim essa daí tem muita água ainda, (PAC – ADL – m59FICA).</p> <p>INF:A cêra mar assim é a prêta né” cêra... da paia, (PAC – FASP – f19MICA).</p> | <p>Cera de carnaúba tipo três = tipo três</p> <p>Cera de carnaúba tipo quatro = tipo quatro.</p> <p>INF:...cêra di carnaúba tipu três ...é extraí:da com sôventi clariada com peróksdu i fiutrada com u diatomita, (PIC – LMM – f29SCCE).</p> <p>INF: Tipu quatu (+) é pur cauza qui ela já vem’ só u pó brutu né” ((telefone tocando)) aí a genti fais ela i fiutra’ ela só vai fiutrada i fica’ ela fica prêta’ na cô prêta tá intendenu” sem colocá u materiau di clariá (+) aí colocanu u materiau qui tem prá clariá’ qui chama peroca’ eli tem quarenta pur centu di:: amoníacu né” colocanu ela já fica tipu três’ aí já muda a cô’ é a MEZMA CÊRA’ mais muda a cô’ fica tipu três’ intâu tipu quatu’ três i a tipu um qué feita du ôlhu da carnaúba, (PIC – MA – m26MICE).</p> <p>INF:É a tipu Quatu’ cêra tipu Quatu’...Pois é tipu Quatu pedaçu’ ela é da palha’...É tipu Quatu’ cêra em iscama i tipu Quatu em pedaçu, (PIC – HEF – m25MICE).</p> |

Quadro 23 – Variantes sócioprofissionais “cera preta”

Em linha com Gaudin (1993), dependendo das circunstâncias, considerando-as, por exemplo, no âmbito do laboratório de pesquisas fundamentais ou no contexto de produção industrial, os conceitos variam, os aparelhos e equipamentos mudam, os nomes não recobrem, ou seja, não dão conta das mesmas realidades, por mais que eles façam referência aos mesmos processos.

No processo de cozimento do pó branco e do pó preto para a fabricação da cera de origem, os caldeireiros e cozinheiros do pó utilizam o sal azedo que serve para retirar as impurezas do pó das folhas e palhas da carnaúba. Na refinaria, por sua vez, os operadores de máquina aquecem o pó cerífero com o solvente para extrair, também, as sujeiras desse pó.

Entendemos, aqui, que embora essas substâncias, o sal azedo e o solvente, sejam diferentes, apresentem composições químicas distintas, elas servem para realizar a mesma operação, ou seja, a purificação do pó cerífero. Portanto, os termos “**sau azêdu**” e “**sôventi**” devem ser reconhecidos como variantes sócio-profissionais, realizando-se na esfera da cadeia produtiva da cera de carnaúba em Caucaia.

| PAC | PIC |
|--|--|
| <p>Sal azedo</p> <p>INF: Mermu jeitu aculá' i eli ienchi d'água até as autura aí eli bota pó dentu i sau azêdu' dextra cunzinhá bastanti passa pu ezemplu eli tanu hoji tira só amanhã di noiti, (PAC – FASP – m19MICA).</p> | <p>Solvente</p> <p>INF: Essi aqui a renti bota u pó' cum a palha misturadu' pra renti extraí' joga u sôventi' Quando u sôventi passa' a renti aqueci' i joga u sôventi pra cá aí eli rá vem u sôventi i a cêra só' a sujêra já vai ficando lá, (PIC – M – m40SCCE).</p> |

Quadro 24 – Variantes sócio-profissionais “sal azedo e solvente”

- **Instrumentos, objetos e utensílios**

Na PAC, o cozimento do pó branco, para a fabricação da cera branca, é realizado no balde, também, chamado de tambor. A caldeira é utilizada para fazer o cozimento do pó preto que produz a cera preta. Quanto à PIC, o extrator, também chamado de aparelho, tem como função extrair do pó aquecido com solvente, a cera de carnaúba. Nos dois casos, os instrumentos utilizados são diferentes, mas realizam operação semelhante que consiste na extração da cera de carnaúba em estado líquido.

No quadro abaixo, observamos que os informantes, relacionados ao campo conceitual da PAC, são todos do sexo masculino, apenas um deles possui o ensino médio completo, o informante com maior faixa etária prefere fazer uso da forma “baudi”, o informante mais jovem, por sua vez, prefere utilizar o termo “**tambô**”. Em relação aos informantes do domínio conceitual da PIC, percebemos que aqueles com

menor nível de instrução preferem o termo “**aparelhu**”, o outro informante, com nível superior completo, faz uso da forma “**extratô**”.

| PAC | PIC |
|---|--|
| <p>Balde = tambor (cera branca)</p> <p>Caldeira (cera preta)</p> <p>INF: Num dá certu tem qui sê cunzinhadu aqui em baudi qui é feito di cimentu...Aí só us baudi mermu (+) aí tem qui sê dessi jeitu aí si fô em caudêra num presta viu” aí a cêra fica cheia d’água aí num tem venda pra ela, (PAC – ML – m58FICA).</p> <p>INF: Aí bota nessi tambô’ aí ó’ bota ôtu preparu aí’ né” (PAC – PPFA – m22FICA).</p> <p>INF: Na caudê:ra é u seguinti na caudêra a genti coloca água u fogu quandu a caudêra tá fervenu a renti coloca u pó até inchê ela quandu inchê apaga u fogu cum oitu ora’ cum oitu horas depois a genti separa a cêra da bôrra, (PAC – FRAA – m27MCCA).</p> | <p>extrator = aparelho</p> <p>INF: É feito u seguinti’ essi pó mistura eli com a palha da carnaúba’ qui já foi tiradu u pó’ só aquela palha’ a genti mistu:ra’ aí bota nessi aparelho aqui qui chama u nomi deli di extratô qui vai extraí a cêra’ (PIC – M – m40SCCE).</p> <p>INF: Operá: u aparelhu’ botá sorventi dentru du aparelhu’ botu pá isquentá i puxu a lavagi até terminá di lavá, (PIC – CHBR – m23FICE).</p> <p>INF: Nãu’ eu trabaiu inchenu’ é uma seqãu di aparelho né” ondi fais to:da a’ aondi sai a cêra ... aí a genti enchi u aparelhu di pó:: aí nu ôtru dia discarrega, (PIC – JCP – m28NACE).</p> |

Quadro 25 – Variantes sócioprofissionais “balde, caldeira e extrator”

- **Funções e profissões**

O cozinhador de cera e o cozinhador de pó branco são encarregados de cozinhar o pó branco e fabricar a cera branca; o caldeireiro e o caldeirista são responsáveis pelo cozimento do pó preto e pela fabricação da cera preta. Na primeira coluna a seguir, a única informante do sexo feminino, usa, eventualmente, o termo “**cuzinhadô di pó brancu**” em vez de “**cuzinhadô di cêra**”, forma preferida pelo informante cuja faixa etária é maior; quanto às formas “**cauderêru**” e “**cauderixta**”, o informante cujo nível de instrução é mais elevado prefere fazer uso do termo “**cauderêru**”.

Na segunda coluna, por sua vez, o operador de cera é o responsável pela fabricação da cera na indústria. O informante que utiliza o termo “**operadô di cêra**”, não é alfabetizado, mas possui faixa etária bastante elevada, setenta e quatro anos. Constata-se, aqui, que embora as profissões recebam diferentes nomes, elas indicam as mesmas operações: o cozimento e a fabricação da cera de carnaúba.

| PAC | PIC |
|--|---|
| <p>Cozinhador de cera = cozinhador de pó branco</p> <p>Caldeireiro = caldeirista</p> <p>INF:É porquê lá é nu cauderãu grandi i aqui é nus piquinininhu chama-si u cuzinhadô di cêra’...Aqui é u cuzinhadô di cêra, (PAC – JSM – m59FICA).</p> <p>INF:Nãu ali eu num sei nãu’ a genti conheci assim comu cuzinhadô di pó brancu né’...I prontu eli fais aquela pozinhu / (PAC – MCS – f47FICA).</p> <p>INF:É cauderêru...A genti tem as caudêra... (PAC – FRAA – m27MCCA).</p> <p>INF:Façü a cêra ali essa daqui na caudêra na caudêra lá’...Cauderista’...Só caudêra mermu’...É’ sô cauderixta, (PAC – FMD – m20FICA).</p> | <p>Operador de cera</p> <p>INF:Minha profissãu era operadô mermu’ toda vida eu fui operadô di cêra ...Operadô’ eli fais to:du produtu’ prá fora Quando sai prontu’ já pá í pá viajá... (PIC – FFB – m74NACE).</p> |

Quadro 26 – Variantes sócioprofissionais “cozinhador de cera,caldeireiro,operador de cera

Na esfera conceitual da PAC, o quebrador de cera representa a pessoa encarregada de quebrar a cera branca e a cera preta, em pedaços. Toda a produção artesanal de cera é feita em pedaços. Em seguida, a cera é vendida para as indústrias para ser refinada. No âmbito da PIC, noventa por cento da produção da cera realiza-se em forma de escamas.

Para quebrar a cera, o quebrador utiliza apenas um martelo, o escamador, por sua vez, opera a escamadeira. Apesar da diferença relacionada aos tipos de equipamentos e máquinas utilizadas, o resultado obtido através desse processo é o mesmo: a obtenção da cera quebrada e escamada respectivamente.

No quadro a seguir, os dois informantes são do sexo masculino, verifica-se que o informante da PAC é mais jovem que o informante da PIC, entretanto este possui maior nível de escolaridade que aquele.

| PAC | PIC |
|---|--|
| <p>Quebrador de cera</p> <p>INF:...A prêta’elis cozinha aí depois di um bom tempu di noiti elis tirãu derrama tudim dexa</p> | <p>escamador</p> <p>INF:Qué ela tá nu pontu’ issu depois di clariá vai pá iscamadêra’ qué u iscamadô, (PIC – M –</p> |

| | |
|---|-----------|
| ressecá elis quebrãu...É é quebradô di cêra' ...é quebra cêra, (PAC – FASP – m19MICA). | m40SCCE). |
|---|-----------|

Quadro 27 – Variantes sócio-profissionais “quebrador de cera, escamador”

O prensador ou preneiro de pó branco, realiza o processo de prensagem da cera. No âmbito da produção artesanal, a prensagem, também, é uma operação por meio da qual a cera é filtrada, uma vez que ela é separada da borra. Na produção industrial, o filtrador ou operador de filtro é responsável pela filtragem da cera.

O objetivo a ser alcançado por esses profissionais é a obtenção da cera de carnaúba sem impurezas, os equipamentos são distintos, mas o resultado do processo é o mesmo.

No quadro a seguir, apenas um informante prefere o uso da forma “**prensadô**”; o informante mais jovem faz, eventualmente, o uso da forma “**prensêru di pó brancu**”; o informante não alfabetizado prefere utilizar “**prensêru**”. Na outra coluna, o informante do domínio conceitual da PIC, com maior faixa etária, mas sem escolaridade, utiliza o termo “**fiutradô**”; o outro, mais jovem, apresentando alguma escolaridade, prefere fazer uso da forma “**operadô di fiutru**”.

| PAC | PIC |
|---|---|
| <p>Prensador = preneiro = preneiro de pó branco</p> <p>INF: Eli' aí é u prensadô eli aí, (PAC – PPFA – m22FICA).</p> <p>INF: Lá u seu A. é foguixta é u foguixta i u ôtu é u prensêru di pó brancu, (PAC – ADRS – m19FICA).</p> <p>INF: U foguixta fais só derretê u pó' bota u pó derreti bota na lata i u prensêru leva pá butá na prensa, (PAC – FMD – m20FICA)</p> <p>INF: Aqui é prensêru i foguixta' tudu numa ora só, (PAC – JMVS – m47NACA).</p> | <p>Filtrador</p> <p>INF: É é seçãu di fiutraçãu...Minha profissãu é di fiutradô ...Eu façu é ficá... eu fiutru eu botu diatomita, (PIC – AVP – m57NACE).</p> <p>INF: ...tem u operadô du fiutru qui já é ôtra coiza, (PIC – FJNX – m26FICE).</p> |

Quadro 28 – Variantes sócio-profissionais “prensador e filtrador”

- **Máquinas e equipamentos**

Na esfera artesanal, a prensa de madeira serve para prensar a cera branca, a prensa de ferro faz a prensagem do carraco. A prensa realiza a compressão da cera

líquida para retirar as impurezas. No que diz respeito à indústria, o filtro prensa tem, também, como objetivo extrair as sujeiras da cera.

Dessa forma, embora haja uma constatação clara, de que os equipamentos são diferentes, pois fazem parte de processos distintos de produção da cera de carnaúba, o objetivo e o resultado alcançados são os mesmos, ou seja, a filtragem da cera. Por isso, consideram-se variantes sócio-profissionais, os termos: prensa de madeira, prensa de ferro e filtro prensa.

| PAC | PIC |
|--|--|
| <p>Prensa de madeira (cera branca)</p> <p>Prensa de ferro (carraco)</p> <p>INF:Nãu é nãu' a di lá é di ferru essa daí é di madêra é tudu diferenti u ... é di ferru essa daí é toda di madêra né"...É uma prensa di madêra i as di lá são di ferru né" (PAC – MCS – f47FICA).</p> <p>INF:É a bôrra aqui eli cuzinha di novu cum água' cuzinha di novu cum água passa na prensa di ferru aculá quandu acabá fais issu aí, (PAC – ML – m58FICA).</p> | <p>filtro prensa</p> <p>INF:Nãu' ela é pa:ssa:da' TODAS as cêras aqui são fiutradas né" elas são passadas pur um fiutru PRENSA i já misturada com a diatomita' aí nu fiutru prensa ela é retida num panu' comu si fossi uma placa di panu né" (PIC – LMM – f29SCCE).</p> |

Quadro 29 – Variantes sócio-profissionais “prensa, filtro prensa”

5.1.2 Variantes co-ocorrentes

As variantes terminológicas co-ocorrentes, por sua vez, são representadas pelos sinônimos. São aquelas que possuem duas ou mais denominações para um mesmo referente. Para Faulstich (1998), estas variantes têm por função fazer progredir o discurso e organizam, na mensagem, a coesão lexical. Entre variantes co-ocorrentes há compatibilidade semântica uma vez que elas se equivalem no plano do conteúdo.

a. Sinonímia socioterminológica

A sinonímia caracteriza-se pela ocorrência de termos diferentes para um mesmo conceito. A sinonímia afeta as denominações, ou seja, a uma mesma noção correspondem várias denominações. Por exemplo, as denominações “adubo, bagaço e bagana” extraídas da esfera conceitual relacionada à PAC, correspondem a um só

referente, ou seja, a uma única noção, e por isso representam, aqui, sinônimos socioterminológicos.

São, também, sinônimos socioterminológicos os seguintes termos: “abastecer, botar solvente, carregar, encher” provenientes do domínio conceitual da PIC. Representam denominações com significados idênticos, podem co-ocorrer num mesmo contexto, sem que haja alteração no plano do conteúdo.

No quadro a seguir, identificamos, em ordem alfabética, todos os termos sinonímicos provenientes do campo conceitual relacionado à produção artesanal da cera de carnaúba. Apresentamos a identificação do termo, suas variantes co-ocorrentes e os contextos discursivos relacionados à cada variante.

| Produção artesanal da cera de carnaúba | | |
|---|--|--|
| Termo | Variantes co-ocorrentes | Contextos discursivos |
| Adubo | bagaço ,bagana | <p>INF:U qui é jogadu fora chama-si a bagana pá extrumaçãu pa plantá’... Chama-si a bagana pá negada istrumá u chãu’...é um adubu medõim, (PAC – JSM – m59FICA).</p> <p>INF:Us ôtu é fexêru é tem u caba qui trabaia na boca da máquina qui é quem tira u bagaçu né” (PAC – JMVS – m47NACA).</p> |
| Amarrador | botador de feixe,feixeiro,imbireiro | <p>INF:Aí quando ramu dizê inté cum oitu dias si fô muito aí vem u amarradô amarra i mói’ a máquina roi i corta aí faz u pó aí cozinha pá fazê a cêra, (PAC – JSM – m59FICA).</p> <p>INF: Us ajudanti tudim tudu em serviçu’...É butadô di fêxu’ tiradô di imbira’ ciscadô di bagana’ metedô di paia’...As profissõis mermu sãu essas (+) quando um tá cansadu u ôtu topa ajudá u ôtu, (PAC – ASS – m20FICA).</p> <p>INF:Tem uns qué fexêru qui pega us fêxus tem uns qué us maquinista um qui fica só amolandu as navalha.. (PAC – ADRS – m19FICA).</p> <p>Na máquina lá’ eu metu paia’ tiru imbira’...É u imbirêru’...Cada um tem a profissãu, (PAC – PPFA – m22FICA).</p> |

| | | |
|-------------------------|--|---|
| <p>Apurar</p> | <p>ressecar</p> | <p>INF:A genti bota á::gua nu::ma caudê::ra' i bota fogu di baxu da caudê::ra' qandu a água tá fervendu começa a colocá u pó' aí quando u pó dissou::vi aí a genti tira pá ôta caudêra' i bota nu tanqui pá apurá' a bôrra fica num can::tu' qui é aquela ali i a cêra nessa aqui, (PAC – SMF – m61NACA).</p> <p>INF: A prêta' elis cozinha aí depois di um bom tempu di noiti elis tirãu derrama tudim dexa ressecá elis quebrãu botãu num sacu' pezãu i levãu pá fábrica, (PAC – FASP – m19MICA).</p> |
| <p>Bagaceiro</p> | <p>baganeiro, ciscador de bagana, espalha bagana, espalhador de bagana, gancheiro</p> | <p>INF:...é quem tira u bagaçu né"...É u bagacêru'... (PAC – JMVS – m47NACA).</p> <p>INF: ...aí tem u baganêru qui espaia a bagana, (PAC – ADRS – m19FICA).</p> <p>INF: Us ajudanti tudim tudu em serviçu'...É butadô di fêxu' tiradô di imbirã' ciscadô di bagana...(PAC – ASS – m20FICA).</p> <p>INF: É u ispaia bagana qui a bagana vai caindu i u ôtu vai ispaianu, (PAC – FMD – m20FICA).</p> <p>INF:É ispaia dô di bagana qui é ganxêru,(PAC – AJS – m26FICA).</p> <p>INF:Tem u ganxêru'...Eli ispaia a palha' ispaia a bagana pá num intupí na máquina na saída da máquina,(PAC – RAS – m37FCCA).</p> |
| <p>Borreiro</p> | <p>borrista, cozinhador de borra, mexedor</p> | <p>INF:A renti passa a bôrra' aí daí fais a cêra'...Eu façu só issu aqui óh' issu aqui óh' issu aí é a bôrra é a bôrra du pó'...Minha profissãu'...Aqui ar negada' issu aqui chama di borrêru, (PAC – JP – m38FICA).</p> <p>INF:Nóis é us borrixta, (PAC – ADRS – m19FICA).</p> <p>INF: Us ôtus é qui cozinha a bôrra a bôrra'...É cuzinhadô di bôrra mermu'...É elis mezmus qui cuzinhãu a bôrra'...lá é u cauderista, (PAC – MCS – f47FICA).</p> <p>INF:Cada um tem a profissãu'...Aqueli ali é u mexedô ali du negóciu ali daquelis tambô ali'...Aquelis ali é us qui trabaiãu naqueli ôtu ladu ali, (PAC – PPFA – m22FICA).</p> |

| | | |
|---------------------|--|---|
| <p>Balde</p> | <p>tambor</p> | <p>INF:Num dá certu tem qui sê cunzinhadu aqui em baudi qui é feito di cimentu...Aí só us baudi mermu (+) aí tem qui sê dessi jeitu aí si fô em caudêra num presta viu” aí a cêra fica cheia d’água aí num tem venda pra ela, (PAC – ML – m58FICA).</p> <p>INF:A cêra ôlhu” é a a agenti fabrica nuns tambô i bota numa prensa:” é impressadu numa prensa’ nessa aí, (PAC – SMF – m61NACA).</p> |
| <p>Balão</p> | <p>pano da máquina</p> | <p>INF:...É um balão comu si fossi um balão u daqui ienchi i passa pu cima pra aliviá a pressãu / (PAC – JSM – m59FICA).</p> <p>INF:...U pó vai pu panu da máquina lá em cima i a bagana sai’...É tipu um balão qui fica lá em cima cum pó subinu, (PAC – FMD – m20FICA).</p> |
| <p>Bater</p> | <p>cortar, passar, serrar, triturar</p> | <p>INF:Ela tira u pó aí bati u... aí corta u ôlhu branco nu mermu sacu’ bateu aí tira u pó ôlhu qui vai pá cêra branca, (PAC – JSM – m59FICA).</p> <p>INF:Corta primêru a prêta’ a da paia’ aí depois tira u pó da prêta aí rai i corta a branca separada num podi cortá juntu nãu’...U pó vai pu panu da máquina lá em cima i a bagana sai’...É tipu um balão qui fica lá em cima cum pó subinu, (PAC – FMD – m20FICA).</p> <p>INF: Aculá é porquê é um’ a bôrra fica lá a bôrra fica moiada porquê tem qui passá ôta vêis’ nós passa ôta vêis aí fica seca iguau aquela aculá ó’ aí fica seca essa daqui já é aquela aculá, (PAC – ADRS – m19FICA).</p> <p>INF: Aí já tem us fexêru qui trais us fêxu pu tiradô di imbira sacá a imbira pu serradô serrá, (PAC – RAS – m37FCCA).</p> <p>INF:Aí rá tu tem qui í pá ôta ária né” porquê a minha ária é só triturá’ di derrubá i vendê é ôta ária, (PAC – RAS – m37FCCA).</p> |
| <p>Borra</p> | <p>borra gorda, murrão</p> | <p>INF:A bôrra é u produktu qui sobra da cêra qui ela var sê passada di novu pá construí u cavacu’ du cavacu tirá a cêra di novu, (PAC – FRAA – m27MCCA).</p> <p>INF: Aqui é u seguinti pegu a bôrra gorda’ tragu</p> |

| | | |
|-------------------------|--|--|
| | | <p>bota na lata i passu ela i apontu u cavacu i daqui u cavacu pra aprontá a cêra gorda né” (PAC – JMVS – m47NACA).</p> <p>INF:É é eu façu a cê::ra’ né” façu a cêra’ u muvãu’ a’ da cêra sai:: a bô::rra também’ eu tragu u pó’ binificiu nu campu’ numa máquina’ tiru da palha numa máquina i cuzinhu aqui, (PAC –SMF – m61NACA).</p> |
| Botador de palha | empurrador de palha, metedor de palha | <p>INF:...tem uns qui bota bota paia é u butadó di paia u cara qui bota paia na máquina... (PAC – ADRS – m19FICA).</p> <p>INF:Nãu tem’ tem’ us carregadó di fêxu né” prá cima da máquina i tem us impurradó também di paia pá pudê ela cortá fica u ôtu rá tira a bagana pá pudê’ aí tem muita genti, (PAC – ADL – m59FICA).</p> <p>INF: Ali sãu umas oitu pessoa’ tem u metedô di paia i us carregadó di fêxu u metedó i us carregadó di fêxu’...É dois metenu paia’ i uns carreganu’ aí tem ôtus metedô di paia quandu tá cansadu eli vai i troca (PAC – FMD – m20FICA).</p> |
| Caldeireiro | caldeirista, cozinhador | <p>INF:É cauderêru...A genti tem as caudêra... (PAC – FRAA – m27MCCA).</p> <p>INF:Façu a cêra ali essa daqui na caudêra na caudêra lá’...Cauderista’...Só caudêra mermu’...É’ sô cauderixta, (PAC – FMD – m20FICA).</p> <p>INF: É duas pessoa pá fazê a cêra arenoza’...É é us cauderista é us dois juntú’...É dois cauderista’...Ôlhu’ é dois também’ dois também’... É u cuzinhadô i u prensêru’ (PAC – SMF – m61NACA).</p> |
| Carnaubal | mato | <p>INF:...i tem uns pessoau qui fica é queimanu us carnaubau queimarum’ queimarum a maioria queimarum dois milhãu di paia du B. um prejuízu di deis miu reais lá nu pertu du Pecém nu Cauipi... aí as carnaúba queimãu’ aí num presta pa tirá nãu’ queima essi anu nu ôtu já tira, (PAC – ADRS – m19FICA).</p> <p>INF:Issu di gostá ninguém gosta nãu’...Longi di caza assim’ passa a semana nu matu né” u caba</p> |

| | | |
|----------------------------|---|--|
| | | dizê qui gosta' tá mintinu né"...U aumoçu num tem ora, (PAC – AJS – m26FICA). |
| Carregador de feixe | palanqueiro | INF:Nãu tem' tem' us carregadô di fêxu né " prá cima da máquina i tem us impurradô também di paia pá pudê ela cortá fica u ôtu rá tira a bagana pá pudê' aí tem muita genti, (PAC – ADL – m59FICA). INF:...tem um qui é u u palanquêru qui pega us fêxu... (PAC – ADRS – H19FICA). |
| Cera branca | cera olhu, cerinha amarelinha, cerinha bonitinha | INF:A cêra branca é fabricada assim comu você tá vendu' aí dus baudi' ela sai dali passa na prensa' apara nesse tachu' tira a água pá pudê colocá pas forma' aí já tá pronta já, (PAC –ADL – m59FICA). INF:Num sei' eu tenhu um amigu qui chama-si A. J.' eli chama u ôlhu é u filé num sei porquê u ôlhu é u melhô,...É u ôlhu né" é tantu qui a cêra du ôlhu é cem reais a arroba, (PAC – MCS – f47FICA). INF:u mistériu só é essi na ôta é um horrô di miu litru d'á::gua i nessa dali é poquinha' aí rai ficanu aquela cêrinha amarelinha , (PAC – MCS – f47FICA). INF:...U sistema por cauza qui ali nãu é cum muita água é cum coizinha pouca aí fica essa cêrinha bonitinha bem amarelinha' né" na ôta nãu, (PAC – MCS – f47FICA). |
| Cera preta | cerona | INF:A cêra prêta é qui eu num gostava' fazia di dois tipu arenoza i a prêta né" a prêta tem qui sê cum pouca água' si ela apurá' ela fica pura sem tê água agora aqui essa arenoza num é assim essa daí tem muita água ainda, (PAC – ADL – m59FICA). INF:É aí pá derretê a branca a caudêra é u pozãu prêtu qui derreti bota aquela cerona amarela aculá, (PAC – JSM – m59FICA). |
| Ciscador | gancho | INF:É u u da bagana' é cumé qui dis é u ciscadô é u fica nu ciscadô ' a profissãu deli mermu é só ficá nu ciscadô, (PAC – FMD – m20FICA). INF:Nu cazu u ganchu i as mãu pá carregá u fêxu só'...Nãu' ganchu pá ciscá u fêxu'...Pá ispalhá |

| | | |
|---------------------------|---|---|
| | | issu' issu, (PAC – RBS – m37MCCA). |
| Cortador | derrubador, mateiro, vareiro | <p>INF: Corta cuma foici aí vem um i apara'...Um corta um' u ôtu apara'...U cortadô i u ôtu é u aparadô, (PAC – FMD – m20FICA).</p> <p>INF: Qui essa daí' u quando ela seca aí nós vamu cortá pá tirá u pó pá fazê a cêra prêta sabi aí u ôlhu qui é aquela lá di cima ó,...É u derrubadô, (PAC – PPFA – m22FICA).</p> <p>INF: quem derruba são matêru né'' profissão né'' (PAC – FRAA – m27MCCA).</p> <p>INF:Rapai' você sabi qui tem as taboca pá pu varêru derrubá...(PAC – ADL – m59FICA).</p> |
| Costureiro | enfeixador | <p>INF:É tem' u caba qui peza u pó i derrama dentu aí tem us' quebra i ensaca aí cuxtura...É cuxturêru, (PAC – FASP – m19MICA).</p> <p>INF:É u infexadô tudu é uma só' u caba cuxtura cum barbanti né'' (PAC – FASP – m19MICA).</p> |
| Cozinhador de cera | cozinhador de pó branco | <p>INF:É porquê lá é nu cauderão grandi i aqui é nus piquinininhu chama-si u cuzinhadô di cêra'...Aqui é u cuzinhadô di cêra, (PAC – JSM – m59FICA).</p> <p>INF:Não ali eu num sei não' a genti conheci assim comu cuzinhadô di pó branco né''...I prontu eli fais aquela pozinhu / (PAC – MCS – f47FICA).</p> |
| Desmanchar | Transformar | <p>INF: Aí lá elis fais u carracu aí nós trais u carracu' é quazi a merma cêra' qui é u qui elis tãu fazenu lá da bôrra' aí nós bota u carracu aí dentru i dismancha im cêra, (PAC – FMD – m20FICA).</p> <p>INF: Aí bota nessi tambô' aí ó' bota ôtu preparu aí' né'' pareci qui é um sau azêdu pa pudê formá a cêra' aí dai rai pá prensa aí aí da prensa bota naqueli coiza aculá' aí pontu aí far a cêra aquela aguazinha qui cai imbaxu ali rá fais a cêra rá si transforma na cêra, (PAC – PPFA – m22FICA).</p> <p>INF: Ela é um pó né'' é lavada i si transforma em cêra (incompreensível) (PIC – CHBR – m23FICE).</p> |
| Espalhar | estender | <p>INF:Lastêru é u lastêru'...Pá ispalhá pá ispalhá'... Aí quando ramu dizê inté cum oitu dia si fô muito' aí vem u amarradô amarra i mói a máquina rói i</p> |

| | | |
|-------------------------|--------------------------------|---|
| | | <p>corta aí fais u pó... (PAC – JSM – m59FICA).</p> <p>INF:Escólhi’ escólhi na ora quando vai ixtendê separa u ôi brancu i paia prum ladu’...Secá ela i estendi nu mei finu aí u sóu vai secanu rragazinhu aí’...Achu qui umas duas semana nu mínimu, (PAC – ASS – m20FICA).</p> |
| Estendedor | lastreiro | <p>INF:U processu é’ tem u ixtendedô i u amarradó né” qui istendi i quando seca amarra né” pá passá na máquina, (PAC – FRAA – m27MCCA).</p> <p>INF:A secagi é aí a renti dismancha tem u laxtêru’...É u qui ispalha’ leva nu jumentu ou nu carru far a ruma lá aí sai tudinha numa feita as tirinha aí quando seca aí amarra fais ruma a máquina vai i corta aí fais u pó pá fazê a, (PAC – JSM – m59FICA).</p> |
| Extraidora de pó | máquina de cortar palha | <p>INF:Aqui é uma: istra:tô:ra di di uma ixtraidôra di pó di carnaúba istraidora di pó di carnaúba’...A finalidade dela é istraí u pó du da paia di carnaúba’...É sixtema di trituragi cum ezaustô, (PAC – RAS – m37FCCA).</p> <p>INF:Máquina di cortá palha é uma máquina’...Tinha uma Guarani réia’...Ela tira u pó aí boti u’ aí corta u ôlhu brancu nu mermu sacu’ bateu aí tira u pó ôlhu qui vai pa cêra branca, (PAC – JSM – m59FICA).</p> |
| Folha de olho | olho branco | <p>INF:Escolhida a foia di ôio a renti separa ela aí u ôlhu /...U ôlhu é finu’ i a palha é larga’ aí a renti separa pá pudê fazê / (PAC – ML – m58FICA).</p> <p>INF:U tipu di folha” é só separá u ôlhu da palha’ é tem u ôlhu bran::cu i tem a palha’ aí a renti cor::ta’ a palha qui tem na carnaúba toda, (PAC – SMF – m61NACA).</p> |
| Fornalha | forno | <p>INF:U ôlhu elis bota dois baudi d’água’ aí bota um baudi’ dois baudi di carracu di cavacu brancu’ aí bota u tantu du pó aí sapeca’ aí bota fogo nas fornalha’ aí quando tirrê pruntu u cara mexi lá quando tirrê pruntu eli passa pá prensa i a prensa u cara prensa’ aí rai sainu a cêra aí depois eli cuandi num tirrê mar sainu mar nada /, (PAC – ADRS – m19FICA).</p> |

| | | |
|--------------------|----------------------------------|---|
| | | INF:Aí já sai a cêra essis produdu qui a renti bota aqui qui sai ali du fornu né” aí a renti bota ali prontu já é a cêra, (PAC – ML – m58FICA). |
| Feixe | maço | INF:Aí fexêru né” dois fexêru’...Carrega u fêxu ’...Fêxu é a palha’ cem palha mais ô menu’ tem essi fêxu aqui’...É mais ô menu um maçu, (PAC – AJS – m26FICA). INF:Aí fexêru né” dois fexêru’...Carrega u fêxu’...Fêxu é a palha’ cem palha mais ô menu’ tem essi fêxu aqui’...É mais ô menu um maçu , (PAC – AJS – m26FICA). |
| Fogueiro | foguista, fornalheiro | INF:Lá nu fogu si bota us baudi pá cuzinhá quandu tá prontu bota na prensa’...Lá é u < foguêru é foguêru’ (PAC – JP – m38FICA). INF:Lá é u foguixta ’...É qui trabalha nu fogu, (PAC – FRAA – m27MCCA). INF:Nas fornalha”...É us fornalêru é nós dois’ eu façu ali i passu ali’ ficu ali na prensa i na fornalha preparanu as tachada’ aí depois quandu as tachada turré prontu eu rou butanu na prensa i passanu, (PAC – ADRS – m19FICA). |
| Peneira | tela | INF:A penêra ’ cum a penêra é u ezaustô qui chupa, (PAC – RBS – m37MCCA). INF:Rapai’ separa a bagana du pó na tela né”...É uma tela qui ela tem uma tela fina cuns bichu us caceti batenu né” aí u pó ela sacodi a paia pá fora a bagana i u pó sobi prá cima qué finu né” enta na telazinha pu sacu, (PAC – JMVS – m47NACA). |
| Pó branco | pó do olho | INF:U pó brancu rá é mais brancu’ essa cô aqui é’ i u brancu é tiradu du ôlhu u ôtu é da folha normau mezm, (PAC – RBS – m37MCCA). INF:U pó du ôlhu cê risca né”...Passa na máquina também’ só qui é separadu du prêtu’...Aí prontu aí derreti nu fogu aí’ i far a cêra, (PAC – JP – m38FICA). |
| Pó da palha | pó preto | INF:Essis aí qui passô agora elis cuzinhãu u pó da paia né” na caudêra né”...É cauderista, (PAC – MCS – f47FICA). INF:Porquê a palha’ a palha da palha mermu a carnaúba constrói u pó prêtu qui construía a cêra |

| | | |
|------------------------------|--|--|
| | | prêta né” u ôlhu da carnaúba i qui constrói a cêra branca, (PAC – FRAA – m27MCCA). |
| Prensador | preseiro | INF:Elí’ aí é u prensadô eli aí, (PAC – PPFA – m22FICA). INF:Ali é foguista u ôtu é u prensêru’...U foguista fais só derretê u pó’ bota na lata i u prensêru leva pá butá na prensa’...Acocha lá passa’ passa a tachada’ acocha aí tira u tachu bota pá decantá i sóuta nu tanqui’...Bota pá decantá uns cinco minutus, (PAC – FMD – m20FICA). |
| Ressecar | secar | INF:A prêta’ elis cuzinha aí depois di um bom tempu di noiti elis tirãu derrama tudim dexa ressecá elis quebrãu botãu num sacu’ pezãu i levãu pá fábrica, (PAC – FASP – m19MICA). INF:Pá pudê saí u pó’...Pá passá na máquina” sei’...A renti depois derruba apara ela’ a renti apara ela bota pá secá , (PAC – ML – m58FICA). |
| Sistema de trituragem | Sistema de navalha, sistema de cacete | INF:Prontu eu primêru eu cortu a palha’ aí tiru u pó aí preparu u motô pá cortá u ôlhu’ trocu navalha mudu u sistema di navalha pá cortá u ôlhu’... (PAC – RAS – m37FCCA). INF:Aqui é uma: istra:tô:ra di di uma ixtraidôra di pó di carnaúba istraidora di pó di carnaúba’...A finalidadi dela é istraí u pó du da paia di carnaúba’...É sistema di trituragi cum ezaustô’...U pó é separadu da palha cum ezaustô suganu u pó, (PAC – RAS – m37FCCA). INF:A palha’...Aí depois qui ela entra na máquina aqui tem dezesseis caceti batenu dentu da máquina pá pudê batê u pó pá pudê passá pela penêra i u ezaustô puxá’...Nóis coleta aqui através d’um funiu laterau a enti tomba u pó i eli descí nu funiu laterau, (PAC – RAS – m37FCCA). |
| Valor | preço | INF:É porquê u valô há cinco anus atrás era um valô i agora é u mermu ô menus, (PAC – RAS – m37FCCA). INF:Um tempu dessi foi reduzidu u preçu pá lá em baxu né” tá bem desvalorizado caiu mais di cem pu centu’ Vai acabá’ vai acabá’...Três a |

| | |
|--|---|
| | quatu anu acaba, (PAC – RAS – m37FCCA). |
| Quantidade de termos | 34 |
| Quantidade de variantes co-ocorrentes | 54 |

Quadro 30 – Variantes co-ocorrentes da PAC

No próximo quadro, relacionamos os termos provenientes do campo conceitual referente à produção industrial da cera de carnaúba. A temática e semelhante ao quadro anterior, identificamos os termos em ordem alfabética, apontamos suas variantes que estão documentadas através dos contextos discursivos.

| Produção industrial da cera de carnaúba | | |
|--|---|---|
| Termos | Variantes co-ocorrentes | Contextos discursivos |
| Abastecer | botar solvente, carregar, encher | <p>INF:Tem u operadô di sôventi né” qui trabalha nu sôventi né”.... Trabalha nu sôventi ali’ pra abastecê, (PIC – FJNX – m26FICE).</p> <p>INF:Operá: u aparelhu’ botá sorventi dentru du aparelhu’ botu pá isquentá i puxu a lavagi até terminá di lavá, (PIC – CHBR – m23FICE).</p> <p>INF:... aí nóis temu u operadô du sôventi’...Viu” nu sôventi é u operadô’ i três prá carregá i descarregá us aparelhu três um em cada setô, (PIC – M – m40SCCE).</p> <p>INF:Tem u operadô du sôventi’ i em cada’ são duas seções’ em cada seçaú’ tem três funcionárius pá inxê i descarregá, (PIC – M – m40SCCE).</p> |
| Afinar | refinar | <p>INF:Uza diatomita tendeu”...É um pó’ qué pá refiná ela’ pá afiná mais pá pudê passá, (PIC – CHBR – m23FICE).</p> <p>INF:...ela vem du fiutru’ aí passa pela / ... Utiliza’ é u peroxiu, ... É um produktu químico qui você bota dentru’pá clariá ela’ i refiná ela, (PIC – JMMS – m31FICE).</p> |
| | | <p>INF:...é u seguinti’ chega aqui u pó né” aí u pó :: colocadu em tachus i misturadus com sôventi’ lá é aquecidu essi pó misturadu com sôventi’ du sôventi</p> |

| | | |
|-------------------------------------|--|--|
| Bagana | barro, impureza | tira' extrai a cêra i resta' aí decanta u qui nãu é cêra' qui é a impureza' qui si chama di bagana' (PIC – LLM – f29SCCE). INF:Lá tem i as tornera fiutranu' aí tira um barru i fica só a cêra' só ela limpa né" só ela bem limpinha, (PIC – XBR – m23FICE). |
| Balaceiro | pesador | INF:Sim, também pezo cera na balança enpacoto na maquina, balanceiro , empacotador. (PIC – MA – m26MICE).* INF:é:: péza cêra' pézu cêra' eu kebru a cêra né" eu descarregu carga' é assim u qui tem pá fazê a renti fais, (PIC – FJNX – m26FICE). |
| Cera amarelada | cera branca, cera de carnaúba tipo um, cera do pó do olho | INF:...u pó du ôlhu a quantidadi deli é na faxa di quinze pur centu nu mássimu vinti' u:: a quantidadi deli é bem melhó du pó di ÔLHU eli dá uma cêra amarela:da , (PIC – M – m40SCCE). INF:A tipu um é a cêra du:: pó brancu' é qué a cêra branca , (PIC – IMN- m57NACE). Tipu um' cêra di carnaúba tipu um'ela é extraí:da com sôven:ti né" (PIC – LMM – f29SCCE). INF:Tipu um é a cêra du pó du ôlhu tendeu" i a tipu três é da cêra' arenoza i: a: tipu Quatu é a cêra gorda (PIC – JMMS – m31FICE). |
| Cera em barra | cera em pedaço | INF:Tem tipu um' tipu três i tipu Quatu (+) três tipu' aí tem a cêra em pedaçu também' cêra em pedaçu' ...Em peda:çu é a em barra , (PIC- HEF – m25MICE). |
| Cera de carnaúba tipo quatro | cera gorda, cera preta | INF:É a tipu Quatu' cêra tipu Quatu' ...Pois é tipu Quatu pedaçu' ela é da palha'...É tipu Quatu' cêra em iscama i tipu Quatu em pedaçu, (PIC – HEF – m25MICE). INF:...i a gor:da é: feita du pó di: palha' só qui pega a cêra engorda ela' aí fica cêra gor:da' cêra prêta , (PIC – M – m40SCCE). |
| Chapa | tacho | INF:Nãu' u tachu a genti fabrica aqui mezmú' contrata só uns sóudadô i fais aqui mermu' as chapa' produis eli aqui mezmú' mais agora bom::ba é pur fora aí, (PIC – MA – m26MICE). INF:Aí a cêra di lá' depois di extraídu du pó' ela |

| | | |
|--------------------|--------------------------------------|--|
| | | <p>vem pra cá pra essi tachu' nós temus três tachu di fiutrá' capacidadi déis tonelada cada um (+) essa eli acabô di fiutrá aqui é u tachu da fiutra:gi' (PIC – M – m40SCCE).</p> |
| Empresa | fábrica, indústria, refinaria | <p>INF:Eu façú:: procedimentus bancárius' é:: hum prefeituras impostus' essas coisa aí eu façú pagamentus recebimentus essis procedimentus tudu'... Nãu aí é só cuns funcionárius di dentru da impreza eu nãu trabalho com a produçãu, (PIC – VAA – m39FICE).</p> <p>INF:Si a Caudêra pará' cabô a fábrica para' é tantu qui nós temus três' si uma dé problema a renti passa prá ôtra si a ôtra dé tem a ôtra'...São três Caudêra'...É u vapô' pra aquecê to:da a fábrica é: neli, (PIC – M – m40SCE).</p> <p>INF:Na indústria'... é feito u seguinti' essi pó a genti mistura eli com a palha da carnaúba' qui já foi tiradu u pó' só aquela palha' a genti mistu:ra' aí bota nessi aparelhu qui chama u nomi deli di extratô qui vai extraí a cêra'... (PIC – M – m40SCCE).</p> <p>INF:...a cêra tá cunzinhanu né'' Quando ela tá nu pontu' a genti limpa a bomba pá bomba puxá' a cêra qui rein du tachu' pá di lá ela descê pá dentru du fiutru sabi'' (muito barulho)...di lá ela vai lá pá refinaria' aí da refinaria é qui dá u pontu nela' pá vim pá iscama, (PIC – IMN – m57NACE).</p> |
| Escamadeira | moedeira | <p>INF:...si ela fô prá escamadêra forma aquelas iscamas bem pequenininhas' si fô em pedaçu ela é escoa:da numa piscina' numa piscina nãu' num pavimen:tu... (PIC – LMM - f29SCCE).</p> <p>INF:Ela passa pelo processo de escamação: a escama – moedeira. (PIC – HEF – m25MICE). *Contexto retirado de fonte escrita.</p> |
| Exportar | viajar | <p>INF:Tem' tem' us:: também qui quebra a cêra né'' um poçu' (+) porquê já:: vai kebrã::nu' i já: vai ensacã::nu logu' tendeu'' já vai empacotã::nu logu' pá í diretamenti para lá pá depois lotiá pá isportá, (PIC – JMMS – m31FICE).</p> <p>INF:Operadô' eli fais to:du produtu' pra fora Quando sai prontu' já pá í pá viajá... (PIC – FFB –</p> |

| | | |
|-----------------------------|---------------------|---|
| | | m74NACE). |
| Filtração | filtro | INF:...passa pelu mermu cantu pela fiutraçãu' passa pelu clariamentu' só qui lá clarêa né" a tipu Quatu nãu' aí vem pá iscama, (PIC – MA – m26MICE). INF:Ela passa pelu fiutru' ela vai sê cunzinhada' aí du fiutu ela vai sê fiutada pá tirá tod u suju né" aí ela vem pá ôta seçãu di peroca qué um produktu químico qué pá dá clariamentu da cêra' aí di lá vem pá iscama qué pá iscamá, (PIC – JCP – m28NACE). |
| Fornalha | forno | INF:...abri aí a for:nalha' ela é vinti i Quatu ora, (PIC – M – m40SCCE). INF:Us ôtrus equipamentus' tudu é di ferru' tudim us canu' us tachu us fiutru'... É é é empilhadêra' tem fornu, (PIC – AVP – m57NACE). |
| Moer cera | quebrar cera | INF:Fabricu cêra' péza cêra' quebra cêra' enchu us tachu'...Môu' Môu cêra' MOENDU CÊRA, (PIC – HEF – H25MICE). INF:Sei' sei: quebrá a cêra' sei iscamá viu" (PIC IMN – H57NACE). |
| Nafta | solvente | INF:Misturadu cum a palha' depois deli cheiu' fe:cha' aí lava eli cum sôventi' qué a naf:ta, (PIC – M – m40SCCE). INF:Essi aqui a renti bota u pó' cum a palha misturadu' pra renti extraí' joga u sôventi' Quando u sôventi passa' a renti aqueci' i joga u sôventi pra cá aí eli rá vem u sôventi i a cêra só' a sujêra já vai ficando lá, (PIC – M – m40SCCE). |
| Operador de solvente | solventeiro | INF:...tem u operadô di sôventi né "qui trabalha nu sôventi né » (PIC – FJNX – m26FICE). INF:... solventeiro, filtrador e alciliar de filtrador. (PIC – JMMS – m31FICE). *Contexto retirado de fonte escrita. |
| Pavimento | poço | INF:ELA PODI SÊ OU em escama ou em pedaçu' si ela fô pra escamadêra forma aquelas iscamas bem pequenininhas' si fô em pedaçu ela é escoa:da num pavimen:tu i Quando ela solidifica é quebrada cum martelu' (PIC – LMM – f29SCCE). INF:Tem' tem' us:: também qui quebra a cêra né" um poçu' (+) porquê já:: vai kebrã::nu' i já: vai ensacã::nu logu' tendeu" já vai empacotã::nu logu' pá |

| | | |
|---|-------------------------------|--|
| | | í diretamenti para lá pá depois lotiá pá isportá, (PIC – JMMS – m31FICE). |
| Pó branco | pó do olho da carnaúba | INF:A tipu um é a cêra du:: pó brancu' é qué a cêra branca, (PIC – IMN – m57NACE). INF:É porquê a cêra tipu um ela é feita du:: pó du ôlhu da carnaúba i a tipu três é feita da: paia da carnaúba, (PIC – JMMS – m31FICE). |
| Reservatório | tanque | INF:Aqui nu destiladô::' u sôven:ti retorna pru tanqui' pru rezervatóriu i a cêra' a renti joga lá pru tachu pra fazê a fiutra::gi' (PIC – M – m40SCCE). INF:ela vem du tachu ja' nu MEZMU processu' fiutra vem pru tachu limpa aí é feita nu chãu' num tanqui lá num tanqui limpu, (PIC – MA – m26MICE). |
| Quantidade de termos | | 19 |
| Quantidade de variante co-ocorrentes | | 27 |

Quadro 31 – Variantes co-ocorrentes da PIC

5.1.2.1 Conceitos diferentes para um mesmo termo na PAC

Varição conceitual corresponde à variação de um mesmo conceito que pode ser utilizado de maneiras diferentes e por esta razão pode apresentar denominações diferentes. É a percepção diferente de uma mesma realidade que pode resultar dos diferentes processos de comportamento de conceitualização.

Como exemplo, no quadro a seguir, o termo “**ciscador**”, admite dois conceitos, podendo ser, na primeira coluna, um objeto utilizado para espalhar a bagana. Na segunda coluna, a mesma forma é empregada para identificar a pessoa encarregada de juntar, reunir ou espalhar a bagana, conforme poderemos constatar através dos contextos discursivos.

| Termo 1 | Termo 2 |
|---|---|
| Adubo s. m. Substância em pó decorrente do processo de cozimento da borra. | Adubo s. m. Material obtido através da trituração das folhas e das palhas da carnaúba. |

| | |
|---|---|
| <p>Contexto discursivo:</p> <p>INF:Cavacu' aí u cavacu eli cuzinha di novu pá apurá u cavacu eli aí tira a bôrra qui a bôrra rai vim' u tanqui grandi é tanta coiza qui servi qui inté u ú:timu adubu qui lá é di sôventi quando cai aquela puerinha aquela puerinha aí junta prá vendê comu adubu' servi prá tudu / ...aquele pó é pá fazê adubu, (PAC – JSM – m59FICA).</p> | <p>Contexto discursivo:</p> <p>INF: Pá ispalhá issu' issu'...Essa bagana servi pá adubu né" (PAC – RBS – m37MCCA).</p> |
| <p>Ciscador s. m.</p> <p>Objeto de ferro utilizado para espalhar a bagana.</p> <p>Contexto discursivo:</p> <p>INF:É u u da bagana' é cumé qui dis é u ciscadô é u fica nu ciscadô' a profissãu deli mermu é só ficá nu ciscadô, (PAC – FMD – m20FICA).</p> | <p>Ciscador s. m.</p> <p>Encarregado de juntar, reunir ou espalhar a bagana.</p> <p>Contexto discursivo:</p> <p>INF:Us ajudanti tudim tudu em serviçu'...É butadô di fêxu' tiradô di imbira' ciscadô di bagana metedô di paia'...As profissôis mermu sãu essas (+) quando um tá cansadu u ôtu topa ajudá u ôtu, (PAC – ASS – m20FICA).</p> |
| <p>Cortar v.</p> <p>Realizar o corte das folhas e das palhas da carnaúba no carnaubal.</p> <p>Contexto discursivo:</p> <p>INF:Corta verdi' istendi' seca' amarra' i a genti leva a máquina' aí obi::tem u pó, (PAC – SMF – m61NACA).</p> | <p>Cortar v.</p> <p>Triturar as folhas e palhas da carnaúba na máquina de cortar palha.</p> <p>Contexto discursivo:</p> <p>INF:Corta primêru a prêta' a da paia' aí depois tira u pó da prêta aí rai i corta a branca separada num podi cortá juntu nãu'...U pó vai pu panu da máquina lá em cima i a bagana sai'...É tipu um balãu qui fica lá em cima cum pó subinu, (PAC – FMD – m20FICA).</p> |
| <p>Passar v.</p> <p>Utilizar novamente a borra ou reprocessá-la para fabricar a cera.</p> <p>Contexto discursivo:</p> <p>INF: Aculá é porquê é um' a bôrra fica lá a bôrra fica moiada porquê tem qui passá ôta vêis' nóis passa ôta vêis aí fica seca iguau aquela aculá ó' aí fica seca essa daqui já é aquela aculá, (PAC – ADRS – m19FICA).</p> | <p>Passar v.</p> <p>Cortar ou triturar as palhas</p> <p>Contexto discursivo:</p> <p>INF:Istendi ela assim depois qui ela tá istendida aí seca quando acabá amarra i passa na máquina'...Ela passa na máquina, (PAC – ML – m58FICA).</p> |
| Total de termos | 08 |

Quadro 32 – Variação conceitual na PAC

5.1.2.2 Conceitos diferentes para um mesmo termo na PIC

A seguir, apresentamos uma relação da variação conceitual que ocorre na esfera conceitual referente a produção industrial da cera de carnaúba. O termo “**caldeira**”, por exemplo, pode ser, eventualmente, interpretado, quer seja, como um objeto ou recipiente onde se coloca água para aquecer; quer seja como um setor na indústria onde é produzido calor.

| Termo 1 | Termo 2 |
|---|---|
| <p>Caldeira s. f. Recipiente de ferro aquecido à lenha e água para produzir vapor.</p> <p>Contexto discursivo: INF:Nãu' porquê issu tudu é dirritidu' toda a cêra é feita nu dirritidu nu vapô né" i u vapô rem da Caudêra i a Caudêra é u coracão mermu, (PIC – M – m40SCCE).</p> | <p>Caldeira s. f. Local na indústria, onde é produzido calor para funcionamento do setor de produção da cera.</p> <p>Contexto discursivo: INF:Tem us cauderê:rus né" lá você qué í até a Caudêra' nãu"...Qué" entãu vamu lá' Caudêra é u coraçãu di tudo sem a Caudêra nãu funciona nada, (PIC – M – m40SCCE).</p> |
| <p>Clareamento s. m. Uma das etapas de produção da cera industrial, em que se utiliza o peróxido de hidrogênio para clarear a cera.</p> <p>Contexto discursivo: INF:ESSI PROCESSU DI CLARIAMEN: TU é 'só prá tipu um' i tipu três' tipu Quatru nãu é feito issu, (PIC – LMM – f29SCCE).</p> | <p>Clareamento s. m. Local onde a cera de carnaúba é clareada com o peróxido de hidrogênio.</p> <p>Contexto discursivo: É a bomba di jogá a cêra pru fiutru' aí a cêra fiutrada cai ne::ssi' (+) ela fiutrada eli cai ne::ssi' i essa bomba joga lá pra ôtra seçãu du clariamentu' vamu lá nu clariamentu' aí lá é ondi é feito u clariamentu da cêra tipu Quatru prá tipu três, (PIC – M – m40SCCE).</p> |
| <p>Filtração s. f. Processo de purificação ou filtragem da cera, que consiste na retirada de suas impurezas.</p> <p>Contexto discursivo: INF:...ela é misturada com u diatomita' aí passa' pra fiutração nu fiutru prensa né" (PIC – LMM – f29SCCE).</p> | <p>Filtração s. f. Local onde a cera de carnaúba é purificada, por meio de um filtro prensa.</p> <p>Contexto discursivo: INF:...passa pelu mermu cantu pela fiutração' passa pelu clariamentu' só qui lá clarêa né" a tipu Quatu nãu' aí vem pá iscama, (PIC – MA – m26MICE).</p> |

| | |
|---|--|
| <p>Lavagem s. f. Processo inicial de fabricação da cera de carnaúba que consiste na lavagem do pó.</p> <p>Contexto discursivo: INF:I eli fica ezatamente só olhandu é a:: temperatura' abrindu tornêra fechandu' fazendu a lavagi du fiutu só táí ó, (PIC – M – m40SCCE).</p> | <p>Lavagem s. f. Resíduo líquido decorrente do processo de lavagem do pó da cera de carnaúba.</p> <p>Contexto discursivo: INF:Operá: u aparelhu' botá sorventi dentru du aparelhu' botu pa isquentá i puxu a lavagi até terminá di lavá, (PIC – CHBR – m23FICE).</p> |
| <p>Produção s. f. Toda a capacidade de cera de carnaúba produzida pela indústria com vistas à exportação.</p> <p>Contexto discursivo: INF:Eli opera as máquina di... vem a cêra da refinaria intendeu” aí já sai a produção pá:: isportação, (PIC – JMMS – m31FICE).</p> | <p>Produção s. f. Uma das etapas pertencentes à cadeia produtiva da cera de carnaúba, que inicia-se pela lavagem do pó, extração, filtração, clareamento e escamação da cera.</p> <p>Contexto discursivo: INF:Prontu cabô u processu é u processu é só essi é simplis u processu' a produção, (PIC – M – m40SCCE).</p> |
| Total de termos | 10 |

Quadro 33 – Variação conceitual na PIC

5.1.2.3 Conceitos diferentes para um mesmo termo na PAC e na PIC

Analizamos a seguir a variação conceitual, considerando-se os dois domínios relacionados à cadeia produtiva da cera de carnaúba em Caucaia. Nas duas colunas, listamos o termo, com suas informações gramaticais, sua definição, além do contexto discursivo onde o referido termo foi encontrado.

Na primeira coluna, selecionamos os termos extraídos a partir dos informantes pertencentes à produção artesanal da cera de carnaúba. Na segunda coluna estão os termos extraídos do campo conceitual da produção industrial da cera. O termo “extração”, na PAC, consiste no corte das folhas e palhas; na PIC o referido termo significa a própria obtenção da cera.

| Termo na PAC | Termo na PIC |
|--|--|
| <p>Adubo s. m.</p> <p>Material obtido através da trituração das folhas e das palhas da carnaúba.</p> <p>Contexto discursivo:</p> <p>Pá ispalhá issu' issu'...Essa bagana servi pá adubuné" (PAC – RBS – m37MCCA).</p> | <p>Adubo s. m.</p> <p>Material produzido a partir da lavagem, com solvente, do pó da carnaúba misturado com a palha da carnaúba.</p> <p>Contexto discursivo:</p> <p>INF:...depoir dele todú lavadu i tiradu toda a cêra' só fica u u res:tu qui a renti chama di adubu qui servi pra adubá planta' só a:: sujêra mermu cum palha' aqui é u adubu, (PIC – M – m40SCCE).</p> |
| <p>Caldeira s. f.</p> <p>Objeto feito de tijolo e cimento onde é feito o cozimento da cera preta de carnaúba.</p> <p>Contexto discursivo:</p> <p>INF: Na caudê:ra é u seguinti na caudêra a genti coloca água u fogu quandu a caudêra tá fervenu a renti coloca u pó até inché ela quandu inché apaga u fogu cum oitu ora' cum oitu horas depois a genti separa a cêra da bôrra, (PAC – FRAA – m27MCCA).</p> | <p>Caldeira s. f.</p> <p>Objeto feito de ferro aquecido à lenha e água para produzir vapor.</p> <p>Contexto discursivo:</p> <p>INF:Nãu' porquê issu tudu é dirritidu' toda a cêra é feita nu dirritidu nu vapô né" i u vapô rem da Caudêra i a Caudêra é u coracão mermu, (PIC – M – m40SCCE).</p> |
| <p>Caldeireiro s. m.</p> <p>Trabalhador responsável pelo cozimento da cera preta.</p> <p>Contexto discursivo:</p> <p>INF:É cauderêru...A genti tem as caudêra... (PAC – FRAA – m27MCCA).</p> | <p>Caldeireiro s. m.</p> <p>Profissional responsável pelo funcionamento da caldeira.</p> <p>Contexto discursivo:</p> <p>INF:Tem u Cauderêru mermu pra tá olhandu é é a água tá olhandu a temperatura elis ficãu orientandu' i tem u ajudanti qui é jogandu a lenha na Caudêra' (PIC – M – m40SCCE).</p> |
| <p>Derreter v.</p> <p>Processo que consiste em dissolver o pó cerífero em água fervente.</p> <p>Contexto discursivo:</p> <p>INF:Aí é us tambozinhu di derretê' tamboris'...É aí pá derretê a branca a caudêra é u pozãu prêtu qui</p> | <p>Derreter v.</p> <p>Processo que consiste em dissolver a cera bruta sólida e transformá-la em cera líquida.</p> <p>Contexto discursivo:</p> <p>INF:Nãu' aí só us tubu cum água né" pá pudê gerá</p> |

| | |
|---|---|
| <p>derreti bota aquela cerona arenoza aculá, (PAC – JSM – m59FICA).</p> | <p>u vapô’ aí a renti bota u fogu’ qué prá água fer:vê’ i água fervida é qui vem derretê tudu’ (PIC – M – m40SCCE).</p> |
| <p>Extração s. f. Corte das folhas e das palhas de carnaúba para a obtenção do pó cerífero.</p> <p>Contexto discursivo: INF:A extração u B. leva us cortadó’ leva mais di vinti hõmi us hõmi corta’ corta cum a taboca’ u aparadó’ apará’ aí depois vem u comboiêru’ u comboiêru leva u caminhãu quandu é longi u caminhãu vai lerrá pu terrenu deli eli leva aí us istendendô istendi quandu turré bem sequinha mais di quinze dia u B. manda u amarradó amarra as paías depois u amarradó amarra fais a sua obrigação...(PAC – ADRS – m19FICA).</p> | <p>Extração s. f. Processo em que o pó cerífero é lavado com o solvente para obtenção de cera líquida.</p> <p>Contexto discursivo: INF: Nãu’ nãu é POR ISSU né” porquê:: a falta da cualidadi da cêra’ num é bem pur issu nãu’ tá dizaparendu porquê u quê si paga au: essi pessu:au qui faiz essi tipu di extração né” rudimentá É MUI::TU’ UM VALÔ MUI:TU INFERIÔ’ (PIC – LMM – f29SCCE).</p> |
| <p>Separador s. m. Funcionário encarregado de separar as folhas das palhas da carnaúba.</p> <p>Contexto discursivo: INF:Nãu’ eli trais aqui tem uma turma qui dividi ôtu qui amarra’ é assim sabi várius setoris’... Separadó mermu, (PAC – RBS – m37MCCA).</p> | <p>Separador s. m. Equipamento mecânico utilizado para separar o solvente da cera de carnaúba.</p> <p>Contexto discursivo: INF:...eli tá saindu du distiladó:: passandu a cêra lá u sôventi passa aqui nu separadó ...Separadó’ aí u sôventi vem prá cá cum água’ i separa’ comu u sôventi é mar levi’ u sôventi fica em cima’ i vai passandu aqui’ aí imbaxu fica a água’ (PIC – M – m40SCCE).</p> |
| Total de temas | 12 termos |

Quadro 34 – Variação conceitual na junção dos dois domínios PAC e PIC

Como vimos, os tipos de discursos e, também, as condições de produção desses discursos condicionam as escolhas lexicais dos trabalhadores da cadeia produtiva da cera de carnaúba, visto que esses profissionais possuem formação diversificada, faixa etária e sexo diferentes e, ainda, atuam em setores distintos da produção.

Nesta análise foram abordados alguns aspectos morfossintáticos e léxico-semânticos, selecionados a partir da descrição e análise dos termos provenientes das

entrevistas com os informantes, trabalhadores da cadeia produtiva da cera de carnaúba em Caucaia.

Embora reconheça-se a riqueza dos dados, não tivemos a pretensão de abordar todos os aspectos lingüísticos inerentes ao vocabulário especializado em foco. Quanto à análise e descrição do *corpus*, realizamos neste capítulo, um recorte significativo e minucioso em que apresentamos os principais aspectos lingüísticos presentes na referida terminologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui desenvolvida teve como objetivo descrever e analisar o universo lexical da cadeia produtiva da cera de carnaúba em Caucaia. O objetivo teve como base o problema da não sistematização, até esse momento, do universo discursivo dessa área. Nossa preocupação também se sustentava no fato da produção artesanal está em fase de extinção, face à preferência do uso da tecnologia industrial na produção da cera de carnaúba.

Nossa inquietação era, portanto, de que caso não houvesse uma forma de coletar, arquivar as informações referentes ao processamento artesanal, certamente, não teríamos, em um futuro próximo, como recuperar essa fase da história da produção da cera de carnaúba.

No glossário de termos referentes à cadeia produtiva da cera de carnaúba em Caucaia, foram registrados 321 termos entre simples e compostos, classificados como nomes, verbos e adjetivos.

| PRODUÇÃO ARTESANAL | | |
|--------------------|-----------|-----------|
| Nomes | Verbos | Adjetivos |
| 120 termos | 27 termos | 8 termos |

Quadro 35 – Total de termos registrados referentes à PAC

| PRODUÇÃO INDUSTRIAL | | | |
|---------------------|-----------|-----------|----------|
| Nomes | Verbos | Adjetivos | Sigla |
| 125 termos | 26 termos | 14 termos | 01 termo |

Quadro 36 – Total de termos registrados referentes à PIC

Para a descrição e a análise dos dados extraídos do *corpus*, considerou-se a utilização dos termos empregados nos discursos *in loco* dos informantes, relacionando as formas de discurso às características sociais a saber: tipo de trabalho desempenhado (artesanal, manual ou industrial), sexo, nível de instrução e faixa etária.

Ao compararmos os dados provenientes da produção artesanal com as informações obtidas no âmbito da produção industrial, constatam-se os seguintes aspectos: o número de informantes do sexo feminino é menor na esfera artesanal de produção da cera; esse fato deve-se às dificuldades para a realização do trabalho como

por exemplo: exigência de força e vigor físico, permanência de longos dias no campo para realizar o corte das folhas e a extração do pó cerífero.

Há mais informantes escolarizados em Catuana; na indústria, o número de informantes com maior faixa etária supera o número de informantes da produção artesanal.

Não obstante, identificamos casos em que a realização de determinados aspectos lingüísticos ocorre apenas em um domínio específico, ou seja, ou no artesanal ou no industrial, conforme podemos constatar nos quadro a seguir.

| PRODUÇÃO ARTESANAL |
|---|
| 01. Sufixos aumentativos “ Cauderãu: ” (PAC – SMF – H61NACA), “ varazona ” (PAC – ASS – H20FICA). |
| 02. Composição sintagmática (N + N) “ pó ôlhu ” (PAC – JSM – H59FICA). |
| 03. Composição sintagmática (N + prep. + N + Adj.) “ Cuzinhadô di pó brancu ” (PAC – MCS – M47FICA). |
| 04. Composição sintagmática (N + prep. + N + prep. + N) “ ixtraidôra di pó di carnaúba ” (PAC – RAS – H37FCCA). |
| 05. Composição sintagmática (N + prep. + N + prep. (Art.) + N) “ instrutô’...di cêra da carnaúba ” (PAC – FRAA – H27MCCA). |
| 06. Derivação imprópria “ ispaia bagana ” (PAC – FMD – H20FICA). |
| PRODUÇÃO INDUSTRIAL |
| 01. Composição sintagmática (N + Nome especificador + Numeral) “ cêra tipu quatru ” (PIC – HEF – H25MICE). |
| 02. Composição sintagmática (N + prep. + Nome especificador + Numeral) “ cêra di carnaúba tipu três ” (PIC – LMM – M29SCCE). |
| 03. Composição sintagmática (N + Adj. + prep. + N) “ Controli químicu di qualidadi ” (PIC – LMM – M29SCCE). |
| 04. Composição sintagmática (N + Adj. + prep. + N + prep. + N) “ produ tu acabadu di cêra di carnaúba ” (PIC – LMM – M29SCCE). |
| 05. Sigla “ EPI ” – Equipamento de proteção individual (PIC – FDNM – M40MCCE). |

Quadro 37 – Síntese dos principais aspectos lingüísticos da PAC e da PIC

Quanto às variantes sócio-profissionais, também chamadas de variantes formais terminológicas de registro, foram identificadas 22 relativas à produção artesanal e 17

relativas à produção industrial. Tais variantes referem-se aos seguintes sub-domínios: produtos ou substâncias; instrumentos, objetos e utensílios; funções e profissões; máquinas e equipamentos.

| VARIANTES SOCIO-PROFISSIONAIS | |
|---|--|
| PRODUÇÃO ARTESANAL | PRODUÇÃO INDUSTRIAL |
| Bagana = adubo | Bagana = impureza |
| Cera branca = cera do olho, cerinha amarelinha, cerinha bonitinha | Cera branca = cera de carnaúba tipo um, cera do pó do olho, cera do pó |
| Cera preta = cera da palha | Cera de carnaúba tipo três = tipo três Cera de carnaúba tipo quatro = tipo quatro |
| Sal azedo | Solvente |
| Balde = tambor (cera branca) Caldeira (cera preta) | Extrator = aparelho |
| Cozinhador de cera = cozinhador de pó branco Caldeireiro = caldeirista | Operador de cera |
| Quebrador de cera | Escamador |
| Prensador = preneiro = preneiro de pó branco | Filtrador |
| Prensa de madeira (cera branca) Prensa de ferro | Filtro prensa |

Quadro 38 – Síntese das variantes sócio-profissionais da PAC e da PIC

Em relação às variantes terminológicas co-ocorrentes ou sinônimos socioterminológicos, os dados apresentam-se da seguinte forma: no domínio da produção artesanal da cera de carnaúba, foram registrados 34 termos com 54 variantes; no domínio da produção industrial foram registrados 19 termos com 27 variantes.

| PRODUÇÃO ARTESANAL | | PRODUÇÃO INDUSTRIAL | |
|--------------------|----------------|---------------------|----------------------------------|
| TERMO | VARIANTES | TERMO | VARIANTES |
| Adubo | bagajo, bagana | Abastecer | botar solvente, carregar, encher |

| | | | |
|------------------------|---|------------------------------------|---|
| | | | |
| Amarrador | botador de feixe, feixeiro, imbireiro | Afinar | refinar |
| Apurar | ressecar | Bagana | barro, impureza |
| Bagaceiro | baganeiro, ciscador de bagana, espalha bagana, espalhador de bagana, gancheiro | Balanceiro | pesador |
| Borreiro | borrista, cozinhador de borra, mexedor | Cera amarelada | cera branca, cera de carnaúba tipo um, cera do pó do olho |
| Balde | tambor | Cera em barra | cera em pedaço |
| Balão | pano da máquina | Cera de carnaúba tipo quatro | cera gorda, cera preta |
| Bater | cortar, passar, serrar, triturar | Chapa | tacho |
| Borra | Borra gorda, murrão | Empresa | fábrica, indústria, refinaria |
| Botador de palha | empurrador de palha, metedor de palha | Escamadeira | moedeira |
| Caldeireiro | caldeirista, cozinhador | Exportar | viajar |
| Carnaubal | mato | Filtração | filtro |
| Carregador de feixe | palanqueiro | Fornalha | forno |
| Cera branca | cera olho, cerinha amarelinha, cerinha bonitinha | Moer cera | quebrar cera |
| Cera preta | cerona | Nafta | solvente |
| Ciscador | gancho | Operador de solvente | solventeiro |

| | | | |
|-----------------------|---------------------------------------|----------------------|-------------------------|
| Cortador | derrubador, mateiro, vareiro | Pavimento | poço |
| Costureiro | enfeixador | Pó branco | pó do olho da carnaúba |
| Cozinhador de cera | cozinhador de pó branco | Reservatório | Tanque |
| Desmanchar | tranformar | | |
| Espalhar | estender | - | - |
| Estendedor | lastreiro | - | - |
| Extrairadora de pó | máquina de cortar palha | - | - |
| Feixe | maço | - | - |
| Fogueiro | foguista, fornalheiro | - | - |
| Folha de olho | olho branco | - | - |
| Fornalha | forno | - | - |
| Peneira | tela | - | - |
| Pó branco | pó do olho | - | - |
| Pó da palha | pó preto | - | - |
| Prensador | preheiro | - | - |
| Ressecar | secar | - | - |
| Sistema de trituração | Sistema de navalha, sistema de cacete | - | - |
| Valor | preço | - | - |
| Total de termos = 34 | Total de variantes = 54 | Total de termos = 19 | Total de variantes = 27 |

Quadro 39 – Síntese das variantes cocorrentes da PAC e da PIC

Quanto à variação conceitual no domínio relacionado à produção artesanal da cera, 04 termos apresentaram conceitos diferentes para um mesmo referente. No que diz respeito ao domínio industrial, registramos a ocorrência de 05 termos cujos conceitos variam.

| PRODUÇÃO ARTESANAL | | PRODUÇÃO INDUSTRIAL | |
|--------------------|------------|---------------------|------------|
| Adubo | conceito 1 | Caldeira | conceito 1 |
| | conceito 2 | | conceito 2 |

| | | | |
|-------------------------|---------------------------------------|-------------------------|---------------------------------------|
| Ciscador | conceito 1 | Clareamento | conceito 1 |
| | conceito 2 | | conceito 2 |
| Cortar | conceito 1 | Filtração | conceito 1 |
| | conceito 2 | | conceito 2 |
| Passar | conceito 1 | Lavagem | conceito 1 |
| | conceito 2 | | conceito 2 |
| Total de termos = 04 | Total de conceitos diferentes = 08 | Produção | conceito 1 |
| | | | conceito 2 |
| | | Total de termos = 05 | Total de conceitos diferentes = 10 |

Quadro 40 – Síntese da variação conceitual na PAC e na PIC

Ao reunirmos os termos e os conceitos referentes aos dois domínios da produção da cera, aqui em foco, identificamos a presença de variação terminológica conceitual em 06 termos comuns aos dois domínios, mas que apresentam conceitos diferentes.

| Termos da PAC e da PIC | Conceitos diferentes |
|--|--------------------------------------|
| Adubo, caldeira, caldeireiro, derreter, extração, separador. | Conceito na PAC ≠ do conceito na PIC |
| Total de termos = 06 | Total de conceitos = 12 |

Quadro 41 – Síntese dos termos comuns aos dois domínios

Entre as composições sintagmáticas analisadas no *corpus*, as mais utilizadas pelos falantes da produção artesanal e da produção industrial da cera de carnaúba, são aquelas que apresentam as seguintes estruturas:

- N + prep. + N (41 variantes);

Exemplos: Tirador de imbirá, ciscador de bagana, metedor de palha.

- N + Adj. (22 variantes);

Exemplos: cera arenosa, cera centrifugada, pó bruto.

- N + prep.(Art.) + N (16 variantes).

Exemplos: borra do pó, ajudante do ciscador, vapor da caldeira.

Com os dados aqui apresentados, percebemos que as formas de dizer do universo investigado refletem, de diferentes maneiras, as condições nas quais são

produzidas. Os termos utilizados em seus contextos reais caracterizam a atividade profissional exercida pelo enunciador, apontam, também, para a identificação de aspectos sociolingüísticos como discutidos anteriormente.

O *corpus* que serviu de base de análise para a realização deste trabalho possibilita também estudos relacionados a aspectos fonético-fonológicos; assim como estudos sociolingüísticos para estabelecimento de regras variáveis. O repertório socioterminográfico referente à area em foco possibilita base terminológica para glossário trilingüe (português, inglês e francês), tendo em vista a importância da cera de carnaúba no contexto internacional.

Nossa expectativa é que o tema seja mais amplamente investigado no que diz respeito a essa mesma cadeia produtiva, sobretudo em municípios distantes da capital do estado, Fortaleza, e em situação de fronteira com outros estados com vistas a compreender o fenômeno da variação diatópica, fenômeno não contemplado neste estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OBRAS GERAIS:

ALVES, Ieda M. Definição terminológica: da teoria à prática. **Tradterm**. São Paulo: FFLCH/USP, v. 3, 1996, p.126-136.

ALKMIN, Tânia M. Sociolingüística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A.C.(org) **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 21-47.

ARAGÃO, Maria do S. S. de ; SOARES, Maria E.(Org.). **A linguagem falada em Fortaleza – Diálogos entre informantes e documentadores – materiais para estudo**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1996.

ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL. **Questionário 2001** / Comitê Nacional do Projeto ALIB. Londrina: Ed. UEL, 2001.

AUBERT, Francis H. **Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngüe**. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP,1996. (Cadernos de Terminologia, 2).

BARBOSA, Maria A. Dicionário, vocabulário, glossário: Concepções. In: ALVES, I.M.(Org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. São Paulo: Humanitas Publicações. FFLCH / USP, 1996, p. 23-45. (Cadernos de Terminologia, 1).

BARITE, Mario. **Diccionario de organización y representación del conocimiento: clasificación, indización, terminología**. Universidad de la República Oriental del Uruguay. Disponível em: <<http://www.eubca.edu.uy/old/diccionario/diccion.htm>>. Acesso em: 07 jan 2006.

BARROS, Lídia A. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

BIDERMAN, Maria T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A.M.P.P.; ISQUERDO, A.N.(Org). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande, Mato Grosso do Sul: Editora UFMS, 2001, p. 13-22.

BOULANGER, Jean-C. Compte-rendu. **Terminogramme**, n.7-8, 1981, p. 11-12.

_____. Présentation: images et parcours de la socioterminologie. Laval : Université de Laval. Sainte-Foy. **Meta**. Montréal, v. 40, n.2, 1995. Disponível em : <http://www.erudit.org/revue/meta/1995/v40/n2/index.html>. Acesso em: 23 jan. 2006.

- BOULANGER, Jean-C.; L'HOMME, M. C. Les technoclectes dans la pratique dictionnaire générale : quelques fragments d'une culture. **Meta**. Montréal, v.36, n. 1, 1991, p. 23-40. Disponível em : <http://www.erudit.org/revue/meta/1991/v360/n1/index.html>. Acesso em: 23 jan. 2006.
- CABRÉ, Maria T. La terminologia hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. **Ciências da informação/ Terminologia: a disciplina da nova era**. Brasília: v. 24, n. 3, 1995, p. 289-298.
- _____. **La Terminología. Teoría, metodología, aplicaciones**. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.
- _____. **La Terminologia, Representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos**. Barcelona: IULA, 1999.
- _____. Uma nueva teoría de la Terminologia: de la denominación a la comunicación. **Actas do VI Simpósio Ibero-americano de Terminologia**. Havana, 1998, p.41-66.
- _____. Definição Terminológica: da teoria à prática. **Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia**. São Paulo: FFLCH -USP, v.3, 1996, p. 125-130.
- _____. Una nueva teoría de la terminologia: de la denominación a la comunicación. **Terminologia, desenvolvimento e identidade nacional (IV Simpósio Ibero-americano de Terminologia)**. Lisboa: Edições Colibri / ILTEC, 2002, p 41-60.
- CAIXETA, Joaquim S. Agroindústria: abate e preparação de carne, padronização de cortes e carne bovina. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n.3, 1995.
- CAMARA JR., Joaquim M. **Dicionário de lingüística e gramática: referente à língua portuguesa**. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 1998
- COLLETTA, Jean-M. La terminologie spécialisée et ses effets au tribunal pour enfant. **Langage & travail. Aspects terminologiques des pratiques langagières au travail**. Paris, n.7, 1993, p. 22-34. Disponível em : <<http://www.langage.travail.crg.polytechnique.fr/publications.htm>>. Acesso em 30 fev. 2006.
- CONDAMINES, Anne.; JOSETTE, Rebeyrolle. Point de vue en langue spécialisée. **Meta**. Montréal, v. 42, n.1, 1997. Disponível em : <http://www.erudit.org/revue/meta/1997/v42/n1/index.html>. Acesso em: 23 jan. 2006.
- COSTA, Alcioneida de M. **O léxico da moda – vestuário da década de 80**. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

DELAVIGNE, Valérie. Approche socioterminologique des discours du nucléaire. **Meta**. Montréal, v. 40, n.2, 1995, p. 308-319. Disponível em : <http://www.erudit.org/revue/meta/1995/v40/n2/index.html>. Acesso em: 23 jan. 2006.

_____. **Les mots du nucléaire. Contribution socioterminologique à une analyse des discours de vulgarisation**. Thèse (Doctorat en Linguistique). Université de Rouen, Rouen, 2001.

DESMET, I. A análise do sentido em terminologia: teoria e prática da definição terminológica. **Traduterm**, 8, 2002, p. 169-188.

DUBUC, R. **Manuel pratique de terminologie**. Québec : Linguatex, 1985.

FARIAS, Emília M. P. **Glossário de termos da moda**. Fortaleza: Editora UFC/Sebrae CE, 2003.

_____. **A linguagem da moda no português contemporâneo**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**. Brasília, v.24, n. 3, 1995.

_____. Principes formels et fonctionnels de la variation en terminologie. **Terminology**. v. 5, Amsterdam/Philadelphia : John Benjamins Publishing Co, 1998, p.93-103.

_____. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. **Tradterm**. n.7 São Paulo: FFLCH/USP, 2002.

_____. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. **Revista da sociedade brasileira para o progresso da ciência**. ano 58, n.2, abril/maio/junho, São Paulo, 2006, p. 27-31.

FERNANDES, Geraldo T. **Elementos para a sistematização dos termos da farmácia: uma abordagem terminológica**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1998.

FERREIRA, Raimundo R. **Para um vocabulário semi-sistemático da cultura e da indústria da rede de dormir e um estudo dos movimentos sógnicos constitutivos de sua linguagem**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1997.

FINATTO, Maria José B. Termos, textos com termos: novos enfoques dos estudos terminológicos de perspectiva lingüística. In: ISQUERDO, A.N.; KRIEGER, M.da G. (Org). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia, volume II**. Campo Grande, Mato Grosso do Sul: Editora UFMS, 2004, p. 341-357.

GADET, Françoise. Variation et hétérogénéité. In : GADET, F.(org.). **Hétérogénéité et variation: Labov, un bilan**. Langages, n.108, 1992, p. 5-15.

GAMBIER, Yves. Problèmes terminologiques des “Pluies acides”: pour une socio-terminologie. **Meta**. Montréal, v.32, n.3, 1987, p.314-320. Disponível em : <http://www.erudit.org/revue/meta/1987/v32/n3/index.html>. Acesso em: 23 jan. 2006.

_____. Interaction verbale et production de sens. **Cahiers de linguistique sociale**. Rouen, n. 13, GRECSO, Université de Rouen, 1988, p. 11-18.

_____. Travail et vocabulaire spécialisés : prolégomènes à une socio-terminologie. **Meta**. Montréal, v. 36, n.1, 1991, p. 8-15. Disponível em : <http://www.erudit.org/revue/meta/1991/v36/n3/index.html>. Acesso em: 23 jan. 2006.

GARMADI, Juliette. **Introdução à sociolingüística**. Lisboa: Dom Quixote, 1983.

GAUDIN, François. La socioterminologie : présentations et perspectives. **Langage & Travail. Aspects terminologiques des pratiques langagières au travail**. Paris, n.7, 1993, p.6-15. Disponível em : <[http : //www.langage.travail.crg.polytechnique.fr/publications.htm](http://www.langage.travail.crg.polytechnique.fr/publications.htm)>. Acesso em 30 fev. 2006.

_____. Socioterminologie: du signe au sens, construction d'un champ. **Meta**. Montréal, v. 38, n. 2, 1993. Disponível em : <http://www.erudit.org/revue/meta/1993/v38/n2/index.html>. Acesso em: 23 jan. 2006.

_____. Usages sociaux des termes : théories et terrains. **Meta**. Montréal, v. 40, n. 2, 1995, p. 193-329. Disponível em : <http://www.erudit.org/revue/meta/1995/v40/n2/index.html>. Acesso em: 23 jan. 2006.

_____. Point de vue d'un socioterminologue. Conférence. **TIA**. Rouen, 2005. Disponível em : <http://www.loria.fr/~yannick/TIA2005/doc/gaudin.pdf>. Acesso em 30 jan. 2006.

GUESPIN, Louis ; PIERZO, Véronique. Travail scientifique et contacts de langues: une enquête socioterminologique. **Langage & travail. Aspects terminologiques des pratiques langagières au travail**. Paris, n. 7, 1993, p. 52-59. Disponível em : <<http://www.langage.travail.crg.polytechnique.fr./publications.htm>>. Acesso em 30 fev. 2006.

GUESPIN, Louis ; LAROUCSI, Foued. Glottopolitique et standardisation terminologique. **Banque de mots**. Paris, 1989, p. 5-21. Disponível em : <http://www.cilf.org/bm.fr.html>. Acesso em 30 fev. 2006.

GUILBERT, L. **La Créativité lexicale**. Paris: Larousse, 1975, p. 30-54.

ISQUERDO, Aparecida N. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: OLIVEIRA, M.P.P.; ISQUERDO, A.N.(Orgs). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2 ed. Campo Grande, Mato Grosso do Sul: Editora UFMS, 2001, p. 91-100.

JUSTINIANO, A. L. **Vocabulário da erva-mate no Cone Sul de Mato Grosso do Sul**. Dissertação (Mestrado em Lingüística) .Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2005.

KRIEGER, Maria G. & FINATTO, Maria J.B. **Introdução à Terminologia: Teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

KRIEGER, Maria G. A interfase semiótica / terminologia no dicionário jurídico ambiental TERMISUL. In: OLIVEIRA, M.P.P.; ISQUERDO, A.N. (Orgs). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2 ed. Campo Grande, Mato Grosso do Sul: Editora UFMS, 2001, p. 225-236.

_____. A face lingüística da terminologia. In: KRIEGER, M.G.; MACIEL, A.M.B. (Org). **Temas de Terminologia**. Porto Alegre/ São Paulo: Universidade/ UFRGS/ HUMANITAS/ USP, 2001, p. 22-33.

LERAT, Pierre. La pratique terminologique dans le domaine du droit. **Langage & travail. Aspects terminologiques des pratiques langagières au travail**. Paris, n. 7, 1993, p. 16-51. Disponível em : <[http : //www.langage.travail.crg.polytechnique.fr/publications.htm](http://www.langage.travail.crg.polytechnique.fr/publications.htm)>. Acesso em 30 fev. 2006.

MARTINET, André. **Eléments de linguistique générale**. Paris : A. Colin, 1962.

MARTINS, Evandro S. Léxico e homeopatia. In: OLIVEIRA, M.P.P. ; ISQUERDO, A.N. (Orgs). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2 ed. Campo Grande, Mato Grosso do Sul: Editora UFMS, 2001, p. 101-108.

MARCUSCHI, Luiz A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

MONTEIRO José L. **Morfologia Portuguesa**. Fortaleza: Edições UFC-PROED, 1986.

MONTEIRO Joséder Labov. Petrópolis: Vozes, 2000.

NUVENS, Marta A. **Elementos para um glossário dos termos da cultura, industrialização e comercialização da cana-de-açúcar**. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2006.

PERICHON B. **Le vocabulaire de l'écologie, environnement, nature, éco-, bio-, vert-(1974-1994)**. Thèse (Doctorat en Linguistique), Université Aix Marseille , Marseille, 2001.

PONTES, Antônio L. **Os termos da cultura e da industrialização do caju**. Tese (Doutorado em Lingüística). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 1996.

_____. A sinonímia na terminologia do caju. In: OLIVEIRA, Ana M. P. P. ; ISQUERDO, Aparecida N. (org). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande, Mato Grosso do Sul: Editora, UFMS, 1998. p. 257-263.

_____. Terminologia Científica: o que é e como se faz. **Revista de Letras**. Fortaleza: UFC, 1997, v.19, p.825-838.

_____. Terminologia e variação. **Estudos de sociolingüística portuguesa**. Frankfurt am Main: TFM, 2000, p. x-y.

REY, A. **La terminologie. Noms et notions**. Paris: Presse Universitaires de France, 1992. (Coleção Que sais-je ?).

RIBEIRO, Rosa M. A. Glossário de termos de coleta e conservação de recursos genéticos. **Ciência da Informação**, Brasília, v.24, n.3, 1995.

SAGER, J. C. **A practical course in terminology processing**. Amsterdam-Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1990.

SILVA, José B. da. **Vocabulário da construção civil na linguagem dos pedreiros, em Limoeiro-CE**. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1997.

SILVA, Manoel M. A. da. **Dicionário terminológico da gestão pela qualidade total em serviços**. Tese (Doutorado em Lingüística). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SILVA, Moisés B. **A Terminologia do Sal no RN: Uma abordagem Socioterminológica**. Dissertação (Mestrado em Lingüística) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

SLODZIAN, Monique. Transfert de connaissances nouvelles et aménagement linguistique. **Meta**. Montréal, v.40, n. 2, 1995, p.238-243. Disponível em : <http://www.erudit.org/revue/meta/1995/v40/n2/index.html>. Acesso em: 23 jan. 2006.

STREHLER, R.G. Marcas de uso nos dicionários. In: OLIVEIRA, M.P.P.; ISQUERDO, A.N. (Org). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2 ed. Campo Grande, Mato Grosso do Sul: Editora UFMS, 2001 p. 171-180.

TRAN, D. T. **La standardisation de la terminologie médicale vietnamienne. Une approche linguistique.** Thèse (Doctorat en Linguistique), Université de Rouen, Rouen, v.2, 1999.

VASCONCELOS, Alessandra M. M. **Glossário da terminologia do caranguejo: uma perspectiva socioterminológica.** Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Federal do Pará, Belém, 2000.

VECCHI, D. M. **La terminologie en entreprise. Formes d'une singularité lexicale.** Thèse (Doctorat en Linguistique), Université de Paris 13, Paris, 1999.

VELASCO, Ideval. O léxico da pesca em Soure – Ilha do Marajó. RAZKY, Abdelhak (org.). **Estudos Geo-sociolingüísticos no Estado do Pará.** Belém: UFPA, 2003.p.155-171.

WÜSTER, E. **Die allgemeine Terminologielehre – ein Grenzgebiet Zwischen Sprachwissenschaft, Logik, Ontologie, Informatik und Sachwissenschaften.** Linguistics, v. 119, 1974.

XAVIER, Maria F.; MATEUS, Maria H. **Dicionário de termos lingüísticos.** Lisboa: Edições Cosmos, v. 1, (s/d)

OBRAS RELACIONADAS À CARNAÚBA:

ARRUDA, Aníbal. **Carnaúba e seus derivados. Uma solução auto-sustentável do nordeste brasileiro.** Fortaleza: (s/d).

BEZERRA, José A. A árvore da vida. Fonte de riqueza, abrigo, frescor e sustento para homens e animais, a carnaúba reclama mais atenção. **Globo rural.** v. 20, n.233, mar, 2005, p. 50-57.

CARVALHO, Joaquim B. de M. **Ensaio sobre a carnaubeira.** Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte, Natal, 1982.

CASADIO, Eni S. **Uma avaliação da política de preços mínimos para a cera de carnaúba.** Brasília, 1980. (Série coleção e pesquisa).

D'ALVA, Oscar A.; MARTINS, Mônica D. **O extrativismo da carnaúba no Ceará.** Fortaleza: UFC, 2004.

DUARTE, Margarida E. B.; WERNECK, Paulo et al. **Lenda da carnaubeira.** Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2000.

FREITAS, Newton. **Cultura da carnaúba.** Disponível em: http://www.newton.freitas.nom.br/textos_130.asp. Acesso em: 22 ago. 2005.

NASCIMENTO, Hoston T. S. do.; NASCIMENTO, Maria do S. C. B. **Tratamento de resíduos da agroindústria com uréia**. Teresina: Embrapa Meio-Norte, 1998.

OLIVEIRA, Sheila. **Carnaúba: a árvore que arranha**. Fortaleza: Tempo d'imagem, 2005.

PINTO, G. de Souza. **A carnaubeira: a árvore da vida**. Mossoró: ESAM/Fundação Guimarães, [s/d].

RANGEL, Sátiro B.; AMIN, Mário M. **Análise econométrica da demanda de cera de carnaúba**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1982.

ROLA, Maria K. L. M. **O extrativismo vegetal no comércio exterior do estado do Ceará : um estudo sobre a carnaúba**. Fortaleza: UNIFOR, 2000.

SANTOS, Expedito F.; FEITOSA, Judith P. de A. **Eflorescência e efeito antiozonante da cera da carnaúba em borracha natural**. Fortaleza: UFC, 1999.

SEBRAE-CE. **Colhendo e beneficiando a palha de carnaúba com qualidade**. Fortaleza: Sebrae-CE, 1994.

SINDICARNAÚBA. **Sindicato dos produtores de carnaúba do estado do Ceará**. Disponível em: <<http://www.fiec.org.br/sindicarnauba/sindicato.htm>>. Acesso em: 07 mar. 2005.

SOBRINHO, José F.; FERREIRA, Maria V. M. A carnaúba no contexto socioeconômico de Tapuio-ce. **Essentia, Revista de cultura, ciência e tecnologia da UVA. Sobral**: UVA, 2003, v.5, n.2, dez/mai, p. 129-146.

ANEXOS

ANEXO A – CARTEIRA DE IDENTIFICAÇÃO DO PESQUISADOR

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
 CENTRO DE HUMANIDADES
 DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
 PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA -PPGL
 PESQUISADOR: Antônio Roberto Ferreira Aragão
 Pesquisa: A árvore da vida: terminologia da cera de carnaúba no português do Brasil
 Orientadora: Profa. Dra. Emília Maria Peixoto Farias

Carteira de identificação do Pesquisador

Frente

| | | |
|--|--|--|
| Foto | Universidade Federal do Ceará |  |
| Pesquisador: Antônio Roberto Ferreira Aragão RG: 1782093-89 CPF: 362984333-68 Data de Expedição: 20/03/2006 | | |

Verso

| | |
|--|--|
| Programa de Pós Graduação em Lingüística Linha de Pesquisa: Descrição e Análise Lingüística | |
| Pesquisa: A árvore da vida: terminologia da Cera de Carnaúba no português do Brasil. | |
| <hr style="width: 100%;"/> Antonio Roberto F. Aragão Pesquisador | <hr style="width: 100%;"/> Emília Maria P. Farias Orientadora |

ANEXO B – FICHA DO INFORMANTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
 CENTRO DE HUMANIDADES
 DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA – PPGL
 Pesquisador: Antônio Roberto Ferreira Aragão
 Pesquisa: A árvore da vida: terminologia da cera de carnaúba no português do Brasil.
 Orientadora: Profa. Dra. Emília Maria Peixoto Farias

FICHA DO INFORMANTE**Código:**

1. NOME :

2. APELIDO:

3. ESTADO CIVIL:

4. IDADE:

5. SEXO:

6. ESCOLARIDADE:

 NÃO ALFABETIZADO MÉDIO COMPLETO FUNDAMENTAL INCOMPLETO SUPERIOR INCOMPLETO FUNDAMENTAL COMPLETO SUPERIOR COMPLETO MÉDIO INCOMPLETO

7. LUGAR ONDE NASCEU/NATURALIDADE:

8. LOCAL DE RESIDÊNCIA:

9. NOME DO LOCAL ONDE TRABALHA:

10. VOCÊ TRABALHA COM A PRODUÇÃO DA CERA DE CARNAÚBA:

 MANUAL OU ARTESANAL INDUSTRIAL OS DOIS PROCESSOS

11. HÁ QUANTO TEMPO TRABALHA COM A CARNAÚBA?

12. DESCREVA O QUE VOCÊ FAZ (FUNÇÃO/ PROFISSÃO):

13. HÁ OUTRAS ATIVIDADES QUE VOCÊ DESEMPENHA NO LOCAL DE TRABALHO?

14. OBSERVAÇÕES:

15. DATA DO PREENCHIMENTO DA FICHA:

16. ATUALIZAÇÃO:

ANEXO C – FICHA TERMINOLÓGICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA – PPGL

Pesquisador: Antônio Roberto Ferreira Aragão

Pesquisa: A árvore da vida: terminologia da cera de carnaúba no português do Brasil.

Orientadora: Profa. Dra. Emília Maria Peixoto Farias

FICHA TERMINOLÓGICA

CÓDIGO:

| |
|--|
| 1 Termo- entrada: |
| 2 Informação gramatical: |
| 3 Variantes: 3.1 Variante morfossintática: 3.2 Variante concorrente: 3.3 Variante co-ocorrente: |
| 4 Conceitos dos informantes: |
| 5 Identificação do informante: |
| 6 Contexto: Fonte: |
| 7 Definição final: |
| 8 Remissiva: Ver |
| 9 Nota : Enciclopédica: Lingüística |
| 10 Data do 1º Registro: |
| 11 Última atualização: |
| 12 Pesquisador: |

ANEXO D – FICHA DA FÁBRICA/INDÚSTRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
 CENTRO DE HUMANIDADES
 DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA – PPGL
 Pesquisador: Antônio Roberto Ferreira Aragão
 Pesquisa: A árvore da vida: terminologia da cera de carnaúba no português do Brasil.
 Orientadora: Profa. Dra. Emília Maria Peixoto Farias

FICHA DA FÁBRICA/INDÚSTRIA**CÓDIGO:**

1.NOME DA FÁBRICA: 2.MARCA DE FANTASIA:

3.ENDEREÇO:

4.TELEFONE: 5.E.MAIL:

6.HOME PAGE:

7.TEMPO DE EXISTÊNCIA:

8. TOTAL DE FUNCIONÁRIOS:

7.1.INTERNOS HOMENS: 7.2.INTERNOS MULHERES:

7.3.EXTERNOS HOMENS: 7.4.EXTERNOS MULHERES:

8.TOTAL DE FUNCIONÁRIOS POR CARGO E FUNÇÃO:

| 8.1. CARGO / FUNÇÃO | 8.2. NUMERO DE FUNCIONÁRIOS |
|---------------------|-----------------------------|
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |

9.OBSERVAÇÕES:

10.DATA DO PREENCHIMENTO DA FICHA:

11.ATUALIZAÇÃO:

ANEXO E – FICHA DO MUNICÍPIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA – PPGL

Pesquisador: Antônio Roberto Ferreira Aragão

Pesquisa: A árvore da vida: terminologia da cera de carnaúba no português do Brasil.

Orientadora: Profa. Dra. Emília Maria Peixoto Farias

FICHA DO MUNICÍPIO:

CÓDIGO:

| | | |
|---|----------------|------------------|
| 1.IDENTIFICAÇÃO: | | |
| 1.1. Nome: | | |
| 1.2. Índice de Desenvolvimento Humano: | | |
| 1.3.Expectativa de vida: | | |
| 2.CARACTERIZAÇÃO FÍSICA: | | |
| 2.1. Distância em relação à capital: | | |
| 2.2.Vias de Acesso: | | |
| 2.3. Clima: | | |
| 2.3.1. Tipo: | | |
| 3. POPULAÇÃO: | | |
| 3.1 Dados Demográficos: | | |
| 3.1.1. População Total: | 3.1.1.1.Homem: | 3.1.1.2. Mulher: |
| 4. ECONOMIA: | | |
| 4.1. Quantidade produzida dos principais produtos agrícolas (t) : | | |
| 4.2. Produtos de origem animal: | | |
| 4.3. Produtos de origem industrial: | | |
| 5.ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS: | | |

| |
|--|
| |
| 5.1. Cultura e Lazer: |
| 5.2.Principais Eventos: |
| 6.OBSERVAÇÕES GERAIS: |
| 7.DATA DO PREENCHIMENTO DA FICHA: |

ANEXO F - QUESTIONÁRIO PARA OPERÁRIOS DA PAC

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA – PPGL

Pesquisador: Antônio Roberto Ferreira Aragão

Pesquisa: A árvore da vida: terminologia da cera de carnaúba no português do Brasil.

Orientadora: Profa. Dra. Emília Maria Peixoto Farias

Prezado(a) Senhor(a) informante,

A pesquisa que estamos realizando está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Ceará – UFC, sua participação é essencial para a concretização de nossos objetivos. Pretendemos coletar, analisar e registrar os termos relacionados à cadeia produtiva da cera de carnaúba para elaboração de um glossário socioterminológico, pois a cera de carnaúba é um produto muito importante o desenvolvimento do Ceará. Nossa pesquisa permitirá a divulgação de conhecimentos especializados da referida área para que a sociedade, em geral, se beneficie desses conhecimentos. Todas as informações coletadas e aqui registradas serão utilizadas exclusivamente para esse fim.

A fim de que os objetivos que definimos para esta pesquisa sejam concretizados necessitamos de sua colaboração.

Agradecemos a sua participação.
Antônio Roberto Ferreira Aragão

QUESTIONÁRIO PARA OPERÁRIOS

CÓDIGO:

| | |
|---|-------------|
| 1.DADOS DO INFORMANTE: | |
| 1.1.Nome: | |
| 1.2.Apelido | 1.3.Código: |
| 1.4. Telefone: | 1.5.Email: |
| 1.6. Empresa: | 1.7.Código: |
| 1.8. Tempo que trabalha diretamente com a carnaúba: | |
| 1.9. Você tem alguma experiência no trabalho com a produção industrial da cera? Qual? | |
| 2.PRODUÇÃO MANUAL OU ARTESANAL DA CERA DE CARNAÚBA: | |
| 2.1. Que função você exerce no trabalho com a cera de carnaúba? Você exerce outras funções (descreva cada uma delas). | |
| 2.2. Qual o nome dos instrumentos ou objetos que você utiliza? | |

| |
|--|
| |
| 2.3. Qual é a finalidade de cada instrumento? Eles servem para quê? |
| 2.4. Como ocorre a extração das folhas? Como você escolhe as folhas? As folhas dão origem a que tipo de pó? |
| 2.5. Como é feita a secagem das folhas para obtenção do pó? |
| 2.6. Quais são as atividades desempenhadas para obtenção do pó cerífero? Quais os instrumentos utilizados manuais e elétricos? |
| 2.7. Como ocorre o cozimento do pó para fabricação da cera? |
| 2.8. Como é fabricada a cera de origem? |
| 2.9. Quais são os profissionais envolvidos na produção da cera de origem? |
| 2.10. Quais são as etapas (operações e processos) utilizadas para o beneficiamento da cera de origem (descreva todas). |

| |
|--|
| 2.11. Como é fabricada a cera preta? Quais são os profissionais envolvidos? |
| 2.12. Há outras ceras fabricadas? Quais? Como são fabricadas? |
| 2.13. Como são fabricadas essas ceras? |
| 2.14. Para o trabalho você usa alguma roupa? Quais? |
| 2.15. Quais são os produtos fabricados a partir da cera de carnaúba? |
| 2.16. Onde são comercializados os produtos fabricados a partir da cera? |
| 2.17. Descreva alguma história, verdadeira ou imaginária, relacionada a alguma pessoa que trabalhe com a cera da carnaúba. |
| 2.18. Outras observações: |
| 2.19. Data: |

ANEXO G – QUESTIONÁRIO PARA DONOS DE FÁBRICA (PAC)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA – PPGL

Pesquisador: Antônio Roberto Ferreira Aragão

Pesquisa: A árvore da vida: terminologia da cera de carnaúba no português do Brasil.

Orientadora: Profa. Dra. Emília Maria Peixoto Farias

Prezado(a) Proprietário(a) ou gerente,

A pesquisa que estamos realizando está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Ceará – UFC, sua participação é essencial para a concretização de nossos objetivos. Pretendemos coletar, analisar e registrar os termos relacionados à cadeia produtiva da cera de carnaúba para elaboração de um glossário socioterminológico, pois a cera de carnaúba é um produto muito importante o desenvolvimento do Ceará. Nossa pesquisa permitirá a divulgação de conhecimentos especializados da referida área para que a sociedade, em geral, se beneficie desses conhecimentos. Todas as informações coletadas e aqui registradas serão utilizadas exclusivamente para esse fim.

A fim de que os objetivos que definimos para esta pesquisa sejam concretizados necessitamos de sua colaboração.

Agradecemos a sua participação.
Antônio Roberto Ferreira Aragão

QUESTIONÁRIO PARA DONOS DE FÁBRICAS ARTESANAIS DE PRODUÇÃO DA CERA.

CÓDIGO:

| | |
|--|-------------|
| 1.DADOS DO INFORMANTE: | |
| 1.1.Nome: | 1.2.Código: |
| 1.3.Telefone | 1.4.E-mail: |
| 1.5.Empresa: | 1.6.Código: |
| 1.7.Número de funcionários da Empresa: | |
| 1.8.Número de funcionários que trabalham diretamente com a cera da carnaúba: | |
| 2.RESPONDA: | |
| 2.1.Descreva a função e as atividades exercidas por cada funcionário. | |

| |
|---|
| |
| 2.2. Como são escolhidas as folhas da carnaúba? Como são secadas? |
| 2.3. Como é extraído o pó cerífero? |
| 2.4. Qual o nome dos instrumentos manuais e mecânicos utilizados para a extração do pó cerífero? |
| 2.5. Quais são as atividades manuais exercidas durante a produção da cera de origem? (descreva todas). |
| 2.6. Quais são as etapas para a produção da cera de origem? (descreva todas as etapas). |
| 2.7. Qual o nome dos instrumentos, objetos, ferramentas manuais utilizados para a produção da cera de origem? |

2.8. Quais são as operações e os processos utilizados para o beneficiamento da cera de origem?

2.9. Como são realizadas essas operações?

2.10 Como é fabricada a cera preta? Quais são os profissionais envolvidos?

2.11. Há outras ceras fabricadas? Quais? Como são fabricadas?

2.12. Quais os produtos fabricados a partir da cera de origem?

| |
|---|
| |
| 2.13. Quais os produtos fabricados a partir da cera preta? |
| 2.14. Onde são comercializados os produtos? |
| 2.15. Que tipos de equipamentos existem na fábrica? Onde são comprados? |
| 2.16. Há outras fábricas que produzem outros tipos de cera? Quais? |
| 2.17. Observações: |
| Data: |

ANEXO H - QUESTIONÁRIO PARA OPERÁRIOS DA PIC

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA – PPGL

Pesquisador: Antônio Roberto Ferreira Aragão

Pesquisa: A árvore da vida: terminologia da cera de carnaúba no português do Brasil.

Orientadora: Profa. Dra. Emília Maria Peixoto Farias

Prezado(a) Senhor(a) informante,

A pesquisa que estamos realizando está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Ceará – UFC, sua participação é essencial para a concretização de nossos objetivos. Pretendemos coletar, analisar e registrar os termos relacionados à cadeia produtiva da cera de carnaúba para elaboração de um glossário socioterminológico, pois a cera de carnaúba é um produto muito importante o desenvolvimento do Ceará. Nossa pesquisa permitirá a divulgação de conhecimentos especializados da referida área para que a sociedade, em geral, se beneficie desses conhecimentos. Todas as informações coletadas e aqui registradas serão utilizadas exclusivamente para esse fim.

A fim de que os objetivos que definimos para esta pesquisa sejam concretizados necessitamos de sua colaboração.

Agradecemos a sua participação.

Antônio Roberto Ferreira Aragão

QUESTIONÁRIO PARA OPERÁRIOS DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL DA CERA DE CARNAÚBA.

CÓDIGO:

| | |
|--|-------------|
| 1.DADOS DO INFORMANTE: | |
| 1.1.Nome: | |
| 1.2.Apelido | 1.3.Código: |
| 1.4. Telefone: | 1.5.Email: |
| 1.6. Empresa: | 1.7.Código: |
| 1.8. Tempo que trabalha diretamente com a carnaúba: | |
| 1.9. Você tem alguma experiência no trabalho com a produção artesanal da cera de carnaúba? Qual? | |
| 2. RESPONDA: | |
| 2.1.Qual função você exerce no trabalho com a cera de carnaúba? | |
| 2.2. Quais ceras são fabricadas onde você trabalha? Você conhece outros tipos de cera? | |

2.3. Como a cera é refinada? Quais os instrumentos utilizados e a função das pessoas envolvidas?

2.4. Como a cera é filtrada? Quais os instrumentos utilizados e a função das pessoas envolvidas?

2.5. Como a cera é centrifugada? Quais os instrumentos utilizados e a função das pessoas envolvidas?

2.6. Quais os equipamentos elétricos utilizados para a produção da cera?

2.7. Quais os equipamentos mecânicos utilizados para a produção da cera?

| |
|--|
| |
| 2.8. Onde são comprados os equipamentos? |
| 2.9. Qual o nome dos equipamentos de proteção individual que você usa? Para que serve cada um deles? |
| 2.10. Que peças do vestuário próprio para o trabalho você usa? : |
| 2.11. Quais são os produtos fabricados a partir da cera da carnaúba? |
| 2.12. Onde são comercializados? |
| 2.13. Descreva alguma história, verdadeira ou imaginária, relacionada a alguma pessoa que trabalhe direta ou indiretamente com a cera da carnaúba. |
| 2.14. Outras observações: |
| 2.15. Data: |

**MODELO DE TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS REALIZADAS NA
CATUANA (PRODUÇÃO ARTESANAL DA CERA DE CARNAÚBA) E NO
CENTRO DE CAUCAIA (PRODUÇÃO INDUSTRIAL DA CERA DE
CARNAÚBA)**

CATUANA

ENTREVISTA Nº 06 DURAÇÃO: 14:00

INFORMANTE: J.S.deM.

IDADE: 59 anos.

GRAU DE INSTRUÇÃO: Fundamental incompleto.

LOCAL DE NASCIMENTO: Caucaia

PROFISSÃO: Serviços gerais.

DOCUMENTADOR: Antônio Roberto Ferreira Aragão.

TRANSCRITOR: Antônio Roberto Ferreira Aragão.

DIGITADOR: Antônio Roberto Ferreira Aragão.

DOC: Seu nomi completu?

INF: J. S. di M.,

DOC: Extadu civiu?

INF: Extadu civiu é::

DOC: Cazadu souteru?

INF: Cazadu,

DOC: Sua idadi” quantus anus u sinhô tem?

INF: Interá 59 anu nu dia 25 di novembru,

DOC: 59?

INF: 59,

DOC: U sinhô estudô até qui séri?

INF: Rapai’ essi tempu era:: era cumé qui si diz (incompreensível) u segundu anu pur aí assim,

DOC: Du primáriu?

INF: Du’ du’ era segundu anu du: tinha um livru di (incompreensível) qui a renti istudô até u meu pur aí assim’ cumé qui si dizi num era escola pública’ escola pública era paga era:(+) particulá,

[[

DOC: U sinhô terminô us estudus ?

INF: Nãu ficô (incompreensível) ninguém feis farra nãu,

DOC: U sinhô naceu ondi,

INF: Nu (incompreensível)

DOC: Ondi é’ ondi é,

INF: Aqui nu assentamentu,

DOC: É em Caucaia,

INF: É,

DOC: U sinhô naceu lá?

INF: Caucaia foi nasci lá,

[[

DOC: I u sinhô mora ondi agora?

INF: (incompreensível) uns três quilômetru (incompreensível)

DOC: É Caucaia também?

INF: Caucaia,

DOC: U locau qui u sinhô trabalha quau é u nomi du locau qui u sinhô trabalha?

INF: É Catuana aqui' é eu trabaiu eu sô agricu::tó mais eu trabaiu, /

DOC: Fais a cêra também?

INF: É eu façu u (incompreensível) a prensa façu u baudi façu' terminei di fazé um baudi,

DOC: Há quantu tempu u sinhô trabalha com a cêra da carnaúba?

INF: Cum a cêra é 20 anu' 40 anu né''

DOC: 40 anus,

INF: É,

DOC: Quau a sua funçãu aqui....?

INF: Funçãu' é fazê é arreitá uma prensa dessa' é uma prensa é u balai qui é aqueli negóciu qui cõa né'' façu u' aquela gamela qui' lá imbaxu' lá u tachu' o: rem agora pá mim fazé baidim pá tirá u meu da cêra pá butá dentu du (incompreensível) pá levá pá prensa,

DOC: U qui é u balaiu?

INF: Balaiu é aqueli bixu qui servi lá pá cobertu' cum palha' cum coiza dentu' culá é u caçuá di ferru (+) é todú di arami pá cêra pá cõa a cêra i u tachu lá em baxu

DOC: Eu sei' tem a prensa aí tem u balaiu, /

[[

INF: Balaiu u xapãu dentu' xapãu di madêra aí u (incompreensível)

DOC: Mostra ali pra genti u qui é u balaiu, (+)

INF: Balaiu é issu aqui todú feito di ferru' ferru grandi em cima ôtu em baxu todú trucidu aí aqui em baxu é u tachu,

DOC: Tachu,

INF: É aqui tem u chaprãu' bota dentu deli u furu prensa (incompreensível)

DOC: Certu' há outras atividadis qui u sinhô dezempenha?

INF: É:: Carpin: Carpiteiru aqui já é,

DOC: Não eu falu assim com a cêra da carnaúba,

INF: Hum (+) eu comecei quandu comecei cortanu a paia verdi' i trabaianu na máquina juntu cum reboqui' tem até um ali aí depois a renti dirritia era pur conta própria mermu da genti papai nós tudim em caza nós trabaiaava pa genti mermu (incompreensível) vendia a cêra rá feita,

DOC: Comu é feita a extração das folhas?

INF: Aqui é cortada aí aparada podi i di 50 i 50 paia, /

DOC: A pessoa qui corta quau é a profissãu deli?

INF: É cortadô di ôiu u nomi,

DOC: Mais eli num corta só u ôlhu' eli corta a folha também,

INF: Corta as palha todim aí u ôiu branqu é qui dá a cêra branca u ôiu (incompreensível) ali a renti tira separadu pa dá a cêra branca justamenti é a cêra branca nessa coiza aí,

DOC: Sim,

INF: A branca é feito du da u pó ôlhu i a palha é da cêra prêta a palha aí corta aí di 50 i 50 são 20 moi pá dá um mieru é tudu contadim leva num jumentu culá aí seca ixtendi (incompreensível) amarra aí fais (incompreensível) aí u reboqui vai i corta tira u pó pá (+) pá fazê a cêra,

DOC: U reboqui qui u sinhô chama é u a Nogueira?

INF: A vara" a taboca?

DOC: U qui corta?

INF: É u taboquêru ...

DOC: Agora a genti si enrolô mezmú' porquê u sinhô dissu assim depois vai pra máquina' quau é a máquina?

INF: A máquina tava nesti instan/ tem um bem ali u reboqui qui corta' lastá a máquina réia la culá dismantada viu" metenu aí ela (incompreensível) na ritulina aí sai u pó nu sacu grandi u sacu /

DOC: Comu é u nomi dessa máquina qui ninguém sabi dizê u nomi dessa máquina?

INF: Máquina di cortá palha é uma máquina,

DOC: Máquina di cortá palha,

INF: (incompreensível) Tinha uma Guarani réia /

DOC: U seu B. chama ela di Nogueira por quê?

INF: Noguera ((risos)) eu num sei porquê eli batizou essi nomi,

DOC: É uma máquina di cortá palha?

INF: É,

DOC: Ela corta as duas' ela corta a palha i a outra folha /

INF: Ela tira u pó aí bati u (incompreensível) aí corta u ôlhu brancu nu mermu sacu' bateu aí tira u pó ôlhu qui vai pá cêra branca,

DOC: Comu é'' comu aconteci quau é a diferença comu aconteci a diferença é eli vai cortá ali comu é qui eli separa a folha da du ôlhu?

INF: É amarradu separadu (incompreensível) u ôlhu i u fêxu da palha (+) u pó prêtu é u da palha i u ôlhu é u: chama-si ôiu brancu é u da cêra branca é u qui é /

DOC: Eli num passa tudu juntu nãu,

INF: Nãu' nãu' é separadu é u sacu du pó brancu i u sacu du pó da paia,

[[

DOC: Tem qui sê separadu aí quando si passa ali naquela máquina na máquina di cortá palha /

INF: Vai pru sacu,

DOC: U quê fica em cima u quê'' é é tipu u quê um sacu quê fica em cima,

INF: É fica um em cima i ôtu dentu aí é porquê quando ienxi muito aqui' aí passa pu di cima pá ispirá pa nãu isplodí,

DOC: É tipu um balãu,

INF: É um balãu comu si fossi um balãu u daqui ienxi i passa pu di cima pra aliviá a pressãu /

DOC: I u qui sobra u qui é jogadu fora,

INF: U qui é jogadu fora chama-si a bagana pá extrumaçãu pá plantá,

DOC: Hum,

INF: Chama-si a bagana pá negada istrumá u xãu,

DOC: Hã Hã,

INF: (incompreensível) é um adubu medõim,

DOC: Eu sei' comu é feita a secagem das folhas?

INF: A secagi é aí a renti dismanxa tem u laxtêru,

DOC: U quê é u laxtêru?

INF: É u qui ispalha' leva nu jumentu ô nu carru far a ruma lá (incompreensível) aí sai tudinha numa feita as tirinha aí quando seca aí amarra fais ruma a máquina vai i corta aí fais u pó pá fazê a (incompreensível)

DOC: Quantu tempu é prá secá quantu tempu?

INF: Rapai' quandu sóu tá bem quanti é cincu ô seis dia,

DOC: Cincu seis dias,

INF: É aí da (incompreensível) é oitu dia,

[[

DOC: A pessoa qui trabalha chama-si'' quau a profissãu deli,

[[

INF: Laxtêru é u laxtêru i u quê controla u animau é u camboiêru qui pega as ruminha pa fazê a ruma lá pu carru u,

DOC: Entãu u laxtêru é responsáveu pela / ?

INF: Pá ispalhá pá ispalhá,

DOC: Entãu eli espalha i depoi eli fica olhandu ali né''

INF: Aí quandu ramu dizê inté cum oitu dia si fô muito (incompreensível) aí vem u amarradô amarra i mói a máquina roi i corta aí fais u pó (incompreensível) aí cozinha pá fazê a cêra,

DOC: Certu' quais sãu as actividadis pra obtê u pó u quê qui é necessáriu pra obtê u pó,

INF: Pra obtê?

DOC: Pra tê u pó u quê qui é necessáriu quais sãu us instrumentus elétricus'' tem augum instrumentu elétricu'' prá' ou máquina elétrica?

INF: Nãu sinhó' é só mermu braza du fogu agora essa di prêtu tem a caudêrona aculá a bixa cozinha uma ruma di pó aí derrama né'' você já viu,

DOC: Já vi,

INF: A caudêra pois é u pó prêtu eli rai pá caudêra' aí derrama aculá aí fica um pó i uma cêra arenoza /

DOC: Ali u sinhó chama di caudêra i aqui?

INF: Aí é a fornalha,

DOC: A fornalha é em baixu i essis,

INF: Aí é us tambozinhu di derretê' tamboris,

DOC: Tamboris né''

INF: É aí pá derretê a branca a caudêra é u pozãu prêtu qui derreti bota aquela cerona arenoza aculá,

DOC: Só sãu essis materiais né?

INF: Só rapaiz' é tanta instruçãu é qui nem mandioca compara u ôlhu cum a mandioca a mandioca é um bucadu di coiza né'' rem a goma primêru rem a farinha rem a (incompreensível) a raspa qui da raís ...um bucadu di coiza

DOC: Certu' muito bem' aqui sãu várias pessoas trabalhandu quau é a funcãu di cada um por ezemplu tem u caudêrista' aí essi qui trabalha aqui? /

INF: Issu aí é cuzinhadô,

DOC: Mais eli é cuzinhadô' mais aqueli ali também é cuzinhadô quau é a diferença,

INF: Quazi nada,

DOC: Nãu,

INF: É porquê lá é nu cauderãu grandi i aqui é nus piquinininhu chama-si u cuzinhadô di cêra,

DOC: Aqueli lá é u cuzinhadô,

INF: Aqui lá é u caudêrista,

DOC: I essi aqui,

INF: Aqui é u cuzinhadô di cêra,

DOC: Nãu é essi aqui qui trabalha aqui,

INF: Aí é u prensêru,

DOC: Só tem essas pessoas aqui,

INF: É,

DOC: I lá du outro ladu nu carracu,

INF: U cavacu lá /

DOC: Carracu,

INF: U cavacu' eli passa aqui na prensa depois di virá u cavacu aí eli rai derreti di novu pa /

DOC: Comu é u nomi certu é carracu ou é cavacu?

INF: Cavacu' aí u cavacu eli cozinha di novu pá apurá u cavacu eli aí tira a bôrra qui a bôrra rai vim (incompreensível) u tanqui grandi é tanta coiza qui servi qui inté u ú:timu adubu qui lá é di sôventi quandu cai aquela puerinha aquela puerinha aí junta prá vendê comu adubu' servi prá tudu /

DOC: Por issu quê si chama di árvori da vida né''

INF: É a bôrra assim muitus delis cozinha duas vezis qui as vezis vai pá torná (incompreensível) aqueli pó é pá fazê adubu,

DOC: Comu é qui é fabricada a cêra prêta?

INF: A cêra prêta é:: só derreteu aí ela sai na bica aculá aí ela qualha aí quebra ela i /

DOC: Vocêis chamãu cêra prêta' aí tem outra forma di xamá ela,

INF: A cêra ôlhu é a branca,

DOC: Nãu digu assim cêra prêta aí tem outra maneira di xamá ela?

INF: Aí tem arenoza' tem a::

DOC: Ela é chamada di cêra prêta' cêra arenoza,

INF: Arenoza i a::

DOC: É cêra prêta i cêra arenoza né''

INF: É a prêta i a arenoza' a prêta inda é mais cuzinhada i arenoza tem uma aguazinha,

DOC: Entãu na verdadi sãu três tipus di cêra qui vocêis fabricãu aqui porquê vocêis tãu dizendu qui sãu duas cêras' na verdadi sãu três né''

INF: Sãu três porquê a prêta dá dois tipus' da arenoza i da prêta né'' porquê a arenoza podi até cuzinhá ela pá fazê mais arroxadu u pontu qui aí ela fica prêta,

DOC: ... Quantas cêras sãu fabricadas aqui?

INF: Só a prêta comu si dis com essis dois tipus i a branca,

DOC: Na verdadi a prêta sãu dois tipus é cêra prêta i cêra arenoza,

[[

INF: A arenoza é' ela é meia clara /

DOC: I a gorda qui xamãu cêra gorda?

INF: A gorda é a merma coiza da prêta' é tem a gorda clara i a gorda,

DOC: A prêta é qui chama gorda,

INF: I a gorda clara é a arenoza,

DOC: É né''

INF: U arroxu du pontu qui nem a rapadura a rapadura si u pontu (incompreensível) ela fica quebranu denti,

DOC: Certu' quais sãu us produtus fabricadus da cêra a partí da cêra?

INF: Rapai' agora aí é só cum a (incompreensível) tem u discu tem muitas coizas (incompreensível) fora u discu' tem a vela

DOC: Pois tá certu obrigadu,

CENTRO DE CAUCAIA

ENTREVISTA Nº 15

DURAÇÃO: 24:00

INFORMANTE: M.

IDADE: 40 anos.

GRAU DE INSTRUÇÃO: Superior completo.

LOCAL DE NASCIMENTO: Campo Maior (Piauí).

PROFISSÃO: Gerente administrativo e Gerente de produção.

DOCUMENTADOR: Antônio Roberto Ferreira Aragão.

TRANSCRITOR: Antônio Roberto Ferreira Aragão.

DIGITADOR: Antônio Roberto Ferreira Aragão.

DOC: Quau a diferença du pó?

INF:... Essi aqui é u pó du ÔLHU nãu isqueça u nomi' é pó di ÔLHU i da PA:LHA u pó di PALHA' u pó du ôlhu a quantidadi deli é na faxa di quinzi pur centu nu mássimu vinti' u:: a qualidadi deli é bem melhó du pó di ÔLHU eli dá uma cêra' amarela:da,

DOC: Certu,

INF: I u pó di palha dá uma cêra prêta' si extraindu a a: du pó di palha vai dá cêra areno:za ou cêra gorda,

DOC: Sim,

INF: A arenoza' é porquê ela' in:da contém água' ela fica arenoza' i a gor:da é: feita du pó di: palha' só qui pega a cêra engorda ela' aí fica cêra gor:da' cêra prêta,

DOC: Certu, ((barulho))

INF: Issu aqui ó' aqui é u pó di palha' vem da palha' e:li é isverdia:du acinzenta:du i u pó di ôlhu eli é BRANCU (+)

DOC: Nãu num precisa u sinhô fazê issu nãu' eu já conheçu a diferença,

INF: Você rá conheci a diferença né" ...

DOC: Já conheçu a diferença já,

INF: A ixtração é feita nu nu inte:riô /

DOC: Deixa eu tirá uma fotu daqui' certu' eu queria só mais assim vóutá prá questãu du industriau' porquê essa questãu du artizanau' eu já fui várias vezis au seu S. i eli já mi isclareceu,

INF: Certu,

DOC: Vamus vê assim cada etapa da produção,

INF: Na indústria,

DOC: Sim,

INF: É feito u seguinti' essi pó' a genti mistura eli com a palha da carnaúba' qui já foi tiradu u pó' só aquela palha' a genti mistu:ra' aí bota nessi aparelhu aqui qui xama u nomi deli di extratô qui vai extraí a cêra'(+) u pó ó ((barulho)) é colocadu nessi aparelhu' misturadu com a palha,

DOC: Podi falá eu tô gravandu,

INF: Misturadu cum a palha' depois deli xeiu' fe:xa'' aí lava eli cum sôventi' qué a naf:ta' fica passandu u sôventi ...i u sôventi vai tirandu a cêra' u sôven:ti passa' prá cá junto com a cêra' aí aqui é u destiladô' aqui nós vamu aquecê: u sôventi' depois eli vai subí u sôventi né'' evaporá i voutá pu tanqui i fica só a cêra nu destiladô' nu extratô aqui' depoir deli todú lavadu i tiradu toda a cêra' só fica u u res:tu qui a renti xama di adubu' qui servi prá adubá planta' só a:: sujêra mermu cum a palha' aqui é u adubu,

DOC: Certu,

INF: Aqui nu destiladô::' u sôven:ti retorna pru tanqui' pru rezervatóriu' i a cêra' a renti joga lá pru tachu prá fazê a fiutra::gi' a cêra a renti joga prá cá::' é aqui' aí já fica lá nu /..

DOC: Seu Máriu' quau a diferença dessi aqui' qui u sinhô falô' prá essi aqui?

INF: Essi aqui a renti bota u pó' cum a palha misturadu' prá renti extraí' joga u sôventi' quando u sôventi passa' a renti aqueci' i joga u sôventi prá cá aí eli rá vem u sôventi i a cêra só' a sujêra já vai ficandu lá,

DOC: Certu,

INF: I aqui' ali extratô qué pá extraí a cêra du pó' i aqui é u destiladô qui vai destilá' u pó.. u sôventi né'' eli vai evaporá,

DOC: I essi produtu aqui'' tá ferven:du é?

INF: É eli tá aquecendu aí prá pudê u sôventi subí i voutá lá pru tanqui,

DOC: Certu,

INF: I a cêra fica aí' aí a cêra a renti joga aqui pru tachu prá fiutrá,

DOC: Sim,

INF: Vou lhi mostrá aqui agora é porque acabô di fazê uma fiutra:gi,

DOC: Certu,

INF: Aí a cêra di lá' depois di extraídu du pó' ela vem prá cáprá essi tachu' nós temus três tachu di fiutrá' capacidadi déis tonelada cada um ((barulho)) (+) essa eli acabô di fiutrá aqui é u tachu da fiutra:gi' DA:qui (+) dus tachu elis vêm prá essi aqui qui eli cai

na penêra pá evitá caí é é pedaçu di pedra é pedaçu di pau' é bar:banti' fica todú aqui
nessa pe:nêra' i lá u fiutru a ... joga prá fiutrá ó:: lá tá tá fiutrandu já,

DOC: Ali é u quê?

INF: Issu aí já é a cêra fiutrada já ela lá tá caindu fiutrada,

DOC: Ali é fiutru,

INF: É fiutru,

DOC: I essi dali'' aqueli ali?

INF: É a bomba di jogá a cêra daqui pru fiutru' aí a cêra fiutrada cai ne:ssi' (+) ela
fiutrada eli cai ne:ssi' i essa bomba joga lá prá ôtra seçãu du clariamentu' vamu lá nu
clariamentu' aí lá é ondi é feito u clariamentu da cêra tipu quatro prá tipu três,

DOC: Certu,

INF: Issu aqui era antigamenti issu nós já tá cuns quinzi anus as centrífugas prá fazê a
cêra centrifugada,

DOC: Por quê ela nãu é mais viáveu?

INF: É um custu muito autu' aí num compensa' a manutençãu' as peça' a quantidadi
produzida é muito piquena' entãu num compensava aí nós fazemu toda ela é fiutrada,

DOC: Toda ela fiutrada,

INF: Aqui está dezativadu,

DOC: OK,

INF: Ali depois di fiutrada' ela vem prá cáprá fazê u clariamentu (+) ((barulho)) ela
aqui tá caindu du fiutru' aí nós vamu clariá ela cum peróksidu di hidrogêniu tacuí aqui
essa tá sendu clariada (+) aqui você vê ó qui a cô dela já tá mudandu é aquela prêta ela
tá ficandu já mais clara bem mais clara ó' só cum peróksidu di hidrogêniu' tá caindu u
peróksidu prá vim clariandu, ((muito barulho))

DOC: Certu' é u único produktu qui vocêis utilizãu?

INF: U único produktu é essi (+) ó (+) aí depois di clariá ela vem prá iscová ou ela podi
sê iscamada ou im pedaçu' dependendu du pedidu,

DOC: Normaumenti é mais /

INF: Escama' noventa i novi pur centu é escama,

DOC: Olha qui coisa linda,

INF: Ela é bonita é quandu ela tá caindu lá nu rolu' mais agora só rai caí lá prá meu
dia' aqui já ela tá produktu finau,

DOC: É muito linda,

INF: I ali é u insacamen:tu dali pruntu ensáca péza,

DOC: Seu M. só fica essa cô aqui' ou tem outra cô differenti?

INF: Essa aqui é a tipu três qué feita a partí da cêra prêta,

DOC: É a tipu três?

INF: É a tipu três,

DOC: Ela é muito bonita ela (+) imagina a outra tipu um?

INF: É a tipu um é bem mais clara,

DOC: Aquilu ali u qui é?

INF: Escamadêra,

DOC: Ah sim' escamadêra sãu três escamadêra né"

INF: Sãu SEIS (+) a cêra cai (incompreensível)

DOC: Só bota num sacu i aqui péza né?

INF: Certu,

DOC: Todas essas etapas eu tenho qui registrá,

INF: U contêiner tá prontu prá í' só fais pezá i prontu (+) essa vai pru Uruguai,

DOC: Vai pru Uruguai?

INF: Pois é,

DOC: Qui maravilha (+) i aqui u qui é?

INF: É u mezmu processamentu' sãu três lá i três aqui (+) prontu é u processu finau é bem simplis,

DOC: Aquilu ali u qui é?

INF: Aqueli é quandu ela acaba di clariá' u clariamentu eli vai jogandu toda ela aí' aí daí é qui dividi práscamadêra ondi a capacidadi é vinti tonelada' deu prá intendê tudu?

DOC: ((risos)) mais ou menos,

INF: Prontu cabô u processu é u processu é só essi é simplis u processu' a produçãu,

DOC: Certu,

INF: Viu" mais auguma coiza?

DOC: Seu Máriu u sinhô tem quantus funcionáriu aqui?

INF: Trinta e cincü,

DOC: ... Eu queria qui u sinhô falassi assim tá" porquê é assim' comu eu vou falá di um glossáriu né" entãu assim' eu queria qui u sinhô falassi da funçãu di cada um' assim rapidamenti u quê qui um fais' u quê qui u outru fais' a profissãu i as actividadis qui elis dezempenhãu' quê cada um dezempenha,

INF: Tem us cauderê:rus né" lá você qué í até a caudêra' nãu?

DOC: Que::ru,

INF: Qué” entãu vamu lá’ caudêra é u coraçãu di tudu sem a caudêra nãu funciona nada,

DOC: A genti já passou pur lá?

INF: Nãu’ porquê issu tudu é dirritidu’ toda a cêra é feita nu dirritidu nu vapô né” i u vapô rem da caudêra i a caudêra é u coraçãu mermu,

DOC: Entãu tem qui sê registradu,

INF: Si a caudêra pará’ cabô’ a fábrica para’ é tantu qui nós temus três’ si uma dé problema a renti passa prá ôtra si a ôtra dé tem a ôtra,

DOC: São três caudêras?

INF: São três caudêra,

DOC: Certu’ da caudeira é qui vem prá cá?

INF: É u vapô’ prá aquecê to:da a fábrica é: neli,

DOC: E essis chuvêrus aí?

INF: Issu aqui é prá fazê a refrigeraçãu’ aqui dus campu di sôventi’ prá elis num aquecê dimais,

DOC: É necessariu é obrigatóriu?

INF: É É porquê si nãu u sôventi esquenta dimais’ viu” ele é muito inflamável,

DOC: É?

INF: Tem qui tá sempri’ tem qui tá refrigerandu’ entãu us cauderêrus’ aí nós temu u operadô du sôventi,

DOC: Us cauderêrus fazem u quê?

INF: Tem u cauderêru mermu prá tá olhandu é é a água’ tá olhandu a temperatura elis ficãu orientandu’ i tem u ajudanti qui é jogandu a lenha na caudêra’ (+) abri aí a for:nalha’ ela é vinti i quatro ora,

DOC: Vinti i quatro oras?

INF: É,

DOC: Aqui são dois funcionáriu?

INF: São dois,

DOC: É u cauderei:ru i u?

INF: É o cauderêru i u ajudanti,

DOC: Certu,

INF: Viu” nu sôventi é u operadô’ i três prá carregá i descarregá us aparelhu três em cada setô,

DOC: ...Deixa eu tirá uma fotu aqui' prá fazê bem a diferença' porquê as pessoas desconhe:cem elas num entendem,

INF: Ahã,

DOC: Prontu aí dali quais sãu us outrus funcionárius?

INF: Tem.. nu sôventi né'' qué prá fazê ixtraçãu da cêra,

DOC: Sim,

INF: Tem u operadô du sôventi' i em cada' sãu duas seçõis' em cada seçãu' tem três funcionárius pá enxê i descarregá,

DOC: Quau é profissãu di cada um' prá quem num conheci?

INF: É serviçu gerau mermu,

DOC: Mas normaumentí' pur exemplu' lá:: nu nu seu Sebastiãu tem u istedendô tem u comboeiru né'' tem u u...i aqui?

INF: É só prá inxê u aparelhu i descarregá' botá u pó nu extratô i tirá a bagana já' é só isso (+) nu fiu:tru tem u fiutradó i u ajudanti deli,

DOC: Só essis dois?

INF: Só us dois' aí tem ... prá inxê us tachu né'' quandu seca aí tem a ... pá inxê' aí nu clariamentu tem u clareadô' i u ajudanti du clareadô' i na iscama também tem u:: sãu dois escamadoris i dois ajudantis,

DOC: Certu só' aqui recapitulandu' dali vem prá cá,

INF: Du vapô?

DOC: Nãu,

INF: É u vapô da caudêra' pá toda a fábrica,

DOC: Toda a fábrica,

INF: Dali precisa di vapô prá aquecê u sôventi' aqui precisa du vapô pá fazê pá derretê a cêra /

DOC: prá::lí é uma seçãu qui nãu podi pará' é vinti i quatu oras,

INF: Ah' nãu' é vinti i quatu oras' parô lá si dé augum problema na caudêra' pára tudu' a fábrica totaumentí pára,

DOC: Dentre da caudêra'' u quê qui tem dentre da caudêra?

INF: Nãu' aí só us tubu cum água né'' pá pudê gerá u vapô' aí a renti bota u fogu' qué prá água fer:vê' i água fervida é qui vem derretê tudu' só aqueli vapô mermu,

DOC: Entãu precisa di uma temperatura autíssima prá aucançá aqueli vapô adequadu,

INF: Ah precisa,

DOC: Sim aí u sinhô parô aqui nus funcionáriu daqui i us outrus funcionáriu” a profissãu di cada um?

INF: É u fiutradô ali tem u qui u operadô di sôventi aqui tem u fiutradô ali tem u clariadô qué di clariá né”

DOC: U clareadô prá eli clareá eli utiliza u quê?

INF: Só u peróksidu di hidrogêniu’ i eli fica só olhandu a quantidadi porquê é tudu automáticu’ porquê a bomba mermu qui joga i eli fica só regulandu’ pá vê a: o:ra qui a cêra tá pronta,

DOC: Sei,

INF: Quê ela tá nu pontu’ issu depois di clariá vai pá iscamadêra’ qué u iscamadô,

DOC: i ali u qui é” seu M.?

INF: É ôtra seqãu du du /

DOC: Mais essa seqãu aqui’ por quê qui tem essi materiau aqui” é fiutru é u quê?

INF: Nãu aqui’ é só prá separá u’ quandu u sôventi sai du distiladô’ antis deli xegá nu tanqui’ aqui tá pá eli isfria um poucu prá eli num í muito quenti né” pu tanqui’ aí aqui é só tem água’ i u sôventi passa por dentu da água i vai pu tanqui’ aqui eli ta passandu pó tanqui’(+) eli tá saindu du distiladô:: passandu a cêra lá u sôventi passa aqui nu separadô,

DOC: Separadô?

INF: Separadô’ aí u sôventi vem prá cá cum a água’ i separa’ comu u sôventi é mar levi’ u sôventi fica em cima’ i vai passandu aqui’ aí imbaxu fica a água’ si a água tivé muito quenti aí elis derrama a água i bota ôtra água fria,

DOC: Certu,

INF: I aqui eli fica prestandu atençãu pá vê quandu’ rá começa a passá água,

DOC: São quantus aqui” qui trabalhãu aqui” a profissãu di cada um?

INF: aqui sã::u é u operadô i us três da capatazia,

DOC: Mais assim’ quandu u sinhô xama di operadô ali du ôtru ladu também tinha operadô né?

INF: I eli fica ezatamenti só olhandu é a:: temperatura’ abrindu tornêra fexandu’ fazendu a lavagi du fiutu só taí ó,

DOC: I u quê qui tem dentru dessor sacus?

INF: Issu aí é já é u adubu já’ é u finau’ servi prá pá planta,

DOC: Aí aqui já é u processu finau?

INF: É taí u operadô' eli fica só olhandu a tornêra vê si tem auguma ... aquecê fexá u sôventi' a funçãu deli é só essa,

DOC: Essa seria a etapa finau,

INF: Daqui du sôventi é' agora etapa finau mermu é aquela lá da iscamadêra' porquê daqui ela vai pru fiutru' fiutra clarea' du clariamentu vai pá iscamadêra' a iscamadêra é u finau mermu (+)

DOC: Certu' i ali já tem u contêiner já prá?

INF: Já essi aí tá já sai tá só esperandu a nota,

DOC: I vai pru Uruguai né'' ((barulho))

INF: É essi aí é (+) aí, ((barulho))

DOC: Prontu seu M.?

INF: Prontu,

DOC: Eu queria' sua autorizaçãu prá tirá fotu du laboratóriu também' porquê eu já entrevistei a química,

INF: Ahã,

DOC: Lá nu laboratóriu comu é u processu?

INF: Aí cada veis qui: qui: sai ali pru fiutru,

DOC: Sim,

INF: Aí é feito a: a: vamu olhá aqui' (+) é feito' é tiradu uma amostra,

DOC: Sim' prá quê essa amostra?

INF: Prá ela analizá' vê,

DOC: A sim né'' a qualidadi?

INF: A qualidadi,

DOC: Certu,

INF: Vê impureza' vê cinza' vê umidadi' tem qui fazê todú toda,

DOC: Análizi?

INF: Toda análizi é feita di cada cêra qui sai,

DOC: Sei,

INF: Roda aqui' aqui é u finau mermu' daqui ela já tá ensaqandu' vai pezá (+)

DOC: I essi momentu aqui' só tem essi tipu di cêra né?

INF: É a cêra ôlhu,

DOC: Essa daqui é a?

INF: Tipu três' aqui é a tipu um,

DOC: Ali tá mais claru' i essas aqui?

INF: É a tipu quatu' i daqui é qui só clarea bota u peróksidu' i fais aquela lá' qui tá caindu, (+)

DOC: I essa aqui é tipu quatru?

INF: Tipu quatru,

DOC: U sinhô tem um pedaçu dela di cada uma prá mi fornecê prá eu mostrá a banca...?

INF: Tem,

DOC: Prá eu sabê a diferença' prá eu mostrá lá prus professoris né" elis num intendem é um universu qui elis desconhecem,

INF: Ahã,

DOC: I aqui u quê qui eli tá fazendu?

INF: ((vozes)) Eli tá contan:du u númeru du loti,

DOC: Ah' sim' certu,

INF: Aqui é uma oficina di mecâ:nica,

DOC: Certu,

INF: Um reparuzinhu besta a genti fais mermu pur aqui,

DOC: Reparu né?

INF: É reparu,

DOC: Olha uma panorâmica daqui (+) prá dá a reau situaçãu di comu é, ((risos))

DOC/INF: ((risos)),

INF: Você num foi noutra fábrica nãu?

DOC: Nãu' essa é a primeira,.....